UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

CORPO E IDENTIDADE FEMININA

Mirela Berger

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em antropologia, do Departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em antropologia social.

Orientador: Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz

Corpo e identidade feminina

Mirela Berger

FFLCH, antropologia, USP, 2006.

Corpo e identidade feminina

Tese de doutorado de Mirela Berger,

FFLCH, antropologia, U.S.P.

*A meu pai, que na véspera de seu falecimento
Pedi-me: “Filha, promete que esta é a última?!”.
Papai fica muito orgulhoso, mas também muito nervoso
Quando você escreve qualificação e tese...”*

A Satine, com amor de mãe...

“Uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem: ela é vísceras, nervos, sentidos, neurônios... A história, desta maneira, não se concretiza apenas em guerras, decretos, tratados, obras, monumentos ou entronizações: materializa-se também – e talvez até primordialmente – em perfumes, sons, miragens, memórias, carícias, distâncias, ascos, evitações, esquecimentos... Não há outra concretude social: uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma.”

(José Carlos Rodrigues, O Corpo na História)

Sumário

1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA E DOS OBJETIVOS.....	1
2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO TEÓRICO E DA PESQUISA DE CAMPO .6	6
2.1 - METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	6
2.2 - DEFINIÇÃO DA AMOSTRA.....	10
2.2.1 - Atores e cenários:	10
2.2.2 - Perfil sócio-econômico.....	15
a) Estabelecendo os indicadores	16
b) Analisando e correlacionando os indicadores	26
2.2.3 - Por uma antropologia do corpo.	37
3 - O LUGAR DO CORPO NA HISTÓRIA.	45
3.1 - DEFINIÇÃO DO RECORTE HISTÓRICO	45
3.2 - IDADE MÉDIA E CORPO.....	46
3.2.1 - As festas medievais e os banquetes.....	47
3.2.2 - O comportamento à mesa	49
3.2.3 - Higiene e Imagens Corporais	51
3.3 - MODERNIDADE E CORPO	54
3.3.1 - Datação Histórica	54
3.3.2 - Novas sensibilidades e fronteiras corporais: os manuais de etiqueta.....	55
3.3.3 - Higiene e Imagens Corporais	59
3.3.4 - Correspondências e rupturas entre medievais e modernos	63
4 - A NOÇÃO DE BELO: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS E NOÇÕES DE BELEZA PARA AS MULHERES PESQUISADAS.....	69
4.1 - SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS E DA BELEZA: REFLEXÕES HISTÓRICAS.	70
4.2 - CONCEPÇÃO DE BELEZA PARA AS MULHERES PESQUISADAS.	86
4.2.1 - Sentidos da “ malhação”	86
a) Saúde ou estética	87
b) O exercício como um hábito de infância.....	92
c) Bem estar geral e alívio da depressão.	93
d) Gosto ou obrigação?.....	95
e) Corpo e maternidade.....	99
4.2.2 - Modelos atuais de corpo.....	101
a) Frequência e tipos de atividades físicas.....	101
b) Modelos de corpo e beleza	106
4.2.3 - Corpo e auto-estima	120
4.2.4 - Importância do corpo: Presente e passado	124
5 - O CULTO AO CORPO: PRODUÇÃO DE SI MESMO, ESTETIZAÇÃO DA VIDA COTIDIANA E ESPETÁCULO.	131
5.1 - O CULTO AO CORPO.	131
5.1.1 - Entendendo e datando o processo de culto ao corpo.....	131
5.1.2 - Existência do culto ao corpo e suas justificativas para as entrevistadas	135
a) Importância do Momento Presente, da Técnica e do Esforço Individual.....	138
b) Importância do corpo na obtenção de parceiros afetivos e no mercado de trabalho:	142
c) Exposição do corpo.	148
d) Modelos de beleza e culto à perfeição.	152
e) Competição e Cobrança Social.....	158

5.2 - CORPO PERFEITO, ESTETIZAÇÃO DA VIDA COTIDINA E IDENTIDADE	165
5.3 - MÍDIA E ESPETÁCULO NO CULTO AO CORPO: O CORPO MIRAGEM.	181
6 - A POLISSEMIA DO CORPO.	191
6.1 - MECANISMOS PARA A OBTENÇÃO DO CORPO PERFEITO	192
6.1.1 - Rotina de exercícios físicos.....	198
6.1.2 - Alimentação e Suplementos Alimentares	201
6.1.3 - Cirurgias Plásticas	210
6.2 - O ESPETÁCULO DO CULTO AO CORPO: CONTRADIÇÕES E DILEMAS.	223
6.2.1 - Hedonismo, Ascese e disciplinas.	223
6.2.2 - Perigos do Culto ao Corpo: A Perda da Identidade, Distúrbios Alimentares e espelhamentos.....	232
a) A perda do eu: identidade ou identificação	232
b) O culto à magreza: os distúrbios alimentares.....	237
c) Espelhamentos: Em quais espelhos as mulheres se miram?	262
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	270
8 - BIBLIOGRAFIA	285

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Indica a faixa etária de todas as entrevistadas.....	17
Gráfico 2 - Distribuição da mulheres que possuem namorado ou convivem maritalmente.....	18
Gráfico 3 - Distribuição das entrevistadas que têm filhos.....	19
Gráfico 4 - Distribuição das entrevistadas segundo a escolaridade	20
Gráfico 5 - Distribuição das entrevistadas segundo a inserção no mercado de trabalho.....	21
Gráfico 6 - Distribuição das Entrevistadas, segundo a faixa de renda	24
Gráfico 7 - Gastos com cuidados estéticos.....	25
Gráfico 8 - Renda de quem está profissionalizada	28
Gráfico 9 - Renda das entrevistadas com nível superior	28
Gráfico 10 - Renda das entrevistadas com nível médio	28
Gráfico 11 - Nível de escolaridade apenas entre as desempregadas	29
Gráfico 12 - Renda de quem não exerce a profissão	29
Gráfico 13 - Distribuição de renda entre mulheres com companheiro.....	30
Gráfico 14 - Distribuição de renda entre mulheres sem companheiro	30
Gráfico 15 - Relação entre estado civil e mercado de trabalho	31
Gráfico 16 - Renda entre as casadas que não trabalham	31
Gráfico 17 - Mulheres que gostam de malhar	95
Gráfico 18 - Frequência semanal a academia.....	102
Gráfico 19 - Horas diárias de malhação	102
Gráfico 20 - Exercício e auto-estima.....	120
Gráfico 21 - Interferência da malhação nos cuidados corporais	122
Gráfico 22 - Aumento da importância do corpo.....	124
Gráfico 23 - Culto ao corpo.....	135
Gráfico 24 - Aparência física na escolha de parceiros afetivos.....	142
Gráfico 25 - Aparência e Mercado de Trabalho	145
Gráfico 26 - Exibição do corpo	148
Gráfico 27 - Malhadores como uma tribo urbana.....	157
Gráfico 28 - Importância da aparência física.....	167
Gráfico 29 - Aparência e desempenho sexual	170
Gráfico 30 - Nudez e corpo	171
Gráfico 31 - Gosta do próprio corpo	176
Gráfico 32 - Mídia e culto ao corpo	181
Gráfico 33 - Regimes.....	202
Gráfico 34 - Medicação para emagrecer.....	204
Gráfico 35 - Evolução das cirurgias plásticas ao ano.....	212
Gráfico 36 - Já fez cirurgia estética	214
Gráfico 37 - Pretende se submeter a cirurgia estética no futuro?.....	214
Gráfico 38 - Apoio ao silicone	220
Gráfico 39 - Conhecimento de pessoas com Distúrbio Alimentar.	240
Gráfico 40 - Possui distúrbio alimentar ?	248
Gráfico 41 - Para quem você se cuida?	263
Gráfico 42 - Para quem as mulheres se cuidam.....	265

Índice de Figuras

Figura 1 - Glúteos e mídia	113
Figura 2 - Padrão corporal magra - malhada	119
Figura 3 - A beleza como obrigação.....	126
Figura 4 - Geladeiras vazias e perfeição física.....	137
Figura 5 - Tecnologia e corpo.....	140
Figura 6 - Aparência e sucesso	160
Figura 7 - Feiticeira	183
Figura 8 - Mídia e modelos de beleza	184
Figura 9 - Disciplina e beleza	198
Figura 10 - Mario Forente usuário de anabolizante.....	206
Figura 11 - Bonecos Falcon e Action Man.....	206
Figura 12 - Fisiculturismo e anabolizantes.....	207
Figura 13 - Usuários de HGH.....	209
Figura 14 - Cristina com 5 Kg a mais e a direita, na pior fase das cicatrizes da lipo.....	213
Figura 15 - Anorexia	238
Figura 16 - Capas das revistas "Corpo", "Boa Forma" e "Dieta Já"	245
Figura 17 - Gisele Bündchen	256

Índice de tabelas

Tabela 1 - Índice de Massa Corpórea	15
Tabela 2 - Atividades Físicas Realizadas	104
Tabela 3 - Partes Corporais	107
Tabela 4 - Academias x Número de habitantes	211
Tabela 5 - Cirurgias plásticas por habitantes.....	211
Tabela 6 – Idade média dos operados.....	212
Tabela 7 - Escolaridade apenas das mulheres com Distúrbio Alimentar	250

Resumo

O trabalho tem como objetivo perceber e compreender como as mulheres brasileiras de classe média-alta e urbanas (a partir de 1990) pensam a construção de sua auto-imagem, quais os modelos corporais que influenciam este processo, bem como as técnicas corporais para alcançá-los. Os eixos de análise são as representações corporais, já que uma das hipóteses centrais do projeto é que através da análise do ideal de corpo perseguido pelas mulheres, seja possível ter acesso a todo um sistema de percepção não apenas de si, mas também do mundo do qual estas mulheres fazem parte, já que o corpo pode ser visto como um microcosmo e atesta uma marca social. O trabalho investiga as relações entre corporalidade e identidade para as mulheres da amostra, questionando, entre outras coisas, se a obtenção de um corpo específico é, na percepção das mulheres, fundamental para que estas se sintam donas de um estilo de vida e de um pertencimento social específicos. Investiga a importância da mídia neste processo, bem como os perigos do culto ao corpo, discutindo e alertando, entre outros aspectos, para os distúrbios alimentares.

Palavras Chaves: corpo, representações corporais, técnicas corporais, culto ao corpo, identidade feminina e mídia.

ABSTRACT

The work has as objective to perceive and to understand as the Brazilian women of upper-middle class and urban (from 1990) they think the construction of its auto-image, which the corporal models that influence this process, as well as the corporal techniques to reach them. The analysis axles are the corporal representations, since one of the hypotheses central offices of the project is that through the analysis of the ideal of body pursued for the women, either possible to have access all a system of perception not only of itself, but also of the world of which these women are part, since the body can be seen as a microcosm and certifies a social mark. The work investigates the relations between corporalidade and identity for the women of the sample, questioning, among others things, if the attainment of a specific body is, in the perception of the women, basic so that these if feel owners of a style of specific life and a social belonging. It investigates the importance of the media in this process, as well as the perigos of the cult to the body, arguing and alerting, among others aspects, for the alimentary riots.

Key Words: body, corporal representations, corporal techniques, cult of the body, feminine identity and media.

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

“Digam o que disserem, os nossos dias serão para sempre”

(Renato Russo)

Embora escrever um doutorado seja uma das atividades mais solitárias do mundo, é também um processo resultante de várias mãos. Umas mais próximas, outras mais distantes, mas todas presentes de uma forma ou de outra. Talvez seja injusto tentar nomear a todas, a memória nos trai, deixamos de fora pessoas que torceram pelo trabalho, se fizeram presentes... A estas deixo minhas sinceras desculpas... Mas, seria igualmente injusto deixar de mencionar alguns nomes e, assim, aqui vamos nós.

Algumas contribuíram diretamente para o processo, lendo os textos preliminares, discutindo e apontando idéias.

Meu prezado orientador, Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz, sabiamente administrou meus delírios e ansiedades e colocou o trabalho numa perspectiva muitas vezes negligenciada, qual seja, da biologia, fornecendo contribuições valiosas. Seu bom senso e erudição foram prestimosos e sou muitíssimo grata por ter sido sua orientanda.

Agradeço em especial a Dra Maruska Freire Rameck, que leu não apenas o texto da qualificação, mas também a primeira versão da tese. Considero-a uma co-orientadora, que indicou divisões que organizaram melhor o texto, bem como sugeriu vasta literatura a respeito das questões de gênero. Sem sua disponibilidade e atenção esta tese não seria o que é. O Prof. Dr. John Dawsey, argüidor da qualificação, sugeriu prestimosas leituras e abriu searas onde eu via apenas deserto.

Quanto ao campo da pesquisa, o apoio da academia de ginástica “*Cia Athletica*”, unidade *Shooping* Morumbi foi fundamental. Agradeço às meninas da recepção, em especial, Karla, Renata, Carol e Cyntia, por todo apoio e atenção. Muitas entrevistas foram gravadas no restaurante “*Paolla Panine*”, cujos funcionários, complacentes, deixavam que eu permanecesse horas por ali, mesmo depois deles terem arrumado o espaço e encerrado as atividades.

Não posso, para preservar a identidade das entrevistadas, nomear cada uma das 80 mulheres que preencheram os questionários, bem como as 70 que gravaram entrevistas. Mas sou extremamente grata a elas pela disponibilidade de falarem sobre aspectos tão íntimos quanto à relação com o corpo. Muitas deram depoimentos comoventes e polêmicos, e na

medida do possível, procurei contemplar a todas, na escolha dos depoimentos. Ainda assim, os diálogos travados foram muito mais densos do que parecem aqui, revelando o quanto estas mulheres estão conscientes acerca da importância dada ao corpo na atualidade. Além de gravarem entrevistas, muitas mulheres ainda fizeram a gentileza de ampliar o espectro da amostra, levando questionários extras e pedindo que suas amigas os respondessem. Fernanda e Cássia foram imbatíveis na abordagem das entrevistadas, às vezes com mais ímpetos do que eu mesma.

As professoras de ginástica Alessandra, Carol, Cícera, Cíntia, Elaine, Halane, Sabrina, Tatiana, Val e Vivian foram informantes especiais e levaram-me por meandros desconhecidos dentro do universo da academia. Neste sentido, um agradecimento especial a doce e inesquecível Catarina (*in memorium*), cuja voz por vezes escuto, para dissimular sua ausência.

Para minhas amigas de academia, das varias tribos, – *BodyPump*, *BodyBalance*, *Spinning*, alongamento e dança - todo o meu amor e gratidão por tantas situações partilhadas, informações, chamegos, paciência e tudo mais que só amigas queridas podem dar. Ternuras especiais para Dirce, Maru, Adriana, Carmem, Clara, Cristiane, Daniela, Eunice, Gabriela, Juliana, Marília, Licia, Lúcia, Luciana, Maruska, Karen, Joana, Marlucci, Nara, Net, Patricia, Suzana, Viviane, Márcia, Walquiria... Graças a Deus, são tantas que se torna impossível nomear todas!

Rosa, amiga de todas as horas, só Deus sabe o quanto lhe sou grata, e também ao Marquinho, por tudo! (e isso, como sabemos, não é pouca coisa!)

Jose, Raimundo e Gabriel são amigos novos, capixabas, meus portos-seguros nesta terra ainda misteriosa para mim. Agradeço também a Diana e Nilsete, as únicas responsáveis em cuidar do meu lar físico, enquanto eu morava no escritório e literalmente, “vivía” (teses não se escrevem, se vivem) um doutorado.

Ana, mais do que amiga, guru, que você continue a içar as mulheres perdidas dentro de nós. Sua dança e sabedoria nos levam a vários templos, e ao mais precioso deles, nosso corpo, não só em sua aparência, mas realmente, em seu âmago.

Agradecimentos especiais ao prof. Villas, que sempre demonstrou interesse pelos rumos desta pesquisa e que acredita, como eu, que falar de corpo nos remeta a universos mais amplos do que pareça em princípio.

A vida também me agraciou com amigos ultrapolivalentes, que por hora consolam as mágoas e partilham as alegrias; noutras vezes, transcrevem entrevistas, digitam textos,

elaboram gráficos, analisam estatísticas, brincam de arguidoras em pleno Ano-novo. Em especial, minha cunhada Antonieta e minhas amigas desde sempre, Luciene, Silvana, Lodi, Patrícia, e é claro, Juliana. Amigas de décadas, tão presentes em minha vida que seria impossível pensar-me sem elas: são esteio, parceiras, irmãs de alma. São, simplesmente, tudo de bom que alguém pode ter.

Fernando, Otávio, Guilherme e Kauê são sobrinhos/afilhados de alma e sangue e, sobretudo a eles, peço desculpas pelas ausências, que graças a Deus, incomodam mais a mim que a eles.

A Camilo, por todo amor que vivemos e que ficara em mim para sempre, como acontece com nossos momentos mais caros e a toda sua família, que tantas vezes foi minha também.

Ao meu ex-colegas e coordenadores da Unisa, que como eu acreditam que ainda vale a pena lecionar, mesmo com toda precariedade de nosso sistema educacional, todo meu afeto e gratidão. Nelly Robles Baccelar, Vera Góes, Rafa, Luis, Ioli, Tereza, Patricia, Julia, Zeca, Carlos, Alfredo, Márcia, Kátia, Celso e tantos outros, bem como ao pessoal das secretárias e do *xerox*, meus agradecimentos.

Meus ex-alunos de todas as áreas e turmas quero que saibam que se um dia fui professora, foi graças a cada um de vocês. Nada tomará de mim o prazer de ter visto olhares que mais pareciam fagulhas – ver o saber refletido e emanado de vocês, partilhar descobertas... Cada turma foi especial a sua maneira e esta tese é também para vocês, bem como minhas desculpas pela longa ausência imposta pelo doutorado. Um dia eu volto e aí, será para ficar.

Agradeço em especial a Ivan, que nunca perdeu uma só oportunidade para me instigar sobre a importância social em divulgar aspectos nocivos do culto ao corpo.

Agradeço também a toda FFLCH, em especial ao departamento de antropologia, não só pela excelência de seus professores – e em especial Carlos Rodrigues Brandão, Heloísa e José de Sousa Martins, Margarida Moura, Leonel Itaussu de Mello, Carmem Cinira, Lux Vidal, Sylvia Caiuby, Guilherme Manhani, Eunice Durham, Thiago Pinto de Oliveira, Dominique Gallois e Maria Lucia Montes -, mas também pela confiança em mim depositada. E, sempre, ao pessoal da ANPOCS, tanto pelos encontros em Caxambu, fundamentais para o progresso desta pesquisa, quanto pelo carinho e atenção a mim dedicados: Cristina, Mírian, Maurício, Robson, Prof. Dr. Flávio Pierucci (em especial) e Prof. Dr. Sérgio Adorno, a vocês todos, minha gratidão.

A concessão de bolsa de pesquisa da Capes foi vital para a realização deste trabalho.

Outras pessoas também são e serão sempre lembradas: as “meninas do café”, Maria Alice, Geni, Carlota e Maria, pelo café e carinho nele embutido; S. Guigui e família; Soraia, Ednaldo, Celso, Rose e Ivonete; S. Lino, Raul, Da. Terezinha, Carminha, Nair e seu pessoal, Bia e Maria.

Por fim, agradeço a minha família (lembremos que as melhores partes de tudo sempre ficam para o fim) por todo apoio ao longo de tantos anos. Minha avó materna, até hoje se pergunta por quanto tempo eu vou ficar escrevendo teses. Minha irmã, atriz e agora historiadora bem sabe as agruras da vida acadêmica. É bom que saibam –e esta é uma boa oportunidade de dizer-lhes em público- que as amo, apesar e por conta de todas as diferenças inerentes a todos nós.

Pode parecer pieguice –e talvez seja mesmo - mas meus bichos de estimação são muito mais do que meros seres animados, são membros da família, companheiros, amigos, do tipo que se sentam aos nossos pés e esperam, esperam, esperam... Tudo me dão e pouco me pedem, e na solidão intelectual e física do doutorado eles sempre se fizeram presentes, em especial, Batata, Ana, Morgana, Pipoca, Kiara e Satine.

Meu companheiro e amor, Edson Silva Marques, bem como toda sua extensa família entrou em minha vida quando eu menos esperava e são muito mais especiais do que eu poderia imaginar. Além de diagramar toda a tese, Edson contribuiu com idéias, corrigiu meus rumos e deu sugestões inusitadas e talvez, por isso mesmo, algumas das melhores que eu recebi. Inúmeras vezes adentramos pela madrugada editando imagens e trabalhando até a exaustão. É um companheiro em todas as acepções possíveis e me faz acreditar, mesmo a duras penas, que ainda há sentido nesta vida, ainda mais, quando estamos juntos no mesmo abraço.

Por fim, esta tese é um compromisso de honra com meus pais, que tanto sonharam com ela, mas não a puderam ver concluída. Não há dia em que eles não estejam comigo em pensamento, e enquanto coloco o ponto final desta tese, sei que eles sorriem e dizem, em uníssono: “Está feita. E é nossa.”

Ponta da Fruta (E.S), 14 de julho de 2006.

1 - Apresentação do tema e dos objetivos

“Felicidade é entrar num vestido P”

(frase de um outdoor de “diet shake”, produto auxiliar de dietas de emagrecimento).

Estar magra. Malhada. “Definida”. Coxas duras. Ausência de barriga. Bumbum proeminente e durinho. “Perca peso e não ache nunca mais”. “Fique linda, em clínicas especializadas no tratamento estético facial e corporal”.

Outdoors, comerciais de televisão, anúncios de revistas nos bombardeiam com mensagens verbais ou imagéticas que salientam a importância de atingirmos um padrão corporal específico. Homens e mulheres são confrontados diariamente com anúncios nas mais variadas fontes de informação, tais como revistas especializadas, de variedades, jornais televisivos ou escritos. São comuns, ademais, programas, e mesmo canais de televisão voltados para a estética corporal e facial.

As academias de ginástica proliferam pelos bairros (abastados ou não) e fornecem suportes àqueles que querem atingir o hoje tão alardeado corpo ideal. Quem tem maior poder aquisitivo, recorre aos *personal trainers*¹, que prometem melhores resultados, já que dedicam atenção a uma única cliente num determinado número de horas. Para estas pessoas, recorrer a tal serviço, além de ser importante na construção da estética desejada, também indica um estilo de vida, em que a vaidade, a negação das marcas de envelhecimento e o “estar na moda” são itens fundamentais.

Também nunca foi tão fácil adquirir aparelhos de ginástica, que hoje podem ser encontrados em qualquer grande supermercado, comprados por telefone ou pela *internet*. O recurso às clínicas de estética, que se multiplicaram consideravelmente a partir de 1990, também é um dos instrumentos das mulheres na busca do corpo ideal. Isto, sem mencionar as cirurgias plásticas, bastante comuns entre as brasileiras.

Estamos vivendo um período de culto ao corpo, que se aprofundou a partir de 1980 em países como os Estados Unidos e, a partir de 1990, no Brasil.

Neste processo, o corpo configura-se como uma nova cultura e pode fornecer caminhos para se pensar os mecanismos de identidade feminina.

¹ Profissionais formados em Educação Física, que atuam como professores particulares.

Assim, este trabalho tem como **objetivos** perceber e compreender como as mulheres brasileiras urbanas a partir de 1990 pensam a construção de sua auto-imagem, que modelos corporais exercem influência neste processo, bem como as estratégias para alcançá-los. Embora o trabalho priorize os modelos corporais, é claro que, ao tentar compreender e retratar os padrões de beleza entre as mulheres, os cuidados com o rosto, mãos e cabelos também deverão ser levados em consideração, pois, como afirma Ivo Pitangy, são constitutivos da auto-imagem, expressando a individualidade².

Estamos interessados em apreender os modelos de corpo feminino preponderantes entre 70 mulheres urbanas que se exercitam regularmente e quais as técnicas para alcançá-los. É de interesse da pesquisa perceber, ademais, se houve um crescimento da importância dada à estética a partir de 1990, traçando uma retrospectiva histórica para comparar a importância conferida ao corpo nas décadas anteriores.

Outro ponto central da pesquisa é refletir sobre o fenômeno do culto ao corpo, procurando entender suas origens e implicações para a auto-estima e identidade femininas.

As **hipóteses** centrais do projeto são as seguintes.

- 1) Acredita-se que por meio da análise do ideal de corpo almejado e perseguido pelas mulheres seja possível ter acesso a todo um sistema de percepção não apenas de si, mas também do mundo do qual estas mulheres fazem parte, já que o corpo pode ser visto como um microcosmo. Ou seja, pretendemos perceber se a obtenção de um corpo específico é, na percepção das mulheres, fundamental para que estas se sintam donas de um estilo de vida e de um pertencimento social específico;
- 2) A pesquisa de campo aponta para a importância da mídia na definição e constituição destes modelos corporais. As mulheres entrevistadas afirmam que querem se parecer com os modelos corporais estampados nos *outdoors*, comerciais de televisão, novelas, revistas de moda, de estética (como, por exemplo, a “Boa Forma”), de variedades (“Veja”, “Revista da Folha”, entre outras), que abordem celebridades (“Caras”, “Chiques e Famosos”). Neste sentido, a etnografia parece apontar para uma grande importância dos meios de comunicação neste processo de definição e busca do corpo ideal. Caso este dado de fato se confirmasse preponderante, na pesquisa de campo, a

² Os cabelos, por exemplo, carregam uma vasta simbologia e revelam não só estados de personalidade quanto a inserção em determinado grupo social.

análise envolveria também, além das academias e clínicas de estética, as imagens corporais que estas mulheres consideram significativas.

Para melhor compreensão e organização dos dados e análise, esta tese está dividida em três segmentos, o primeiro, trata-se desta apresentação; o segundo reserva-se às considerações finais; e o terceiro, refere-se à bibliografia; bem como por seis capítulos que procuram expor os tópicos centrais. Em seguida, apresenta-se subdividida em itens e sub-itens, que desenvolvem pontos mais específicos do trabalho.

O Capítulo 2 -, intitulado “Contextualização do campo teórico e da pesquisa de campo” visa explicitar a metodologia utilizada na pesquisa, exposição e análise dos dados. Apresenta também a indicação da amostra e sua categorização do ponto de vista de seu perfil sócio-econômico (traçado apenas em linhas gerais). Apresenta também uma breve discussão do campo teórico em que se insere a pesquisa, para que possamos compreender as linhas analíticas que permeiam toda a análise.

O capítulo 3 -, intitulado “O lugar do corpo na história.”, fornece o contexto histórico da discussão e é estratégico no sentido de oferecer ao leitor as balizas temporais da cultura do corpo. Ele pretende evocar as representações corporais da modernidade e do “outro” do qual ela procura distinguir-se, qual seja, a Idade Média. Longe de tentar desvendar estes dois oceanos de tempo, a análise visa dar ao leitor condições para comparar as premissas corporais entre medievais e modernos, para, em seguida, mergulhar em nosso próprio tempo, a contemporaneidade.

No capítulo 4 -, intitulado “A noção de belo: referências históricas e noções de beleza para as mulheres pesquisadas.”, mostramos que a beleza só pode ser entendida dentro de contextos históricos e culturais que variam de época para época. Uma vez tendo esboçado os séculos anteriores no capítulo 3 -, começamos aqui com o início do século XX e nos estendemos até o momento presente, século XXI. Neste capítulo, discutimos, entre outros pontos, o embate entre os discursos da saúde e da estética, utilizados por parte dos médicos e outros profissionais da área de saúde, bem como daquelas consideradas “formadoras de opinião”³ para explicar a cultura do corpo contemporânea.

Mostraremos que a ênfase dada ao corpo atualmente não está somente relacionada às questões de saúde. Ela relaciona-se mais com os modelos estéticos, que estão longe de serem

³ Quando falo em “meio de comunicação”, refiro-me a jornais televisivos ou escritos, revistas de variedades e especializadas, novelas, seriados, programas de entrevistas, etc. “Formadoras de opinião” são pessoas que aparecem com destaque nestes veículos de comunicação de massas, tais como apresentadoras de televisão, produtoras de moda, artistas, modelos, entre outras, e que, por ocuparem uma posição de prestígio, têm influência nos processos de veiculação de valores e idéias.

“naturais”. É sabido entre antropólogos que o corpo sempre foi e será objeto de **intervenções culturais** e é sobre elas que tese se deterá. Como afirmam Queiroz e Otta (2000), *“um corpo intocado constitui um mero objeto natural e, como tal, associado à animalidade. Assim, parece imperioso alterá-lo, segundo padrões culturalmente estabelecidos, para a afirmação de uma identidade grupal específica”* (Queiroz e Otta, 2000: 21).

Ainda neste capítulo, começaremos a traçar os modelos corporais em vigor na atualidade, bem como a importância de que estes se revestem para a auto-estima feminina e para a própria construção da identidade entre as mulheres pesquisadas. Mostraremos, já abrindo caminho para o próximo capítulo, que a importância dada ao corpo cresceu com relação aos anos de 1920, e mesmo em relação aos séculos anteriores, revestindo-se de novos significados e constituindo-se, mais do que mera preocupação de um grupo ou outro, num verdadeiro culto ao corpo.

No Capítulo 5 -, “O culto ao corpo: Produção de si mesmo, estetização da vida cotidiana e espetáculo.”, explicitaremos porque a relação com o corpo na atualidade pode ser caracterizada como um culto ao corpo, quais as origens deste processo e como ele se manifesta na vida de nossas entrevistadas.

Ainda neste capítulo, mostraremos que o culto ao corpo, ao mesmo tempo em que se reveste de algumas características da modernidade, como a estetização da vida cotidiana e a produção de si mesmo enquanto obra de arte, também as suplanta e nos coloca diante de uma problemática nova, devido ao tipo de importância, sem precedentes em outras épocas, que o corpo assumiu na contemporaneidade. Por fim, mostraremos que sem a mídia o processo de culto ao corpo não seria nem efetivado nem alimentado: mídia e culto ao corpo se entremeiam e se sustentam mutuamente, constituindo-se como verdadeiros pilares da ideologia do corpo.

O capítulo 6 -, “A Polissemia do Corpo.”, investiga em primeiro lugar os mecanismos para a obtenção do corpo perfeito. Além de mostrar as técnicas que as mulheres utilizam na luta pelo corpo “perfeito”, esta primeira discussão visa introduzir os conceitos de disciplina e ascese, centrais para percebermos como o corpo na contemporaneidade se reveste de contradições e exige, mais do que explicações unívocas, análises interdisciplinares que, desdobrando-se nas contradições inerentes ao processo de culto ao corpo, apresentam uma conjunção de conceitos que muitas vezes foram colocados como opostos: ascese, disciplinas e hedonismo.

Em seguida, no mesmo capítulo, mas em item à parte, a análise investiga a contrapartida do processo: se por um lado o corpo será central na auto-estima e na identidade feminina das mulheres pesquisadas, da mesma forma, devido à existência e supremacia de

rígidos modelos estéticos, ele também aprisiona, anula e dissolve a possibilidade da mulher gostar-se e afirmar-se enquanto pessoa.

Em última instância, na esteira do esfacelamento da identidade e da auto-estima, o culto ao corpo pode levar à destruição física do eu, minando, através dos distúrbios alimentares, a saúde, e por vezes, levando literalmente à morte.

Num movimento elíptico, o capítulo termina onde se iniciou a própria tese: perguntando em qual espelho as mulheres se miram, ou, em outras palavras, em quais modelos de beleza se inspiram e para quem o fazem.

Nas “Considerações Finais”, retoma-se algumas inquietações que a pesquisa suscitou e, ainda no movimento elíptico acima descrito, recolocam-se estas indagações como elas realmente são, pelo caráter polissêmico do corpo e da cultura que sobre ele se constrói: sem respostas.

2 - Contextualização do campo teórico e da pesquisa de campo

2.1 - METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados dividiu-se em duas etapas: aplicação de questionários fechados e realização de entrevistas gravadas com as mesmas mulheres que responderam ao primeiro. Ambos foram realizados com mulheres frequentadoras da academia de ginástica Cia Athletica, Unidade *Shopping Morumbi*, na cidade de São Paulo, capital.

Com relação à primeira etapa, foi elaborado um questionário fechado com setenta questões, das quais 48 apresentavam-se sob a forma de alternativas a serem assinaladas e 22 ofereciam espaço de algumas linhas para que as mulheres pesquisadas indicassem, por exemplo, dados como profissão, área de formação, idade. A própria diagramação do questionário visava respostas breves, já que o seu objetivo era fornecer à pesquisadora dados passíveis de serem convertidos em gráficos e/ou tabelas. Os questionários foram aplicados, em sua grande maioria, pela própria pesquisadora, embora alguns tenham sido aplicados por terceiros, já que algumas mulheres se ofereceram para distribuir questionários entre amigas e pessoas da família. No total, foram aplicados 80 questionários.

O segundo passo foi tabular⁴ os dados, obtidos pelos questionários fechados, e calcular as porcentagens relativas e totais frente a cada uma das perguntas. O sistema utilizado foi o de lançar os dados em planilhas do sistema Excel e aplicar as fórmulas que permitiam ao sistema efetuar o cálculo das porcentagens. Por meio deste método, foi possível fazer estatísticas de quase todos os quesitos⁵ e saber, por exemplo, que 88% da amostra acredita que existe na atualidade um processo de culto ao corpo, 9% o consideram relativo e 3% não percebem sua existência. Tal procedimento foi feito com todos os itens pesquisados e visava obter as porcentagens para traçar o perfil das entrevistadas e obter uma média a respeito dos itens, esboçando o caráter mais geral da pesquisa.

⁴ Este trabalho de tabulação dos dados e cálculo das porcentagens deve-se à pesquisadora Silvana Maria de Souza.

⁵ Infelizmente, alguns dados, que surgiram só nas entrevistas gravadas, estavam dispersos demais para serem tabulados, nestes casos, a porcentagem não aparece. Além disto, as entrevistas gravadas têm uma dinâmica própria: muitas vezes, embora haja um roteiro pré-estabelecido, surgem novas abordagens ou temas, em virtude da interação entre pesquisadora e pesquisadas. Isto dificulta uma análise estatística do discurso falado e limita, portanto, o cálculo na forma de porcentagens.

A partir do cálculo das porcentagens, o programa Excell gerou gráficos, dando maior visibilidade aos dados. Foram confeccionados 41 gráficos⁶, inseridos e analisados ao longo da análise.

No entanto, a pesquisa realizada, por ser qualitativa em sua essência, exigia que tais dados fossem checados e comentados, de modo a extrair a alma da pesquisa, ou seja, o que as mulheres pensam sobre o corpo e os modos como se relacionam com ele. Era preciso, portanto, burilar os dados e obter não só informações, mas pausas no discurso, reflexões, contradições... Para isso, eram necessárias entrevistas mais profundas, que permitiam, ao estilo de Geertz (1978), distinguir tiques nervosos de piscadelas. Buscava-se chegar a uma densidade que só as entrevistas gravadas permitem, e assim foi feito. De início, o propósito era entrevistar todas as pessoas que responderam o questionário fechado, mas isso não foi possível por vários motivos: algumas mulheres não quiseram gravar entrevista, outras só poderiam fazê-lo meses depois do prazo estipulado pela pesquisadora para fechar a amostra, outras ainda concederam a entrevista, mas, como é comum a toda pesquisa, tiveram a sorte ou o azar do gravador não tê-las registrado.

Por conta destes percalços, chegou-se ao número final de 70 entrevistas gravadas, todas conduzidas pela pesquisadora. As entrevistas seguiram um roteiro pré-planejado, baseado nas perguntas do já referido questionário fechado, mas as informantes puderam se expressar livremente e até alterar a ordem das questões discutidas, já que estas muitas vezes apareciam de forma espontânea na fala das entrevistadas, antes mesmo que as perguntas fossem formuladas. Se a entrevistada em questão assim o desejasse, poderia enfatizar algum aspecto com maior profundidade.

Quase todas as entrevistas ocorreram na própria Cia Atlética do Shopping Morumbi, na cidade de São Paulo, em função do ritmo de vida das mulheres, que preferem não ter que se deslocar ou receber a pesquisadora em suas casas. Em média, as entrevistas duraram 40 minutos e, posteriormente, todas foram transcritas na íntegra.

Os pontos inaudíveis ou confusos do discurso foram anotados e novamente verificados com as informantes. Foram respeitados as expressões e o modo de falar das entrevistadas, inclusive gírias e palavras abreviadas. No entanto, algumas falas foram reduzidas, ou por serem muito extensas, ou por misturarem assuntos que não eram de relevância para análise em

⁶ Os gráficos são indicados por títulos dentro do retângulo que o contém e por fim, com uma legenda. Este excesso de indicações justifica-se por motivos meramente de ordem técnica, para “movimentá-los” através do computador e estabelecer a ordem correta de sua apresentação.

questão. Nestas circunstâncias, elas aparecem com o sinal (...). A transcrição na íntegra poderá ser disponibilizada, se houver necessidade.

Os nomes das entrevistadas foram substituídos por números, para preservar a identidade das mesmas.

Na elaboração da análise, em vários momentos aparecerão palavras destacadas, em geral por negrito. Quando tiverem sido feitas por outros autores, aparecerá entre parêntesis que os grifos são do autor. Em todos os outros casos em que aparecerem palavras destacadas, estas são de inteira responsabilidade da pesquisadora e servem como recurso para ressaltar pontos importantes do texto.

O critério para análise das entrevistas privilegiou as falas gravadas das mulheres, justamente pela maior densidade de informações que elas contêm, todavia, para a elaboração das porcentagens, observou-se também as respostas do questionário fechado.

Em vários momentos houve discrepância entre os dados obtidos por meio do questionário fechado e as entrevistas gravadas. Isto se deve a diversos fatores, que vão desde a mudança de opinião por parte da entrevistada, em virtude da má compreensão das perguntas do questionário fechado, quanto da própria relação estabelecida entre pesquisadora e pesquisada. Se no questionário fechado alguns dados não podiam ser revelados ou o foram de maneira equivocada, com a entrevista gravada gerou-se uma relação de confiança, o que permitiu à entrevistada relativizar os dados antes informados. Além do mais, aspectos mais complexos da relação com o corpo, como, por exemplo, os distúrbios alimentares, só foram compreendidos pela própria entrevistada quando esta se viu confrontada com eles na entrevista gravada, gerando, inclusive, momentos delicados e sutis que o questionário fechado não permitiu que aflorassem. Tais dados (quando autorizados pelas entrevistadas) foram incluídos na análise e indicados no texto.

Também com relação aos dados falados, nem sempre foi possível isolar, nas falas, todos os aspectos do discurso e elaborar porcentagens pertinentes a cada um deles. Lembremos ao leitor que, como salientou Geertz, “*Fazer etnografia é como tentar um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incongruências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado*” (Geertz, 1978: 20). Infelizmente, nestes casos as recorrências no discurso aparecem indicadas pelas expressões “**muitas** mulheres”, “**algumas** mulheres”, e não por números exatos. Se estes dados parecem inexatos, é justamente porque o são. Quando lidamos com entrevistas orais, não podemos esperar o grau de exatidão que (ilusoriamente) achamos que temos com os dados “mais objetivos” de questionários fechados.

Também não pretendemos ter dado conta de todo o universo das entrevistadas. Isto não se deve ao campo em si, pois, ao contrário de muitas investigações que encontram dificuldades nesta etapa, no caso da pesquisa em questão obtivemos um rico e vasto conjunto de representações (até mesmo devido à grande quantidade de entrevistas gravadas –70). Deve-se mais ao caráter da descrição e análise etnográficas, pois, evocando Geertz, “*a análise cultural é intrinsecamente incompleta, e o que é pior, quanto mais profunda, mais incompleta*” (idem, *ibidem*: 22).

Deve-se destacar também que descrição e análise dos dados se mesclam, visto que, como enfatiza Geertz, a própria descrição densa já é interpretativa desde o início, ou seja, na própria fase de coleta e exposição dos dados. Isto implica em dois pontos centrais para o trabalho aqui apresentado:

- 1) Impossibilidade de separar objetivamente descrição dos dados e análise, bem como de separar as respostas do questionário fechado de sua complementação, qual seja, as entrevistas gravadas.
- 2) Desnecessidade de uma conclusão nos moldes tradicionais, já que a mesma permeia todo o trabalho analítico. Assim, em vez de “concluir” a tese, fazemos algumas “considerações finais”, que, mais do que oferecer respostas para tudo o que foi indagado sob a forma de objetivos do trabalho, pretende sobretudo indicar algumas das idéias centrais do mesmo, bem como deixar algumas perguntas, propositadamente, sem respostas e abertas para investigações futuras.

O fio condutor do trabalho é a antropologia, em especial a linha interpretativa da cultura, na perspectiva Geertziana. Adota-se o conceito de cultura e de sua análise segundo a seguinte definição: “*O conceito de cultura que defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias, e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado*” (idem, *ibidem*: 15).

Mas, à luz desta perspectiva de fundo, outras linhas se mesclam, em especial aquelas que pensam o corpo, e o fazem percebendo que “*o corpo é um processo sócio-cultural revelador de momentos históricos específicos*” (Berger,1999: 7). Aqui, a interdisciplinaridade guia o trabalho e, assim, utilizamo-nos tanto da antropologia clássica e moderna (ver item 2.2.3 “Por uma antropologia do corpo”), quanto dos trabalhos de historiadores que privilegiam o corpo enquanto objeto de reflexão.

2.2 - DEFINIÇÃO DA AMOSTRA.

2.2.1 - ATORES E CENÁRIOS:

A pesquisa foi realizada com 80 mulheres, todas praticantes de atividades físicas e frequentadoras da academia de ginástica Cia Atlética. Desta maneira, embora o presente trabalho não se concentre nas linhas analíticas que discutem profundamente a questão do gênero, a mesma não deixou de perpassá-lo, até porque, como salienta Lauretis, *“a partir do momento em que assinalamos o ‘F’ num formulário, ingressamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, e fomos ‘engendradas’ como mulheres, isto é, não apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas a partir daquele momento nós passamos a nos representar como mulheres.”* (Lauretis, 1994: 220). Para a autora, é preciso desfazer a idéia de uma “natureza” masculina e feminina (idéia que reforça as diferenças entre homem e mulher como de ordem inata) e conceber o sujeito social e as relações da subjetividade como a de um sujeito constituído no gênero: *“um sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe.”*(idem, *ibidem*: 208).

Explicitando melhor o conceito de gênero, Scott afirma que *“o gênero é um elemento constitutivo de relações fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.”* (Scott, 1990: 14).

Embora ciente de toda a polêmica que envolve as discussões de gênero⁷, a opção por entrevistar somente mulheres deve-se aos seguintes motivos:

- 1) Facilidade de acesso às mesmas devido às redes de relações travadas no ambiente da academia de ginástica;
- 2) Interesse da pesquisadora em delinear um universo específico (o feminino), com a maior abrangência possível;
- 3) Nítida percepção de que as mulheres estavam mais dispostas a conversar com uma mulher sobre aspectos ligados ao corpo que os homens.
- 4) O culto ao corpo envolve, em um grau bem mais elevado, o universo feminino do que o masculino⁸.

⁷ Ao longo do presente trabalho, discutirei em vários outros momentos aspectos relacionados ao gênero, dando novos subsídios às definições e usos deste conceito. Ver, por exemplo, itens 4.1 -. Sentido das práticas corporais e da beleza: reflexões históricas. item 6.2.1 -. Hedonismo, Ascese e disciplinas.

⁸ Sabe-se, hoje em dia, que os homens admitem a vaidade mais do que no passado, no entanto, o tema reveste-se ainda de tabus. Segundo informação da dona da clínica de estética “Corpo e Desing”, situada no bairro do

O *locus* deste trabalho é a academia de ginástica Companhia Atlética, unidade Shopping Morumbi. Trata-se de uma academia voltada para um público-alvo abastado, sendo que a mensalidade mínima para adultos estava cotada em 2004 em R\$ 273,00 reais mensais, acrescida de uma taxa especial para alunos que façam natação. A etnografia mostrou que, muitas vezes, a mulher não é a única integrante da família a frequentar a academia, pois geralmente a mesma vai com os (a) filhos (a) e/ou com o marido. Embora a academia estabeleça alguns convênios com empresas e lojas, estipulando preços menores para estes fregueses, ainda assim atinge prioritariamente um público de renda elevada.

A academia situa-se no segundo andar do *Shopping* Morumbi e pode ser vista pelas pessoas que lá ingressam por uma das entradas; na verdade, a academia atrai muito a atenção do público, que normalmente pára para ver as piscinas, todas com teto solar e amplas vidraças; ou para ver as salas de musculação, que também podem ser observadas de vários ângulos. O chão da academia é, em toda sua extensão, de granito e as estruturas, feitas de ferro com revestimento de vidro. Possui recepção, várias salas de ginástica, loja de roupas, restaurante de grife (“Paola Panini”), espaço para musculação, *spinning*, uma grande área para atividades aeróbicas com dezenas de aparelhos, dois vestiários femininos e dois masculinos, aluguel de toalhas, saguão com televisão, espaço para as mães deixarem os bebês brincando (desde que acompanhados pelas babás), área das piscinas, sauna seca, espaço de estética, “*Biotherme*”, *solarium*, nutricionista e fisioterapeuta.

A primeira impressão que se tem ao chegar à academia é que ela é luxuosa e muito limpa. E, como veremos, oferece uma série de modalidades de aula, permitindo ao aluno que execute todas as atividades desejadas, pagando um extra apenas pela natação e pelos serviços opcionais de medicina e estética. Todas as salas são espelhadas e, na maioria delas, duas paredes são de espelhos. Na maior parte das vezes, a observação mostrou que as (o) alunas (o) gostam de se olhar no espelho e os locais mais próximos a eles são os mais disputados. Também gostam de ser vistos, tanto pelos colegas e professores quanto pelas pessoas do *shopping*. Para tanto, na sala da musculação, perto dos materiais de peso-livre, os alunos chegam a abrir as persianas que dão para a entrada mencionada. É também muito comum que as (o) mesmas (o) circulem pelo *shopping*, algumas vezes com roupas sociais, outras vezes, em trajes de ginástica.

O padrão básico de vestuário é *shorts* ou bermudas com camiseta para os homens. Já as mulheres usam *shorts*, bermudas ou calças de lycra e *tops*, preferencialmente de grifes, como

Morumbi, em São Paulo, os homens frequentam a clínica às escondidas, preferindo entrar em salas de estética mais reservadas (como, por exemplo, àquelas situadas no sub-solo) e, pelos fundos.

os da “*Trackel e Field*”, ou “*Body for Sure*”. Tanto para homens quanto para as mulheres parece vigorar uma regra implícita: quanto mais “malhado” o corpo estiver, menor pode ser o tamanho das peças e mais justa a camiseta, que no caso das mulheres é totalmente dispensável (a mulher “malhada” prefere usar só *top*, quando muito uma camiseta justinha.). Tênis é marca diferencial: todos reparam nele e comentam se é de marca ou não e são poucas as pessoas que usam apenas dois modelos, pois na maioria das vezes o tênis combina com o restante das roupas, sendo trocado de acordo com elas.

O ambiente é todo decorado com faixas ou cartazes incentivando a prática de exercícios físicos e reforçando a idéia de que a Companhia Atlhética é um local especial, um clube para pessoas que partilham o mesmo estilo de vida, cujos valores são estar em forma, alimentar-se de maneira saudável, respeitar os colegas e treinadores. Tanto os cartazes quanto os próprios corpos “malhados” em seu permanente desfile fazem da academia uma espécie de templo do culto ao corpo. Circula também por lá uma revista própria da academia e a glória para os alunos é nela merecer uma notinha sobre seu desempenho. Quando isto acontece, a reportagem é mostrada pelo eleito a todas as pessoas e guardada como um troféu. Festas na academia são comuns e sempre ocorrem quando há datas comemorativas. Também ocorrem festas fora da academia, geralmente em bares ou danceterias da moda.

Quase todas as pessoas circulam com garrafinhas, normais ou térmicas, variando apenas seu conteúdo, que oscila entre água, isotônico e sucos “turbinados” com suplementos alimentares, como, por exemplo, creatina (um pó branco que auxilia no ganho de massa muscular). Na sala de musculação é comum ver preparados líquidos e potes grandes de suplementos, como “*Megamass*”. Homens e mulheres trocam receitas e dicas sobre como “*turbinar a malhação*”.

É de se acrescentar que, para o leigo no mundo das academias de ginástica, a linguagem é ininteligível. É preciso ser ao menos um iniciado para poder se comunicar e saber do que estão falando os nativos. Segue um pequeno glossário das categorias nativas, reunindo os termos mais utilizados pelas entrevistadas:

- *Spinning*: aula feita numa bicicleta aeróbica de metal, que varia entre 30 minutos e uma hora. O aluno observa os movimentos do professor e, ao som de música eletrônica, simula estar subindo ou descendo montanhas, bem como pedalando em áreas planas. O grau de dificuldade depende da posição (pedalar sentado ou em pé) e do peso colocado na bicicleta. Peso maior simula subida, e menor, terrenos planos. É comum o uso de luz negra. É indicada apenas para alunos que já possuam alguma resistência física e que gostem de atividade aeróbica intensa.

- *Transport*: aparelho em que se movem ao mesmo tempo os braços e as pernas, como se o aluno corresse no ar, muito procurado por gerar grande queima calórica.
- *Crossramp*: aparelho aeróbico que simula uma rampa de esqui, movimenta as pernas e pode ser usado com ou sem carga, também muito procurado pelos frequentadores da academia.
- *BodyBalance*: Aula que combina ginástica localizada, ioga, *tai chin chuan*; é feita com música geralmente oriental, exige força muscular, concentração e capacidade para soltar o corpo.
- *BodyPump*: Aula de musculação coreografada, em que as séries alternam exercícios para os membros superiores (peito, costas, braços e abdômen) e inferiores (pernas e glúteos). Utiliza-se uma barra de metal de dois quilos e nas suas extremidades, são inseridos outros pesos, denominados de anilhas e que variam de um a cinquenta quilos. O número de repetições é maior do que na musculação e o peso, geralmente menor. Exige muita força e concentração. As músicas são norte-americanas em sua maioria; aliás, como se pode ver, todas as aulas são nomeadas em inglês.
- *Pesos, pesinhos e/ou anilhas*: artefatos de metal com unidades de medida (por peso) que visam gerar sobrecarga muscular.
- *Prannaball*: Aula de alongamento realizada com grandes bolas, sobre as quais é possível sentar e deitar; bem como com pequenas bolas embebidas em essências aromáticas que visam estimular os setes *chacras* corporais.
- *BodyStep*: Aula de ginástica feita sobre plataforma alta (*step*), com coreografia rápida, onde o aluno sobe e desce com movimentos dançados.
- *BodyJump* : Aula de ginástica feita sobre cama elástica, com coreografia rápida; exige equilíbrio e fôlego, pois não se pode descer da mesma até o final da aula. É indicada apenas para alunos já iniciados na prática esportiva, já que exige muito das articulações, bem como a capacidade de equilíbrio e concentração.
- *Hidro*: Abreviatura de hidroginástica, ou seja, ginástica realizada em piscinas.
- *Botox*: Abreviatura de sustância botulínica, encontrada em alguns alimentos, como o palmito e que, se ingerida, pode paralisar parte do organismo. Foi sintetizada recentemente por laboratórios e quando aplicada sob a pele, paralisa

os músculos presentes na região. É hoje muito utilizada por mulheres para paralisar por cerca de seis meses os músculos da face, como os da testa, evitando que estes se contraíam e produzam rugas. É aplicada com injeções sub-cutâneas que devem ser administradas apenas por médicos, mas que, no entanto, têm sido realizadas por esteticistas.

- *Peeling*: Processo que promove forte descamação celular através do uso de substâncias químicas. É aplicado no rosto com o objetivo de fazer nascer nova pele. Sua intensidade pode variar e dependendo do caso, pode ser considerado como ato cirúrgico. Visa eliminar rugas. É muito utilizado pelas mulheres como recurso para evitar cirurgias plásticas faciais.
- *Kansas*: Refere-se à unidade da academia Cia Athlética situada na rua Kansas. É a preferida por celebridades e/ou pessoas anônimas que buscam maior *status*.
- *Malhada, seca, definida e/ou sarada*: Designa a mulher que tem pouca gordura e musculatura definida, aparente sob a pele.
- *Marombeira*: Mulher que se dedica assiduamente à musculação, geralmente fazendo um treino com bastante peso, cujo objetivo é uma definição muscular ainda mais evidente do que a da mulher “sarada”.
- *Fitness*: atividades relacionadas à prática de exercícios podendo caracterizar a entrevistada (quando é usada no sentido de *ser fitness*, ou seja, praticante assídua de atividade física) ou eventos ligados à área (feira de acessórios, congressos, competições, etc.).
- *Shape*: nada mais é do que a forma física do corpo.
- *Secar*: significa perder peso, “enxugar” as gordurinhas.
- *Trincar*: significa enrijecer e deixar a pele lisa, de modo que os músculos apareçam.
- *Barriga “tanquinho”*: Fazer com que os músculos abdominais saltem sob a pele, conferindo ao abdômen o aspecto da parte do tanque destinada a esfregar as roupas.
- *Massa magra X massa gorda / Taxa de gordura corporal*: massa magra significa o peso definido pelos músculos, quanto maior a massa magra, mais a pessoa é considerada “malhada”. Massa gorda deve ser reduzida ao máximo,

significa tecido adiposo e é medida pela taxa de gordura corporal, que também atua como troféu: quanto menor, maior é o prestígio social da pessoa.

- *IMC*: significa Índice de Massa Corpórea. Trata-se de uma classificação de indivíduos adultos segundo a relação entre altura e peso. É obtido dividindo-se o peso pela altura ao quadrado. Ex: uma mulher de 60 Kg e 1.60 de altura terá o seguinte IMC – 60 divididos por 2,56 = 23, 43. De acordo com a tabela abaixo, seria considerada de peso normal.

Tabela 1 - Índice de Massa Corpórea	
Classificação	IMC (Kg/h)
Magro	< 18,5
Normal	18,5-24,9
Com excesso de peso	> 25
Pré-obeso	25-29,9
Obeso classe I	30-34,9
Obeso classe II	35-39,9
Obeso classe III	> 40

A academia conta com dois serviços que, embora ocorram no mesmo cenário e com os mesmos atores, são vistos pela diretoria como independentes: as atividades regulares que constam no plano do aluno e um serviço extra, de *personal trainer*. Tê-lo é diferencial de *status*, pois significa que o aluno em questão preocupa-se com o seu corpo de uma maneira mais intensa e dispõe de financeiros para fazê-lo.

Para uma melhor caracterização dos atores, foi esboçado um perfil-sócio econômico das mulheres entrevistadas, como vemos a seguir.

2.2.2 - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO.

Como vimos na caracterização inicial da amostra, a pesquisa envolveu 80 mulheres que fazem atividade física na academia Cia Atlética.

Embora a pesquisadora tenha percebido parte do perfil das mesmas através da observação de campo, optou-se por sistematizar os dados por meio da constituição de um perfil sócio-econômico.

Deve-se ressaltar que este é apenas um recurso para caracterizar melhor a amostra: a pesquisa não se concentrou neste objetivo; assim, os dados que seguem visam menos explicar os indicadores elencados, mas sobretudo situar o leitor no universo da pesquisa. Mesmo ao contemplar a relação entre os vários indicadores, a intenção permanece a de apenas contextualizar o campo.

a) ESTABELECENDO OS INDICADORES

Com o intuito de esboçar o perfil sócio-econômico das mulheres entrevistadas, foram escolhidos alguns itens dos questionários, aqui chamados de indicadores, que nos auxiliaram, ao serem analisados de forma isolada, a definir como é formada a nossa amostra. Posteriormente, ao se cruzar os dados de dois ou mais deles, poderemos correlacionar suas influências no universo de nossas pesquisadas. Para isto foram escolhidos os seguintes indicadores:

- Idade.
- Estado Civil.
- Filhos.
- Escolaridade.
- Atividade Profissional.
- Renda.
- Gasto mensal com cuidados estéticos.

Vamos a eles.

Gráfico 1- Indica a faixa etária de todas as entrevistadas

A faixa de idade mais representativa (que corresponde a 40%) das entrevistadas é composta de mulheres entre 29 a 39 anos, em segundo, aparece a faixa que vai de 40 a 50 anos (20%). Nestas respectivas faixas de idade, encontramos muitas mulheres que são mães, bem como mulheres que têm companheiro (vide próximos gráficos).

Estas tendem a se concentrar especialmente no período da tarde, das 12:00 às 19:00, que foi o escolhido justamente por reunir maior número de mulheres, em especial aquelas que estão fora do mercado de trabalho. Este dado explica-se porque neste período, as mulheres costumam ir à academia com seus filhos ou enquanto os maridos trabalham.

Neste mesmo período do dia, encontramos também 28% de mulheres nas faixas de 18 e 28 anos, porque neste período elas se encontram dispensadas da rotina escolar ou de faculdade. A pesquisa mostrou que, devido às próprias opções dadas pelo sistema educacional do nosso país, a maioria dos cursos, seja do ensino médio, seja do ensino superior, é oferecida preferencialmente nos períodos matutinos e noturnos, assim, as mulheres nesta faixa etária freqüentam a escola antes ou depois da academia, agendando as atividades físicas no horário da tarde.

As mulheres que estão entre 51 anos 61anos correspondem a 13% da população investigada, justamente porque um dos diferenciais que marcam a cultura do corpo atual é que

ela não se restringe às faixas etárias consideradas “mais jovens”. Ela tende, cada vez mais, a influenciar mulheres que já estão na chamada “terceira idade”, ou que caminham para ela. Acima dos 61 anos temos 1% da amostra, mas esta porcentagem aumentará progressivamente, porque as mulheres da faixa anterior (51 – 61 anos) afirmaram à pesquisadora que pretendem fazer ginástica a vida toda e algumas usaram a expressão “até ficar velhinha demais”, ou “até morrer”.

Os professores de ginástica entrevistados observaram que aumentou muito o ingresso destas faixas etárias no universo da ginástica, a ponto da academia citada, a Cia Athética, ter um plano específico para ela, chamado de “*Platinun*”, que promove atividades em ritmo menos acelerado e voltado para minimizar alguns problemas típicos da terceira idade, como osteoporose, dores na coluna, falta de flexibilidade, entre outros.

Gráfico 2 - Distribuição da mulheres que possuem namorado ou convivem maritalmente

Como podemos perceber, 75% da amostra é constituída de mulheres que têm companheiro, sendo o restante, 25%, de mulheres sem companheiros.

Do total de 75% das mulheres que têm companheiro, foi impossível estabelecer a proporção de mulheres que se casaram no civil e as que vivem maritalmente, embora não tenham oficializado a relação. Para as próprias mulheres, esta é uma questão delicada por vários motivos.

Em primeiro lugar, porque embora o casamento civil ainda seja visto por muitas mulheres como um índice de *status*, já há, principalmente nas faixas etárias mais jovens, a

incorporação da idéia de que não é necessário, ter um companheiro, oficializar a relação através de um casamento nos moldes formais.

Lembremos que a própria lei, acompanhando as mudanças sociais e culturais, modificou-se e legitimou o concubinato como uma união estável, dando aos pares os mesmos direitos garantidos pela união civil. Assim, as mulheres, muitas vezes, ficam em dúvida, diante de questionários fechados, sobre qual opção assinalar, se a definida nos termos da lei e dos costumes tradicionais ou a definida pelos novos códigos de convivência entre homens e mulheres.

Em segundo lugar, já na década de 1960, houve uma mudança de comportamento entre os sexos e uma maior liberdade sexual de homens e mulheres foi conquistada, permitindo que os dois sexos convivessem de forma mais íntima, o que diluiu um pouco as fronteiras que antes demarcavam o que era um “Casamento” e um “namoro”, propositadamente grafados aqui de maneira distinta, para evidenciar que, aos olhos da sociedade mais tradicional, o primeiro tinha um peso e uma dignificação maiores que o segundo. Hoje, estas fronteiras estão ainda mais tênues e é comum que as mulheres se sintam inseguras quanto ao *status* de sua situação: o termo “ficar” ganhou espaço e é possível “ficar” com alguém durante anos e anos, sem definir se se trata de um namoro, um noivado ou mesmo um casamento.

A pesquisadora optou, assim, por utilizar as categorias “com companheiro” e “sem companheiro” e não a terminologia usual de “casadas” e “solteiras”, fazendo uso das últimas apenas para dar fluência a alguns pontos da discussão.

Gráfico 3 - Distribuição das entrevistadas que têm filhos

Conforme podemos ver, 52% das entrevistadas têm filhos, ao passo que 48% não os têm. A média de filhos da amostra foi de dois ou apenas um só, sendo raro mulheres com três ou mais filhos.

Com o advento dos anticoncepcionais, a taxa de natalidade, de um modo geral, diminuiu e isto ocorreu também no do universo das pesquisadas. Mais à frente, no item 4.2.1 -, em especial no item “e”, a questão dos filhos será retomada, ao avaliarmos as relações entre corpo e maternidade.

Gráfico 4 - Distribuição das entrevistadas segundo a escolaridade

A pesquisa descobriu que 16% possui superior incompleto, 55% superior completo e 18% cursam pós-graduação, representando 89% das entrevistadas com nível superior. Esta informação é condizente com as faixas etárias mais expressivas da amostra (18-28 anos: 23% da amostra e 29-39 anos: 40% da amostra), porque nestas faixas etárias as mulheres já terminaram o segundo grau e ingressaram na faculdade, ou terminaram a faculdade e iniciaram a trajetória na Pós-Graduação.

É condizente também, como veremos, com o fato das mulheres pertencerem às classes média e média-alta, porque como sabemos, num país em que o acesso à educação não é igualitário, é mais fácil para mulheres com maior renda dedicar-se aos estudos. Muitas vezes, é difícil para as camadas das classes baixas ingressar em faculdades públicas, devido à

educação de baixa qualidade que receberam ao longo dos anos e igualmente difícil, pagar as mensalidades das faculdades privadas.

O restante da amostra é composto de 3% que possuem apenas o primário e 8% que possuem secundário completo, totalizando somente 11% da amostra fora do universo do ensino superior. No entanto, esta porcentagem deve se alterar um pouco, pois duas mulheres, ambas com 18 anos (Mulher 4 e Mulher 16), ingressaram no ensino superior logo após a tabulação dos dados.

Já os 3% de mulheres que possuem apenas o primário corresponde a duas entrevistadas, Mulher 65, de 61 anos, e Mulher 42, de 66 anos, as quais indicaram que, nas décadas de 1930 e 1950, não era comum a mulher estudar, reservando-se, por questões de gênero, este privilégio aos homens. Da mulher esperava-se que ela fosse boa dona de casa e esposa, bastando-lhe, ademais, conhecer das primeiras letras (como muitas vezes era chamado o que hoje entendemos como primário e/ou ensino fundamental). Isso já era o suficiente.

Gráfico 5 - Distribuição das entrevistadas segundo a inserção no mercado de trabalho

Aproximadamente dois terços (67,5%) da população estudada exerce a profissão, enquanto que o restante, 32,5%, encontra-se fora do mercado de trabalho.

A relação entre mulher e mercado de trabalho oscilou consideravelmente ao longo do tempo, sendo marcada por avanços e retrocessos, ora porque parte das mulheres aderiu ao papel de donas-de-casa, ora porque lutava contra tais representações.

Rago (2004), em seu estudo “Trabalho Feminino e Sexualidade”, mostra aspectos da trajetória do trabalho feminino no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. A autora

afirma que em 1901 foi realizado um primeiro levantamento sobre a mão-de-obra no estado de São Paulo, revelando que 49,95% dela era constituída de mulheres e 22,79% de crianças, num total de 72,74%, porcentagem que aumentou ainda mais em 1919, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Mas a partir da década de 1920, as mulheres operárias começaram a sofrer pressões para que abandonassem seus empregos, por força de argumentos masculinos que identificavam a mulher que trabalhava fora como promíscua ou abandonadora do lar. Assim, a taxa de emprego feminino, que em 1872 correspondia a 76% do operariado fabril caiu, em 1950, para 23%.

Rameck (2001) aponta que a utilização da mão de obra operária feminina coincide com a luta pelo voto, que só se efetivou no Brasil em 1932, no governo de Getúlio Vargas. Mas, segundo a pesquisadora, a mulher passou a ter maior participação no mercado de trabalho só na década de 1970. Os fatores que possibilitaram esse ingresso crescente da mulher no mercado de trabalho foram de ordem econômica e social. A autora indica as pesquisas de Leite (1994) e Bruschini & Lombardi (1996)⁹, que mostram como a expansão da economia, aliada ao aumento da urbanização e do desenvolvimento industrial, forneceu maiores possibilidades de ascensão das mulheres no mercado de trabalho.

Para a autora, *“a motivação econômica é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes na inserção da mulher no universo do trabalho. A economia gera novos produtos, ampliando os serviços, e estes, por sua vez, demandam a contratação de mais profissionais. É uma dinâmica econômica que aumenta as necessidades de consumo, pressionando por uma ampliação da receita no orçamento familiar”* (Rameck, 2001: 28).

Outro fator indicado pela pesquisadora foi a ampliação do uso de métodos anticoncepcionais, que permitiu à mulher administrar melhor o seu desenvolvimento pessoal e profissional: *“Ela pôde, assim, se dedicar também a estudos de aperfeiçoamento, mobilizando-se para buscar melhor orçamento familiar e maior status econômico. Daí, outra grande transformação social para a entrada da mulher dos setores médios no mercado de trabalho: o seu ingresso no mundo universitário”* (idem, *ibidem*: 28).

É possível ressaltar que, acompanhando a expansão da economia, os movimentos sociais, com destaque para o movimento feminista, ganham força nos anos 1970¹⁰, e o

⁹ Leite, L.C.P. Mulheres, Muito Além do Teto de Vidro, São Paulo, Atlas, 1994. Bruschini, C. & Lombardi, M.R., O Trabalho da Mulher Brasileira: primeiros anos da década de 90, Caxambu, Minas Gerais, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1996.

¹⁰ Sylvia Caiuby Novaes faz uma interessante discussão sobre os Movimentos Sociais no seu livro Jogo de Espelhos, Edusp, 1996. Ela mostra, entre outros pontos, que as minorias sociológicas necessitaram, para se organizar, passar por diferenças (inclusive ideológicas) entre seus vários componentes e se unificaram como um único conjunto, na atitude que ela denominou de “nós-coletivo”.

trabalho doméstico das mulheres começa a ser denunciado como uma subordinação ao homem, indicando que para as mulheres, trabalhar fora de casa equivaleria a traçar o caminho de sua emancipação.

Devido ao escopo desta pesquisa, não será possível enveredarmos pelas numerosas pesquisas que procuraram estudar as origens e implicações da divisão sexual do trabalho.

Muitas destas pesquisas estão na área de gênero e a título de exemplo¹¹, podemos citar a pesquisadora Joan Kelly, que propõe que imaginemos vários conjuntos inter-relacionados de relações sociais, em vez da clássica oposição entre dois ou mais domínios: *“O que vemos não são duas esferas da realidade social, e sim dois (ou três) conjuntos de relações sociais. Por enquanto chamaria estas relações de relações de trabalho e sexo (...) Em qualquer das formas históricas tomadas pela sociedade patriarcal (feudal, capitalista, socialista, etc) um sistema de sexo-gênero e um sistema de relações produtivas operam simultaneamente (...) para reproduzir as estruturas sócio-econômicas e o domínio masculino da ordem social dominante”* (Kelly, 1979: 61, *apud* Lauretis, 1994: 215).

Outra explicação igualmente interessante é dada por Proust (2003), correlacionando os argumentos que orientam os novos rumos do trabalho feminino à progressiva especialização dos espaços no século XX. Segundo este autor, enquanto a casa e o mundo do trabalho não se constituíam como esferas autônomas, homens e mulheres trabalhavam juntos, num mesmo universo doméstico e a divisão do trabalho não era vista como manifestação de desigualdade ou sujeição: *“a espacialização dos espaços rompe a igualdade conjugal e institui a mulher como criada”* (Proust, 2003: 40).

De todo modo, quaisquer que sejam os motivos e/ou explicações, o ingresso da mulher no mercado de trabalho continua a ser uma luta constante e o desemprego entre mulheres ainda é maior do que entre os homens, sendo que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 48,9% das mulheres estavam empregadas em 2002, contra 72,8% dos homens¹².

No universo pesquisado, como vimos no gráfico 4 (Exerce alguma profissão?), 32,5% das entrevistadas não trabalham, mas no entanto possuem renda elevada, como veremos a

¹¹ Ver Joan Kelly, “Woman, history and theory” (Chicago: Univ. Of Chicago Press, 1984; Joan Scott, “Woman’s History: The Modern Period”, in: Past and Present, 1983; Arakcy Martins Rodrigues, “Lugar e Imagem da mulher na indústria”, Cristina Bruschini, “O Uso de abordagens quantitativas em pesquisas sobre relações de gênero”, Mary G. Castro e Lena Lavinas, “Do Feminino ao gênero: a construção de um objeto.”, Elizabeth Souza Lobo, “O trabalho como linguagem, o gênero do trabalho”, In: Uma Questão de gênero, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992, entre outros.

¹² Síntese de indicadores sociais de 2002, pg. 97, disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/indic_sociais2002.pdf, acesso em 28 de março de 2006.

seguir. Era preciso, portanto, investigar tanto os motivos desta não inserção no mercado de trabalho, quanto entender o fato da renda ser independente do exercício da profissão.

Como a pesquisa não tratava do desemprego, não foram esmiuçadas as causas da taxa de 32,5% de desempregadas, mas questionou-se fatores que poderiam levar a isso, como por exemplo, a escolaridade.

Mas, antes de procurarmos a relação entre os indicadores, faltava-nos saber como se distribui a renda entre as pesquisadas, como veremos a seguir.

Gráfico 6 - Distribuição das Entrevistadas, segundo a faixa de renda

Podemos perceber que as duas maiores porcentagens referem-se às faixas de renda de R\$ 2601,00 a 5000,00 (21%) e mais de R\$ 5000,00 (62%), o que nos permite categorizá-las como mulheres de classe média-alta e alta¹³.

De início, a pesquisa pretendia comparar as percepções sobre o corpo manifestadas por mulheres de classes sociais diferentes. Há pouca bibliografia sobre a percepção corporal de mulheres dos setores menos abastados. Boltanski (1979) investigou esta questão¹⁴; todavia, o fez antes da explosão da cultura do corpo nos anos de 1990.

¹³ A pesquisa procurou classificar a renda de acordo com o banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas não obteve uma classificação das faixas de renda. No entanto, segundo o instituto citado, os 40% mais pobres ganham em média R\$ 149,85 e os 10% mais ricos apresentam um rendimento médio de R\$ 2.744,30. (Síntese de indicadores sociais de 2002, pg. 102, disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/indic_sociais2002.pdf, acesso em 28 de março de 2006)

¹⁴ Ver discussão no item 5.1.2 Existência do culto ao corpo e suas justificativas para as entrevistadas, em especial, item “e”, Competição e Cobrança Social.

No entanto, devido às inúmeras questões que envolvem a cultura do corpo na atualidade, optamos por examinar em profundidade apenas um estrato social; assim, a pesquisa acabou restringindo-se às mulheres de classe social mais abastada. Como toda escolha, há aqui perdas e ganhos, pois se a comparação entre dois setores poderia ser muito rica, também poderia limitar a compreensão dos dois universos, obscurecendo pontos importantes e tornando o trabalho demasiadamente extenso.

Gráfico 7 - Gastos com cuidados estéticos

De todos os indicadores que visavam delinear nossa amostra, este foi o mais complicado de ser aferido, por vários motivos. Em primeiro lugar, a pesquisadora optou por deixar que as entrevistadas indicassem, de modo livre (sem alternativas a serem assinaladas), o quanto investiam em cuidados estéticos. Isto gerou muita variação dos valores declarados, o que fez com que a pesquisadora procurasse agrupá-los por faixas, que ainda assim, tornou difícil a visualização dos dados. Mas o problema central é que as mulheres sentem-se inibidas a declarar abertamente os gastos com cuidados estéticos, talvez temendo algum tipo de julgamento moral por parte da sociedade mais ampla. Além do mais, muitas mulheres não incluíram o valor da mensalidade de R\$ 270,00, ou por serem funcionárias da Cia Atlética (o que as desobriga do pagamento da mensalidade), ou por terem a academia paga pelo marido.

Outras declararam um valor bem abaixo do verdadeiro, fato que foi percebido durante as entrevistas gravadas, pois, a maioria delas, recorre a serviços como drenagem linfática, que custa em média R\$ 70,00 e que é feita semanalmente por muitas mulheres da amostra. Outras declararam gastar entre R\$ 410,00 e R\$ 800,00, mas comentaram com a pesquisadora terem feito aplicação de *botox* (substância que paralisa os músculos da região da face, evitando contrações musculares e, portanto, rugas), que custa R\$ 780,00, ou que compraram cremes

faciais como La Prairie, feito à base de caviar beluga e que custa por volta de R\$ 1.200,00. A maioria também faz uso de cosméticos que prometem inibir a celulite, que em geral, são caros, ainda mais se forem de grife.

Assim, ainda que possamos agrupar os valores declarados em três faixas, para melhor visualização – de R\$ 410,00 a 1.100,00 reais, 30% das entrevistadas; de R\$ 1.100 a R\$ 2.000,00, 34% e acima de R\$ 2.000,00, 17%- devemos levar em conta que provavelmente, a maioria da amostra pesquisada gasta bem mais com cuidados estéticos do que o declarado¹⁵.

b) ANALISANDO E CORRELACIONANDO OS INDICADORES

Uma vez estabelecidos os indicadores centrais, era preciso ver as relações entre eles e, na medida do possível, esboçar uma interpretação das mesmas. O trabalho de analisar os dados e ordená-los fez emergir as seguintes correlações:

- Renda e Faixa Etária.
- Renda e Exercício da Profissão.
- Renda e Escolaridade.
- Escolaridade e Desemprego
- Renda e Não Exercício da profissão.
- Renda, Estado Civil e Exercício da Profissão.

¹⁵ A revista “Veja São Paulo” de 03 de julho de 2002 divulgou como matéria de capa que algumas mulheres gastam entre R\$ 6.000,00 e 15.000,00 por mês para manter a boa forma. Os rituais de beleza destas mulheres (que chegam a somar 6 horas diárias) incluem banho de imersão de leite de cabra para manter a pele clara e jovem, lavagem dos cabelos semanal em salão com água mineral importada, aplicações de *laser* para estimular a produção de colágeno, academia, *personal trainer*, terapia ortomolecular, sessões de massagem, entre outros. Se levarmos em conta a alta renda e a inserção social das mulheres pesquisadas para o escopo do presente trabalho, a pesquisadora acredita que muitas das entrevistadas encaixam-se no perfil da reportagem acima citada.

Gráfico 8 - Distribuição segundo renda e faixa etária

Observando-se os dados referentes à renda e à idade, pode-se perceber que tanto a faixa (indicada pela cor ameixa) que vai de R\$ 2.601,00 a 5.000,00 quanto acima de R\$ 5.000,00 correspondem às mulheres que estão na faixa de 29 a 39 anos.

Ainda com renda superior a R\$ 5.000,00, temos também uma parte expressiva (indicada pela cor amarela) que corresponde à faixa etária entre 40 e 50 anos e 51 e 61 anos (azul).

Levando-se em consideração que o ingresso no mercado de trabalho se dá, para a classe média-alta e alta, por volta dos 20 anos, e que ainda para a mulher a aposentadoria por idade acontece a partir dos 55 anos, as faixas com maior concentração de renda decorrem do exercício da profissão, configurando-se assim o nosso próximo item de análise.

Gráfico 8 - Renda de quem está profissionalizada

De fato, comprovou-se que entre os 67,5% das que trabalham, 72% ganham acima de R\$ 2600,00. As atividades profissionais mais citadas por estas mulheres foram:

Professora de Educação Física: 9; Professora: 6; Veterinária: 2; Publicitária: 2, Psicóloga: 2 e Administradora de Empresas: 2.

As demais foram: esteticista, empresária, corretora de imóveis, nutricionista, médica, arquivista, advogada, procuradora do Estado, gerente de importação, fisioterapeuta, lingüista, economista, artista plástica e jornalista.

Gráfico 9 - Renda das entrevistadas com nível superior

Gráfico 10 - Renda das entrevistadas com nível médio

Podemos ver que, comparativamente, os gráficos não indicam mudanças profundas na relação entre renda e escolaridade. Se for verdade que aquelas com nível superior (59%)

ganham acima de R\$ 5000,00, também é verdadeiro que a diferença quanto à renda entre estas e as que têm apenas ensino médio (49%) é de apenas 10%.

Gráfico 11 - Nível de escolaridade apenas entre as desempregadas

Se considerarmos apenas os 33% de entrevistadas que não ingressaram ou não permaneceram no mercado de trabalho, podemos ver que 21 mulheres, ou seja, 77,8%, são mulheres que possuem ensino superior, indicando que a falta de escolaridade não é determinante para o ingresso destas mulheres no mercado de trabalho.

Então, o que poderia explicar o fato destes 33% não estarem no mercado de trabalho? Uma das possíveis explicações deve-se as questões de gênero e estado civil – a mulher “opta” por deixar seu emprego para dedicar-se às funções de mãe e esposa. Ainda assim, a renda de quem não exerce a profissão é alta, como veremos a seguir.

Gráfico 12 - Renda de quem não exerce a profissão

A pesquisa indicou que 70% das mulheres que não estão trabalhando desfrutaram de renda superior a R\$ 5000,00, sendo, portanto mais elevada a porcentagem das mulheres que trabalham e obtém a mesma renda (que é de 51%).

Como entender então que 89% das mulheres que têm renda entre R\$ 2600,00 e 5000,00 (19%) e acima de R\$ 5000,00 (70%) estão fora do mercado de trabalho?

Diversas variáveis podem ser indicadas quanto a esta questão: duas entrevistadas (Mulheres 4 e 16) declararam a renda da família e não as suas individuais, e como são de famílias abastadas, justifica-se a renda declarada. A idade contribui também, pois três mulheres estão na faixa etária de 18 anos, sendo, portanto, bastante jovens; além do mais, pertencem a uma classe social economicamente favorecida e podem se dar o luxo de apenas estudar, postergando o ingresso no mercado de trabalho.

Outras, independentemente do estado civil ou da escolaridade, têm renda de aposentadoria e/ou herança de família.

No entanto, se considerarmos as 27 entrevistadas que não ingressaram ou não permaneceram no mercado de trabalho e/ou que têm renda elevada, 21 delas, ou seja, 77,77%, são mulheres que têm companheiro, indicando que as questões de gênero e estado civil interferem na opção¹⁶.

Gráfico 13 - Distribuição de renda entre mulheres com companheiro

Gráfico 14 - Distribuição de renda entre mulheres sem companheiro

¹⁶ Para os limites deste trabalho a discussão será apenas apontada, não constituindo nem o cerne, nem os objetivos desta pesquisa.

Se analisarmos os dados referentes à renda X casada, podemos perceber que entre as mulheres com companheiros, as duas maiores faixas salariais correspondem a 62% das que ganham acima de R\$ 5000,00 e 23% das que ganham entre R\$ 2600,00 a 5000,00, totalizando 85% de mulheres casadas com renda alta.

Já para as mulheres solteiras, a faixa das mulheres que ganham acima de R\$ 5000,00 corresponde a 60% e 15% ganham entre R\$ 2600,00 a 5000,00, totalizando 75% de mulheres sem companheiro com renda nas faixas descritas acima.

A diferença entre os dois grupo é pequena, totalizando 10% a mais de renda para as que têm companheiro.

Restava-nos, por fim, indagar como o estado civil interfere na inserção feminina no mercado de trabalho.

Gráfico 15 - Relação entre estado civil e mercado de trabalho

Gráfico 16 - Renda entre as casadas que não trabalham

No que se refere à relação entre trabalhar ou não e ter companheiro, percebemos que um terço das mulheres (37%) estão casadas e não trabalham, enquanto que 63% estão casadas e trabalham.

Do total de 37% de mulheres que são casadas e não trabalham, 94% têm renda acima de R\$ 2600,00.

É claro que, nos limites deste trabalho, não é possível analisar em detalhes a influência do estado civil sobre a inserção profissional, nem explicar a alta renda das mulheres casadas e desempregadas. Nosso intuito é traçar um esboço das variáveis que nos permitam conhecer um pouco do universo de nossas pesquisadas.

No entanto, é fato que a “opção” por não trabalhar relaciona-se com o estado civil e com a renda declarada, seja familiar, seja advinda da própria condição de classe destas

mulheres. Nos depoimentos percebemos também que se configura, para boa parte delas, uma situação de dependência econômica do marido.

São questões delicadas, primeiro porque as discussões sobre o gênero não são consensuais, gerando inúmeras polêmicas e debates entre os que se enveredem por elas¹⁷; e segundo, porque as próprias mulheres entrevistadas se posicionam de maneira ambígua sobre a relação entre estar casada e não trabalhar.

Embora haja pouco consenso entre as várias linhas de pensamento que abordam a questão do gênero, alguns pontos parecem comuns a diversos autores (embora as soluções propostas possam ser totalmente divergentes), podendo ser emprestados a esta discussão.

Em primeiro lugar, falar em gênero remete necessariamente ao poder, ou nas palavras de Saffioti: *"O poder/prestígio é distribuído/conquistado na luta cotidiana dos diferentes contingentes humanos na base da contradição entre as classes sociais, do antagonismo entre raças/etnias em presença e dos interesses opostos de homens e mulheres gerados pela organização social de gênero"* (Saffioti, 1997: 142).

Em segundo lugar, a construção das diferenças de gênero interfere diretamente na situação econômica feminina, criando entraves para que a mulher possa se inserir no mercado de trabalho com maior representatividade numérica (o trabalho feminino foi cerceado ao longo dos tempos) e financeira (as mulheres ganham em média menos do que os homens, mesmo quando ocupam cargos iguais). Outro enclave para a relação feminina com o mundo do trabalho refere-se a fatores de ordem cultural, uma vez que sobre homens e mulheres constroem-se representações diversas, associando-se, comumente, a mulher ao universo da casa, do lar; e os homens ao universo da rua e do trabalho.

Este enclave leva-nos ao terceiro ponto, expondo mais uma das divergências nos estudos sobre o gênero: onde se situaria a causa primeira das diferenças entre homens e mulheres?

Mais uma vez, as opiniões são divergentes. Diversos autores tentaram explicar as diferenças entre homem e mulher calcando-as no sexo, entendido aqui como resultados de conformação genética, colocando as discussões no terreno da biologia. Mas, como afirma Rameck (2001), estas teses não se sustentam frente aos estudos pautados nos modelos de criação e socialização, que reforçam a noção de que gênero é, antes de tudo, produto de construções sociais, ou, como diria Chodorow (1978), *"a criação de seres heterossexuais e*

¹⁷ Agradeço á pesquisadora Maruska Freire Rameck por ter chamado a atenção para as discussões sobre gênero, bem como por ter indicado valiosas sugestões bibliográficas., incluindo sua tese de doutorado, Dinâmicas da voz e do gênero: uma questão de poder, Puc, 2001 (indicação completa na bibliografia).

com identidades de gênero deve-se a um processo social extremamente complexo e profundamente não natural” . Graças às relações de gênero, as diferenças entre homens e mulheres são profundas: “As capacidades e orientações que descrevi (de matronagem) devem ser construídas no interior da personalidade; elas não são comportamentais. As capacidades das mulheres para maternar e suas habilidades para retirar disto gratificação são fortemente internalizadas e psicologicamente reforçadas, e são construídas, ao longo do processo de desenvolvimento, no interior da estrutura psíquica feminina” (Chodorow, 1978: 39, apud Saffioti, 1992: 188, 190).

Esboçados os enclaves que nos interessam diretamente, falta-nos perceber como as entrevistadas lidam com a associação ter companheiro/não-trabalhar/ (que corresponde 37%). Vamos então nos deter agora sobre a fala de algumas mulheres:

“Não, agora não trabalho mais. Eu fui professora de Educação Física, formada pela PUC. Mas quando eu tive o meu filho eu parei, foi uma opção”(Mulher 14, 34 anos)

“Não, no momento não trabalho, eu era dentista. Só cuido dos meus filhos”(Mulher 47, 40 anos)

“Agora não trabalho. Eu me casei, tive filho e aí preferi não trabalhar fora. Como sou artista plástica, ainda faço peças em casa, mas mais como hobby” (Mulher 70, 30 anos)

“Não trabalho. Trabalhei quando me formei né, fiz enfermagem na PUC de Campinas, aí eu trabalhei lá cinco anos, depois casei, vim pra cá, parei de trabalhar para cuidar de marido, de casa e de filho”(Mulher 36, 45 anos)

“Sou do lar, já trabalhei” (Mulher 65, 61 anos).

Para estas mulheres, bem como para outras da amostra, o casamento foi um divisor de águas na opção por não trabalhar, variável mais importante do que a escolaridade, contrariando a afirmação de Saffioti de que mulheres escolarizadas e/ou competentes profissionalmente dificilmente abandonam o seu emprego quando se casam ou têm filhos (Saffioti, 1979: 358).

Tais mulheres incorporaram a idéia de que com o casamento devem se ocupar das atribuições domésticas de mãe e esposa. Na verdade, a questão é ainda mais complicada, pois como vimos na perspectiva de Chodorow (1979), a organização social de gênero afeta, por conseguinte, os processos e estruturas psíquicas inconscientes. As mulheres citadas aderiram às representações de gênero da mulher organizadora do lar e mãe zelosa.

Cabe lembrar que os papéis correspondentes tanto às mulheres quanto aos homens só podem ser entendidos dialeticamente: “A lógica que preside à operação das relações de gênero é dialética”, pois “reflete concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres” (Saffioti, 1992: 193).

A dialética sustenta o eixo analítico de Saffioti, que se propõe a ver “o sexo enquanto fator de estratificação social que ao mesmo tempo exprime e nega as relações de produção (...)” (Saffioti, 1979: 356).

A autora assinala que a mulher na sociedade de classes capitalista oscila entre aderir aos papéis construídos (e ao *status* associado ao segundo – que Saffioti chamou de “*status* reflexo do marido”) de “mulher economicamente ativa” ou como “mãe de família [ou ‘dona-de-casa] ‘ociosa’ (do ponto de vista do sistema dominante de bens e serviços), que goza do *status* reflexo do marido” (idem, *ibidem*: 356).

É preciso, no entanto, em virtude da peculiaridade da amostra, dar um novo sentido à expressão “mãe de família [ou dona-de-casa]”. As mulheres da amostra pertencem à classe média-alta ou alta e não assumem exatamente as funções do lar, como lavar e passar roupa, fazer a faxina da casa e cozinhar. Elas atuam mais como uma espécie de governantas de suas próprias casas. Explicando melhor, devido à sua posição de classe favorecida economicamente, cabe no orçamento familiar a contratação de empregadas domésticas, passadeiras, cozinheiras e babás. Assim, as mulheres pesquisadas, mais do que realizar os trabalhos, os supervisionam, verificando sua eficácia no andamento do lar. Quando assumem alguma função delegada às empregadas, como cozinhar ou organizar itens e aspectos da casa (como por exemplo, as roupas no armário), o fazem menos por necessidade do que por demandas do gênero. Espera-se delas que continuem zelando pelo lar, pelo maridos e filhos, atestando assim sua capacidade em manter a harmonia e o funcionamento do lar.

Mas numa época em que vigoram as tiranias da aparência, ser “apenas” boa mãe e esposa não basta, cabendo às mulheres se adequarem aos padrões estéticos estabelecidos, como veremos nos próximos capítulos¹⁸. Assim, parte do prestígio social da mulher advém de sua aparência e parecido com o que Saffioti afirmou, mas, invertendo os termos, os homens também se beneficiam da imagem física de suas esposas ou companheiras, configurando uma atitude de *status* reflexa: o embelezamento das mesmas confere prestígio ao homem, pois ao circular com elas nos meios sociais que cobram beleza, eles se afirmam como viris

¹⁸ Em especial Capítulos 4 - (A noção de belo: referências históricas e noções de beleza para as mulheres pesquisadas.), 5 (O culto ao corpo: Produção de si mesmo, estetização da vida cotidiana e espetáculo.) e 6 (A Polisssemia do Corpo.)

(conquistaram e mantiveram mulheres bonitas), bem sucedidos (capazes de manter economicamente a casa e ainda permitem que a mulher possa “se cuidar”- e “se cuidar” será interpretado pelas mulheres como “estar bonita”). Vejamos como as mesmas mulheres que falaram da opção por não trabalhar em razão do casamento comentam o peso da beleza:

“Meu marido paga minha academia (...) Porque quando você está bem fisicamente, você coloca uma roupa, fica melhor, o teu marido te elogia (...). Meu marido me dá total apoio, porque é bom também pra ele ter uma mulher bonita ao lado, todo mundo gosta”
(Mulher 14, 34 anos)

“Muito, muito, é ele que fica falando: ‘a sua perna tá flácida, precisa fazer mais exercício com a perna, bumbum tá caindo e tal ... ele fica falando’. Sempre. Se gosta um pouco ele dá um toque também, tá sempre preocupado. O meu marido me cobra muito. Principalmente pelo fato de eu não trabalhar, então ele acha que eu tenho a obrigação de estar me mantendo bem, fazendo ginástica, vindo direto na academia” (Mulher 47, 40 anos)

“No começo, eu acho, quando é novo, quando conhece, vê primeiro a aparência, a estética”(Mulher 36, 45 anos)

“Meu marido gosta de me ver sempre arrumada e cobra de mim atividade física, até paga minha academia. Qual homem não gosta de estar com uma mulher bonita?”
(Mulher 70, 30 anos)

Em todos os casos mencionados acima, a academia é paga pelo marido. Nestes casos, se a mulher “dona-de-casa” usufrui da renda aferida pelo marido, ela também ingressa/permanece na relação com outros capitais – todos eles construídos culturalmente e nas relações de gênero: as aptidões para ser boa mãe, administrar a casa e ser bela, pois a beleza se tornará, como veremos, um dos capitais simbólicos¹⁹ da mulher contemporânea.

Não se pretende dizer com isso que a importância da beleza é necessariamente maior para as que não trabalham, pois, como será visto no capítulo 5.1.2 (em especial, item “e) Competição e Cobrança Social”), ela se disseminou pela sociedade de modo a influenciar as mulheres das classes média-alta e alta de uma maneira geral. O que se afirma é que se desejamos traçar um perfil sócio-econômico das mulheres pesquisadas, temos que salientar que por causa dos mecanismos de gênero e pela cultura – já que as relações de gênero devem ser pensadas também na esfera da cultura- , cuidar do físico é fundamental para a obtenção de signos de prestígio que a elevem na esfera social e que, ao mesmo tempo, alimentam as

¹⁹ Ver discussão no subitem 5.1.2 -b).

relações de gênero ao estabelecer a beleza, a feminilidade e o poder de sedução como armas femininas.

A título de resumo, segue uma breve sistematização dos dados que caracterizam a nossa amostra. Podemos afirmar que as principais características do público entrevistado são:

- 1) a maioria (63%) é composta de mulheres da faixa etária entre 18 e 39 anos, seguida logo após por 20% que compreende a faixa etária entre 40 e 50 anos.
- 2) 75% delas têm companheiro ou convivem maritalmente e 52% da amostra têm um ou mais filhos.
- 3) 89% têm nível superior, bem como 18% cursam pós-graduação, indicando alto nível de escolaridade no universo pesquisado.
- 4) 2/3 da amostra (67,5%) exercem profissão.
- 5) 83% ganham acima de R\$ 2.600,00 reais por mês, sendo que desta porcentagem, 62% correspondem às entrevistadas com renda superior a R\$ 5.000,00.
- 6) Do total de 33% das entrevistadas que estão fora do mercado de trabalho, tal opção justifica-se mais por questões de gênero do que pela escolaridade, que como vimos, é elevada. Pode-se dizer que faz parte do estilo de vida destas mulheres abastadas que elas se dediquem às funções de governanta da casa e mãe, delegando ao companheiro a função de prover economicamente o lar.
- 7) Mesmo entre as desempregadas, a renda familiar declarada é alta, sendo que 94% delas afirmou renda mensal acima de R\$ 2.600,00.
- 8) Já se delineia que para as mulheres entrevistadas o cuidado com a aparência é importante, não só para a auto-estima, mas também em termos de *status*, pois a beleza se configurará como um capital simbólico.

Uma vez esboçado o universo com o qual estamos lidando, falta-nos contextualizá-lo historicamente, bem como compreender que, como salientou Rodrigues, “*o corpo é socialmente concebido, e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular (...)*” (Rodrigues, 1983: 44, 63).

É preciso investigar, portanto, como a estrutura social e a cultura imprimem-se no corpo, caminho este que traçaremos em seguida.

2.2.3 - POR UMA ANTROPOLOGIA DO CORPO.

“Nós não temos um corpo, nós somos um corpo”.

(Lígia A. Amaral)

Desde 1990, a questão da corporalidade e das representações que o corpo suscita são meus objetos de reflexão. Durante a graduação, analisei como pessoas portadoras de deficiência física pensavam seus corpos e se relacionavam socialmente²⁰. No mestrado, verifiquei como o cinema internacional veicula a deficiência física congênita e, desta forma, constrói representações sobre o corpo de pessoas portadoras de deficiências²¹. Nestes trabalhos, pude perceber que um dos modelos mais vigorosos de constituição corporal do Ocidente era o espelhado pelo corpo grego, cujas principais marcas de perfeição diziam respeito à beleza e à funcionalidade. Desta forma, a deficiência estampada no próprio corpo negava um padrão de Humanidade tido como ideal, instaurando uma desordem tanto no que diz respeito à estética, quanto à funcionalidade. Ela marcava sua presença na constituição física – portanto, no plano da natureza - do indivíduo e impunha uma desordem no plano da cultura, pois, como vimos, este "corpo ideal" é consequência de um processo cultural. E é sobre este corpo diferente e apreendido como desigual que se fundam o preconceito e o estigma. Além disto, com a explosão da cultura do corpo a partir de 1980, a imperfeição do corpo marcado por uma deficiência se torna ainda mais visível. Foi justamente no embate destas duas corporalidades tão distintas que nasceu a idéia de investigar o outro lado da moeda, ou seja, avaliar os significados inerentes a um tipo de corpo específico que a sociedade atualmente fabrica, que é o corpo feminino perfeito.

A opção de refletir sobre as representações corporais não é nova na Antropologia. O corpo sempre constituiu um fecundo campo teórico desta disciplina, sendo objeto de reflexão de autores como Marcel Mauss, que, em trabalhos clássicos como As Técnicas Corporais (1974) e A Noção de Pessoa (1974), nos chama a atenção para as várias maneiras possíveis por meio das quais cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo, bem como da fabricação de máscaras sociais que se sobrepõem ao indivíduo. Segundo ele, é através da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos: *“adestram-se as crianças (...) a dominar reflexos (...) inibem-se medos (...) selecionam pausas e movimentos (...) A educação da criança está cheia do que chamamos detalhes, mas que são essenciais. Quantidade de detalhes, não*

²⁰ Ver Berger, Mirela; Gonçalves, Cristiane e Montanari, Patrícia- “Quando o espelho não reflete: alunos portadores de deficiências na Usp”, relatório final, CECAE/USP, 1991.

²¹ Ver Berger, Mirela – A Projeção da Deficiência, Dissertação de Mestrado, PPGAS, USP, 1999.

observados, e dos quais é necessário fazer a observação, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos.” (Mauss, 1974: 221).

Mauss alertava para a premente necessidade de se fazer o inventário e a descrição de todos os usos que os homens, no curso da história e principalmente em todo o mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos. Para ele, os limites da dor, da excitabilidade, da resistência são diferentes em cada cultura. Sua premissa básica é que o homem, sempre e em toda parte, soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações. A sociedade fabrica, de acordo com épocas e lugares, estereótipos e modelos de comportamento que se inscrevem no corpo.

Sobre o corpo, já apreendido como algo no domínio da cultura, serão impostas **técnicas corporais** (Mauss, 1974), ou seja, atos tradicionais e eficazes que combinam elementos biológicos, psicológicos e socioculturais, sem que os próprios agentes e objetos tenham sempre consciência disto. Rodrigues (1983) reforça esta tese assinalando que o corpo humano é permanentemente afetado pela ocupação, religião, estrutura de classes, grupo familiar e outros fatores da cultura, ainda que seus usos apareçam em nossa consciência como naturais. Este autor pretende demonstrar que a estrutura social encontra-se simbolicamente impressa no corpo, e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa: *“Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário destas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar na superfície dos corpos, as profundezas da vida social”* (Rodrigues, 1983: 44).

Por esta via, entendo o corpo não apenas como um produto da cultura, mas também como um dos *lócus* privilegiado de reflexão e produção da própria cultura. O presente trabalho caminha também na direção proposta por Mauss, elencando as percepções corporais da mulher urbana pós 1990 e as **técnicas corporais** por elas utilizadas.

O corpo é um reflexo da sociedade que articula significados sociais e não apenas um complexo de mecanismos fisiológicos; assim sendo, é impossível pensar o corpo sem considerar a pluralidade de sentidos que ele engloba. Ou, para citar novamente Rodrigues, *“Inspirado no seu próprio corpo, o homem concebeu relações entre os astros, as estações, as coisas, os animais e os deuses; reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas que conosco se relacionam um dos diversos indicadores da nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função deste atributo. Vemos, no nosso próprio dia-a-dia, o corpo se tornando cada vez mais carregado de conotações: liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; cultivado higiênica, dietética e terapêuticamente; objeto de obsessão de juventude, elegância e cuidados”* (idem, *ibid*: 46).

Segundo o autor, “*arranhando, rasgando, perfurando, queimando a pele, imprimem-se cicatrizes signo que são formas artísticas ou indicadoras de status (...)*” (Rodrigues, 1983: 63). Cada uma destas práticas se explica por uma razão específica, dada pelo contexto sócio-cultural em que foram produzidas, que pode ser ritual ou estética, indicando ritos propiciatórios, marcas tribais, signos de *status* social, ritos de passagem, entre outros.

Diversos outros antropólogos privilegiaram o corpo em seus estudos, mostrando-nos que toda sociedade utiliza-se de formas específicas de marcar o corpo de seus membros. Clastres (1988) mostrou como nas sociedades primitivas o corpo tinha o *status* de uma escritura, já que as normas sociais eram inscritas nele. Assim, a tortura corporal servia como um ritual de iniciação e como um modo de gravar na pele e na memória dos iniciados os ensinamentos sociais. A marca corporal funcionava como um sinal de que aquele jovem era plenamente membro da aldeia e que não poderia se esquecer disto, já que trazia no próprio corpo uma marca inscrita pela sociedade: “*Na exata medida em que a iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal, esta se exprime – se é que podemos dizê-lo – no silêncio oposto ao do sofrimento. Entretanto, depois da iniciação, já esquecido todo sofrimento, ainda subsiste algo, um saldo irrevogável, os sulcos deixados no corpo pela operação executada com a faca ou a pedra, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: no ritual iniciatório, a sociedade imprime sua marca no corpo dos jovens. Ora, uma cicatriz, uma marca, são indelévels (...) A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória.*”(Clastres, 1988: 128).

Michel Foucault (1987) mostrou como o corpo também se configurava como o substrato onde se inscrevia a lei. A tortura, que incluía a marcação com ferro em brasa no corpo dos condenados, visava tornar marcado e visível o mal que ele havia cometido. Foucault também enfatiza que a sociedade capitalista, em função do adestramento para o trabalho, faz um rigoroso controle dos corpos de seus membros. Sendo assim, as técnicas corporais evidenciam a presença de montagens fisio-psicológicas através de uma série de atos e marcas, que são inscritos no corpo pela sociedade e que evidenciam o seu poder, fazendo com que o corpo esteja mergulhado num campo político, econômico e cultural

Seeger (1979) salientou que é impossível pensar em uma antropologia das sociedades indígenas do Brasil sem levar em conta as categorias de espaço, tempo e pessoa. Ele nos lembra que a originalidade das sociedades tribais brasileiras reside na elaboração de uma noção de pessoa calcada na **corporalidade**. Segundo ele, as etnografias precisam se reportar

aos modos como cada sociedade lida com o corpo de seus membros e os elabora como uma construção social. Viveiros de Castro (1979) compartilha da posição de Seeger ao mostrar como se dá a fabricação do corpo na sociedade xinguana e como este processo é a base de todo um complexo sistema de construção de identidades onde o corpo figura como matriz e fonte de significado.

Entre as mulheres pesquisadas, estas questões ficam muito evidentes. Para quem observa de fora as práticas corporais das frequentadoras da Cia Atlética, pode parecer futilidade ou falta do que fazer dedicar tantas horas à malhação e a outros cuidados com cabelos, rosto e corpo. Mas, para as próprias mulheres, trata-se de colocar em prática mecanismos de construção da identidade, e esta não pode ser considerada abstraindo-se as questões estéticas. Malhar e cuidar da aparência, para o grupo pesquisado, fazem com que as mulheres se identifiquem e identifiquem as outras como membros de uma espécie de clã, no qual a **forma física** apresenta-se como **referencial classificatório**. Trata-se, portanto, de uma questão de identidade e de apreensão moral: numa sociedade onde o corpo malhado apresenta-se como objeto de adoração e classificação, não possuí-lo é não estar inserido. E mais, como veremos, sobre o corpo não malhado recairá um estigma e uma culpa, já que um dos pilares da ideologia do corpo perfeito recai no esforço individual. Assim, como reforça Eckert (1995), “*Os corpos se inserem numa vasta teia de representações, ideologias e concepções morais*” (Eckert, 1995: 165). Esta autora cita Merleau-Ponty: “*Operador sine Qua non de todas as práticas sociais, o corpo é projeto sobre o mundo*” (Merleau-Ponty, *apud* Eckert, 1995:21). O corpo será assim como uma tela, o lugar da visibilidade de códigos de conduta, de regras estéticas e do próprio gosto cultural das mulheres pesquisadas.

Neste sentido Queiroz e Otta (2000) afirmam que “*o corpo e os usos que dele fazemos, bem como as vestimentas, pinturas e ornamentos corporais, tudo isso constitui, nas mais diversas culturas, um universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos, cujo estudo favorece a compreensão da natureza da vida sociocultural.*” (Queiroz e Otta, 2000: 19).

Certeau (1994) enfatiza estas conexões entre corpo e sociedade. Segundo ele, as gramáticas sociais do poder induzem ou obrigam as pessoas a corrigir um excesso ou *déficit* corporal, sendo que as atividades de extração ou contenção remetem a um código que mantém os corpos submetidos a um ideal ideologicamente construído.

É assim também que determinados tipos de produtos postos à disposição do público, graças a uma bem sucedida estratégia de *marketing* comercial, modelam igualmente os corpos, impondo-lhes uma forma e um tônus que têm o valor de uma carteira de identidade.

Esta é uma outra forma de fazer com que os corpos se tornem um espaço de escrituras visíveis às diversas formas sociais e indicativos de pertencimento a grupos específicos. Como vimos, Clastres (1988) nos mostra que nas sociedades primitivas a modelagem do corpo tem como objetivo verificar a resistência pessoal e demonstrar um pertencimento social: é sobre o corpo que a lei é escrita, ou seja, o corpo físico atuará como memória do corpo social. Acredito que nas sociedades contemporâneas, e neste caso específico, no Brasil, este **culto ao corpo**, que trabalha no sentido de amoldá-lo a alguns padrões pré-estabelecidos, também evidencie **pertencimentos sociais**, defina visões de mundo de grupos específicos e estilos de vida²² aos quais se tenta aderir para se obter reconhecimento social, como veremos mais adiante.

Além disto, se hoje boa parte da construção da identidade parece passar por um corpo magro, malhado, jovem, como ficam as mulheres que não aderem a estas lógicas? Como elas se vêem e são vistas pela sociedade mais ampla? Como lidam com regras culturais que definiram padrões muito específicos de beleza?

Para além de conhecermos mais a fundo os padrões corporais marcantes no Brasil, enquanto antropólogos devemos nos perguntar o que está por trás da busca deste corpo considerado saudável e bonito, questionando certos modelos que, antes de serem “naturais” ou “individualizados”, são **produzidos pela sociedade**, e atingem uma coletividade. Mauss já nos alertava para o fato de que nosso corpo não foge a uma dupla ordem de fenômenos, pertencendo ao mesmo tempo à natureza e à cultura. Embora a busca de um padrão corporal dependa do indivíduo, de sua disciplina e força de vontade, como toda técnica corporal é obra da razão prática coletiva.

São diversas as questões antropológicas que podemos evocar nesta época de culto ao corpo. Percebo, entre elas, que talvez nas últimas décadas estejamos vivendo embates entre os padrões fisiológicos do corpo e os culturais. O biótipo ideal das brasileiras, embora marcado pela diversidade, tem caminhado bastante para a magreza. O padrão de distribuição da gordura corporal pode ser determinado calculando-se a razão entre a medida da circunferência da cintura e a da circunferência do quadril (RCQ), sendo que esta taxa exhibe variações de acordo com a procedência da pessoa: européia, asiática, africana ou sul-americana. Entre as mulheres européias, esta taxa é maior devido à estatura e a configuração corporal (quadris mais estreitos); já entre as brasileiras, é menor, já que nosso biótipo é caracterizado por mulheres mais baixas e de quadris mais largos. Ou seja, é biologicamente impossível igualar o padrão corporal destas mulheres. Até aqui, nenhum problema, não fosse o fato de que boa

²² Segundo Siebert (1995), “‘estilo de vida’ é a maneira dos homens produzirem, cotidianamente, sua existência social, dos modelos de consumo às formas de organização do lazer e das relações interpessoais. Todo este conjunto é condicionado pelos valores e pelas normas culturais dominantes” (Siebert, 1995: 19)

parte das brasileiras está tentando ficar cada vez mais magra, fazendo o (im)possível para se aproximar dos padrões europeus, que são os mais presentes nos editoriais de moda **brasileiros!**

A preocupação estética de uma classe significativa de mulheres, ainda mais no que diz respeito ao modelo do corpo excessivamente magro, está deixando de ser um problema que possa constituir uma preocupação apenas individual e ocasional, a ponto de se transformar inclusive num problema muito mais amplo, com implicações na saúde²³.

O estudo aprofundado da junção entre a fabricação deste corpo pelas mulheres, os modelos corporais produzidos pela sociedade e o papel da mídia neste processo, pode revelar muito sobre os modelos corporais do nosso tempo e, ao nos questionarmos sobre algo que nos é veiculado como “natural”, podemos lançar luzes sobre as vantagens e desvantagens desta “estética da fome” e de outros modelos corporais presentes em nossa sociedade.

Desta forma, algumas questões se colocam e podem ser respondidas por uma investigação que busque compreender como as mulheres pós 1990 constroem sua identidade e que modelos corporais exercem influência sobre este processo. O que é ser pessoa entre as mulheres com poder aquisitivo no Brasil? Ocorrem variações deste modelo entre as classes sociais? Quais os modelos arquitetônicos corporais que a nossa sociedade produz? No que eles se baseiam? Qual o papel dos meios de comunicação de massa neste processo? Como a antropologia visual pode nos auxiliar no entendimento desta proliferação imagética de corpos magros e de suportes para alcançá-los, presentes nos meios de comunicação e na sociedade mais ampla? Será que esta maior preocupação com o corpo pode estar relacionada com a expansão dos processos de gravação da auto-imagem, como a fotografia, os vídeos “caseiros”, entre outros? Como e porque entender a proliferação de revistas ligadas à estética? Estas são algumas das questões que a tese visa decifrar.

Também é importante ressaltar que o corpo está no centro de numerosas discussões em curso na atualidade. Tenho percebido que a cada ano se amplia no Brasil o número de publicações não científicas sobre a questão do culto ao corpo e, principalmente, a respeito de seus templos preferenciais, ou seja, as academias de ginástica e as clínicas de estética e cirurgias plásticas. Todos nós conhecemos pessoas que eram sedentárias e despreocupadas com a estética e que de um tempo para cá se tornaram “malhadoras”. Também temos contato com pessoas que sofrem de distúrbios de alimentação (como a anorexia nervosa e a bulimia).

²³ No Jornal Nacional de 12/10/2000, saiu uma reportagem sobre os danos que dietas rígidas provocam na memória e no raciocínio, afirmando que uma semana de dieta rígida pode causar danos cerebrais irreversíveis.

A cultura do corpo nunca esteve tão visível, mas, apesar de percebermos o que acontece em nossa volta, temas relacionados às academias de ginástica parecem fúteis para algumas comunidades científicas. Os E.U.A. são pioneiros no que se refere aos estudos sobre esta questão. São inúmeras as publicações científicas a este respeito, inclusive em revistas e jornais científicos relacionados à área de saúde, mas que contam com uma abordagem mais holística do corpo e de suas representações. No Brasil, até o início de 2000, temas relacionados à cultura física na contemporaneidade apresentavam-se como uma seara aberta por alguns núcleos de pesquisa, mas inexplorada. Somente alguns discutiam com visibilidade o tema, entre eles o grupo de pesquisa Antropologia do Corpo e da Saúde do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Neste último destacam-se as pesquisas de César Sabino – As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação, e os trabalhos de Miriam Goldemberg.

No departamento de antropologia da USP, não há nenhum grupo de pesquisa estudando o tema, mas tivemos o livro organizado por Renato Queiroz, O Corpo do Brasileiro: Estudos de Estética e Beleza(2000). No entanto, posteriormente, não surgiu nenhuma outra pesquisa no departamento sobre o tema, e creio que esta é a primeira tese que versa sobre a cultura física atual. Já em outros estados, como o Rio de Janeiro, entre 2000 e 2005 os trabalhos se multiplicaram e várias teses e livros foram defendidas e publicados, entre eles, os trabalhos de Alexander Edmonds (2002) sobre cirurgias plásticas, e outros trabalhos de Miriam Goldemberg (2002 e 2004) e Sabino (2000). Em São Paulo, destacam-se as historiadoras Mary Del Priori (2000 e 2004) e Mônica Raisa Schpun (1999), ambas do departamento de História da Universidade de São Paulo.

Acredito que este crescimento do número de publicações reflete a importância que temas relacionados ao corpo na contemporaneidade tem alcançado em várias partes do país. De temas marginais e tidos até como supérfluos, as academias de ginástica e a identidade da mulher “malhadora” hoje estão em evidência e apontam para antigas e novas lógicas que têm como suporte privilegiado o corpo e seus mecanismos de visibilidade. Talvez estejamos, como propunha Mauss (1974), contribuindo com uma parte do infinito inventário do uso que os homens fazem de seus corpos, num cenário (as academias de ginástica), até o início do século XXI, pouco explorado.

Por fim, na temática do corpo, é preciso ressaltar o magistral trabalho de Lööc Wacquant, em seu livro Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe (2002), que de uma forma literalmente visceral, propõe que a sociologia “*deve se esforçar para capturar e restituir essa dimensão carnal da existência (...) Para tanto, nada como a iniciação iniciática e mesmo a conversão moral e sensual ao cosmo considerado como técnica de observação e análise*”, ou, em outras palavras, a necessidade de tematizar “*uma sociologia não somente do corpo, no sentido do objeto (o inglês fala ‘of de body’), mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor do conhecimento (‘from the body’)*” (Wacquant, 2002: 11, 12). Wacquant inicia seus estudos num clube de boxe de um bairro do gueto negro de Chicago e vai percebendo que a reflexão sócio-antropológica a respeito do boxe deveria mostrar que a prática do esporte faz do corpo “*ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo*” (Wacquant, 2002: 32) da pesquisa, ao ponto dele, que nunca havia praticado esportes, converter-se ao boxe para melhor apreender, de dentro, a lógica do sistema.

Com este trabalho, o autor situa definitivamente o corpo no centro da reflexão acadêmica e recoloca as questões já levantadas pelos antropólogos pós-modernos, que defendem, entre outras idéias, que o pesquisador pode participar do grupo estudado e, ainda assim, manter a distância metodológica e o estranhamento fundador da disciplina. Para Wacquant, trata-se, mais do que estudar o corpo contemporâneo, fazê-lo a partir do próprio corpo, dando assim uma dimensão ainda maior à corporalidade, ela mesma transformada em objeto e método de análise.

O presente trabalho compartilha totalmente da postura adotada pelo autor e salienta a importância de uma pesquisa em que o corpo figure ao mesmo tempo como objeto e eixo catalisador das discussões.

3 - O lugar do corpo na história.

3.1 - DEFINIÇÃO DO RECORTE HISTÓRICO

“Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo. Pois o corpo é, ele próprio, um processo”

(Denise Bernuzzi de Sant’Ana)

Nosso corpo não é algo simples e que remeta exclusivamente ao domínio da biologia. Muito pelo contrário, enquanto matriz e suporte de significados ele é extremamente complexo e diversamente pensado através do tempo e da história. *“Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua”*, escreve Michel de Certeau (1982). E, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Não é possível falar do corpo sem nos darmos conta de que a concepção do que seja um corpo esteticamente perfeito é sempre uma construção cultural que varia de acordo com as diversas sociedades existentes, variando, portanto historicamente. Sant’Ana (1995) reforça que o corpo, enquanto resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, pertence menos à natureza do que a história.

Afirmar que o corpo pertence à história nos obriga a fazer uma dupla distinção: primeiro temos que levar em conta que a própria **importância** conferida ao corpo é algo que varia historicamente; e em segundo, devemos nos deter nos **sentidos** atribuídos ao corpo nas mais diversas épocas.

Embora o objeto deste trabalho seja compreender a relação entre corpo e identidade feminina no presente, somos obrigados a fazer uma breve retrospectiva histórica. De outro modo, como perceber os elementos que aproximam e distanciam o atual culto ao corpo do tratamento dado às questões corporais no passado? Fala-se hoje da crescente importância dada, por exemplo, à aparência física e aos mecanismos para tornar-se bela, entre eles, a “malhação”. Mas se a importância aumentou, é porque em outras épocas ela também se apresentava. Portanto, o que mudou? De qual forma mudou?

Contudo, antes de iniciar esta retrospectiva, é necessário estabelecer um recuo. Como salientou Lévi-Strauss, *“todas as sociedades humanas têm atrás de si um passado que é aproximadamente da mesma ordem de grandeza”* (Lévi-Strauss, 1993: 340). Podemos voltar

infinitamente na história, seja qual for o tema, e talvez mais ainda no tocante a algo tão intrínseco a nós, como o corpo. Mas parece ser um consenso na literatura especializada que um ponto de ruptura central para a compreensão do tema é a modernidade, uma vez que a ascensão do ideário e costumes burgueses marca uma profunda transformação nas relações com o corpo, como veremos mais adiante. Novamente, temos um problema inicial, referente à datação da modernidade, que oscila entre um sentido mais restrito, a passagem do século XVIII para o XIX e, um mais amplo, a partir do século XVI.

Em princípio, resolvemos o problema do recuo histórico se elegermos – com razão - a modernidade como um marco central. No entanto, como nos indica magistralmente Rodrigues (1999), a Idade Média coloca-se como referencial central para contrastar e relativizar nossas próprias convicções e sensibilidades: *“as mentalidades e as sensibilidades medievais são aquilo contra o que a cultura capitalista e, mais adiante, a cultura industrial se define. Estas culturas se posicionam diante da cultura medieval e afirmam enfaticamente para elas mesmas: isto é o que não queremos ser, isto é o que renegamos da maneira mais convicta e radical. De certo modo, a Idade Média constitui, se posso dizer assim, o outro específico da sociedade contemporânea”* (Rodrigues, 1999, grifos do autor).

Desta forma, a estratégia adotada aqui quanto ao recuo temporal está longe de traçar uma “história do corpo”, tarefa das mais ingratas, até porque esta jamais seria coesa e linear, caminhando mais no sentido de elencar alguns fragmentos de épocas e processos históricos que engendram diferentes posturas frente ao corpo, bem como de fornecer pistas para a análise do corpo enquanto objeto heterogêneo e plural, para, em seguida, traçarmos os modelos corporais das mulheres urbanas brasileiras a partir de 1990.

3.2 - IDADE MÉDIA E CORPO

*“Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social;
uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação
introduzida na coerência do mundo”*

(David Le Breton)

A Idade Média, talvez mais do que qualquer outro período histórico, concentra ao seu redor inúmeros preconceitos. Nos livros de História, com exceção dos mais recentes, ela é chamada de época das trevas (em contraposição ao Iluminismo), do dogmatismo religioso, dos povos bárbaros... Rodrigues (1999) comenta que estas acusações, longe de corresponderem à realidade, atestam mais o nosso etnocentrismo. Também se veicula a idéia

errônea de que durante aquele período, era reduzida a importância dada ao corpo e alega-se que isto se deve ao predomínio da religião, que enfatizaria os aspectos ligados à alma. No entanto, as preocupações com o corpo não estavam ausentes na Idade Média, talvez apenas recebessem outro enfoque.

Portanto, para uma melhor compreensão da cultura corporal moderna e pós-moderna temos primeiro que investigar como a Idade Média pensou questões relativas ao corpo. O primeiro ponto que salta aos olhos é que os medievais percebiam o universo de maneira absolutamente integrada, tornando difícil escolher alguns pontos para esta discussão, na impossibilidade e incapacidade de abordar todos eles. Foram privilegiados os pontos que tocavam mais diretamente aos temas da alimentação e dos cuidados corporais.

3.2.1 - AS FESTAS MEDIEVAIS E OS BANQUETES

Para Mikhail Bakhtin (1987), as festas na Idade Média eram constantes, carnavalescas e diretamente ligadas a banquetes, ou seja, à ingestão de alimentos e bebidas em maior quantidade que a ingerida diariamente. Festejava-se nos campos, nos castelos e até nas Igrejas. Nestes momentos ritualizavam-se os conflitos e dava-se margem às pulsões sexuais, à gestualidade obscena, e à comilança. O consumo de bebida era intenso, sobretudo a cerveja, localmente produzida e consumida por adultos e crianças. As festas davam o tom da existência e eram, em geral, permeadas pelo cômico. Nem a Igreja escapava: parte das festividades acontecia no interior do templo ou em suas adjacências. Segundo Rodrigues, em algumas paróquias era costumeiro comer e beber à mesa de comunhão. A própria figura de Deus era representada por um glutão insaciável, como um ser que tem fome, possuidor de uma barriga gigantesca, capaz de devorar os pecados do mundo (Rodrigues: 72).

A insolência e a irreverência marcavam o tom das festividades: “a festividade era simultaneamente todas estas coisas – encontros e desencontros, comemorações e conflitos - , mas sempre matizada por um estilo característico, estilo governado pela alegria e transbordamento” (Rodrigues, *op.cit.*: 67).

Dentre as festas mais comuns estavam as festas dos tolos, as de ridicularização do rei, as celebrações dos solstícios, as festas de casamento... Quando não havia uma festa em andamento, comentava-se sobre as passadas e preparava-se as futuras. Havia festas na cidade e no campo, na casa de ricos e de pobres e quem chegasse era bem vindo, tendo sido convidado ou não.

A hospitalidade era um traço marcante dos medievais: o homem medieval abria as portas de sua casa e dava guarida, fosse a casa ser grande ou pequena. Recebia-se aqueles que

chegavam como era possível, pois não existiam ainda lugares ou datas predefinidos para a hospitalidade. Os castelos constituíam uma espécie de *habitat* comunitário, fazendo parte das obrigações dos homens poderosos hospedar pobres, viajantes e outras pessoas que estivessem de passagem. Os cômodos mais públicos das habitações dos senhores, como as salas, estavam preparados para festas.

Era comum ao homem medieval oferecer banquetes. Rodrigues narra que em 1460 um simples negociante genovês gastou com o banquete das bodas de sua filha um terço do que custou a alimentação de toda a família (dez pessoas) durante um ano. Quando Bernardo Rucellai se casou com a filha de Piero de Médice, em 1466, estavam sentados em torno da mesa principal 170 convidados, e mais 500 espalhavam-se pelas outras mesas. Foram consumidos cento e vinte barris de vinho, três mil aves, dois mil e oitocentos pães (Heers, *apud* Rodrigues, 1988).

Bakhtin afirma que o papel das imagens de banquete no livro de Rabelais é enorme e estão elas mescladas às do corpo grotesco: “*as imagens da alimentação estão ligadas à do corpo e da reprodução (fertilidade, crescimento, parto)*”. (Bakhtin, 1987: 244). Para o autor, é comendo que o homem medieval se encontra com o mundo: “*O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais deste corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no comer que estas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas*” (*op.cit.*: 245). E mais, além de encontrar-se com o mundo através da comida, o homem medieval também via o mundo por ela, tanto que o autor afirma que o banquete é o “*enquadramento essencial da palavra sábia, dos sábios ditos, da alegre verdade*”. (*idem, ibidem*: 249). Para Bakhtin, o banquete deve ser compreendido como triunfo vitorioso e renovação, estando, portanto, relacionado com a alegria e com o prazer²⁴.

Os celeiros destinavam-se a guardar alimentos para eventualidades, nunca para apenas acumular o alimento: “*O alimento ainda não havia sido transformado numa espécie de combustível, destinado à restauração das energias utilizadas pelo organismo (...) Se existia o cuidado e, mesmo a preocupação, de acumular alimentos no celeiro (...) tal não acontecia, todavia, senão como uma espécie de previsão, ou melhor, como uma provisão para as festividades*” (Rodrigues, 1999: 139).

²⁴ A título de comparação com a época presente, ver a discussão sobre a anorexia no capítulo 6 - A Polissemia do Corpo.

Segundo Elias, “comer e beber nessa época ocupavam uma posição muito mais central na vida social do que hoje, quando propiciavam – com frequência, embora nem sempre - o meio e a introdução às conversas e ao convívio” (Elias, 1990: 74). Como vimos anteriormente, a comida fazia parte das festividades e era consumida em abundância. Mas quais eram as regras de etiqueta à mesa para o consumo da comida ofertada?

3.2.2 - O COMPORTAMENTO À MESA

Segundo Elias e Rodrigues, os quadros que retratavam pessoas à mesa, até início do século XV, mostram bem poucos utensílios, sendo comum, tanto entre ricos, quanto entre pobres, comer com as mãos ou levar líquidos como sopa diretamente da travessa à boca. Não havia garfos, a faca era o talher básico – aliás, era um instrumento multifuncional, servindo tanto para matar pessoas quanto para cortar um pedaço de carne - e também não havia pratos individuais. Utilizavam-se as mesmas facas e talheres para diferentes alimentos. Ainda que houvesse luxo à mesa entre a alta classe secular, de modo geral comer era visto como uma necessidade básica que não requeria maiores sofisticções (Rodrigues, 1999; Elias, 1990).

Os animais eram servidos inteiros na mesa, mesmo aqueles de maior tamanho, como porcos e bois. Inteiro aqui quer dizer não só não-fatiados, mas com cabeça, patas, vísceras, olhos... A tônica era fartar-se, sempre, retirando dos aparadores as comidas que agradassem o paladar, sem seguir uma ordem específica. Provavelmente, soaria estranho aos ouvidos de um medieval que ele deveria evitar a gordura ou comer moderadamente. De fato, o que aparece nos manuais de etiqueta da época são alguns conselhos, que, como ressaltam Elias e Rodrigues, soariam ingênuos frente à nova sensibilidade e à rigidez da época moderna. Segundo Elias, o conceito que orientava o comportamento social considerado aceitável na Idade Média apareceu em francês como *courtoise*, em inglês como *courtesy* e em italiano como *cortezia*. Eles estabelecem: “É assim como as pessoas se comportam na corte”. Segundo o autor, o padrão estabelecido era relativamente homogêneo e “*poderia ser chamado de simplicidade ou ingenuidade. São menos numerosas, como aliás em todas as sociedades em que as emoções são manifestadas mais violenta ou diretamente, as nuances psicológicas e as complexidades no conjunto geral de idéias. Há amigos e inimigos, gente boa e gente má, desejo e aversão*” (Elias, idem: 76). Elias acredita que a rusticidade devia-se ao fato de que isso atendia às necessidades das pessoas e que parecia importante exatamente desta forma. As orientações de comportamento eram simples e motivadas mais por sensações (como gostar ou não de algo) do que por ditames sociais, ainda que houvessem comportamentos recusados e aceitos. O autor cita alguns destes exemplos, retirados de manuais de comportamento da época:

“Um homem refinado não deve fazer barulho de sucção com a colher quando estiver em boa companhia. Esta é a maneira como se comportam na corte pessoas que se entregam a hábitos grosseiros”.

“Algumas pessoas mordem o pão e, em seguida, grosseiramente, mergulham-no na travessa. Pessoas refinadas rejeitam esta maneira rude.”

“Se um homem bufa como uma foca quando come, como acontecesse com algumas pessoas, e estala os beijos como um camponês bávaro, então ele renunciou a toda boa educação ”

(extraídos do Hofzucht, de Tannhäuser, código de comportamento)

“Os que se levantam e fungam repugnantemente sobre os pratos, como se fossem suínos, pertencem à classe dos animais do campo”

“Bufar como um salmão, comer voraz e ruidosamente como um texugo e queixar-se enquanto come – eis três coisas realmente indecorosas”

(extraídos de Ein spruch der se tische Kêrt (Uma palavra sobre aqueles à mesa).

“Não babes enquanto bebes, porque isto é um hábito vergonhoso”.

“Ouvi dizer que alguns comem sem lavar as mãos (se isto é verdade, é um mau sinal.) Que seus dedos fiquem parálíticos!”

“Não é educado enfiar os dedos nas orelhas ou nos olhos, como fazem algumas pessoas, nem introduzi-los no nariz, quando estiveres comendo. Esses três hábitos são feios.”.

(extraídos de Conenance de table).

Elias salienta que no ato de comer tudo é mais simples e são menos restringidos os impulsos e as inclinações. Nos manuais da época não foram encontradas restrições alimentares de ordem estética, apenas indicações normativas quanto ao comportamento. Mas mesmo estas, inclusive nas cortes feudais, ainda não sancionam grandes restrições às emoções e, se comparado a épocas posteriores, o controle ainda é suave.

3.2.3 - HIGIENE E IMAGENS CORPORAIS

O mesmo caráter displicente e festivo dos medievais frente à comida e às regras de etiqueta podia ser encontrado também na relação que mantinham com o banho e outros rituais de higiene. Mesmo quando alguém chegava das longas viagens, o que se reparava era o brilho ofuscado das espadas e não a poeira ou os odores.

Assim como entre os gregos, os banhos eram públicos e menos destinados à questões higiênicas do que ao prazer. É claro que se limpar fazia parte do banho, mas seu sentido ainda não era moral e nem era a função privilegiada. Eles ocorriam em média a cada quinze dias e eram coletivos. Rodrigues afirma que não havia separação entre os sexos, e os banhos romanos e medievais constituíam-se como locais privilegiados de sociabilidade, onde o corpo figurava como uma espécie de altar, onde se cultuava o prazer: *“Talvez dando seqüência à tradição romana, o banho medieval estava vinculado a uma sociabilidade lúdica e festiva, com suas distrações, dissipações e, muito freqüentemente, excessos. Os banhos eram locais onde as pessoas comiam, bebiam, deixavam-se massagear e se divertiam”* (Idem, *ibidem*: 156).

A proximidade física fazia parte do banho do mesmo modo que fazia parte de outras situações, como o próprio ambiente da casa, onde muitas vezes dormiam todos os seus habitantes num mesmo espaço, até mesmo partilhando-o com animais.

Segundo o autor, *“As casas na Idade Média não eram locais de enclausuramento, mesmo em seus interiores. Seus cômodos eram poucos, mas de natureza multifuncional. E se a compararmos às casas de hoje, poderemos afirmar com toda tranqüilidade que se destinavam a um número enorme de usuários”* (Idem, *ibidem*: 138). O conceito de íntimo não tinha o sentido de coisas a serem preservadas e sim de coisas misturadas: *“Não o sentido de ‘aquilo que se deva esconder’, mas o de ‘nada há a esconder’*.

Todo este código de comportamento gregário, nos banhos ou na mesa, não deve ser analisado como “negativo” ou “incivilizado”, como bem mostra Elias. Eles eram coerentes com a sociabilidade medieval, calcada mais na liberdade do que no controle rígido: *“O que faltava nesse mundo courtois, ou no mínimo, não havia sido desenvolvido no mesmo grau, era a parede invisível das emoções que parece hoje se erguer entre um corpo humano e outro, repelindo e separando, a parede que é freqüentemente perceptível à mera aproximação de alguma coisa que esteve em contato com a boca ou as mãos de outras pessoas (...)”* (Elias, *op.cit*: 82).

No que diz respeito aos hábitos de higiene e às imagens corporais na Idade Média, sintetizadas na obra de Rabelais, Bakhtin percebe a preponderância do que ele denominou de realismo grotesco ou grotesco popular, cujas origens se assentam na cultura popular medieval. Corpos despedaçados, valorização dos orifícios corporais, órgãos destacados do corpo, comer em excesso, deglutir, expelir excrementos e urina, nascer, parir, morrer. Nos vários personagens que Rabelais mostra em seus livros, todos são representados por imagens hiperbólicas do corpo e das funções corporais, bem como de seus orifícios. Neste contexto, soltar gases ou referir-se à genitália feminina ou masculina são prática comuns e não despertam sentimentos de pudor; pelo contrário, são louváveis, como podemos ver nestas passagens da obra de Rabelais, comentadas por Bakhtin:

“Perdida a cabeça, perece apenas a pessoa; perdidos os colhões, perecerá toda a natureza humana.”

(extraído de Rabelais, Obras, Plêiade, p. 233; Livro de bolso, vol. I, p. 217-219)

“Os órgãos genitais são as próprias pedras por meio das quais Deucalião e Pirra reconstituíram o gênero humano abolido pelo dilúvio (...)”

(extraído de Rabelais, Obras, Plêiade, p. 356; Livro de bolso, vol. III, p. 133)

Outro exemplo, retirado de uma obra de Hipócrates²⁵, em referência às virtudes do molho verde, confirma como o escatologismo medieval é rebaixado e renovado nas imagens do ‘baixo’ material e corporal:

“De trigo verde fareis belo molho verde, de ligeira cozedura, (...) o qual vos alegra o cérebro, (...) expurga a bexiga, enche as partes genitais, corrige o prepúcio, encrusta a glândula, retifica o membro; faz-vos um bom ventre, arrotar bem, soltar gases, peidar, cagar, urinar, espirrar, soluçar, tossir, cuspir, vomitar, bocejar, assoar-se, (...) e mil outras vantagens raras”

(extraído de Hipócrates, Epidemias, Primeiro Livro, p. 671)

²⁵ Bakhtin afirma que a influência da Antologia de Hipócrates sobre o pensamento filosófico e médico da época de Rabelais foi intensa, a ponto deste último realizar, em junho de 1531, um curso sobre um texto grego de Hipócrates e, nos anos seguintes, publicar duas obras do autor, acrescidas de comentários seus.

Bakhtin também afirma que o corpo humano aparece na obra de Rabelais como melhor material de construção do que pedras e rochas, como ele exemplifica com a construção das muralhas: “*as muralhas mais sólidas são as constituídas pelos ossos dos guerreiros*” (idem, *ibidem*: 273, negritos do autor)

Para o autor, o corpo que emerge do universo medieval é um corpo eminentemente social, e mais ainda, cósmico e universal: “O corpo individual está totalmente ausente da imagem grotesca vista no seu limite, pois essa é formada de cavidades e excrescências, que constituem o novo começado; é de alguma forma a passagem de dupla saída da vida em perpétua renovação, o vaso inesgotável da morte e da concepção. (...) O grotesco ignora a superfície sem falha que fecha e limita o corpo, fazendo dele um fenômeno isolado e acabado. Também, a imagem grotesca mostra a fisionomia não apenas externa, mas ainda interna do corpo: sangue, entranhas, coração e outros órgãos. Muitas vezes, ainda, as fisionomias interna e externa fundem-se numa única imagem.” (Idem, *ibidem*: 282). Rodrigues corrobora esta afirmação dizendo que aparência e interior eram indissociáveis para o homem medieval, uma remetendo à outra. Do mesmo modo que a aparência era considerada positiva por revelar tudo, o interior também devia ser visível, fosse pelas cavidades corporais, fosse pelo que era expelido delas (Rodrigues, 1999).

Além disto, não há entre os medievais separação entre o corpo e o restante do mundo: “Os corpos estão entrecruzados, misturados às coisas e ao mundo. A tendência à dualidade dos corpos afirma-se por toda parte. O aspecto procriador e cósmico do corpo é sublinhado em todos os lugares” (Bakhtin, 1987: 282).

O autor afirma que em vários episódios e imagens narrados por Rabelais, “*o ‘baixo’ corporal figurava sobretudo no sentido estrito do termo. No entanto, a boca escancarada tem também (...) um papel importante. Ela está, naturalmente, ligada ao ‘baixo’ corporal topográfico: a boca é a porta aberta que conduz ao baixo, aos infernos corporais*”. (Idem, *ibidem*: 284, negritos do autor).

Bakhtin, as figuras dos gigantes e as lendas a eles associadas, comuns nas imagens carnavalescas e nas festas populares, mesclam-se à concepção grotesca do corpo e estabelecem paralelos entre os fenômenos naturais e o relevo locais. Isto se explica porque, como já dissemos, não havia separação entre o corpo e o mundo, “*as pessoas assimilavam e sentiam em si mesmas o cosmos material, com seus elementos naturais, nos atos e funções eminentemente materiais do corpo: alimentação, excrementos, atos sexuais (...)*” (Idem,

ibidem: 294, negritos do autor). Tais imagens eram disseminadas por toda parte, sendo, portanto, familiares e compreensíveis para todos os contemporâneos de Rabelais.

“O corpo, formado pelas profundidades fecundas e excrescências reprodutoras, jamais se delimita rigorosamente do mundo: ele se transforma neste último, mistura-se e confunde-se com ele: mundos novos e desconhecidos nele se escondem (como na boca de Pantagruel). O corpo toma uma escala cósmica, enquanto o cosmos se corporifica. Os elementos cósmicos se transformam em alegres elementos corporais do corpo crescente, procriador e vencedor”. (*Idem, ibidem*: 297, negritos do autor).

Desta maneira, o corpo no contexto medieval era percebido pela experiência, era experimentado e mantinha relações com todo universo de significados da Idade Média. Se o corpo continha tudo, era a morada do cosmos, era também o veículo de comunicação com Deus e, ao mesmo tempo, continha em si mesmo o sagrado e o profano. Incontido, era o corpo do transbordamento, da abundância, das formas opulentas, da alegria desregrada e carnavalesca. Um corpo que não conhecia ditames alimentares, nem mesmo de contenção ou forma física, bem diferente do modelo corporal que será instaurado no processo de modernidade, como veremos a seguir.

3.3 - MODERNIDADE E CORPO

“Cada época tem seu próprio passo, olhada e jeito (...) não somente nas maneiras e gestos, mas até na forma do rosto”

(Baudelaire)

“Aos poucos o controle efetuado sobre si através de terceiros vai convertendo-se em autocontrole e vigilância. Deste modo, o eu se transforma em cárcere cada vez mais exíguo.

E cada um, em carcereiro sempre mais severo de si mesmo”

(José Carlos Rodrigues)

3.3.1 - DATAÇÃO HISTÓRICA

Começamos pelo primeiro problema, qual seja, o da datação histórica. Para Berman (1994), é possível dividir a modernidade em três fases:

1) Do início do século XVI até o fim do XVIII, quando as pessoas estavam apenas começando a experimentar a vida moderna;

2) A partir da onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganharia vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público, que compartilharia entre si o sentimento de viver em uma era revolucionária;

3) No século XX, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente todo o mundo, e a cultura modernista atingiria alto grau nas artes e no pensamento. Desta maneira, Berman acredita que a modernidade continua sendo o cenário em que nossas vidas se desenrolam; ao contrário da corrente que caracteriza nosso tempo como sendo da pós-modernidade.

Featherstone (1995) afirma que alguns componentes unificariam a experiência da modernidade à pós-modernidade, dificultando as tentativas de estabelecer parâmetros para definir o fim da primeira. Para Featherstone, os choques, os trancos no processo histórico, a ênfase na estetização da vida cotidiana, a transformação da realidade em imagens, a transformação arquitetônica, entre outros aspectos, perduram até hoje e, em certo sentido, unificam a experiência da modernidade à pós-modernidade.

Segundo Berman, *“Existe um tipo de experiência de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo. Designarei este conjunto de experiências como modernidade. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”* (Berman, 1994: 15).

No conjunto de sua obra, Baudelaire concebeu diversas definições do que seria a modernidade. Em uma delas, afirmou: *“Por ‘modernidade’ eu entendo o efêmero, o contingente, a metade da arte cuja outra metade é eterna e imutável”* (Baudelaire, 1864: 2). Esta definição aponta para a dificuldade de se definir a experiência vertiginosa da modernidade, ressaltando, ao mesmo tempo, uma de suas características centrais, o desejo de mudança.

3.3.2 - NOVAS SENSIBILIDADES E FRONTEIRAS CORPORAIS: OS MANUAIS DE ETIQUETA

De início, o que salta aos olhos é que toda uma nova sensibilidade a respeito do corpo e da nudez terá início (nos últimos séculos da Idade média e depois no período do Renascimento) e levará a formas de controle que, cada vez mais, vão ser interiorizadas nos indivíduos e vão alcançar sua plenitude no século XXI, quando o corpo será inscrito na nova lógica do culto ao corpo perfeito, malhado, magro, exposto, mas, ao mesmo tempo, aprisionado em rígidos padrões estéticos. Além de processos de controle cada vez mais

rígidos, o corpo e as relações que mantemos com ele passarão por um processo de fragmentação, processo este que se refletirá em outras áreas, como os domínios de saber, a especialização dos cômodos nas residências, do afastamento do homem com relação ao seu corpo e ao dos outros: “A nova sensibilidade se constitui basicamente em ruptura com os princípios medievais e se define simbolicamente em oposição a estes. No essencial, esta constituição assumiu a forma de um contínuo processo de fragmentação daquele todo amalgamado que a cultura medieval configurava. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que o processo de constituição disto que denominamos modernidade e contemporaneidade se deu antes de tudo pelo aparecimento – nos comportamentos, nos pensamentos e nos sentimentos das pessoas - de esferas mais ou menos autônomas, nas quais se supõem residirem experiências relativamente independentes. Autonomização e fragmentação, ali onde a mentalidade medieval via confluências e superposições” (Rodrigues, 1999: 109).

Acredito que no século XXI este processo de fragmentação também se encontra no auge, como veremos com os processos de segmentação das partes do corpo que devem ser trabalhadas, dos grupos musculares, das dietas de emagrecimento ou aliadas ao ganho de massa muscular.

Além do mais, embora as mulheres atuais digam que cuidar do corpo é também cuidar da alma e da saúde, percebo que elas estão, na verdade, tentando rebater o oposto, ou seja, a supremacia das formas corporais em detrimento de todo o resto. O corpo, na modernidade, parece se configurar como uma unidade autônoma, separada do mundo e que legitima práticas (como os regimes) que minam a saúde e atestam o processo de fragmentação inscrito no corpo; e ao mesmo tempo o corpo assume uma posição privilegiada de inserção no mundo, pois ter um corpo malhado será importante para a aceitação social.

Mas, sobretudo, o corpo da modernidade é espaço de coerção, de controle externo e interno, de adequação a padrões estanques de beleza e juventude.

Um bom começo para se pensar a questão do controle é a mudança do conceito de *courtoise* para o de *civilité*, que aparece na obra de Erasmo de Rotterdam, em 1530, *De civilitate morun pueriliun (da civilidade em crianças)*. Trata-se de um manual de etiqueta pra orientar o comportamento e o decoro corporais de pessoas em sociedade, e embora seja dedicado a um menino nobre, alcançou boa parte da sociedade européia, como a França, Inglaterra, Portugal, Alemanha, Itália, entre outras. Como vimos, regras de etiqueta já estavam presentes entre os medievais, na forma de poemas mnemônicos ou mesmo manuais, mas com o tratado de Rotterdam e com outros que se seguiram ocorre uma mudança no **tom** e no **rigor** das prescrições. Muitas das prescrições a respeito do comportamento à mesa

aparecem tanto na época medieval quanto na moderna, mas com tratamento e contexto diferentes. Aos poucos, segundo Elias, o uso do conceito de *courtoise* e as representações que ele suscita foram progressivamente superados pelo conceito de *civilité*, até que o segundo, por volta do século XVII, assume preponderância na Europa. Começa a emergir uma crítica à voracidade, ao comer exageradamente, atitudes comparadas agora à falta de modos atribuídas aos camponeses e aos comportamentos animais: *"A ascensão do conceito de civilidade nas sociedades de corte marca o início da condenação dos excessos corporais valorizados na sociedade tradicional, dentre eles a embriaguez, a comilança, a gordura. Começa a se delinear outro ideal de corpo, contido, refinado, esbelto"* (Elias, *op.cit.*: 4). Outro autor, Jorge Creso, também ressalta que nesta transição do conceito de *courtoise* para o de *civilité*, ocorrerá uma tentativa de aumentar e estender as regras morais e corporais à toda sociedade e não apenas a alguns setores da mesma: *"a 'cortesia' não dava a dimensão do coletivo, do que se entendia por civilização; a 'cortesia' não era um gesto propiciador da utilidade vantajosa ao progresso social. O caráter 'urbano' de um corpo media-se pela sua capacidade de ser repetido pela maioria, pela possibilidade de ser acessível a todos, isto é, na medida em que se podia tornar-se 'público'"* (Creso, 1990: 504). E, neste processo de civilização, o corpo adquire papel central, pois, é por meio de seu controle e adestramento que o homem moderno poderá diferenciar-se dos que lhe precederam: *"A civilização do corpo traduzia-se num conjunto de preceitos e técnicas, de gestos e maneiras de viver que podiam reconhecer-se nos mais variados momentos da vida humana, no viver quotidiano de um colectivo de homens ansiosos por se desprender, ao mesmo tempo, da 'barbárie' dos costumes da minoria rude e das 'virtudes' de uma minoria, para caminhar finalmente em direção a outros valores mais fraternos e envolvendo a coletividade inteira"* (idem, *ibidem*: 504). Vai estabelecendo-se, por toda Europa, a importância da disciplina dos comportamentos individuais, sobretudo dos gestos e da alimentação, e, delineando-se novos padrões corporais, que atestassem o triunfo do espírito. A alimentação exagerada *"favorecia a doença, diminuía as 'forças corporaes', bem como a vontade de espírito, impedindo os homens de desempenharem ações de utilidade para a sociedade, ofendia os preceitos religiosos e, além disso, fazia perder a capacidade para o matrimónio"* (idem, *ibidem*: 515). A frugalidade na alimentação visava o endurecimento do corpo o domínio sobre si mesmo.

O corpo hiperbólico da época medieval vai sendo substituído por imagens de corpos mais verticalizados, alongados, silenciosos e contidos e, necessariamente, aumenta o controle sobre a alimentação, sobretudo pelos excessos alimentares e também sobre os alimentos aceitos e condenáveis, dentre os últimos, a gordura, considerada vilã.

As pessoas passam a se controlar mais e cresce o grau de consideração esperado dos demais. Mas o mais importante para a nossa discussão é que aumenta a compulsão em **policar o próprio comportamento**. Vejamos alguns trechos de diferentes manuais de comportamento da época:

“Algumas pessoas levam as mãos ao prato de servir logo que se sentam. Lobos fazem isso...”

Não seja o primeiro a tocar o prato que foi trazido, não só porque isto demonstra gula, mas também porque é perigoso. Isto porque alguém que põe, sem saber, alguma coisa quente na boca, tem que ou cuspi-la ou, se a engolir, vai queimar a garganta. Em ambos os casos ele se torna tão ridículo como digno de pena.

É uma boa idéia esperar um pouco antes de comer, de modo que o menino se acostume a controlar suas inclinações”

(extraídos de De civilitate morum puerilium - da civilidade em crianças).

“Antigamente a pessoa podia...molhar o pão no molho, contanto apenas que não o tivesse mordido ainda. Hoje isto seria uma mostra de rusticidade. Antigamente a pessoa podia tirar da boca o que não podia comer e jogá-lo no chão, contanto que o fizesse habilmente. Hoje isto seria sumamente repugnante”

(De Nouveau Traité de civilité, de Antoine Courti, 1672).

“Faz parte do decoro e do recato cobrir todas as partes do corpo, exceto a cabeça e as mãos. No tocante às necessidades naturais, é correto (mesmo no caso de crianças) satisfazê-las apenas onde a pessoa não puder ser vista.

Nunca é certo se referir às partes do corpo que devem estar sempre escondidas e às necessidades corporais a que a sociedade nos sujeitou, ou mesmo mencioná-las”

“Você não deve...nem se despir nem ir para a cama na presença de qualquer outra pessoa. Acima de tudo, a menos que seja casado, não deve ir pra cama na presença de qualquer outra pessoa do mesmo sexo”

(La Salle, Lês Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne)

Percebemos nestas passagens que o tom das proibições se torna mais imperativo e também é maior a necessidade de se distinguir o novo comportamento do medieval, agora considerado incivilizado. No jogo da alteridade, condutas antes permitidas tornam-se repugnantes e os medievais serão, ao mesmo tempo, o espelho no qual nos miramos e do qual procuramos nos afastar. As crianças são orientadas a internalizar regras de conduta, tal como conter os impulsos. Crespo (1990) salienta a este respeito: *Tudo quanto contribuísse para sublinhar o corpo em relação aos outros se tornava alvo de crítica. A tosse, o bocejo, o arroto ou o gesto de assoar-se podiam ser lícitos a não ser que contribuíssem, pelo som, para evidenciar uma presença*” (op. cit: 511).

O corpo individual será separado do corpo social e as atividades que os medievais levavam a cabo de forma gregária serão agora separadas e escondidas. O contato entre os sexos e a exposição do corpo diminui. As pessoas passam a observar mais umas as outras e a se auto-observarem. A nudez será revestida de pudores e deverá ser evitada ao máximo. Do mesmo modo que o garfo, o lenço e os talheres individuais, surgirá a camisola de dormir e também, posteriormente, as roupas íntimas.

3.3.3 - HIGIENE E IMAGENS CORPORAIS

Se durante o contexto da Idade Média percebemos uma certa liberalidade com relação aos hábitos de higiene (como, por exemplo, soltar gases) e mesmo com as partes e funções corporais ligadas ao baixo corporal, na modernidade haverá maior controle sobre estas, como podemos perceber nestas passagens do Tratado de Rotterdam citado por Elias:

“A pessoa educada deve sempre evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. (...)

Prender a urina é prejudicial á saúde e urinar em segredo diz bem do pudor. Há aqueles que ensinam que o menino deve prender os gases, comprimindo-os no intestino. Mas não é conveniente, esforçando-se para ser educado, contrair uma doença. Se for possível retirar-se do ambiente, que isto seja feito a sós. (...)”

(extraído de Erasmo de Rotterdam, De civilitate morun pueriliun, 1530)

O tratado tem, portanto, a função de cultivar sentimentos de vergonha e delicadeza sobre aquilo que entre os medievais seria considerado comum, apontando para novos padrões de relacionamento com o corpo.

Bakhtin também comenta esta interdição ao falar do novo *cânon* que regeu a linguagem oficial e literária modernas, ao dizer que estas “*interdizem a menção de tudo que diz respeito à fecundação, à gravidez, ao parto, etc., isto é, de tudo que trata do inacabamento, do despreparo do corpo e da sua vida propriamente íntima. Uma fronteira rigorosa traça-se então entre a linguagem familiar e a linguagem oficial de ‘bom-tom’*” (Bakhtin, 1987: 280). Segundo o autor, os órgãos genitais, o traseiro, o ventre, o nariz e a boca, tão valorizadas entre os medievais, deixam de ter importância para os modernos.

Os banhos públicos, também comuns na idade Média, serão, segundo Vigarello (1985), substituídos a partir do século XVII pela higiene seca e imbuídos de conotações morais: tanto homens quanto mulheres limpavam as partes do corpo que podiam ser expostas – mãos e rostos – com um lenço, em vez de lavá-los. Surge também a lavagem setorial, nos pés e nas partes intersticiais do corpo, que poderiam suar e exalar mau cheiro. O banho com água e mais, de imersão, praticamente desaparecem.

No entanto, a supressão da água, que aparentemente estava ligada a uma tentativa de afastamento do corpo, produziu em certo sentido o efeito oposto, já que as pessoas gastavam mais tempo e empenho para disfarçarem os odores e salientar as partes visíveis do corpo, bem como das roupas que cobriam as partes proibidas. Acompanhando o processo de fragmentação já comentado, algumas peças do vestuário se autonomizam e se destinam a separar o interior do exterior, como as roupas de baixo e a camisola. Será sobre as roupas de baixo que a limpeza agora se deterá; estas serão quase que uma segunda pele e se transformarão nos signos privilegiados do cuidado com o corpo. Num contexto de pudor da exposição corporal, a camisola de dormir servirá para esconder este corpo dos olhares dos outros e de si próprio.

Mas o mais importante é que com estas mudanças no vestuário percebemos algo mais complexo: a necessidade de controle mesmo nas esferas da casa e a nova dimensão que a palavra intimidade passa a ter, com bem mostram Elias e Rodrigues; nas palavras deste último, “*O íntimo passou a adquirir, com os hábitos de vestuário e de limpeza das roupas, um lugar que não possuía. Isto porque a mudança de camisa e de roupas de baixo após a transpiração constitui um gesto de si para si, eminentemente. Constitui um ato privado, derivado de uma sensibilidade privada. Significa uma nova orientação dos sentidos, agora*

direcionados para dentro. Pressupõe uma vigilância de si. Exige uma atenção reflexiva nova. Por intermédio desta, cada um passa a se policiar a si mesmo” (Rodrigues, 1999: 164).

Como a história dos costumes não segue uma linha linear, o banho, que entre gregos e medievais era fonte de prazer e progressivamente vai ser associado ao pecado, encontra certa reabilitação no século XIX. Por volta desta época a higiene também ganha um novo sentido e os higienistas vão começar a aliar o banho à saúde e as mansões terão cabines de banho individuais, o que aumentará ainda mais o sentido do íntimo como algo segregado, proibido aos outros (e quiçá a si mesmo): *“A história da casa é extremamente solidária a do corpo. O estabelecimento da separação de corpos é um evidente criador de fronteiras, definidor e redefinidor da idéia de individualidade (...), pois passa a exigir que o corpo contenha dentro de si tudo que ofereça algum risco de transbordar as fronteiras que o definem como individual: os arrotos, os flatos, as transpirações, a saliva, o hálito, os catarros e, mais tarde, os pensamentos e sentimentos. Tudo isso tinha livre curso nos tempos medievais e, portanto, deverá ser dramaticamente modificado. Agora, novas mentalidades, novas sensibilidades, novas individualidades: devem ser aprisionadas e circunscritas aos limites privados do corpo. É preciso que a arquitetura o viabilize” (Rodrigues, 1999: 147)*

Todas estas transformações se iniciam a partir do século XII e refletem, segundo Rodrigues *“uma vontade de afastamento do corpo que encontrou sua plena realização no século XIX, quando as partes corporais que não pudessem ser vistas também não poderiam ser abertamente objetos de discurso” (idem, ibidem: 161).*

Embora as idéias de Rodrigues me pareçam corretas, eu diria que a palavra afastamento não foi bem empregada neste contexto. Afastamento sugere que os modernos se distanciam do corpo; no entanto, não é isso que acontece, como Rodrigues percebe e assinala nas páginas posteriores do livro. O corpo estará no centro de toda discussão moderna, o próprio tratado de Rotterdam é uma evidência disto, mas o que acontece é que sobre ele se colocarão disciplinas rígidas de controle das funções corporais, do que se deve vestir, do que se deve comer. A partir do século XVIII, a ginástica também entrará em cena e o corpo será cada vez mais domesticado, trabalhado, exercitado. Mas será também escondido pelas roupas – pode-se dizer que o corpo que desponta no início da modernidade é um corpo trabalhado, domesticado e necessariamente, coberto - , até que depois, sobretudo nos séculos XX e XXI, será novamente despido e exibido.

Já vimos que com a transição do conceito de *courtoise* para o de *civilité*, toda uma mudança na relação com o alimento e com o corpo se processará. As imagens hiperbólicas do corpo serão progressivamente substituídas por outro ideal de corpo, agora esbelto, contido,

refinado e individualizado. Surgirão os manuais de higiene e toda uma visão burguesa do corpo, que ao mesmo tempo em que colocam o corpo no centro de variados processos, também promovem uma separação entre corpo e mundo. As pessoas passam a se preocupar com a comida de uma maneira totalmente diferente daquelas vigentes no passado, contendo os excessos em função do novo modelo de corpo.

É justamente neste contexto que Jorge Crespo (1990) situa o surgimento da idéia moderna de Educação Física, que, segundo o autor, surgiu em Portugal, na primeira metade do século XIX.

Antes deste período, eram comuns os espetáculos circenses populares, que trabalham o corpo com acrobacias, contorcionismos e outras práticas do gênero. Tais espetáculos eram alvo de contorvérsias pelos vários setores da sociedade portuguesa. Se por um lado as autoridades policiais os consideravam menos perigosos que os espetáculos teatrais – que poderiam difundir idéias subversivas –, por outro não escapavam do crivo destas mesmas autoridades, bem como dos médicos sanitaristas, em ascensão no período (pois, também eram formados, em sua maioria, por estrangeiros, considerados os propagadores de idéias contrárias ao bem-estar da nação). Para os portugueses, era consenso de que o progresso da sociedade portuguesa passava por um fortalecimento moral, cívico e físico de seus habitantes. Como ressalta Crespo, *“O pensamento e ação da época traduziam-se, pois, em actos criteriosamente elaborados, revelando a existência de cálculos e estratégias que finalmente se procuravam adequar à situação, na tentativa de controle dos corpos e das energias dos portugueses, reunindo-as para as grandes tarefas do progresso e da civilização”* (Crespo, 1990: 10).

Mas, era necessário difundir um programa de ginástica mais adequado aos objetivos dos portugueses do que as acrobacias. Assim, em finais do século XIX, um professor de escolas municipais de Lisboa, Alfredo Dias, apresenta um programa de ginástica sem aparelhos e que recuperasse o conceito grego da prática. A ginástica surge então com funções profiláticas; gerando calor e, através do suor, expelindo os maus odores e também associada à economia do corpo: toda energia despendida pelo corpo deveria estar a serviço da construção da nação. Está dado o primeiro passo para que a prática seja adotada como básica na formação escolar do jovem português. No entanto, segundo Crespo, a ginástica ainda está amalgamada ao controle do ócio e à educação do espírito, visando formar indivíduos dotados de vitalidade corporal e mental, que auxiliassem o Estado na tarefa de empurrar a nação para frente: *“Para além de uma sólida formação moral, baseada no autocontrole e no escrupuloso respeito pelos outros, o que se recomendava também, era um programa de exercícios corporais que*

pudesse contribuir para o vigor do espírito na perspectiva do ‘mens sana in corpore sano’” (Crespo, *ibidem*: 498). O autor ressalta ainda que “*O corpo enredava-se, assim, em múltiplos condicionamentos, submetendo-se a normas cada vez mais racionalizadas, e convertia-se, através das sutilezas do controlo social, em vigilante de si próprio*” (idem, *ibidem*: 499). Será só a partir do século XX que a ginástica e o esporte se autonomizam e passam a constituir-se como disciplinas à parte, como veremos no próximo capítulo.

O que interessa de imediato para a nossa discussão é que o corpo moderno será pensado de uma maneira muito distinta da medieval, como veremos a seguir, ao traçarmos as correspondências e rupturas entre os modelos corporais medievais e modernos.

3.3.4 - CORRESPONDÊNCIAS E RUPTURAS ENTRE MEDIEVAIS E MODERNOS

Havia, portanto, entre os medievais, clareza das normas a serem seguidas, seja na mesa, seja nos banhos públicos, seja na relação com a casa. Havia padrões alimentares e corporais, regras de etiqueta claras. Portanto, o que mudou com relação à modernidade? Ou, em outras palavras, qual a **importância** e o **sentido** dados às práticas corporais e no que isto se distingue do culto ao corpo da época moderna?

Primeiramente, o **tom** do discurso, que entre os medievais era menos incisivo e que, progressivamente, vai se tornando mais taxativo a partir que a modernidade avança. “*Assim, no século XIII recomendava-se, por exemplo, com uma insistência capaz de suscitar desconfiança, que aquele que por ventura tossisse ou assoasse o nariz cuidasse de se virar para o lado, a fim de que nada caísse sobre a mesa de refeição. No século XIV, já era indelicado assoar o nariz na toalha de mesa. No século XV, o tom passou a ser um pouco mais imperativo: ‘não assoe o nariz com a mesma mão que usa para segurar a carne.’ Em 1589 o tom de ordem aumentou: ‘que ninguém antes, durante ou após as refeições suje as escadas’*” (Elias, 1990:136-137 *apud* Rodrigues, 1999: 147).

Elias diz que as regras medievais dariam as instruções de comportamento da seguinte maneira: “*Corta e não rompas o pão*”, enquanto que no tratado de Erasmo de Rotterdam, “*De civilitate morum puerlium*” (Da civilidade em crianças), de 1530, a mesma regra apareceria assim: “*Deves deixar a uns poucos cortesãos o prazer de apertar o pão na mão e, em seguida, parti-lo com os dedos. Deves, sim, cortá-lo decentemente com a faca*”.

A mudança parece pequena, mas não é, porque nesta passagem vemos que os modernos perderam a simplicidade (pensada por Elias como oposição simples entre “bom” e “mau”) e passaram a enxergar as coisas com mais diferenciação, com maior controle das emoções,

aumentando, portanto, significativamente o grau de coação e de exigência quanto ao comportamento.

Deve-se ressaltar também que com a modernidade, intensifica-se o convívio social em virtude das transformações urbanas e da aceleração do ritmo de vida. Assim, uma das diferenças entre as prescrições modernas e medievais é que na primeira, as prescrições são menos detalhadas e transmitidas principalmente pela cultura oral; enquanto que, na segunda, as prescrições, além de mais detalhadas, são também observadas em razão da convivência cotidiana.

Com a nova ordem burguesa, temos a formação de uma classe de nobres vindos das mais diversas classes sociais, os velhos laços ancorados em sólidas relações estamentais se esfacelam e, por esta razão, *“a questão do bom comportamento uniforme torna-se cada vez mais candente, especialmente porque a estrutura alterada da nova classe alta expõe cada indivíduo de seus membros, em uma extensão sem precedentes, às pressões dos demais e do controle social”* (Elias, *op. cit.*: 91). É preciso homogeneizar o comportamento de modo a não ofender o grau de consideração esperado dos demais²⁶.

Em segundo lugar, podemos dizer que, ao contrário do que afirmam alguns textos sobre a Idade Média²⁷, o corpo tinha sim grande importância entre os medievais. Como vimos, boa parte da experiência da vida passava pelo corpo, podendo-se mesmo dizer que o mundo medieval era, de uma certa maneira, corporificado. Mas o **sentido** dado ao corpo, comparado com o que se dá na época moderna, é diferente. Na Idade Média, observamos uma maior liberdade corporal, tanto no tocante às suas manifestações (escarro, flatulências) quanto à sua forma. Não havia, como acredito haver atualmente, indícios relativos a um padrão de estética corporal, ou se havia algum era menos claustrofóbico do que ocorre hoje. Como vimos, neste universo, a preferência recaía sobre imagens hiperbólicas do corpo e das funções corporais, inclusive com a valorização dos orifícios corporais como a boca, o ânus, os órgãos genitais, entendidos como locais privilegiados de circulação da vida. Esse corpo excessivo - até mesmo Deus era glutão - é representado por Rabelais através dos personagens Pantagruel e Gargantua, que são grandes e gordos (Bakhtin, 1987). Segundo Rodrigues, *“o corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. Era um*

²⁶ Ver discussão no item: Sentido das práticas corporais e da beleza: reflexões históricas.

²⁷ Recentemente, em um artigo lido para esta tese, Romero (1993) afirma que na Idade Média os dados sobre o corpo são de acentuado desprestígio, isto é, toda e qualquer preocupação com o corpo foi banida. A influência da Igreja era grande, extinguindo até os Jogos Olímpicos. Os preceitos religiosos e o bem da alma eram colocados em oposição ao corpo. Tal afirmação exemplifica parte destes preconceitos, já que, como veremos, os dados e as reflexões nos mostrarão justamente o contrário.

corpo de orifícios dotados de liberdade, de expressão, de aberturas que falam, que podem usar da sinceridade (...) Era o corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre. Não era um corpo contido pela musculatura (...) Nada desta couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para que se retenham, para que se escondam. Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual (...) O corpo medieval nada tinha a ver com aquele que pensamos conhecer e que abriga a nossa sensibilidade. Não se tratava do corpo singularizado e individualizado do burguês. Não era um corpo circunscrito em si. Não era um corpo contido (...) Não era um corpo visível apenas do exterior e que mostrasse apenas uma superfície, uma fachada lisa e quase sem fendas” (Rodrigues, 1999: 85).

Certamente, era também um corpo “não-malhado”, ou pelo menos, não da forma como conhecemos hoje. As atividades no campo ou mesmo na cidade trabalhavam o corpo, mas não tinham por função deixá-lo rígido. O corpo era ponte de relação com o mundo, mas não o próprio fim. Quanto ao consumo de alimentos hoje execrados pela mídia, como a gordura animal, as recomendações são de que não se lamba os dedos engordurados ou seque-os no casaco, apenas limpe-os na toalha de mesa. (*extraídos do Hofzucht, de Tannhäuser, código de comportamento*). Em consonância com uma corporalidade expansiva e glutona, as regras quanto ao que se poderia comer eram muito mais fluidas. Não parecia haver prescrições de regimes alimentares para a manutenção de formas corporais esbeltas; pelo contrário, valorizava-se a possibilidade de se comer muito e bem. A gordura, tanto animal quanto humana, ainda não era depreciada, e seu consumo, portanto, era permitido.

Já na modernidade, segundo Bakhtin, “a hiperbolização é totalmente excluída do novo cânon. A imagem do corpo individual rouba-lhe toda possibilidade de ocorrência” (Bakhtin, *op.cit.*: 281).

As regras de apresentação da comida também são indícios de uma profunda mudança de sensibilidade na passagem das duas épocas. Se na Idade Média, como vimos, os animais eram levados à mesa inteiros, nossa sensibilidade atual ordena que eles sejam servidos em pedaços, como por exemplo, sob a forma de bifes, num mecanismo que Rodrigues chamou de “desidentificação do alimento” (Rodrigues, 1999: 142). Tal processo deve ocorrer longe de nossas vistas, para que elementos como o sangue, as vísceras, os gritos e a dor do animal ocorram fora do palco da vida social, ocorrendo em bastidores como açougues e matadouros e por pessoas consideradas por nós como de *status* inferior.

Além disto, é inegável a importância que o corpo assume na modernidade, a tal ponto de ser, ao mesmo tempo, mecanismo e alvo da ação. O corpo ocupa na modernidade o centro

das atenções, sendo investido de práticas alimentares e exercícios que visam, em última instância, o próprio corpo. Ele fecha-se em si mesmo, a ponto de tornar-se claustrofóbico.

O terceiro ponto a ressaltar é que, no período medieval, **corpo e alma** ainda **não** haviam se **fragmentado**, como ocorrerá na modernidade.

Segundo Rodrigues (1999), quando falamos da Idade Média devemos ter em vista que a cosmovisão medieval postulava uma integridade absoluta do universo. Macrocosmos e microcosmos se fundiam, se indiferenciavam e não se contrapunham. Para o homem Medieval “*o mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo em suas astes os segredos que eram úteis ao homem*” (Foucault, 1968: 64, *apud* Rodrigues, 1999). Desta maneira, espírito e matéria também não se opunham, não sendo possível falar, entre os medievais, de uma separação entre corpo e alma, como muitas vezes falamos na contemporaneidade. Em várias situações, principalmente ao expor o tema da presente pesquisa para públicos universitários, uma das indagações que mais me faziam é se o culto ao corpo da contemporaneidade está ou não desvinculado de questões filosóficas e como isto se processava no passado. Perguntam também se o corpo tinha grande importância entre os medievais ou se estes apenas se preocupavam com questões religiosas, como a salvação da alma. Rodrigues (1999) afirma que a corporalidade medieval era valorizada em si, até porque continha o que hoje chamamos de espiritual: “*o simbolismo corporal tinha lugar crucial nos padrões medievais de pensamento e sentimento (...) o corpo medieval não era um mero revelador da alma: era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana (...) no mundo medieval, espírito e matéria, corpo e alma não se separavam. Nada era verdadeiramente espírito, nada era verdadeiramente matéria* (idem: 56, 60).

Já com a modernidade um processo de fragmentação foi se impondo e separando universos (como corpo e alma) que antes apareciam mesclados. Uma parte desta fragmentação pode ser percebida no mecanismo de banir do discurso algumas partes corporais, em especial, o baixo corporal, de outras partes consideradas mais nobres, como a cabeça (depositária da alma) e os olhos (janelas para a alma e, portanto, imbuídos de expressividade). Outra parte deste processo de fragmentação pode ser percebida nos discursos e nas representações midiáticas sobre o corpo, uma vez que nas revistas ligadas ao corpo, como por exemplo as publicações mensais “Boa Forma” e “Corpo”, a tônica recai unicamente no poder dos exercícios, dietas e cosméticos de interferirem na forma física, sem maiores discussões sobre os efeitos dos mesmos na psique.

As questões estéticas suplantam as metafísicas e o Homem que desponta neste cenário é meramente físico, maleável, moldável às ideologias (também corporalizadas) de nossa época, a ponto de comprar, por meio de cirurgias plásticas, o corpo que deseja.

Na prática atual de exercícios, fragmenta-se o trabalho em função dos músculos que se quer atingir, fazendo com que bíceps, tríceps, quadríceps e outros pareçam mais com unidades autônomas do que como partes de um sistema integrado.

A quarta diferença entre a Idade Média e a Moderna é que, na primeira, além de não haver uma separação entre corpo e alma, também **não** havia entre corpo **individual** e corpo **social**. Como vimos com Batkhin, o corpo individual era ausente na cultura medieval, o indivíduo se dissolvia no corpo social, cósmico e universal (Bakhtin, 1987). Tudo que se relaciona com o corpo era público: o comer, o dormir, o banhar-se. Os contatos interpessoais caracterizavam-se por abraços freqüentes, por contatos físicos, banhos públicos. Até as atividades excretoras eram feitas em público e as partes baixas do corpo, hoje policiadas até no discurso, eram nomeadas sem rodeiros e valorizadas, já que eram verdadeiras portas abertas para o mundo. Como as fronteiras entre corpo individual e social não estavam estabelecidas, a relação com a vergonha e a nudez não se coloca à luz da sensibilidade moderna. Elias analisa algumas gravuras medievais produzidas entre 1475 e 1480 e organizadas no livro “Mittelalterliches Hausbunch” (livro de Imagens da Idade Média), ademais de alguns quadros deste período e percebe que são comuns imagens de pessoas nuas, de ambos os sexos, tomando banhos ou em folguedos amorosos, em rios ou campos abertos. Não se trata, segundo o autor, de imagens que circulariam em mãos privadas como pornografia e sim imagens cotidianas, que mostram um padrão de vergonha diferente do nosso, retratos *“de uma sociedade na qual as pessoas davam vazão aos impulsos e sentimentos de forma incomparavelmente mais rápida, mais fácil, espontânea e aberta do que hoje, na qual as emoções eram menos controladas e, em consequência, menos reguladas e passíveis de oscilar entre extremos (...) É claro que havia controle, restrições, mas estes se faziam em uma direção diferente e em grau menor que em períodos posteriores, e não assumiam a forma de autocontrole constante, quase automático”* (Elias, 1990: 210).

Já na Idade moderna, o corpo se singulariza e se distancia do mundo, tornando-se cada vez mais privado. O corpo se individualiza e, ao mesmo tempo, individualiza a pessoa que o porta. Ele já não reflete mais o cosmos e sim o seu dono, que é a pessoa. Ele se basta em si mesmo e pleiteia cuidados em seu próprio benefício. Em última instância, não nos exercitamos nem mesmo para nós e sim para o nosso corpo, para que ele ateste seu próprio triunfo.

Ainda nesta linha de raciocínio, Bakhtin analisa os *cânon*s que norteavam a literatura no período medieval e, posteriormente, na modernidade²⁸, mostrando que as representações grotescas do corpo dominaram as artes, sendo que o *cânon* moderno só começou a influenciar a literatura européia a partir do século XVI. Segundo ele, “*A propriedade característica do novo cânon – ressaltadas todas as suas importantes variações históricas e de gênero – é um corpo perfeitamente pronto, acabado, rigorosamente delineado, fechado, mostrado do exterior, sem mistura, individual e expressivo (...) Da mesma forma se fecham todos os orifícios que dão acesso ao fundo do corpo. Encontra-se na base da imagem a massa do corpo individual e rigorosamente delimitada, a sua fachada maciça e sem falha. Essa superfície fechada e unida do corpo adquire uma função primordial, na medida em que constitui a fronteira de um corpo individual fechado, que não se funde com os outros*” (Bakhtin, *op.cit.*: 279, negritos do autor). Na concepção moderna, a vida íntima do corpo e tudo que reflita seu inacabamento serão banidos para a vida privada e terão sentido mais estreito, sem relação com a vida social ou com o cosmos.

Para o autor, “*o corpo do novo cânon é um único corpo; não conserva nenhuma marca de dualidade; basta-se a si mesmo, fala apenas em seu nome; o que lhe acontece só diz respeito a ele mesmo, corpo individual e fechado (...) Todos os atos e acontecimentos só têm sentido no plano da vida individual: estão encerrados nos limites do nascimento e da morte individuais desse mesmo corpo, que marcam o começo e o fim absolutos e não podem jamais se reunir nele*”. (idem, *ibidem.*: 281, negritos do autor).

Da mesma forma, na modernidade, fecham-se os orifícios corporais e as referências a eles e às suas funções são evitadas e/ou censuradas. No tratado de Erasmo de Rotterdam vimos claramente como as atividades sexuais e mesmo o simples ato de soltar gases em público são vistos como indecorosos, sendo normatizados e reprimidos (Elias, 1990).

Embora fosse possível apontar outras diferenças entre as concepções medievais e modernas do corpo, temos materiais suficientes para perceber, no próximo capítulo, como se desenrolam as discussões atuais, explicitando, entre outros pontos, os paralelos e as rupturas entre a noção de beleza para as mulheres pesquisadas e as duas visões do belo analisadas até agora.

²⁸ A respeito desta discussão, ver capítulo 5 - do presente trabalho, O culto ao corpo: produção de si mesmo, estetização da vida cotidiana e espetáculo.

4 - A noção de belo: referências históricas e noções de beleza para as mulheres pesquisadas.

“Na novela das oito, eu não gosto de ver novela, mas eu vi a mulher [Débora Secco], ela perdeu totalmente a expressividade, não tô falando do seio, tô falando do rosto, ela não precisava ter colocado aquele monte de silicone e agora ela ri, é botox daqui pra cima, isto não mexe!!! Então as pessoas estão perdendo a expressão, a natureza, a naturalidade, isto é horrível. É a degradação, isto não é beleza. A beleza é uma coisa que nasce do pântano, com a flor de Narciso” (Márcia Molina).

Das tarefas ingratas, certamente uma das piores é definir o conceito de beleza. Corremos sério risco de, assim como no conceito de cultura, mergulharmos num pântano conceitual e, sobretudo, filosófico. Portanto, nossos objetivos aqui são infinitamente mais simples, mas ainda assim, difíceis: traçarmos um panorama dos sentidos dados às práticas corporais e bem como das acepções de beleza ao longo da modernidade.

Em seguida, começaremos a questionar como as mulheres pesquisadas concebem a prática de exercícios físicos e a beleza, analisando, entre outros aspectos, quais as partes do corpo feminino consideradas por elas as mais importantes na definição de um corpo bonito.

Veremos como a relação com o corpo desemboca na idéia de auto-estima e como esta é vista como central no processo de construção da identidade feminina. Em seguida, veremos como, embora a auto-estima esteja ligada fundamentalmente a sentir-se bem consigo mesma e com o corpo, ela não deixa de remeter à sociedade mais ampla, já que o sentido do que seja um corpo aceitável e bonito é, em larga medida, construído socialmente. Por mais que as mulheres digam que fazem ginástica por que gostam, ou porque se sentem bem, e que gostam de seu corpo mesmo quando ele não se encaixa nos padrões estéticos determinados, veremos que a questão é muito mais complexa e aponta diretamente para a emergência do corpo enquanto um forte capital simbólico, passível de ser usufruído, mas também exibido, desde que conforme os modelos definidos como belos pelo grupo social mais amplo. No horizonte desta discussão, embora não como alvo central, já desponta a mídia, que como veremos no capítulo 5 - (O culto ao corpo: Produção de si mesmo, estetização da vida cotidiana e espetáculo.), é indissociável dos processos atuais de valorização do corpo e da beleza.

4.1 - SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS E DA BELEZA: REFLEXÕES HISTÓRICAS.

Começemos por indagar o que significa falar em **sentido** das práticas corporais. Casa Nova (1996) afirma que o corpo social e individual fazem parte de um sistema mais amplo que lhes confere sentido. Construimos um imaginário cultural e nele o corpo se inscreve como “o mais imaginário de todos os objetos imaginários”, como afirmou Barthes em entrevista a Alain Grillet em *Porque amo Barthes*²⁹. É sobre o corpo que a sociedade irá projetar seus valores e seus discursos de poder. Mas, como se daria a tomada de consciência do próprio corpo? Casa Nova afirma que o domínio e a consciência do corpo só puderam ser alcançados pelo efeito dos investimentos do corpo pelo poder: “*ginástica, músculos, nudez, exaltação da beleza física, conduzindo ao desejo de seu próprio corpo por meio de um trabalho insistente, metódico, que o poder exerceu sobre os vários corpos, das crianças, das mulheres, dos soldados, do corpo sadio*” (Casa Nova, 1996: 147). Ou seja, sobre o corpo se investe um sentido construído no embate de discursos sociais e dos sujeitos existentes no momento, fazendo com que no corpo possamos ver parte das estruturas sócio-culturais e de poder.

Duarte (1996) diz que “*falar do corpo é desenterrar antigas idéias que povoam há milênios os sonhos e pesadelos da humanidade e que, de tempos em tempos, são chamados novamente a marcar sua presença*” (Duarte, 1996: 178). Segundo a autora, enquanto a natureza é vista como força rude e primitiva, o charme, o glamour, a elegância e outros sinais do corpo são vistos como armas contra a natureza, ou seja, foram criadas pelos homens, abstrações cultivadas como poderes: “O belo refere-se à inteligência e à cultura. Cada cultura fabrica o seu próprio corpo, moldando-o às suas regras e valores” (Duarte, 1996: 178). Segundo Queiroz e Otta (2000) “O corpo humano é submetido a um processo de humanização, e sua experiência é modificada pela cultura” (Queiroz e Otta, 2000: 21).

Quando falamos em beleza, vários aspectos devem ser considerados. Isto porque não só variam os indicativos de beleza de época para época, mas também a própria importância da beleza e os mecanismos para alcançá-los. Além da época histórica, a geografia também interfere no peso dado à beleza e nos seus indicativos. O que é válido para as áreas urbanas não o é necessariamente para o campo.

Se não entendermos a trajetória das definições de beleza, dificilmente entenderemos a especificidade do momento atual, e não poderemos entender a importância que o culto ao belo alcançou no final do século XX e início do XXI. Por isso, somos obrigados a proceder a uma breve retrospectiva histórica da beleza, antes de nos perguntarmos sobre os modelos atuais.

²⁹ Grillet, A. *Porque amo Barthes*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p.22.

Araújo (2004) afirma que nos séculos XVII e XVIII a sina das mulheres coloniais era o confinamento. Elas poderiam sair às ruas em raras ocasiões e sempre vigiadas de perto por parentes ou serviçais. Com a idade de 15 anos já se casavam, com maridos escolhidos pelos pais e a quem passavam a devotar respeito. A sexualidade continuava controlada pela igreja, visando à procriação, todo erotismo ou excesso era condenado.

Neste contexto, qual a importância que se atribuía á beleza e aos cuidados com o corpo?

O primeiro ponto que considero importante destacar é que se faz necessário diferenciar, no século XVII, mulheres das áreas urbanas e rurais. Embora o controle social fosse comum a ambas, entre as mulheres da oligarquia rural os imperativos quanto à manipulação da aparência eram mais severos. Maria Castilho Costa (1985) analisou retratos de mulheres paulistas e verificou que o que aparece nos retratos são mulheres de postura altiva, vestidas de negro até o pescoço, no máximo com um broche na gola, mas no geral sem jóias nem pinturas, com cabelos presos em coques discretos. Quanto à fisionomia, é sempre dura, sem sorrisos, o rosto exibindo rugas que ostentam com orgulho sua passagem pelo tempo e são indícios de sobrevivência a situações difíceis. A postura é ereta e as mãos cruzadas sobre o colo. Mesmo entre as mulheres mais jovens, o padrão é o mesmo, sem dissimulação das rugas. Os casamentos são em geral arranjados e, menos do que a beleza, valorizam a tradição da família da noiva e do noivo. Os sobrenomes dão a estirpe dos pretendentes e serão critérios de classificação e escolha dos parceiros. Sabe-se claramente quem é quem na sociedade e os valores recaem sobre a honra, tradição, religião – católica - e classe social. Beleza e juventude não são consideradas importantes neste meio.

Já entre as mulheres coloniais urbanas, ocorrem algumas mudanças. Tanto Araújo (2004) quanto Del Priori (2000) mostram que estas viviam contradições com relação à beleza. Se por um lado as mulheres abastadas saíam às ruas cobertas de luxo, de roupas vistosas e cabelos armados em verdadeiras esculturas - nas raras ocasiões em que isto era permitido -, por outro lado, em casa apresentavam-se em completo desleixo, notado inclusive por estrangeiros que nos visitaram. Mary Graham afirmou que *“difícilmente poder-se-ia acreditar que metade delas eram senhoras da sociedade. Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecente, desalinhado logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é desagradável ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sobre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrehado, amarrado inconvenientemente, ou ainda pior, em*

papelotes, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho.”(“Diário de uma viagem ao Brasil”, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1990, pg 137; *apud* Araújo, 2004). Del Priori confirma tais impressões, dizendo que as mesmas mulheres que se produziam com esmero para sair às ruas, em casa ficavam cobertas com um “timão”, espécie de camisolão branco, de tecido leve, que não as atrapalhavam nas atividades domésticas. Não havia nenhuma preocupação em manter a forma do corpo ostentada na juventude. Segundo Freyre (1986), *“resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de só saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor (...), ou então de bangüê ou de liteira; e no século XIX, de palaquim e carro de boi. Algumas senhoras até na igreja entravam de rede, muito anchas e triunfantes, nos ombros dos escravos”* (Freyre, 1986: 400). As meninas casavam-se muito cedo, com doze, treze, quatorze anos. Com quinze anos, caso solteiras, já causavam preocupação aos pais e com vinte, estavam condenadas à solterice. Freyre diz que *“Quase todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a frescura encantadora das meninas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das matronas de mais de 18. De Mrs. Kindersley já vimos a opinião: as senhoras ficavam com o ar de velhas muito depressa. Seus traços perdiam a delicadeza e o encanto. O mesmo notou Luccock no Rio de Janeiro. Olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres – tal o retrato que nos traça das meninas de treze ou quatorze anos. Aos 18, já matronas, atingiam a completa maturidade. Depois dos vinte, decadência. Ficavam gordas, moles. Criavam papada. Tornavam-se pálidas. Ou então murchavam. Algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o original de um certo retrato antigo, que hoje se vê na Galeria do Instituto Histórico da Bahia: mas feias, de buço, um ar de homem ou virago”* (idem, *ibidem*: 401-2)

Outro foco de tensão vinha da relação beleza *versus* preceitos religiosos. Del Priori³⁰ diz que *“a preocupação feminina com a aparência não era pequena. Só que ela era controlada pela Igreja”* (Del Priori, 2000: 27-8). Deter-se demais sobre a aparência era pecaminoso, até porque alterava a obra do Criador, que fazia seus filhos à sua imagem e semelhança. Do ponto de vista dos relacionamentos afetivos, também não era considerado adequado associar o casamento à escolha de parceiras bonitas, como pregavam os católicos: *“Quem ama sua mulher por ser formosa, cedo lhe converterá o amor em ódio; e muitas vezes não será necessário perder-se a formosura para também perder o amor, porque como o que se emprega nas perfeições e nas partes do corpo não é o verdadeiro amor, se não appetite, e a nossa natureza é sempre inclinada às variedades, em muito não durará”*. (Del Priori, 1993)

³⁰ Várias das considerações que seguem foram emprestadas da autora, em especial, do livro Corpo a corpo com a mulher, citado na bibliografia.

Além disto, ao embelezar-se em demasia a mulher poderia despertar a libido masculina, incorrendo novamente em pecado. Lembremos que a luxúria figura para a Igreja Católica, muito forte no momento, como um dos sete pecados capitais. Mas o que era considerado demasiado em termos de cuidados estéticos e o que era considerado “normal”? Quem estabelecia os limites eram a Igreja e a Medicina, nasce nesta época a idéia de cosmética saudável, que seria aquela que, mais do que embelezar, visava tratar medicamente os males, não os extinguindo de todo, mas disfarçando-os através de pomadas, ungüentos e loções. Para Del Priori, *“O curioso é que no limite entre a cosmética saudável, aquela capaz de sanar males e doenças, e a cosmética para ‘embelezar’ era estreito. As mulheres resvalavam de uma para outra, sob o olhar sempre condenatório de maridos, padres e médicos”* (idem, *ibidem*: 30). O alvo principal era o rosto e empregavam-se nele loções feitas de materiais como leite, açúcar, mel, água de rosas e até excrementos animais, que passavam antes por um processo purificador. Acredito que como as técnicas de beleza são sempre técnicas culturais que visam corrigir ou alterar elementos do corpo, em última instância, elemento da natureza, tais procedimentos purificados eram fundamentais para se empreender esta passagem da natureza para a cultura, processo semelhante ao de cozimento e transformações dos alimentos.

Investia-se também em roupas, já que elas tinham um papel político-social, funcionando como um signo de hierarquização e pertencimento a grupos sociais. Jóias também cumpriam função semelhante. A partir do século XVIII, a importância destes itens cresce e a moda, trazida da Europa, começa a ser uma grande preocupação por parte das mulheres, havendo, no Rio de Janeiro, em 1821, cinquenta e quatro modistas francesas. Os vestidos eram longos, embora decotados, e os sapatos eram muito valorizados. Vigorava aqui a idéia de que os pés femininos deveriam ser pequenos e delicados, e era comum, como entre as orientais, que os ossos do pé fossem dobrados à dimensão dos sapatos, mostrando que estas mulheres pertenciam a uma classe social abastada, não necessitando de pés largos, estes associados às trabalhadoras e escravas.

Portanto, os critérios de beleza que definiam a mulher eram: ser branca, nunca demasiadamente pintada, com os cabelos cuidados e adornados em complicados penteados, bem vestida, e de talhe esguio. Vale ressaltar que o modelo da roupa procurava evidenciar a cintura, sempre bem marcada e projetar os seios, bem como, através do uso de estruturas de ferro nos quadris, as famosas anquinhas, sugerir avantajados quadris³¹.

³¹ Veremos mais adiante, quando discutirmos os padrões corporais entre as mulheres pesquisadas os motivos da preferência por esta estrutura de corpo. Para maiores informações, ver o texto de Queiroz e Otta (2000), indicado na bibliografia.

O talhe esguio e alongado dos corpos femininos era valorizado, mas este não era conquistado via regimes ou exercícios. Entra aqui um outro tipo de coerção sobre o corpo: o espartilho³². Para Del Priori, *“Inicia-se toda uma severa estética da compostura, uma ética da contração. A vida nas cortes européias, ou na nossa, iria controlar todas as possíveis turbulências do corpo, sua expansão ou vacilações. O envelope em couro ou pano duro, que cobria dos joelhos aos ombros, servia também para conter a moleza intrínseca do corpo feminino, corrigindo sua fragilidade natural e constitutiva. Vitória da razão sobre a natureza, da fixidez contra os movimentos intempestivos, da impassibilidade sobre a emoção, o espartilho – junto com a luva, as plumas do chapéu e o salto alto do sapato – remetia aos signos nobres da improdutividade”* (idem, *ibidem*: 52). A mulher da elite tentava a todo custo distanciar-se da imagem de decomposta, agora associada exclusivamente às escravas e mulheres do povo.

Embora no século XIX a beleza pareça ser já mais importante do que no século anterior, um dos marcos decisivos para se entender a mudança na importância dada à beleza ocorre no século XX, nos anos de 1920.

Neste período, a cultura urbana de São Paulo vai ressaltar a necessidade de novos modos de vida, mais em consonância com os ideais de modernidade trazidos da Europa, e um destes é a necessidade de fazer exercícios físicos e de cuidar da aparência. No entanto, como veremos, os exercícios ainda são leves, diretamente associados às questões terapêuticas e higienistas e a beleza deve ser buscada, mas sem excessos, dentro de um contexto onde ainda se ressaltará a naturalidade. O corpo será um mecanismo através do qual se adere ou não a um estilo de vida mais moderno.

O paulistano começa assim a aderir aos esportes: ligado ao estilo de vida das classes dominantes, o estilo esportivo vai valorizar o corpo como suporte da distinção. Segundo Defrance (1978), a ginástica surge como disciplina autônoma no século XIX e são três as características que a distinguem das práticas corporais tradicionais:

- 1) por se separar das atividades da vida ordinária (trabalho) e extraordinária (jogo, competição), objetivando apenas a cultura do corpo. O exercício passa a ser medido, feito por séries de repetições, etc;
- 2) o exercício físico rompe com o tempo social da vida camponesa, das cortes e passa a seguir um calendário fixo, a intensidade dos exercícios físicos passa

³² Espartilhos são coletes rígidos, nos quais são perpassadas barbatanas rígidas e superpostas e que podem ser progressivamente apertados, com a finalidade de reduzir ou corrigir as regiões do torso (costelas, cintura, barriga). Seu uso, seja por razões ortopédicas, seja por estéticas, se difundiu no final do século VXII. Para mais informações sobre os espartilhos, ver Vigarello (1995), indicado na bibliografia.

de moderada (pelo discurso médico) para intensa e medida por pesos, quilos, metros, de acordo com necessidades individuais;

- 3) a competição se torna aberta a todo indivíduo. Courtine (1995), no magistral artigo “Os Staknovistas do Narcisismo: body-buildinng e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo” mostra como nos E.U.A, entre 1870-1880, a cultura física e o esporte tornaram-se verdadeiras paixões, a ponto de numerosas academias de ginástica se espalharem por todo território americano e ser criada uma seita religiosa denominada “Cristandade Muscular”, cujo credo era: a moralidade é tanto uma questão de forma muscular quanto de piedade religiosa, e os melhores cristãos têm o dever de possuir um corpo atlético. Sustentava-se inclusive que Jesus Cristo fora, antes de tudo, um homem de ação, um atleta espiritual, sua vida testemunhava seu entusiasmo pelas alegrias e esforços deste baixo mundo, e seu calvário não fora mais do que uma corrida de obstáculos, conduzindo-o ao primeiro lugar no *podium*.

Já para Crespo (1990), como vimos, a ginástica deve ser compreendida levando-se em consideração que dela depende o triunfo da civilização sobre a barbárie. Segundo o autor, a educação física faz parte do crescente processo de racionalização do mundo moderno e atinge o seu ápice na transição do século XIX para o século XX. Seu desenvolvimento em Portugal deve-se à incorporação de um discurso científico novo que, *“em ruptura com o passado, rejeitava a idéia de um corpo imutável e definitivamente formado por determinações externas”*, bem como *“constituído por elementos diversos, relacionando-se entre si e funcionando em completa interdependência, com sua autonomia própria”* (Crespo, 1990: 562). O que dava elasticidade e firmeza aos órgãos era a maneira como as múltiplas fibras nervosas teciam suas malhas e dinamizavam as relações entre as diversas partes. Esta possibilidade, segundo o autor, *“transformou-se num elemento primordial na gênese do conceito de organismo e, ao mesmo tempo, tornou possível o desenvolvimento da idéia de educação física e, em especial, justificaria a importância dos exercícios do corpo na manutenção da vida. Enquanto dominava a teoria humoral, a utilização de meios artificiais (...) justificava-se pela necessidade de dinamizar as partes líquidas do corpo. Este não dispunha, em qualquer caso, de capacidades próprias de imprimir o requerido dinamismo, para eliminação de matéria nociva. Em relação ao passado, a possibilidade de movimentar as partes sólidas, através dos exercícios, constituía uma solução mais eficaz.”* (idem, *ibidem*: 562). A ginástica daria também às crianças maior auto-domínio e capacidade para superar a si

mesmas, permitindo a elas inverter o curso dos fenômenos orgânicos. A experiência atestava que o exercício físico dava aos praticantes uma aparência corporal diferente, podendo constituir-se em motivação essencial para o desenvolvimento de si mesmo e da nação.

De todo modo, independentemente de suas origens, a ginástica logo se torna uma febre por vários países, saindo das igrejas e dos clubes, passando para os ringues de luta e, o mais importante, para as ruas, podendo ser vista em qualquer parte. Fazer exercícios e ter um corpo ao mesmo tempo sem gordura e com músculos passa a ser um ideal tanto para homens quanto para mulheres. Estava aberta a via que, um século mais tarde, conduziria ao fenômeno do culto ao corpo.

No entanto, no Brasil o exercício só vai ter importância no século seguinte, a partir da década de 1920. Segundo Schpun (1999), alguns dos marcos fundamentais para se entender a cultura física que começa a desabrochar nos anos de 1920, são a necessidade de se ingressar na modernidade e a transferência do centro de poder do campo para a cidade. Esta mudança geográfica fará com que a oligarquia rural, instalada nas metrópoles, tente, a todo custo, criar estratégias de diferenciação econômica e social frente aos negros, que embora livres da escravidão, não foram integrados à sociedade mais ampla.

Além do mais, a energia elétrica, a incorporação das máquinas no cotidiano das pessoas, bem como a invenção da fotografia e do cinema desestabilizam as antigas temporalidades e impõem a velocidade, o controle do tempo e a mobilidade. Isto gera um número cada vez maior de pessoas convivendo juntas.

Neste cenário, é preciso normatizar o comportamento, inclusive através de disciplinas físicas, da multidão que ocupa as ruas. Será preciso, à semelhança do que ocorreu na passagem da Idade Média para a Moderna, quando “*indivíduos de diferentes origens sociais são reunidos à cambulhada*” (Elias, 1990: 91), definir as regras corporais e de etiqueta que os indivíduos, e em especial as mulheres, devem seguir para serem identificados como pertencentes a classe social mais ou menos abastada.

Além de normatizar os códigos de conduta e dar-lhes homogeneidade, o exercício físico também seria o operador simbólico que distingue os tradicionais, os velhos, dos fortes, jovens e saudáveis, ou, numa palavra, modernos. Estar em movimento é estar em consonância com a utopia do progresso, que, por sua vez, se confunde com a da juventude. Está lançado o tripé que até hoje marcará parte de nossa cultura: juventude, beleza e exercícios.

Deve-se lembrar que a ênfase recai na mulher pela própria disposição da cidade, que com habitações mais próximas e passeios públicos, permite que as mulheres, antes reclusas e

isoladas nas Casas-Grandes, passem agora a circular. No entanto, esta saída da mulher do ambiente doméstico casa provocará suspeitas e apreensões, e um dos modos de controlá-la será através de códigos de conduta que se inscreverão, sobretudo, no corpo feminino, como é o caso da apresentação física. A este respeito, Perrot afirma: *“O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita (...) toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro”* (Perrot, 2005: 447).

Neste contexto, a ginástica para as mulheres terá funções profiláticas: acreditava-se que a mulher, quando demasiadamente confinada ao espaço doméstico, poderia desenvolver histeria e melancolia, sendo aconselhável, portanto, que ela fizesse alguns exercícios ao ar livre. Mas está associada também à aquisição e conservação da beleza.

Já os homens, deveriam se diferenciar da oligarquia rural através da adesão a práticas esportivas. Nos anos 20, temos uma multiplicação dos eventos esportivos: tênis, golfe, hipismo, futebol, natação, ginástica, danças. Dentre estes, só a ginástica, a natação e o tênis serão considerados exercícios femininos; haverá uma nítida distinção de gênero: os homens fazem esportes, deles se exige competitividade, agilidade, agressividade e virilidade, ao passo que as mulheres devem fazer exercícios leves, cuja finalidade é mais estética do que propriamente esportiva. Na verdade, esta divisão de gênero entre atividades masculinas e femininas constrói a representação da mulher enquanto objeto de desejo, enfatizando que para serem vistas e desejadas pelos homens, elas devem ser, antes de tudo, belas, discurso este que as próprias mulheres incorporarão. Vale lembrar que para Lauretis, *“A construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”* (Lauretis, 1994: 212). Ou seja, através das relações de gênero homens e mulheres vão criando e interiorizando representações sobre si mesmos e sobre o outro, e vão sendo recriados por elas.

Neste mecanismo de construção de papéis, as mulheres começam a ser incentivadas a praticar atividades físicas moderadas, bem como surgem os salões de beleza femininos. Schpun diz que em 1914, na cidade de São Paulo, havia cinco salões femininos e, em 1929, estes passam para trinta e quatro. Inicia-se também, entre as classes médias, o consumo de cremes, maquiagem, produtos para os olhos, que são produzidos de modo caseiro ou importados da Europa, embora já se pretendam modernos. Sant’Anna (1995) afirma a existência, entre os anos de 1900 e 1930, de produtos que prometem “afinar a cintura”, “branquear a pele”, “tirar pelos”. Tais produtos não recebem ainda o nome de cosméticos, são

chamados de remédio, mostrando uma associação entre beleza e saúde, que são misturadas nos discursos higienistas e médicos. A feiúra aparece como uma doença e os “remédios” prometem curá-la: “*Aliados às preocupações higiênicas, inúmeros cuidados com o corpo tendem a ser tratados, unicamente, sob o prisma medicinal*” (Sant’Anna, 1995: 124). Schump também ressalta esta associação entre beleza/higiene. Não há ainda referências sobre o prazer que estes tratamentos podem proporcionar, do mesmo modo que também não há na publicidade da época, imagens invocando beleza e sensualidade, como ocorre atualmente.

No entanto, ser bela já começa a ser um imperativo, têm início os concursos de misses, algumas lojas de departamento como o Mappin Stores surgem e a moda também se desenvolve. A beleza corporal começa a tomar o lugar da beleza espiritual. Neste sentido, a importância da beleza nos anos de 1920 marca uma ruptura importante, a da primazia do corpo sobre o espírito. Até este momento, inclusive ao longo do século XIX, o cultivo do corpo se justificava sempre por servir à consecução de valores morais, sobretudo os patrióticos. Entre os gregos, o cuidado de si através da ginástica e da alimentação atestava as condições de cidadania e democracia. Sennett (1997) e Foucault (1985) mostram que no período arcaico grego, ser bom orador e bom político era indissociável de exercitar a alma com a filosofia e o corpo com a ginástica. Já entre os medievais, não havia esta ruptura entre corpo e alma, do mesmo modo que também não havia separação entre corpo individual e social: tudo era parte de um *continuum* perfeitamente orquestrado por Deus. Será a partir da modernidade e da contemporaneidade que esta ruptura se processará. Se o corpo na Antiguidade e na Idade Média era uma ponte para se alcançar algum ideal colocado fora do corpo – como a democracia, a relação com o cosmos, o triunfo da nação -, na modernidade ele é o próprio ideal. A partir dos anos de 1920, no Brasil, o corpo começa a ganhar uma autonomia e começa a se fechar em si mesmo, sendo, num só momento, o mecanismo e o alvo da ação.

Várias revistas da época, como “A Cigarra” e “Sport” alardeiam a importância da beleza: “*A coquetterie é a qualidade mais admirável da mulher. Graças á ela, muitas mulheres feias parecem bonitas, e as bonitas – encantadoras*” (“A Cigarra”, julho de 1920). É claro que permanecem alguns movimentos contrários, que tentam normatizar fortemente o apelo da beleza. Sant’Anna (1995) diz que ainda prevalecerá a idéia de que a verdadeira beleza é fornecida por Deus, não sendo possível conquistá-la de modo individual. E como ainda há uma forte vigilância moral (por parte da Igreja, dos médicos e dos homens) sobre o excesso de cuidados com o corpo, no cotidiano as experiências de embelezamento serão vividas como segredos entre amigas. Pintar-se em demasia ou dar muita importância à aparência será

comportamento de mulheres mundanas e pervertidas e, portanto, condenado. Em algumas camadas, a beleza ainda será vista como um dom, que pode, desde que sem excessos, ser potencializado. Também será possível dissimular a beleza, fingindo ser bela perante o marido através de recursos como pomadas e maquiagens. Lingerie e cintas (que nesta época já substituíram os espartilhos) podem corrigir alguma adiposidade. A ginástica, embora comece a fazer parte da vida feminina, ainda não terá, como hoje, a função de remodelar o corpo, servindo mais para manter aquilo que já se tem ou melhorar o que for possível³³. Ainda há nos discursos da época uma prescrição para que a beleza seja algo “natural”, completamente diferente de nossos tempos, onde vigora o belo fabricado por tratamentos estéticos agressivos, bem como por cirurgias plásticas.

Mas de modo geral a boa aparência começa a ser cada vez mais requisitada e pouco a pouco vai se estabelecendo um padrão corporal. Qual é ele?

O primeiro aspecto da beleza que desponta é a juventude. Os anos 1920 darão início ao banimento da mulher velha: estamos nos distanciando das mulheres aristocratas do século XVIII, que antes de terem vergonha de suas rugas, as exibiam como prova de maturidade e austeridade. No cenário dos anos 1920, as marcas do tempo já não serão bem vistas e os cosméticos que prometem acabar com elas serão amplamente consumidos. A modernidade instaurará o culto ao jovem, ao novo. Se não for possível **ser** eternamente jovem (não se pode parar o tempo), será necessário ao menos **parecê-lo**, através de técnicas de maquiagem, cosméticos, penteados e roupas.

Além de jovem, a mulher deve ser magra, pois ocorrerá uma associação entre gordura, velhice e feiúra, como destacam vários autores (Schupm, 1999; Del Priori, 2000; Sant’Anna, 1995; Lipovetsky, 1997; Giddens, 1997). Uma revista de época, “Revista feminina” diz: “*É feio, é triste mesmo ver-se uma pessoa obesa, principalmente se se tratar de uma senhora; toca às vezes as raias da repugnância*” (Revista Feminina, 1923). Del Priori comenta que a magreza “*tinha mesmo algo de libertário: leves, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com vestidos mais curtos e estreitos, estavam nas ruas*” (Idem, *ibidem*: 75). Foi-se o tempo em que a gordura estava associada a *status* financeiro, como entre os nobres. Agora ela será vista como sinal de lassidão moral e de fraqueza, os

³³ Crespo afirma que, em Portugal, no século XIX, ainda vigorava a crença de que o corpo não era uma matéria totalmente moldável: ele continha em si próprio as potencialidades de sua configuração. Talvez carregando ainda reminiscências da filosofia dos humores, os higienistas visavam liberar o corpo de contenções como espartilhos para que o corpo, ele mesmo, fosse instrumento para a sua criação, mas, dentro dos limites assegurados pela hereditariedade. Era impensável neste período que o corpo pudesse ultrapassar a si mesmo, adquirindo formas totalmente diferentes daquelas dadas pela genética (Crespo, *op. cit.*).

gordos serão vistos como preguiçosos e indolentes, incapazes de controlar a ingestão de comida e de exercitarem-se³⁴. Ser magra era ter mais liberdade de agir e de movimentar-se, além de livrar as mulheres de couraças como o espartilho. Começa-se a pensar o corpo em si mesmo, o próprio ritmo de vida moderno e a possibilidade de sair às ruas farão com que a mulher deseje manter uma forma física que baste por si só, que não tenha que ser contida por mecanismos externos. Veremos que na atualidade isto se exacerba, já que as cirurgias plásticas vão permitir a reconstrução do corpo, substituindo a necessidade de sutiãs por prótese de silicone; de cintas por retirada de gordura via lipoaspiração.

Outro critério que fazia uma mulher ser considerada bela era ser loira, aspecto ressaltado por Freyre (1986) e, depois, reforçado tanto por Schump (1999) quanto por Del Priori (2000). Freyre diz que a moda das loiras chegou ao Brasil com as bonecas de porcelana francesa, todas loiras, de olhos azuis e vestidos de seda. Ele acredita que ao chegar às mãos das meninas ricas fez com que algumas crescessem contaminadas de um certo arianismo, desejando que suas crianças nascessem loiras como as bonecas e também para consolidar esta característica como padrão de beleza das mulheres dos trópicos. Isto aliado aos ideais de branqueamento e eugenia vividos entre nós com o fim da escravidão e a chegada dos imigrantes europeus, consolida de vez a mulher loira como modelo hegemônico de beleza.

Era importante também que, além de loira, tivesse cabelos bem cuidados, finos e lisos, ou, no máximo, delicadamente ondulados, pois estes também eram um poderoso símbolo de status, como afirmam Queiroz e Otta, “*o estado dos cabelos pode ser revelador da trajetória de vida de uma pessoa, da sua condição de existência e do momento que vivencia no interior de um determinado grupo social*” (Queiroz e Otta, 2000: 27)³⁵. Cabelos crespos ou ondulados em demasia remetiam aos traços da raça negra, sendo, portanto, mal vistos.

Por fim, na mesma lógica de associar branqueamento e progresso da sociedade brasileira, a mulher, para ser considerada bela, deveria também ser branca, daí o sucesso de inúmeras pomadas e loções que visavam clarear a pele.

Schump comenta que em linhas gerais o modelo de beleza era elitista e profundamente marcado por nuances raciais; características que remetessem à raça branca eram mais valorizadas e funcionavam como marcadores de classe. Assim, a beleza não era para todas,

³⁴ Schump diz que numa das revistas de época, “a Cigarra” (segunda quinzena de dezembro de 1922), aparecem caricaturas de mulheres pobres, freqüentemente domésticas, ou ao menos encarregadas das tarefas caseiras das quais as mulheres burguesas parecem desligadas. E são ao mesmo tempo feias e gordas, tendo às vezes, os traços bem masculinos. A caricatura das domésticas faz contraponto à das patroas: estas são bonitas, delicadas e esbeltas.

³⁵ A respeito da vasta simbologia sobre os cabelos, ver o texto de Leach, intitulado “Cabelo Mágico”, in: Journal of the Royal Anthropological Institute, n. 88, 1954: 147-64.

mas dirigida às mulheres da elite e contribuirá para reforçar esta identificação entre beleza e classe social. É neste contexto também que elas frequentam os locais onde acontecem os esportes hípicos³⁶. Também por este motivo, os cuidados com a aparência serão normatizados, através dos conselheiros de beleza, em geral homens, que vão instruir as mulheres sobre como lidar com a maquiagem, com as roupas, de modo que ela encontre a medida correta para enfeitar-se. Se maquiada demais poderia ser confundida com prostitutas, mas quando maquiada na medida certa, a mulher diferenciava-se das outras pelo seu bom gosto, pelos produtos utilizados, em geral caros e pela ostentação de um tempo livre para se dedicar a esta atividade. Ensina-se também às mulheres como controlar seus corpos, como se sentar de maneira sensual, mas não vulgar e, sobretudo, como andar. A mulher aprenderá assim uma série de condutas que se apresentam como **técnicas corporais**, ou seja, ou seja, atos balizados pela tradição e eficazes, muitas vezes inconscientes, passados de uma geração a outra por meio da educação. (Mauss, 1974).

Mas se a beleza parece se configurar como uma necessidade, cabe perguntar a quais propósitos servia. Por que a mulher tinha, mais do que no passado, que se preocupar em ser bela? Segundo Schump, a beleza estava lidada ao prestígio social da mulher, de sua capacidade para fazer-se bela, de *“seu poder de fazer-se ouvir, de ocupar um lugar junto aos homens (...) Para se mais exata, a beleza de uma mulher colabora sobretudo, segundo a maioria dos discursos examinados, na conquista de uma posição social verdadeiramente prestigiosa, a de mulher casada”* (Schump, 1997: 90).

Como podemos ver, a mudança com relação às mulheres da oligarquia, sobretudo rural, não pode ser mais profunda. Imersas numa rede de relações que definia as pessoas por suas posições sociais, nomes de família e honra, a beleza contava muito pouco. Eram os títulos de nobreza que conferiam valor às mulheres, bem como as prendas domésticas e o apego às tradições. Com a modernidade, homens e mulheres ingressam na multidão, que se por um lado aparentemente aproxima as pessoas, também as distancia, pois elas se perdem no anonimato. Distinguir-se da multidão passa a ser uma necessidade e o corpo será um dos mecanismos que possibilitará esta distinção. Daí a importância da beleza, que pode ser apreendida num simples olhar. Ainda que as mulheres da elite ainda tenham nome e sobrenome e parte dos casamentos ainda sofra “arranjos” por parte da família, ser bela torna-

³⁶ Schup comenta que entre os homens, o esporte tem claramente um caráter elitista: os cosmopolitas absorvem o novo, desde que ele colabore na composição de uma imagem de uma classe dirigente que só tem olhos para o futuro, afastando-se daquilo que representa o tradicional. O esporte se presta a este papel, reforça as identidades de classe e o projeto social em vigor.

se mais uma vantagem, que pode potencializar melhores parceiros, pode proporcionar um bom casamento.

Outra maneira de se firmar os modelos corporais aceitos para época são os concursos de misses, inexistentes até a década de 20. Schump mostra que os concursos vêm para ficar, embora fossem criticados por senhoras católicas, que condenam a exposição e o julgamento sobre os corpos. Os concursos ainda não prevêem desfiles, os leitores votam nas mulheres conhecidas, o que atesta que o universo da escolha é restrito á mulheres belas da sociedade. São os homens que elegem as mais bonitas, pois, segundo a ideologia da época, teriam mais competência para isso, o que nos remete de novo à questão do gênero. Ao homem é atribuído o **poder** de julgar, entre outros aspectos, a beleza, e, como lembra Scott, *“o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”* (Scott, 1990: 16). O ponto mais interessante ao meu ver é que nestes concursos, a escolha de quem é a mulher mais bonita reforça o modelo de beleza importado da Europa e dos E.U.A, ou seja, da mulher alta, magra e loira, semelhante ao que acontece hoje, tanto com os concursos de misses quanto com os concursos de *top model*, reforçando, aos olhos da sociedade mais ampla, os estereótipos estéticos. Eles contribuíam para formar um gosto e para gerar a assimilação social de um modelo. Para a autora, os concursos fizeram muito sucesso na época porque reforçavam o otimismo do país em sua modernidade, primeiro, porque provava que no Brasil a elegância e a beleza estavam bem representadas; e segundo, porque permitiam ao país se afirmar como “civilizado”, já que todos os outros países, considerados desenvolvidos, tinham seus concursos de misses.

Por fim, este triunfo da beleza seria impossível sem o auxílio da moda e da mídia. A moda que faz sucesso nos anos de 1920 ainda tem inspiração francesa, mas como o cinema americano começa a despontar e o Brasil trava relações políticas e militares com os E.U.A, aos poucos os modelos norte-americanos de roupas, comidas, filmes e outro bens culturais passam a fazer parte do nosso universo e serão associados aos ideais de modernidade que tanto desejamos alcançar. Sobretudo, chegam a nós os padrões corporais das divas do cinema e vai se criando na mentalidade da mulher brasileira uma preocupação com o corpo e com a moda muito mais intensa do que no passado. Segundo Cott (s/d), no século XX tornou-se possível não só reivindicar um estilo de vida americano, mas também difundi-lo: *“Durante os anos 20, 40% dos lares adquiriram rádios, e a frequência semanal dos cinemas duplicou-se, atingindo no final da década 100 a 115 milhões de espectadores. Inquéritos indicavam que mesmo as estrelas de cinema tinham substituído os líderes políticos, empresariais ou*

artísticos como as figuras mais admiradas pelos jovens. Novas formas de comunicação forjavam informações e valores comuns” (Cott, s/d: 95, 96).

A difusão das fotografias contribui ainda mais para a fixação de imagens, seja veiculando imagens de mulheres bonitas e famosas, seja fixando nossa própria imagem, que passa a se objetivar e cristalizar frente aos nossos olhos e aos dos outros. Para entendermos este processo, basta pensarmos em nós mesmos: embora altamente familiarizados com as fotografias e ao mesmo tempo vendo nossa imagem corporal refletida no espelho, quantas vezes já não nos surpreendemos ao olhar nossa imagem em uma fotografia? Parece que a imagem congelada e fixada no papel (ou hoje, na tela do computador ou da própria máquina de fotografia) nos permite nos ver de outra maneira, até mesmo estranhando nossos corpos. Quem nunca se olhou numa foto e sentiu-se estranhamente magro ou gordo demais, como se estivesse olhando-se pela primeira vez – “Nossa, esta sou eu”? Imaginemos então esta sensação num contexto em que a fotografia ainda era uma novidade, bem como as próprias preocupações estéticas.

Se a preocupação estética já era alta nos anos 1920, a partir dos anos 1950 esta importância só faz crescer. É possível correlacionar este fato com o desenvolvimento da economia, que durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek passou por saltos de crescimento, gerou mais empregos assalariados (inclusive da mão de obra feminina) e estimulou o consumo.

Neste período temos também um reforço da própria mídia e dos modelos corporais por ela veiculados. A partir da metade do século XX, as imagens penetrarão cada vez mais no nosso cotidiano. Multiplicam-se as revistas dirigidas às mulheres, sejam de moda, sejam de variedades, e em todas elas figuram mulheres bonitas nas capas. A televisão ainda é um artigo de luxo, mas cada vez mais ingressa nos lares brasileiros, bem como se intensifica o hábito de ir aos cinemas. Uma legião de mulheres bonitas se apresenta ao olhar e parece nos dizer que ser bela é fácil, desde que se utilize o produto “X”.

Neste jogo econômico-cultural, beleza e mercado consumidor se atrelam cada vez mais: a beleza vira item de consumo e as mulheres, consumidoras potenciais de tecnologia que possibilitam a aquisição da beleza.

Segundo Sant’Anna, *“Cinelândia, Capricho, Querida, estão entre as publicações onde os conselhos de beleza são recomendados por estas mulheres-mitos. Mulheres belas aconselhando outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando como é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia (...) Mulheres sempre jovens afirmando com uma ênfase antes nunca vista, que não vale à pena sofrer por falta de*

beleza. Ao lado desta nova tendência, as regras de beleza prescritas pelos médicos e moralistas das décadas anteriores se tornam insuficientes, austeras e ultrapassadas. Desde então os produtos de beleza – agora raramente chamados de remédios – adquirem um poder antes pouco reconhecido. Segundo a publicidade, eles podem influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma” (Sant’Anna, 1995: 128).

Vão desaparecendo as idéias, ainda presentes nos anos de 1920, de que a beleza é um dom de poucas e que as técnicas para reforçá-la são segredos; agora, as novas empresas de cosméticos e os próprios conselheiros de beleza colocam-na como ao alcance de todas. Mas se por um lado a beleza se democratiza, por outro caberá à mulher a culpa por sua feiúra. Será uma tônica constante que só é feia quem quer e aí estamos muito próximos dos discursos atuais que considerarão a mulher feia e gorda – hoje, tornados sinônimos - como negligente, sem força de vontade, desleixada. A beleza surge como uma promessa acessível para todas, mas também começa a ser uma prisão: não haverá felicidade fora da beleza; para ser moderna, feliz no casamento e principalmente, feliz consigo mesma, será preciso ser bela, ou ao menos, empenhar-se para tal. Cada mulher deve travar sua luta contra a feiúra e será a única responsável por bani-la de suas vidas. Afinal, as técnicas estão disponíveis, os cosméticos se tornam mais acessíveis às camadas médias da população, e até mesmo para as mais pobres, as revistas indicam como conseguir um corpo mais bonito, ainda que para isso, seja preciso exercitar-se em casa, as lojas de departamento passam a oferecer roupas mais em conta, a mulher ganha seu próprio dinheiro... Para ser bela, basta que a mulher se empenhe e descubra o prazer de fazê-lo.

Vamos nos distanciando cada vez mais dos modelos que associavam a beleza apenas a preceitos médicos e higiênicos; agora, o prazer e a sensualidade se infiltram nos discursos e passam a justificar a beleza em função das próprias mulheres, que já não temem tanto a condenação moral e social da beleza por parte da igreja. Sant’Anna diz que “*A partir dos anos 60, uma imagem começa a se tornar freqüente nas revistas femininas: aquela de uma mulher sob a ducha, seminua, olhos fechados, mãos e braços envolvendo o próprio corpo, sugerindo o prazer de estar consigo. Ao invés de olhar diretamente o leitor, esses modelos de beleza, muitas vezes anônimos, parecem não necessitar mais de aprovação alheia. São mulheres sempre jovens, que se querem ‘iguais a todo mundo’ e que sugerem um contentamento único e solitário: aquele de cuidar do próprio corpo.*” (Idem, *ibidem*:133).

Para a autora, esta liberação do corpo sedutor e da positividade que o prazer começa a ocupar na vida feminina, advém dos movimentos de liberação ocorridos na década de 1960,

da contracultura, do desenvolvimento da publicidade e da própria cosmetologia e indústrias da beleza, que proliferam em várias partes do mundo. Tudo isso parece dar à mulher oportunidades nunca antes concedidas no livre acesso aos produtos e técnicas de beleza. A mulher já não teme ser confundida com prostitutas em virtude do uso excessivo de produtos ou mesma da importância dada ao corpo, também não teme mais nem a Igreja, nem os companheiros. Seus medos agora recaem mais em serem incompetentes no uso dos recursos, ou de serem privadas deles por questões econômicas. Temem não se encaixarem nos modelos difundidos e serem culpabilizadas e penalizadas por isso.

Courtine (1995) ressalta os paradoxos quanto ao corpo instituídos a partir da metade do século XX: *“Assim, entre as finalidades das práticas esportivas, a busca de um prazer pessoal não cessou de coexistir com desejo de vencer e com o cortejo de disciplinas e de sofrimentos que é seu atributo. As ambigüidades desse hedonismo inscrevem-se ainda, literalmente em sua linguagem, isto é, no caráter paradoxal e na força performática desses enunciados obrigatórios que levam à busca de um bem-estar na atividade física. ‘Have fun’: a alegria é um dever moral, uma forma insistente de obrigação. No mesmo contexto, o bem estar psicológico (‘feeling good’) é entendido como uma consequência da forma física (‘being in shape’). Esta última expressão deve também ser tomada ao pé da letra (da mesma maneira que ‘sentir-se bem na própria pele’): o sentimento de prazer provém de uma aplicação, de um trabalho sobre a forma do corpo que tende a se confundir, desde esta época, com uma virtude pública”* (idem, *ibidem*: 100-1).

Todos estes mecanismos de projeção da beleza a patamares nunca antes vistos, bem como da associação complexa entre beleza/obrigação/prazer se potencializam a partir da década de 1980, nos E.U.A, quando ocorre o chamado culto ao corpo³⁷ e chegam aqui no Brasil uma década depois, a partir de 1990³⁸. Para Courtine, os anos 1980 conheceram um desenvolvimento muito intenso do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. Basta lembrarmos que os anos 1980 foram marcados pela onda da aeróbica, protagonizada por Jane Fonda, através do livro e do vídeo “Jane Fonda Workout Book”. Com *collants*, meia calça, calças de *lycra*, polainas, tênis e faixa na cabeça, Jane Fonda convidava todas as mulheres a “malharem” ao som de músicas norte-americanas agitadas, proclamando que a conquista da boa forma passava pelo esforço e dedicação, coisas à altura de todas as mulheres, aliás, de cada uma das mulheres. Ela apregoava que o corpo era

³⁷ Para compreender melhor este processo, ver item 4.2 do presente trabalho.

³⁸ É por esta razão que embora o presente trabalho esteja preocupado com o culto ao corpo a partir de 1990 no Brasil, em alguns momentos aparecerá referências à década de 80, devido ao fato desta cultura ter se iniciado neste período nos E.U.A

a única realidade sobre a qual o indivíduo, e só ele, tinha controle. Era só seguir os ensinamentos do vídeo e do livro para alcançar a tão sonhada forma física. E nós brasileiros, já ávidos pelas promessas de beleza para todos, embarcamos na onda.

O sentido da prática de exercícios muda drasticamente. As academias se multiplicam no Brasil e supermercados e lojas de departamento começam a vender diversos aparelhos de ginástica, de pesos á esteiras e bicicletas ergométricas, além de roupas próprias para a “malhação”, que ficam cada vez mais justas, evidenciando os progressos e fracassos desta luta corporal. O tom leve da cultura física dos anos 1920 é abandonado e inicia-se um fervoroso culto ao suor e ao esforço físico concentrado. Agora se exercitar é um imperativo e jamais a mulher atual aceitaria de bom grado apenas dissimular através de cintas suas adiposidades. A própria cultura de exposição do corpo inviabiliza esta prática, as roupas são mais curtas e, a partir dos anos de 1990, com a incorporação das calças de cintura baixa, a barriga, que antes poderia ser disfarçada pelo próprio tecido da roupa, tende agora a ser exposta e liberta, e precisa estar “sequinha”. Influenciados pelos E.U.A, começamos a dar mais valor aos músculos, e às atividades que visam o crescimento muscular pressupõem rotina, disciplina, esforço árduo. Faz-se necessário incorporar a “malhação” às atividades cotidianas, reservando um tempo pra sua execução, ainda que se tenha também que trabalhar e/ou estudar.

4.2 - CONCEPÇÃO DE BELEZA PARA AS MULHERES PESQUISADAS.

A partir de agora, veremos como estas questões relativas à beleza e às atividades físicas se apresentam para setenta mulheres urbanas, frequentadoras da academia de ginástica Companhia Atlética, unidade Shopping Morumbi. A intenção é perguntar, de maneira semelhante ao que foi feito através da retrospectiva histórica, quais os sentidos que estas mulheres dão à ginástica e aos cuidados com o corpo, bem como questionar sobre os modelos de corpo atuais (bem como de alguns mecanismos para alcançá-los) e o significado da aparência na auto-estima feminina. Por fim, questionaremos a importância do corpo na atualidade, perguntando-nos se as mulheres entrevistadas percebem mudanças com relação à importância do corpo no passado e no presente.

4.2.1 - SENTIDOS DA “MALHAÇÃO”

Começamos perguntando por que as mulheres entrevistadas começaram a fazer ginástica regularmente, ou, no termo nativo, a malhar?

De antemão é preciso ressaltar que os sentidos dados à prática física encontram-se mesclados: estética, saúde, gosto, combate ao stress, entre outros, se confundem e embaralham, um remetendo ao outro.

Mesmo assim, foi feito um esforço classificatório de ordená-los minimamente, de modo a guiar o leitor pela profusão de sentidos que o corpo condensa em sua pluralidade.

a) SAÚDE OU ESTÉTICA

Parece que como tudo o que se refere ao corpo, as respostas são dúbias. Muitas alegam saúde como principal motivo, mas analisando com mais cuidado e instigando as mulheres a falarem sobre o assunto, percebe-se que também ocorre uma associação entre “malhar” e ser bela, ou melhor dizendo, a malhação aparece vinculada à questões estéticas, como a conquista de um corpo mais magro e/ou mais tonificado. Muitas vezes, trata-se realmente das duas coisas, mas cada mulher pode pender a balança para um dos lados e, por conta desta opção, dedicar-se a um treino mais leve ou mais intenso, bem como eleger as atividades que realizarão.

Vejamos algumas das respostas:

“Bem, primeiro, acho que eu sempre gostei de esportes, mas mesmo pra manter o corpo assim, não ficar muito gorda. Eu gosto, mas também tem a aparência” (Mulher 6, 19 anos).

“Porque eu gosto, pela saúde e pela estética. Eu senti que o meu corpo não estava bom e precisava mudar” (Mulher 9, 27 anos).

“Estética. Não tem outra razão. Só estética. Depois eu fui vendo que começou a melhorar minha saúde, postura. Eu quero um corpo perfeito.” (Mulher 10, 26 anos).

“Eu comecei a fazer ginástica porque... É, eu acho que eu achei que eu estava ficando com umas gordurinhas que eu não tinha antes e como eu não sei parar de comer [ela ri], então pra eu comer tudo o que eu quero aí eu optei por fazer ginástica, e para espairecer a cabeça também (Mulher 33, 35 anos).

“Tem tudo a ver com estética hoje” (Mulher 18, 23 anos).

“Mais por estética. Porque eu acho que eu sempre posso ficar melhor, eu posso levantar mais peso, fazer mais abdominal. Eu acho que não tem fim (...). Tem um pouco de exagero, eu tenho noção disto, então eu tento puxar um pouco o freio, senão, eu fico horas fazendo ginástica.”(Mulher 64, 39 anos).

“Por estética. Lembro como se fosse hoje, o meu companheiro comentou que eu estava flácida. Aí eu comecei com hidroginástica, fui vendo melhora no corpo, ficando mais magra, mas também mais durinha, e hoje, embora tenha também questões de saúde é muito por estética, pra ficar com um corpo legal” (Mulher 68, 34 anos).

“Ficar com o corpo malhado. É sempre a estética, pra mim. Estética pra mim, não para os outros. Eu sempre fui muito perfeccionista comigo mesma, eu me cobro demais” (Mulher 45, 43 anos).

Dentre as respostas mais citadas, a estética aparece em primeiro lugar, sendo diretamente apontada por 45 (56,25%) mulheres, independentemente de suas faixas etárias (ela é apontada tanto por mulheres nas faixas etárias de 18-28 anos e 29-39 anos, quanto por mulheres das faixas etária de 40 a 50 anos, de 51 a 61 anos e de 62 a 72 anos). É possível perceber que, dentre os motivos relacionados á estética, o principal está associado à perda de peso. Malhar configura-se então como uma das estratégias para controlar a adiposidade e manter o corpo em dia. Como dizem as entrevistadas, ela é uma aliada no extermínio das gordurinhas não desejadas e aparece também como um fator de equilíbrio entre a necessidade de manter o corpo e o prazer de comer. Ou, em outras palavras, fazer exercícios minimiza os efeitos da ingestão de alimentos calóricos e permite algumas fugas das dietas rígidas. Fazer exercícios também auxilia, na opinião das mulheres, a adquirir um corpo com musculatura mais definida, menos flácida e, como veremos, pelos modelos estéticos atuais, não basta estar magra, é preciso estar magra e malhada.

Um ponto polêmico é que a pesquisa de campo indica que as mulheres oscilam entre citar a estética como motivo principal e camuflá-la sob o discurso da saúde, talvez por temor de serem julgadas fúteis. Esta é mais uma contradição de nosso tempo e cultura, que incita as pessoas a se preocuparem mais com estética e aparência, mas, ao mesmo tempo, parece condenar moralmente aquelas que assumem esta associação. Assim, muitas iniciam a fala, como veremos, citando a saúde, mas na seqüência remetem-se também à estética:

“Eu acredito em saúde, principalmente. E na estética claro, então saúde e estética pode ser? Estética porque eu me sinto melhor, eu me sinto mais leve mais esquia, mais ... mais disposta, mais atraente, porque não? eu gosto de me sentir bem, de ser elogiada, "puxa você esta bem!" (...) além da saúde em primeiro lugar (...) não pretendo deixar de fazer até ficar bem velhinha, e que eu possa escolher outras atividades mas sempre fazendo ginástica” (Mulher 42, 66 anos)

“Eu malho pela saúde e pela estética. Primeiro a saúde, é fundamental, te estimula, e depois fazendo isso, vendo o seu corpo, se comparando com pessoas da sua idade que

“não têm um corpo adequado, você fica mais feliz. É melhor malhar do que fazer plástica, lipo, no caso, a melhor coisa é malhar” (Mulher 43, 39 anos).

“Saúde em primeiro plano. Claro que no decorrer, como eu já tenho 51 anos, houve outros objetivos, já tive aquela fase de ter personal, pra ficar com o corpo definido, queria uma musculatura mais definida, se bem que eu não tenho aquele biótipo de definir musculatura, mas eu queria, então eu acho que os objetivos vão mudando, agora é a saúde” (Mulher 19, 51 anos)

“Pra ter condicionamento físico e também pela parte estética. Saúde e estética (Mulher 35, 36 anos)

Nos relatos acima, exemplificados entre tantos outros, podemos ver que a saúde é o aspecto mais valorizado, mas que, mesmo nestes casos, a estética aparece, às vezes, como um ganho a mais e, por outras vezes, como um fator tão importante quanto a saúde. É interessante destacar que segundo Novaes, para mulheres na faixa de 16 a 48 anos, “ ‘malhar’ está associado à saúde; porém, o próprio conceito de saúde refere-se, ele mesmo, às melhorias estéticas” (Novaes, 1987, *apud* Del Priori: 96). Lembremos que 83% (ver indicador , item 2.2.2 -, perfil sócio-econômico) da nossa amostra corresponde justamente a faixa descrita pela autora.

Assim, a saúde aparece como razão utilitária em algumas falas, quando na verdade, trata-se de estética, cuja origem repousa nas cobranças impostas pela sociedade mais ampla. Como vimos, as noções de beleza são construídas socialmente, de acordo com parâmetros de pertinência impostos por grupos sociais específicos.

É também a sociedade que disponibiliza ou não para os seus membros a possibilidade de acesso aos recursos que deverão ser utilizados na conquista do modelo de beleza e, como salienta Rodrigues: “os homens [no sentido de humanidade, não de sexo] não perdem a possibilidade de lançar mão desses recursos, para se aproximarem do ideal de estética corporal que a sociedade define, destacando, dissimulando ou atenuando particularidades de sua aparência: submetem-se a dietas especiais, praticam exercícios físicos, pintam-se ou deitam-se em mesas de operações cirúrgicas – porque crêem que, procedendo assim, estarão incrementando a vitalidade de sua constituição orgânica e social” (Rodrigues, 1983: 64).

Foram poucos os relatos que não tocam na questão da estética, ressaltando apenas a saúde:

“É...Por questão de saúde né? Até por remorso né, porque como eu fumo e eu sei que é bem prejudicial eu resolvi dar um antagonista, me deu aquele medo, porque você sabe

que não é saudável, mas você fazendo atividade física e espero que deus seja bom comigo. Estética nunca foi o meu principal objetivo. Graças a Deus eu sempre fui magra, eu nunca tive problema de sobrepeso e o que me levou além da saúde foi o remorso mesmo, o medo de ter um infarto pelo cigarro e comecei a gostar, é o divã do analista que eu não pago, eu digo isso pra todo mundo, não desmerecendo o analista, e pelo menos na atividade eu jogo os meus demônios todos pra fora” (Mulher 44, idade não declarada).

“Eu comecei com hidro porque eu tenho lordose, cifose, aí eu fiz RPG e a fisioterapeuta mandou eu procurar hidroginástica ou alongamento, como eu não gosto de alongamento eu fui fazer hidroginástica.”. (Mulher 52, 48 anos)

“Eu tenho escoliose e bronquite, e aí eu comecei... antes da bronquite eu comecei a praticar mais exercícios físicos, independentemente do que fosse por causa da minha dor nas costas, eu tinha muita dor nas costas” (Mulher 29, 54 anos).

“Porque o médico alegou que eu tinha fibromialgia e que eu precisava malhar pra me livrar deste mal, aí eu comecei a frequentar a academia e a fazer ginástica” (Mulher 55, 44 anos)

Já alguns relatos questionam a importância dada à estética e constituem um contraponto ao grupo anterior. Inclusive, as críticas ao processo de culto ao corpo virão principalmente destas mulheres:

“Porque faz bem a saúde, eu penso muito sabe, mas pra frente ... eu também não que eu malho o tempo todo, imagina, mas eu acho que também é uma questão de saúde, eu acho que a malhação também não pode ser vista como um lado é...uma coisa de estética, eu não vejo somente por este lado não, vejo também pelo lado da saúde” (Mulher 58, 27 anos).

“Eu nunca faria por questões estéticas, só por saúde mesmo. Eu me sinto bem, muito bem, eu não sou fanática, tanto que eu faço só uma ou duas horas (...) eu faço unicamente por questões de saúde, a finalidade estética está em segundo plano, mas é um benefício extra e muito bom, porque é bom você estar bem” (Mulher 63, 42 anos).

“Eu acho que a grande maioria faz exercícios por uma questão estética. É o culto ao corpo, se você começa a ficar com barriga, a sociedade te cobra muito, então você se sente na obrigação de fazer exercícios, te fazer cirurgias, correr riscos, até sem necessidade, tem gente que fica tão aficionada pelo físico que começa a se olhar no espelho e se achar gorda, a pessoa pode até estar dentro dos padrões, mas ela extrapola, tem gente que é bulímica, tenho uma amiga que já foi anoréxica” (Mulher 21, 44 anos)

“Eu faço ginástica não só para o culto ao corpo. Eu sou de Parati, estado do Rio, e lá eu caminhava muito e aqui eu vi que o meu cardiovascular estava muito ruim, porque aqui eu não ando (...) Eu comecei a fazer esteira, cardiovascular, um negócio chamado aerodança, fiz várias modalidades, mas hoje eu faço esteira, faço localizada, pra ter um pouco mais de tônus, por causa da idade (...) o culto que eu tenho é o culto á saúde, e é lógico, isto vai do meu grau de escolaridade, eu sou doutora.” (Mulher 66, 44 anos)

Outro dado que ao meu ver reforça a importância dos motivos estéticos na prática regular do exercício é a fala das orientadoras, professoras ou mesmo alunas da Companhia Atlética, que, quando questionadas sobre como vêm a balança entre saúde e estética, afirmam:

“Muitas pessoas hoje falam que é por causa da saúde, mas eu não acredito que seja por causa disto, acho que primeiro vem a estética, com certeza (...) eu, como orientadora, converso com todos os alunos novos, eu acho que a grande maioria o que eles buscam é mais por estética mesmo. Eles vêm, falam, poucos, acho que de dez, um ou dois vem por recomendação médica, ou pela saúde mesmo. O pessoal diz, ‘eu quero ganhar massa’, ‘eu quero perder gordura’, ‘eu quero fortalecer isto e aquilo’...é mais ou menos isso mesmo” (Mulher 10, 18 anos)

“Ah, uma coisa agrega a outra né [saúde e estética] (...) A maioria vem por estética, e aí depois quando eles estão assim motivados, aí eles começam a ver o outro lado, de disposição, tônus... a grande maioria procura o médico mais por causa do problema estético, mas que pode estar associado a algum outro fator, mas aí o médico recomenda que venha à academia, tanto é que não entram tantos gordinhos na academia, porque têm vergonha, eles acham que aqui só tem gente bonita que tá com o corpo bonito.” (Mulher 8, 25 anos)

“A maioria das alunas é por estética, não é por saúde, é por estética. Tem muita gente pensando na saúde, mas a maioria é no corpo. Eu acho que o conceito de saúde está aumentando, porque você vê muita terceira idade fazendo, então tá aumentando, mas pra pegar a grande maioria, é corpo, é ficar bonita, é ficar bem, e ficar na média, sabe, na grande referência que é a televisão.” (Mulher 18, 23 anos)

“Acho que a maioria é estética né? A grande maioria, né? Entre elas, tem outras que malham por vários motivos. Mas a maioria é por estética mesmo. Eu vejo a estética nas meninas de 16, 17 anos, até nas de 30. Também depende de como elas estão, do que elas estão buscando, porque às vezes o seu estado te faz cuidar muito mais pra buscar um parceiro, estar mais enxuta, né?” (Mulher 19, 51 anos)

“Eu acho que é os dois, acho que todo mundo busca a saúde por causa desta vida que a gente vive, às vezes muito sedentarismo, então muita gente vem na academia em busca da qualidade de vida (...) mas a ideologia dos homens é aumento da massa muscular, hipertrofia forte, eles também vem para academia em busca de estética, em busca de um corpo saudável, malhado, um corpo delineado, então as duas coisas estão ligadas, o pessoal vem pela saúde, mas junto com isso está a melhoria do corpo” (Mulher 54, 26 anos).

Saúde e estética, desta maneira, mesclam-se nos discursos das entrevistadas, como veremos por exemplo, quando discutirmos a frequência à academia de ginástica (item 4.2.2 -), que embora seja camuflada sob o discurso da saúde, na verdade, o contrário na prática.

b) O EXERCÍCIO COMO UM HÁBITO DE INFÂNCIA

Outro motivo muito citado pelas entrevistadas quando questionadas sobre os motivos que as levaram a fazer exercícios é o fato do esporte ou atividade física em geral fazer parte da vida desde a infância. A propósito, todas as professoras indicaram que começaram a fazer atividade física por paixão adquirida no seio familiar:

“Na verdade acho que este estímulo veio desde os meus pais. Desde os três anos eles me incentivaram a ser mais saudável, entender o corpo, caminhavam mais para este lado da saúde, da importância” (Mulher 5, 22 anos)

“Na verdade eu faço desde criança, é uma coisa que eu faço desde os seis anos, depois que eu terminei o balé eu fazia aula de dança e comecei a fazer musculação e esteira pra complementar o treino (...) porque no balé a gente trabalha muito a perna, mas não trabalha os braços, então eu comecei a fazer um pouco de musculação para o braço e abdominal (...), esteira eu sempre gostei de fazer” (Mulher 22, 32 anos).

“Bom, sempre pratiquei atividades físicas, no colégio eu sempre gostei de praticar todos os esportes (...) desde criança eu fiz natação, balé e ginástica olímpica. Hoje em dia vejo a importância das atividades físicas mesmo para qualidade de vida, pro bem estar, pra melhorar a auto-estima, para estar mantendo uma aparência legal e saudável, preocupada mais com uma estética do corpo.” (Mulher 54, 26 anos)

“Ah, ginástica eu gosto, sempre gostei de fazer atividade física e sempre usei ela como uma forma de lazer, então quando eu não estou fazendo nada, eu estou fazendo atividade física (...) e também por causa da saúde, porque é...a gente aprende quando está fazendo faculdade o que é bom o que é ruim, então a gente procura manter pra ter uma vida mais saudável(...)” (Mulher 57, 28 anos).

“Fui ginasta, da artística (...) eu participei de competições, e expressivas, campeonato brasileiro, campeonato fora, pan-americano...eu sempre gostei de desporto, então isso tá em mim, até hoje eu procuro algum campeonato máster, alguma coisa assim da minha faixa, pra brincar, porque eu sinto falta. Eu sempre gostei” (Mulher 59, 39 anos).

“Ah, sempre fiz, desde novinha, sempre fiz, sempre gostei de ginástica, e sempre fazendo. Na época nem tinha academia, quando eu vim pra cá, a gente fazia lá na Ala Shermam e aí quando fechou...na época não tinha academia né, aí foi abrindo, abrindo, aí o pessoal da Alla Shermam veio pra cá, nós estamos aqui desde o começo” (Mulher 36, 45 anos).

“Desde pequena eu faço atividade física, isto passou a fazer parte de mim. Se eu não fizer, eu fico chata, eu faço mais com a finalidade de saúde mesmo, eu faço pra me sentir bem, eu comecei com 8 anos, hoje eu tenho 42 (...) Eu acho que o corpo é a morada da alma, então você deve cuidar dele pra que você possa permanecer mais tempo”.(Mulher 63, 42 anos)

Vemos que os processos de socialização são fundamentais para se criar o hábito da ginástica. Se a criança convive com uma família que valoriza as atividades físicas e as pratica no dia-a-dia, tende a perpetuar estes hábitos quando adulta e passá-los à geração seguinte. Embora a faixa etária das mulheres tenha variado bastante – de 18 anos a 69 anos -, em geral concentrou-se na faixa de mulheres de 29 a 39 anos (40%), que nasceram por volta da década de 70- 80, período em que a atividade física já estava mais valorizada socialmente.

Provavelmente, se esta pesquisa fosse realizada novamente com as filhas destas mulheres, perceberíamos um aumento ainda maior do hábito da ginástica desde a tenra infância, já que suas mães são “malhadoras assíduas” e tendem a transferir a seus filhos os hábitos adquiridos. Tanto que, se olharmos novamente o gráfico 1 (Idade Geral), podemos perceber que 23% da amostra tem entre 18 e 28 anos e muitas são filhas das mulheres entrevistadas que se concentram nas faixas de 40 a 50 anos e de 51 a 61 anos.

c) BEM ESTAR GERAL E ALÍVIO DA DEPRESSÃO.

Outro motivo assinalado pelas mulheres foi o bem-estar de modo geral, adquirido por meio da prática regular de exercícios. A atividade física seria um modo de manter o corpo em movimento e também de se socializar, conhecer novas pessoas:

“Condicionamento físico, vontade de fazer uma outra atividade e de certa forma foi um pouco pelo social também (...) conhecer outras pessoas, trocar idéias, aqui a gente encontra gente divertida, gente chata, de todo jeito”. (Mulher 12, 48 anos).

“Eu sempre fiz ginástica, eu fui atleta, eu joguei vôlei profissional dos 10 aos 15 anos, então eu sempre fiz muita ginástica. Quando eu parei o vôlei eu comecei na Cia Atlética, tô aqui há uns vinte anos, nesta unidade há sete anos. Os objetivos principais são bem estar e manter a forma (...) eu faço ginástica não é para ter um corpo mais bonito, mais malhado, eu faço para o meu bem-estar, pra eu me sentir bem. Pra eu colocar uma roupa e sentir que tá bacana, pra eu não me sentir apertada, é por isso que eu faço ginástica, pra eu me sentir bem” (Mulher 16, 36 anos).

“Foi porque eu sempre fiz muito esporte, sempre...meus cavalos, e com a idade, quando eu fiz 40 anos, eu comecei a perceber que estava faltando forças...e então eu comecei a levar mais a sério.. a academia, a musculação, ginástica e tudo mais, para poder continuar indo viajar, esquiar na neve, fazer mergulho submarino, porque eu adoro todos os tipos de esportes e foi por isso que eu comecei a fazer academia pra valer. É mais física do que estética, mas lógico que ajuda também na parte estética. Você não fica com gorduras localizadas, você fica com um porte mais bonito, uma postura mais bonita e tudo isso te ajuda para você se sentir melhor. (Mulher 39, 58 anos).

Nas falas de Mulher 16 e Mulher 39 vemos claramente o que Courtine (1995) queria dizer quando afirmou que a partir dos anos 1960 o bem estar psicológico (“*feeling good*”) é entendido como uma consequência da forma física (“*being in shape*”). Ainda que não se visem necessariamente fins estéticos, ao se exercitarem as mulheres se sentem melhor; primeiro, pela liberação de hormônios como a serotonina; em segundo, porque aprenderam que o corpo deve estar em movimento (queiramos ou não, faz parte de nossa ideologia) e em terceiro, porque bem estar físico e psicológico parecem hoje indissociáveis.

Três mulheres afirmaram ter começado a se exercitarem como uma espécie de válvula de escape, motivada por depressão. Reencontrar-se com o corpo seria um modo de reencontrar a si mesmo e retomar a alegria de viver:

“Eu comecei há quinze anos atrás quando eu perdi uma irmã que eu amava muito, até aí eu odiava ginástica, ficar suada não era comigo, eu era comodista. Depois que minha irmã morreu, eu pirei. Aí o analista falou pra eu procurar uma academia de ginástica, no começo eu fazia sem gostar, depois eu comecei a gostar da coisa, gostar e hoje eu sou viciada, é isto que você está vendo” (Mulher 65, 61 anos)

“Porque eu tava muito deprimida. Meu corpo estava muito fraco, tava muito difícil mesmo Mirela, então foi uma forma de eu estar me encontrando. Há quatro anos eu tô malhando, eu fui atleta também por quatro anos, aí eu parei, neste momento eu fiquei muito mal porque eu acho que corpo é tudo, atividade física é fundamental, aí eu ficava

muito angustiada, muito deprimida, chateada, muito mal, por isso que eu entrei na academia.” (Mulher 34, 33 anos).

“Porque eu entrei numa depressão ultimamente. Aliás, ultimamente não, já vai fazer um ano... Foi em agosto do ano passado. Entrei numa depressão muito forte e então uma das coisas que eu achei que poderia me ajudar era a atividade física. E também porque eu estava assim com uma auto-estima muito baixa, eu tinha engordado e eu queria emagrecer. Aí eu fiz uma dieta e comecei a fazer e consegui” (Mulher 31, 54 anos).

As falas das mulheres 34 e 31 apontam um dado curioso, pois indicam que em momentos de crise geralmente não temos ânimo para uma série de funções e o abandono do corpo reflete este estado de espírito, do mesmo modo que para estar feliz consigo mesma, para se gostar, é preciso estar de bem com seu corpo. Acaba sendo um ciclo vicioso: deprimidas, abandonamos os cuidados com o corpo, e, ao fazê-lo, potencializamos nossa tristeza. Por outro lado, cuidar do corpo nos alegra e motiva novamente, restabelecendo os canais de sintonia conosco mesmo.

d) GOSTO OU OBRIGAÇÃO?

Embora a malhação estivesse presente na vida de todas as mulheres entrevistadas, era preciso saber se elas gostavam ou não da prática, para depois entender a influência da mesma na construção da auto-estima.

Gráfico 17 - Mulheres que gostam de malhar

Só 3% da amostra afirmou gostar “mais ou menos”, nestes casos, a prática de exercícios deve-se muito mais à cobrança, por parte dos maridos e das outras pessoas, para que elas façam esta atividade. Como fazer algo pelo corpo e com o corpo se tornou um imperativo social, a mulher que opta por não fazer atividade física será olhada de soslaio, como se ela se negasse a fazer parte de algo que é um dever, seja em nome da saúde ou da estética. Daí a necessidade de, mesmo contra os desejos mais íntimos, aderir a “malhação”:

“Ah, hoje em dia já virou um hábito tão . é ... se eu pudesse optar, e se não fizesse um nenhum efeito, tanto para a saúde quanto para a estética, eu não faria. Mas como eu sei que é um ... é necessário hoje. Eu faço (...) eu sou muito preguiçosa. E normalmente quando eu começo a fazer ginástica eu fico com a roupa de ginástica o dia inteiro e.. e aí acabo não me arrumando e quando eu não faço ginástica fico mais arrumada .. aí eu começo a ficar mais avacalhada quando eu tô na ginástica, assim, em termos de ... roupa de vestimenta” (Mulher 47, 40 anos).

“Não, eu nunca gostei de academia, eu faço porque é uma necessidade, não que eu goste, é uma necessidade. Se eu pudesse estar em casa agora, sentada, eu estaria, não estaria aqui, eu não gosto de atividade física. Mas é uma necessidade, em primeiro lugar por causa da saúde, em segundo lugar, por causa do corpo.” (Mulher 32, 33 anos)

“Olha, eu não gostava, entendeu, este ano eu tô gostando mais, as atividades que eu comecei a fazer, a dança, tanto a do ventre quanto o bodyjan, o prannaballs, eu peguei as atividades que eu gosto mais pra mim não...Pra eu ficar mais interessada. Se fosse só pra ficar na esteira e na musculação eu não daria conta” (Mulher 33, 35 anos).

“Eu não gosto, foi orientação médica. Eu faço até, e aqui tem várias opções. Hoje eu não posso dizer que eu não gosto, mas não amo” (Mulher 52, 48 anos).

“Mais ou menos, eu malho assim porque preciso, mas não sou apaixonada não” (Mulher 58, 27 anos).

Por outro lado, várias mulheres afirmaram que gostam muito de “malhar”, embora não tenham especificado os motivos:

“Eu gosto muito” (Mulher 63, 42 anos)

“Adoro, é a paixão da minha vida, viciiei” (Mulher 29, 54 anos)

“Muito, muito. Eles me indicaram, mas desde os seis anos eles perceberam que era uma coisa com a qual eu me identificava muito, além de qualquer outro assunto” (Mulher 5, 22 anos)

“Eu adoro. Minha vida é malhar” (Mulher 14, 34 anos)

Entre as que gostam e especificaram os motivos, percebi ser intensa a associação já assinalada entre bem estar físico e psíquico, além da liberação de hormônios. A ginástica também foi citada como modalidade de terapia, tanto nas entrevistas quanto em conversas informais:

“Comecei a gostar, é o divã do analista que eu não pago, eu digo isso pra todo mundo, não desmerecendo o analista, e pelo menos na atividade eu jogo os meus demônios todos pra fora” (Mulher 44, idade não declarada).

“Eu adoro, eu me sinto viciada em ginástica. É minha sessão de terapia, é o analista que eu não pago” (Mulher 65, 61 anos)

Note-se que em ambas as falas aparecem quase que a mesma expressão: “o analista que eu não pago”. A fala é compreensível, já que o convívio com outras pessoas, o uso da força e/ou da concentração nas atividades, bem como as técnicas de relaxamento de algumas aulas e a sensação de estar fazendo algo para si acabam contribuindo para que a mulher alivie parte do stress e das tristezas.

Outras falas também apontam para este sentido:

“Muito, muito, hoje se tornou meu vício na verdade, não consigo viver sem a ginástica. Quando eu não venho eu sinto muita falta. Dá culpa, bastante, bastante, se eu não venho. Academia, pra mim é uma terapia. Sempre falo pra todo mundo, não existe nada melhor do que fazer a ginástica, se eu entro com um determinado humor aqui eu saio com outro, sempre melhor, pra mim é a minha terapia. Aqui eu fico bem, mais disposta, melhora o humor, melhora o ânimo, melhora tudo, então meu vício é em função disso, me faz bem ao extremo, fisicamente e muito mentalmente, psicologicamente pra mim é um bem extremo.” (Mulher 20, 33 anos)

“Eu dou 100 % de importância à academia. Primeiro pelo astral das pessoas, se você está deprimida você vem, faz uma aula que te levanta; segundo, que pra saúde mesmo, é fundamental pra gente, quanto mais melhor” (Mulher 67, 29 anos).

“Tem um pouco de auto estima, sempre tem. Você se sente bem. Eu acho que a gente libera [endorfina] ou sei lá, acaba se sentindo bem, se sente bem depois de fazer aula. Eu sempre me senti bem e sou feliz. Eu já incorporei isso. Já faz parte da minha rotina malhar e vou malhar até o fim da minha vida.” (Mulher 7, 39 anos).

“Gosto (...) me sinto viva, me sinto feliz.(...) é a tal da serotonina, que alimenta o cérebro, os músculos, é bem por aí mesmo, porque ela me deixa...eu me sinto viva, sou capaz de poder fazer alguma coisa, me movimentar, que eu acho bárbaro, a pessoa poder mexer os braços, as pernas, os dedos, é uma dádiva de Deus, então eu gosto por isso, eu me sinto viva” (Mulher 55, 44 anos).

Outras cometam que quando você começa a fazer atividade física constantemente, o corpo se acostuma, passa a ser como comer, tomar banho, trabalhar, uma atividade constante e rotineira, que gera mais disposição pra enfrentar os outros aspectos do dia a dia, além de dar uma sensação, muitas vezes comentada, de “missão cumprida”, o que confirma ainda mais a importância que o corpo alcançou na atualidade:

“Eu gosto. Desde pequena eu faço bastante esporte e eu já to muito acostumada, se eu não faço eu me sinto muito mal, assim, sempre, o corpo já acostumou (...) Eu me sinto meio inchada, meio parada demais, sempre” (Mulher 6, 19 anos)

“Eu acho que eu criei um hábito, né, meu corpo precisa, eu gosto de fazer tudo aqui, em geral gosto de manter a flexibilidade, fico com dor no corpo quando eu não treino, porque como eu treino muito o corpo sente, me dá sensação do corpo atrofiando, acho que falta de flexibilidade, então por isso, lógico entra o fator de saúde, muito forte.” (Mulher 8, 25 anos).

“É como tomar banho, escovar dente, pentear cabelo, dormir, a atividade física faz parte da minha vida” (Mulher 64, 39 anos).

“Vicie, viciou no bom ... eu me sinto mal, me sinto ..., me falta alguma coisa. Se eu pudesse viria todos os dias, mais horas. E eu faço bastante exercício, você sabe. Body pump, body balance, musculação, aeróbica, e tudo que aparece assim, aparece num horário em que eu posso fazer, eu faço. Eu adoro ginástica. E adoro porque eu me sinto bem, porque foi excelente para mim para tudo” (Mulher 42, 66 anos).

“Faço com prazer. Não adianta, para mim foi fácil, pode ser que um dia eu acorde com preguiça, mas eu acabo fazendo, entendeu? Que nem com o trabalho, tem dia que a gente não está querendo ir trabalhar mais tem que ir, eu ponho uma ... eu, isto faz parte da minha rotina, entendeu? (...) de uma maneira geral, quando não dá para eu vir para a ginástica aqui na academia, ou eu corro, ou eu tenho bicicleta, ou mesmo como eu tenho as crianças eu acabo também tendo que fazer alguma coisa né, eu acabo me exercitando.” (Mulher 51, 34 anos).

“Nossa, ela [a academia de ginástica] é a extensão da minha casa, porque eu acho que cada vez os espaços estão menores e você tem mais stress, mais coisas pra fazer (...) então aqui eu faço uma aeróbica, que compensa o meu cardiovascular e tranqüiliza, porque você joga a adrenalina. Vira um hábito, é como escovar os dentes, eu falo pra minha irmã.” (Mulher 66, 44 anos)

Já outras mulheres enfatizaram mais os benefícios estéticos alcançados com a ginástica e, à semelhança do que percebi quanto questioneei o motivo que as levou a malhar, os mesclam com o discurso da saúde:

“Hoje eu gosto, mas antes não, não gostava, mas hoje eu peguei gosto, por causa disto, você vai vendo a diferença no corpo e aí você quer cada vez melhorar mais e hoje eu gosto bastante, eu faço por gosto” (Mulher 1, 30 anos)

“Gosto. Agora eu parei um pouquinho, mas eu fazia musculação, dança, boxe, ginástica e agora eu estou fazendo só dança do ventre. Mas eu sempre fiz por causa do corpo, pra o corpo, simplesmente para o corpo ficar bonito e também para aliviar o stress” (Mulher 15, 31 anos)

“Gosto! Na verdade quando eu não faço, eu me sinto mal, eu começo a me achar feia, gorda, acaba me fazendo mal, eu fico de mau-humor, então pra tá bem eu tenho que estar fazendo alguma coisa” (Mulher 22, 32 anos).

“Adoro, eu viciiei em ginástica, amo ir pra academia, é um bem que eu faço pelo meu corpo, quando não vou fico triste e culpada” (Mulher 68, 34 anos).

Note-se esta última fala, em que aparece a expressão *“é um bem que eu faço pelo meu corpo”*. Ela sintetiza parte de nossa discussão, pois mostra que o corpo, aos poucos, vai alcançando tal importância que no limite, a mulher malha para o seu corpo, ainda que também para si: o corpo é a pessoa, ou pelo menos, parte essencial dela e de sua inserção social.

e) CORPO E MATERNIDADE

Outro motivo para a prática da ginástica apontado pelas mulheres foi o nascimento dos filhos. Muitas delas se queixam de seu corpo após o parto. A mudança no corpo gera angústias, ainda mais quando a sociedade veicula de maneira tão ostensiva a necessidade das mulheres terem um corpo perfeito. O nascimento dos filhos engendra sentimentos contraditórios: se por um lado os filhos são fonte de felicidade e realização para várias mulheres, eles são também fonte de angústias, pois tê-los submeterá o corpo a processos de

mudança³⁹. Devido às pressões sociais e estéticas, será preciso depois seguir dietas e fazer ginástica para a (re)conquista de um corpo atraente, mulheres antes sedentárias começam a sentir a necessidade de fazer ginástica só após o nascimento dos filhos, justamente porque neste período o corpo passa por uma série de transformações radicais e segundo as entrevistadas, depois do parto e da amamentação, o corpo fica feio, ou, segundo as falas nativas, “flácido”, “com gordurinhas”:

“ Eu sempre gostei de atividade física, mas antes dos meus filhos nascerem eu fazia bem pouco, eu era meio relaxada, mas depois que eu tive as meninas, que o corpo ficou mais feinho, aí eu comecei a ser mais assídua na academia, até porque elas começaram a fazer, aí eu tinha que vir todos os dias porque elas faziam todo dia, aí eu comecei a pegar gosto pelo negócio, eu vi a diferença do corpo, começou a melhorar bastante, aí eu passei a me empolgar e passei a vir cada vez mais” (Mulher 1, 30 anos).

“ Foi depois do terceiro filho que eu senti necessidade de fazer (...) Porque eu fiquei um pouco mais flácida. O principal motivo acho que foi estético. Eu ainda não pensava como eu penso hoje, eu ainda não sabia o que eu sei hoje. Hoje é a saúde, a estética ficou em segundo plano” (Mulher 17, 61 anos)

“Eu faço desde 1981, quando o meu filho nasceu, aí eu tinha engordado muito e entrei na Ala Sherman, pra começar a fazer ginástica pra emagrecer, aí eu nunca mais parei (...)” (Mulher 30, 51 anos)

“Bem, eu já faço ginástica há quase vinte anos, praticar esportes eu sempre pratiquei, mas depois eu fiz, parei, aí depois que eu tive filho, aí quando eu tive o segundo filho eu não tava mais me gostando, uns quilos a mais, aí eu resolvi voltar. Também porque eu não tava me sentindo bem comigo mesma, a insatisfação pessoal com o corpo está ligada com o psíquico das pessoas, se você não malha você não tá...legal.” (Mulher 46, 42 anos)

“Manter a forma. Porque eu tive três filhos né, eu sempre fui magra, mas em consequência das minhas gravidez, das três, eu engordei um pouco e eu sou assim muito neurótica por um corpo assim...não perfeito, mas...um corpo que dê prazer de colocar uma roupa, de usar um biquíni, de ir pra uma praia” (Mulher 60, 40 anos)

Um outro depoimento foi significativo, pois nos faz pensar se, devido à cobrança de se ter um corpo perfeito, teremos uma queda nas taxas de natalidade:

³⁹ E como veremos mais a frente, item 4.2.1 -, em especial, item 4.2.1 -e), o nascimento dos filhos será amplamente citado como legitimador de cirurgias plásticas, principalmente, abdominoplastia, implante de silicone e sustentação dos seios.

“A minha tia teve o primeiro filho dela e o meu tio tinha o sonho de ter vários filhos e ela já fez a operação, sem o meu tio saber, no dia do parto, pra não ter mais filhos, pensando em que? No amor que ela tinha pelo meu tio? No filho dela, que não vai ter irmãos? Não, ela só pensou nela. Eu não quero mais, pelo meu corpo, por mim.” (Mulher 5, 22 anos).

Não temos ainda como responder esta questão, para tanto seria preciso analisar as taxas de natalidade no passado, compara-las com as do presente e esperar que parte da amostra (23% das mulheres estão na faixa de 18 a 28 anos) inicie e/ou dê continuidade ao ciclo reprodutivo.

Mas certamente, se os modelos atuais de corpo e a importância do mesmo para a auto-estima continuam a ganhar importância, a mulher relutará em perder as formas adquiridas, diminuindo ou mesmo evitando o nascimento dos filhos.

4.2.2 - MODELOS ATUAIS DE CORPO

Como já afirmamos anteriormente, sobre o corpo físico serão impostos modelos culturais de beleza e atratividade, fazendo com que o corpo seja “significado”, ou seja, imbuído de sentidos construídos no seio da sociedade. Estes modelos variam, obviamente, de acordo com a multiplicidade de culturas humanas, como salienta Rodrigues (1983): *“O que é sexualmente estimulante em uma sociedade pode exercer o efeito exatamente contrário em outra. Há, na África central, um ideal de estética feminina que identifica beleza com a obesidade, sendo a moça, à época de sua puberdade, submetida às mais diversas técnicas, capazes de fazê-la o quanto mais gorda (...)”* (Rodrigues, 1983: 74).

Assim, faltava-nos perceber quais são os modelos corporais da sociedade atual, bem como os mecanismos para alcançá-los.

a) FREQUÊNCIA E TIPOS DE ATIVIDADES FÍSICAS

Fazer ginástica associa-se à conquista de um corpo mais bonito, mais apresentável e do qual a mulher possa se orgulhar. Só que, para isto, disciplina é fundamental e um dos modos pela qual ela se manifesta é na frequência às atividades físicas:

Gráfico 18 - Frequência semanal a academia

Podemos perceber que as duas maiores faixas, se somadas, correspondem a 88% e indicam que as mulheres dedicam boa parte da semana às atividades físicas: 44% das mulheres vão à academia três ou quatro dias na semana, e outras vão cinco dias ou mais.

É comum que as entrevistadas frequentem a academia nos finais de semana, indicando a importância da mesma em suas vidas.

Mas, por quanto tempo lá permanecem?

Gráfico 19 - Horas diárias de malhação

Segundo o gráfico, 73% permanece apenas por 1 ou 2 horas, 19% por 3 horas, 4% por 4 horas e só 1% fica mais de quatro horas.

Só que, na prática, as coisas mudam. A observação participante, como nos lembra Malinowski (1984), permite que façamos uma nítida distinção entre o que os nativos dizem que fazem (representação) e o que eles efetivamente fazem (ação).

Assim, o campo mostrou que as mulheres malham geralmente por três ou mais horas. É comum que as mulheres emendem duas aulas na seqüência e ainda façam cardiovascular ou musculação, o que ultrapassa duas horas diárias. Além disto, pelos corredores da academia, de modo discreto, funciona um tipo de troca bem peculiar: a de tíquetes de entrada do estacionamento.

Explicando melhor: Os *shoppings*, de uns tempos para cá, começaram a cobrar pelo estacionamento, emitindo na entrada do veículo um tíquete que indica a hora e que deve ser validado e pago na saída. As tabelas de preço variam de um estabelecimento para o outro, mas em geral, cobra-se pela primeira hora e depois, por períodos, sendo que o primeiro deles é de quatro horas. Bem, a academia estudada fica no Shopping Morumbi e a mesma faz uma gentileza aos alunos: dá-lhes um papel que, ao ser apresentado com o tíquete, isenta o pagamento do estacionamento, desde que não ultrapasse quatro horas. Depois deste período, o aluno deve arcar com a diferença de preço.

Mas o que acontece é que os alunos vivem ultrapassando o tempo e, portanto, para não pagar o tempo excedido, trocam os tíquetes com aqueles que entraram depois e não vão ficar as quatro horas. Um mesmo tíquete pode passar na mão de pelo menos duas pessoas.

Além desta prática, uma outra atesta a permanência de muitas mulheres por mais de quatro horas: simplesmente pegar o papel, validar o tíquete depois de quatro horas, sair do *shooping* e entrar de novo, recebendo um novo tíquete. Resta agora, por simpatia ou sorte⁴⁰, receber outro “salvo-conduto”.

Acredito que esta relutância das mulheres entrevistadas em assumirem as horas que se dedicam à academia vem das contradições de nossa sociedade, já referidas, de incentivar o culto ao corpo mas, ao mesmo tempo, de rotular de “fúteis” ou “desocupadas” as mulheres que aderem a ele. Decorre também da já comentada tendência, estimulada pela mesma razão descrita acima, de vincular a prática de exercícios físicos à saúde e não à busca de um corpo perfeito. Vale lembrar que o discurso da saúde prega que o correto é se exercitar três vezes

⁴⁰ As atendentes da recepção são orientadas a fornecer apenas um tíquete por aluno.

por semana, cerca de uma hora por dia, e as mulheres sabem disto e “fazem de conta” que incorporam o discurso.

Através de uma tabela⁴¹, podemos ver as atividades físicas preferidas pelas setenta mulheres que gravaram entrevista:

Tabela 2 - Atividades Físicas Realizadas		
Mulher 03	29	musculação, esteira, bicicleta, ginástica e alongamento
Mulher 04	18	musculação, spinning
Mulher 05	22	Tudo que você puder imaginar eu já fiz
Mulher 06	19	musculação, spinning, esteira
Mulher 07	39	Yoga, step, abdominal, alongamento, spinning.
Mulher 12	33	natação, dança, local e alongamento
Mulher 14	34	Body pump, body step, power jump, RPM, Abdomen
Mulher 16	36	corrida, spinning, bicicleta e musculação
Mulher 20	33	Musculação e aeróbico
Mulher 21	44	Danço e caminho, eu ando muito
Mulher 22	30	balé clássico, localizada e musculação, corrida e alongamento
Mulher 24	18	natação, capoeira e ginástica localizada
Mulher 26	19	dança, cardiovascular, alongamento, e às vezes, natação
Mulher 27	18	Musculação
Mulher 29	54	Body pump, balance e ioga
Mulher 30	57	Body pump, spinning, body Jan, dança do ventre
Mulher 31	54	alongamento, pilates e musculação
Mulher 32	33	aeróbico, local e body pump
Mulher 33	35	Dança, musculação
Mulher 34	33	dança, bike, hidroginástica e musculação
Mulher 35	36	body pump, body step, body balance, body combat, alongamento, jump fit, step, etc
Mulher 36	45	musculação, alongamento e aeróbico
Mulher 38	48	Natação, hidro e dança
Mulher 39	58	aeróbico, musculação e pilates
Mulher 40	32	aeróbico, dança e musculação
Mulher 41	19	Cardiovascular e musculação
Mulher 42		Body pump, body balance, musculação, aeróbica, prannaball, ioga, alongamento
Mulher 43	39	pedalar, musculação e corrida
Mulher 44		aeróbica, localizada
Mulher 45	43	alongamento, musculação e aeróbico
Mulher 45	40	alongamento, musculação e aeróbico
Mulher 47	40	spinning e pump
Mulher 49	27	Pump, jump, spinning, step, abdominal, corrida
Mulher 51	34	corrida, spinning, bicicleta
Mulher 53	29	Corrida e musculação
Mulher 54	26	Musculação, spinning, natação, aeróbica
Mulher 55	44	flexibilidade, musculação
Mulher 56	57	musculação, cardio
Mulher 57	28	musculação, futebol

⁴¹ A pesquisadora tentou organizar os dados em um gráfico, mas considerou que como as mulheres fazem muitas atividades ao mesmo tempo, ficaria difícil mensurar isto por porcentagens, sem contar, que ao convertermos todos os dados qualitativos em números, perdemos o perfil individual de cada mulher. Vale ressaltar que, para diminuir a “poluição visual” de uma tabela já extensa, optamos por classificar somente as mulheres que informaram as atividades que praticam no questionário fechado, deixando de fora as que não responderam.

Tabela 2 - Atividades Físicas Realizadas		
Mulher 58	27	dança do ventre, aeróbico e musculação
Mulher 59	40	bodypump, body step, body jump, musculação.
Mulher 60	42	bodypump, caminhada e transport
Mulher 61	27	Abdominal, alongamento, body balance, esteira, bicicleta
Mulher 64	40	Musculação, local, aeróbica, body balance
Mulher 65	59	Bodypump, transport, body balance, esteira, Jump Fit.
Mulher 66		dança do ventre, aeróbica, local, musculação
Mulher 67		dança do ventre, Jump Fit, aeróbico, musculação, alongamento e vou tentar encaixar ioga
Mulher 68	34	bodypump, spinning, dança do ventre, aeróbico, balé clássico, abdômen e alongamento

Analisando os dados da tabela e os gráficos, podemos ver que as mulheres fazem uma série de atividades físicas e que combinam atividades de cardiovascular com aulas localizadas, bem como musculação e danças. O ritmo de atividades não é necessariamente reduzido entre pessoas mais velhas; por exemplo, podemos citar Mulher 65, 59 anos, que faz Bodypump, Transport, Body Balance, esteira, Jump Fit, indo à academia cinco ou mais vezes semanais; ou Mulher 42, 63 anos que também vai todos os dias da semana e faz Body Pump, Body Balance, musculação, aeróbica, Prannaball, ioga, alongamento. Mulheres entre 30 anos e 40 também são assíduas e diversificam as atividades, como é o caso de Mulher 14, 34 anos, que vai os cinco dias da semana e faz Body Pump, Body Step, Power Jump, RPM, abdômen. Ou seja, o ritmo de atividades é intenso, tanto em termos de dias, quanto de atividades. Estamos muito longe aqui da idéia de ginástica leve, apregoada nos anos vinte. Naquele período, como vimos, já era bem grande a importância dada à ginástica, mas ainda assim, incomparável com o que ocorre no presente. A partir dos anos de 1980, com a cultura do corpo, temos uma transição dos exercícios leves e terapêuticos para exercícios intensos, que têm a finalidade de modificar muito mais profundamente o corpo do que ocorreria no passado.

Schump (1997) cita um trecho da revista *Sports*, no qual as mulheres são aconselhadas a optar pela dança clássica que, seguida da ginástica leve, seriam as atividades mais indicadas às mulheres: “A graça feminina é como um imã secreto, encanto mágico que num sorriso, num gesto, seduz e cativa. A educação física feminina deve, pois, visar principalmente este traço característico do sexo (...) A mulher não necessita de músculos de Hercules. Os exercícios de estética, a harmonia das formas, a graça dos movimentos são próprios e característicos da fisiologia feminina (...)” (Sports, janeiro de 1920, *apud* Schump, 1997). Já um conselheiro da época e escritor de artigos das citadas revistas, Fernando de Azevedo, diz que a terceira atividade recomendada às mulheres é a caminhada, mas de curta distância, pois visa mais o aspecto higiênico das saídas ao ar livre do que o trabalho muscular.

Mudou a época, mudaram os costumes. O que era intenso há sessenta anos atrás seria considerado “mínimo” para as mulheres de hoje. A atividade física feminina não se presta mais a este caráter higiênico e nem obedece tão rigidamente às fronteiras entre atividades físicas masculinas e femininas. É claro que, atualmente, ainda há inúmeras segmentações de gênero entre malhadores homens e malhadoras mulheres; como no passado, os homens continuam a trabalhar mais as partes superiores do corpo (braços, tórax, peito, ombros) e as mulheres, as inferiores (pernas e glúteos); as mulheres também não buscam ficar tão musculosas quanto os homens. No entanto, a distinção entre mulher/ginástica leve X homens/esforço muscular, definitivamente não faz mais parte do universo dos *bodybuilders*. Mesmo entre as mulheres que optam pela dança clássica como atividade principal, como é o caso de Mulher 22, mesmo assim, há um desejo de trabalhar os braços através de outras atividades, como a musculação, pois com ela será possível adquirir maior tônus muscular. Esta diversificação e intensificação das atividades físicas femininas deve-se aos próprios modelos de corpo e de beleza em geral que as mulheres visam alcançar.

Bem, e quais são eles?

b) MODELOS DE CORPO E BELEZA

Numa sociedade multirracial como a brasileira e num cenário de globalização, podemos detectar vários tipos de constituição corporal e facial, bem como várias concepções do que se considera belo ou feio. No entanto, dois pontos parecem convergentes: o primeiro refere-se à importância da beleza na atualidade. Algumas pesquisas norte-americanas⁴² e outras, brasileiras, como a de Lucila de Sousa Campos, trabalham com a importância da beleza na seleção de parceiros, através da análise das mensagens de sessões como a “Classiline”⁴³, do Jornal Folha de S.Paulo. Um exame do número de respostas das caixas-postais revelou que as mulheres que anunciaram beleza receberam mais telefonemas em comparação com aquelas que não anunciaram este atributo. Além dos estudos científicos, um passeio pelos supermercados, *shoppings centers* e drogarias, assim como uma análise dos comerciais televisivos nos mostra uma avalanche de produtos de beleza e de mensagens enfatizando a importância do “estar bonita”. Além disto, várias características femininas têm sido postuladas como ideais e acentuadas pela mídia e pelas cirurgias plásticas.

⁴² Tais como a de Erich Goode, “Gender and Courtship entitlement: Responses to personal Ads”, *Sex Roles*, 34, 141-69, 1996; e a de M. W. Wideman, “Evolved Gender Differences in mate Preferences: Evidence from Personal Advertisement”, *Ethology and Sociobiology*, 14, 331-52, 1993.

⁴³ O jornal em questão (assim como vários outros) reserva uma parte para que mulheres e homens possam deixar mensagens (que definem o tipo de parceiros que buscam, bem como listam as qualidades pessoais que possam atrair eventuais interessados).

O segundo refere-se à evidência, segundo Queiroz e Otta, da existência de “*alguns padrões universais, como sugerem certas evidências de similaridades interculturais no julgamento da beleza facial e corporal*” (Queiroz e Otta, 2000: 38/39). Segundo os autores, características que lembrem crianças (olhos grandes e arredondados, nariz pequeno, testa ampla, bochechas salientes) são bem vindas entre as mulheres. As operações plásticas de rosto visam, entre outros, corrigir assimetrias na face, tais como nariz grande ou adunco.

Nas últimas décadas parecemos assistir a um embate entre alguns modelos corporais, o que dificulta ainda mais a definição do que é ou não considerado belo. No entanto, em termos de modelo corporal, quando questionadas sobre o que seria um corpo perfeito, as mulheres oscilaram entre dois modelos principais: a) as que classifiquei como *bodybuilders*, que querem um corpo magro, mas malhado, com músculos aparecendo, b) as que optam por um corpo bem magro, cujo referencial é o corpo das modelos⁴⁴.

Utilizei duas estratégias para tentar apreender as concepções de beleza e de corpo ideal entre as pesquisadas: 1) indagar, através de questionário fechado, as partes do corpo de que mais gosta; as partes do corpo às que dá mais atenção; as partes do corpo que gostaria de mudar, as cirurgias plásticas que faria e o que mais inveja nas outras mulheres; 2) através da entrevista gravada, indagá-las sobre o tipo de corpo que consideram bonito e o tipo de corpo que percebem como padrão.

Quando questionadas através do questionário fechado sobre as partes do corpo que mais dão atenção, que mais admiram no próprio corpo e que mais invejam nas outras mulheres, obtivemos os seguintes resultados⁴⁵:

Tabela 3 - Partes Corporais					
Entrevistada	Idade	Partes do corpo que mais gosta	Que dá mais atenção	Partes do corpo que gostaria de mudar	Cirurgia plástica que faria
Mulher 1	30	Peitoral, tórax e pés	Seios	Coxas, queria que fossem mais grossas, glúteos mais volumosos e torneados	Lipo
Mulher 2	31	Ombros, gêmeos	abdômen	Glúteos, diminuir o tamanho, a celulite, definir o abdômen inferior	Lipoescultura e silicone
Mulher 3	29	Braços	Pernas e	O bumbum, porque é	Lipo

⁴⁴ Não houve relatos de mulheres fisioculturistas, com exceção de mulher 61, que não chega a sê-lo, mas que gosta de músculos mais aparentes que as outras mulheres.

⁴⁵ Os dados foram colhidos através de questionário fechado e as mulheres podiam indicar livremente, por escrito, as partes do corpo que mais gostavam no seu corpo, mais davam atenção, que gostariam de modificar e que invejavam em outras mulheres. Igualmente ao caso anterior, a pesquisadora optou por manter os dados em tabela, ao invés de condensá-los em gráficos.

Tabela 3 - Partes Corporais					
Entrevistada	Idade	Partes do corpo que mais gosta	Que dá mais atenção	Partes do corpo que gostaria de mudar	Cirurgia plástica que faria
			bumbum	grande	
Mulher 4	18	Cabelo, rosto e colo		Barriga	Lipo
Mulher 5	22		Barriga	Diminuir nariz e aumentar seio	Nariz e seio
Mulher 6	19	Mãos e barriga semi-definida	Barriga	Redução de peito	Redução de peito
Mulher 7	39	Quadril, ombros	Rosto	Seios flácidos	Seios, nariz e orelha
Mulher 8	25	Rosto, bumbum, coxa, panturrilhas, mãos	Bumbum, coxa, rosto	Os braços, gordura no tríceps	
Mulher 9	27	Colo, mãos	Barriga	A barriga, é feia e gorda	Lipoaspiração
Mulher 10	18	Mãos e costas	Abdômen e glúteo	Pernas, engrossá-las, são muito finas	Silicone nos seios
Mulher 11	26	Coxas definidas	Glúteos	Glúteo, tem celulite	Peito e glúteo
Mulher 12	48	Pernas e abdômen	abdômen	Pneuzinhos laterais	Lipo
Mulher 13	58	Pernas	Barriga	Emagrecer como um todo, menos nas pernas	Lipoaspiração, pálpebras, seio
Mulher 14	34	Pernas	Barriga	abdômen definir mais	Lipoaspiração
Mulher 15	31	Boca e barriga	Rosto	Seios, bumbum, mais massa muscular	Lipoaspiração
Mulher 16	36	Pés, mãos, rosto	Cintura, pernas, barriga	Ombros, coxas e flancos	Lipoaspiração no abdômen
Mulher 17	61	Pernas longas e bem torneadas	abdômen e cintura	Peito, seios	Peito, seios.
Mulher 18	23	abdômen, coxa	Glúteo e abdômen	Bumbum	Silicone
Mulher 19	51	Olhos expressivos e seios proporcionais	Pernas, Glúteos	Quadril, é muito grande	Lipoaspiração
Mulher 20	33	Braços definidos	Costas e braços	Barriga, tenho flacidez	Sim, para a barriga
Mulher 21	44	Colo, pernas, bumbum, feminilidade	Seios e pernas	Flacidez na barriga	Barriga e rosto

Tabela 3 - Partes Corporais					
Entrevistada	Idade	Partes do corpo que mais gosta	Que dá mais atenção	Partes do corpo que gostaria de mudar	Cirurgia plástica que faria
Mulher 22	30	Pernas definidas	Rosto, cabelo e pernas	Seios, ficaram flácidos	Prótese nos seios
Mulher 23	48		Pernas, abdômen, Glúteos	Nada	Seios e rosto
Mulher 24	18	Pernas definidas	Peito e abdômen	abdômen ,porque tem gordura	Lipoaspiração
Mulher 25	19	Boca carnuda	Rosto	Nariz e barriga	Plástica no nariz
Mulher 26	18	Cabelo, olho, boca, cor e bunda	Cabelo	Não, apenas perder peso enrijecer	Não faria
Mulher 27	18	Pernas, olhos	Pernas	Seios	Silicone
Mulher 29	54	Ombros largos	Todo o corpo	Barriga, tem celulite e flacidez	Rinoplastia e lifting
Mulher 29	57	Seios, pernas e rosto	Rosto, mãos e pés	Bunda grande	Todas que eu achasse necessárias
Lourdes 31	54	Seios, colo bonito	Traseiro	o traseiro	Não sei
Mulher 32	33	Rosto	Barriga	Barriga, é grande	Barriga
Mulher 33	35	Pés, mãos , olhos	Barriga	Seios, por causa da amamentação	Seios
Mulher 34	33	Rosto, seios, altura	Barriga	Barriga, porque é flácida	Barriga e seios
Mulher 32	36	Pernas torneadas e musculosas	Pernas, braços e peitoral	Seios, são muito volumosos	Não faria
Mulher 66	45		A todas	Plástica no rosto	Olhos
Mulher 37	33	Pernas, costas	abdômen	Cintura	Redução de mama
Mulher 38	48	Pés e mãos	Rosto, tronco e membros	Barriga e cintura	Lipoescultura
Mulher 39	58	Postura segura	Barriga	Não	Não
Mulher 40	32	Cintura, colo	Pernas e seio	Seios	Prótese nos seios e lipoaspiração
Mulher 41	19	Em geral	Barriga	Não	Não
Mulher 44		Pernas	Boca, pernas, geral	Nada	Se precisar
Mulher 43	39	Pernas	Pernas e Abdômen	Seios	Facial
Mulher 45	43	Pernas longas e bem definidas	Pernas e Abdome	Seios mais firmes	Lipo
Mulher 46	42	Seios e pernas	Pernas, braços	Bumbum	Abdome
Mulher 47	40	Pernas	Bumbum,	Diminuir a mama e os	Lipoescultura

Tabela 3 - Partes Corporais					
Entrevistada	Idade	Partes do corpo que mais gosta	Que dá mais atenção	Partes do corpo que gostaria de mudar	Cirurgia plástica que faria
		grossas	braços	culotes	e pálpebra
Mulher 48	40	Cabelo, pernas	Glúteos		Peito
Mulher 49	27	Pernas, Glúteos, rosto	Pernas, bumbum e peito	Não	Não
Mulher 50	26	Olhos, expressão	Cabelo		Sim, seios, lipo
Mulher 51	34	De tudo	Barriga, quadris	Seios	
Mulher 52	48	Nádegas, Pernas	Pernas	Abdômen, não é definido	Não
Mulher 53	34	Costas, barriga, Pernas	abdômen	Seios maiores	Silicone nos seios
Mulher 54	26		Pernas, Glúteo, abdome	Costas, tem gordura	Todas
Mulher 55	44	De tudo	Nádegas e pernas	Não	Não
Mulher 56	57	Cintura, barriga	Pernas, braços	Barriga, ficou diferente depois da gravidez	Lipo
Mulher 57	28	Braços, Pernas	Braços, Pernas	Só melhoraria, não mudaria	Prótese nos seios
Mulher 58	27	Pernas torneadas	Glúteos		
Mulher 59	39			Seios e costas, diminuir	
Mulher 60	40	Abdome	Rosto, Pernas	Barriga, coxa	Não faria, sofri muito com uma
Mulher 61	27	Seios, lábios	Rosto	Não	Não
Mulher 62	42	O conjunto	Rosto e mãos	Aumentar massa muscular	Silicone nos seios e no bumbum
Mulher 64	39	Olhos e Pernas	Barriga e coxas		
Mulher 65	59	Pernas	Pernas	abdome	Lipo
Mulher 68	34	Mãos, sorriso	Pernas	Definir bumbum, ter mais cintura. Seios caídos	Lipoescultura, levantaria os seios
Mulher 71	42	Perna, rosto e bunda	Pernas e Glúteo	Abdômen, depois das crianças teria que mudar	Seios
Mulher 72	57	Olhos	Dentes	Barriga	Todas
Mulher 73	35	Muitas	Todas		As necessárias
Mulher 74		Braços, pernas	Não	Não	
Mulher 75	34	Costas, busto	Glúteo e abdome	Diminuir a cintura	Lipoaspiração
Mulher 76	35	Pernas,	Todas	Não	Sim

Tabela 3 - Partes Corporais					
Entrevistada	Idade	Partes do corpo que mais gosta	Que dá mais atenção	Partes do corpo que gostaria de mudar	Cirurgia plástica que faria
		Bumbum, ombros, costas			
Mulher 79	33	Pernas	abdome	Bumbum, estômago, seios	Lipo, prótese nos seios
Mulher 80	35	Seios	Nenhuma específica	Ser mais alta, ter pernas mais finas	Não

Dentre as partes preferidas pelas mulheres em si mesmas, a perna foi uma das mais citadas (39 entrevistadas, 48,75%) e as características principais que a colocam neste posto são a facilidade em trabalhá-las na ginástica e a firmeza. As pernas também são citadas também como uma das partes às quais as mulheres mais dedicam atenção, sendo ressaltadas por 24 mulheres (30%). Talvez isto se explique devido a maior facilidade de trabalhar os músculos das pernas, que além de maiores, são solicitados em atividades rotineiras, como andar, subir escadas, etc, estando, portanto, em constante atividade. Vale lembrar também que desde o advento da mini-saia, as pernas passaram a ser foco da atenção masculina. Mãos, seios e glúteos aparecem seguidos nas preferências femininas, com respectivamente 8 (10%), 9 (11,25%) e 9 (11,25%) indicações. O restante da preferência divide-se em braços, cabelos, colo, ombros, pés, costas, com pouco ou nenhum destaque para as outras partes. O rosto, olhos e boca somam 18 (22,5%) indicações. Os olhos, nas falas femininas aparecem destacados mais por sua expressividade do que pela cor. Já a boca aparece principalmente acentuando-se os lábios, que são valorizados quando carnudos, numa clara referência á sexualidade, ainda mais em tempos em que injeção de silicone nos lábios anda tão em voga, já que as mulheres associam lábios carnudos a uma boca *sexy*.

Um dado importante é que na lista de preferências femininas a cintura recebeu apenas uma indicação, mas quando questionadas sobre a parte do corpo que gostariam de mudar, esta região, também indicada como parte lateral do abdômen, ou apenas abdômen é absoluta campeã, totalizando 30 (37,5%) indicações no quesito parte do corpo que dá mais atenção. Das entrevistadas, 24 (30%) mulheres gostariam de mudar esta região e 26 (32,5%) delas indicam a lipoaspiração ou a lipoescultura como a cirurgia plástica que mais gostariam de fazer. As razões femininas alegadas é que se trata da região que mais acumula gordura, responsável pelos temidos e odiados “pneuzinhos”, fazendo inclusive com que as mulheres, mesmo as menos simpatizantes da plástica manifestem desejo de modificá-la através de cirurgias. Ressalta-se que a região muitas vezes ficou flácida e apresenta excessos de gordura localizada:

“A barriga é o que mais me frustra, acho que praticamente eu não vou à praia por causa da minha barriga, que mais me incomoda, até quando eu me relaciono eu não me sinto muito à vontade, com amigos e amigas, isto é um problema para mim” (Mulher 6, 19 anos)

“O pneuzinho lateral, eu acho que ele me incomoda, eu gostaria de lipoaspirar esta parte, porque ele é um dos pontos que pegam e não tem como tirar mais, ele sempre estará lá, é impressionante, pode reparar, mulher que teve filho...o pneuzinho...” (Mulher 12, 48 anos)

“É importante para mim não ter barriga, eu odeio estar barriguda, odeio!” (Mulher 13, 59 anos)

“Você nunca vai me ver de top, porque eu tenho uma gordurinha na barriga que me incomoda, que não sai, então eu não gosto de abaixar, dobrar o corpo e ela aparecer, me incomoda” (Mulher 14, 34 anos)

“Só que eu sempre tive uma barriga, abdômen, sempre, eu fui consultar um cirurgião plástico e ele falou ‘olha, este tipo de gordura localizada é uma herança genética, sua mãe tem, naturalmente a mãe dela também teve, e isso, não vai sair com ginástica nunca’, e como eu sempre fiz exercício físico, a vida inteira, mas sempre tive aquela dobra na barriga quando você senta, e isso me incomodava (...). Eu fiz uma lipoaspiração, fiz só no abdômen, fiquei super feliz” (Mulher 16, 36 anos)

“Eu tenho uma gordura localizada na barriga que todos os médicos já disseram que eu não vou perder com a ginástica, não tem como, é o meu biótipo, a minha mãe também tem uma barriga praticamente idêntica,(...) às vezes eu dou uma disfarçadinha (...)” (Mulher 20, 33 anos)

“Eu faria na barriga, porque é uma coisa que me incomoda, não é só estético, eu tive rompimento da musculatura na gravidez, então quer dizer, a minha barriga não vai sair sem cirurgia, mesmo se eu fizer regime, por mais que eu emagreça, só a cirurgia resolve. Mas mesmo que eu não precisasse, que o meu caso não fosse cirúrgico pra barriga, eu faria, porque é uma coisa que me incomoda bastante” (Mulher 32, 33 anos)

“Um corpo perfeito é um corpo sem pneuzinhos” (Mulher 34, 33 anos)

Outra parte do corpo citada pelas entrevistadas são os glúteos, que são alvo predileto de atenção de 16 mulheres (20%), seriam modificados por 13 (16,25%) mulheres e causam inveja feminina em 15 (18,75%) casos.

Esta região recebe constante atenção, mais até do que a declarada pelas mulheres no questionário fechado. É comum ver mulheres realizando exercícios de agachamento ou de definição dos glúteos com caneleira, coisa que não acontece entre os homens, já que por diferenças ligadas ao gênero, eles preferem trabalhar as partes superiores do corpo. A pesquisa confirma que o Brasil ainda é, segundo uma das entrevistadas, “o país da bunda” e que esta deve ser firme. Não é à toa que toda revista ligada à estética enfatiza tratamentos e exercícios para “turbinar” e enrijecer esta região, como podemos ver no exemplo a seguir:

Figura 1 - Glúteos e mídia

No entanto, como é uma região de intervenção cirúrgica mais difícil, poucas são as entrevistadas que a mudariam com cirurgias plásticas (só três entrevistadas a modificariam). O uso de prótese de silicone nas nádegas ainda é pouco difundido entre nós, mas acredito que se a importância dada ao corpo continuar crescente, logo um número maior de mulheres vão aderir à prática.

Sabino (2002) diz que esta preocupação em otimizar o tamanho e a forma das nádegas foi chamada por Gilberto Freyre como “dignificação das ancas” (1986). Segundo o autor, na sociedade brasileira a mulher com ancas e nádegas mais salientes seria considerada mais feminina e teria mais vantagens no

jogo de sedução. Isto aliado à técnica corporal de andar mexendo as cadeiras, projetando os seios para frente e empinando as nádegas, conferiria a estas mulheres elevado valor sexual para os homens (Sabino, 2000). Já para Queiroz e Otta, as razões para esta escolha remetem ao nosso passado evolutivo: *“Cintura e nádegas são atributos unicamente humanos. Os grandes símios – chimpanzés, orangotangos e gorilas – não possuem nem cintura, nem nádegas. Estas últimas evoluíram por causa da rotação do sacro, do desenvolvimento da pelve e do músculo ‘glúteos maximum’ para a postura bípede. A cintura foi criada pelo ‘ilium’ curto, pela vértebra lombar aumentada, pela curvatura lombar da espinha, enfatizada pelo acúmulo de gordura subcutânea no ‘fascia glúteo’. Assim, a RCQ [relação cintura quadril] pode ter significado funcional único na espécie humana. Os homens detectam este sinal nas mulheres e o utilizam para fazer julgamentos sobre a atratividade.”* (Queiroz e Otta, 2000, 46).

Os seios também aparecem com muito importantes na construção da auto-estima feminina. Recentemente, em uma aula de abdominal, uma aluna comentou que não poderia fazer alguns exercícios, pois tinha acabado de colocar silicone nos seios e o professor de ginástica perguntou “quantas aqui puseram silicone?” De cerca de dez alunas presentes, só duas não levantaram as mãos! No entanto, como é impossível modificar a forma dos seios com ginástica, sendo possível apenas tonificar o músculo peitoral, que ainda assim fica coberto pela gordura, esta parte não é muito trabalhada pelas mulheres, que preferem corrigi-la, caso necessário, com próteses de silicone, aspecto que abordaremos posteriormente.

Um dado que não foi comentado com ênfase nas entrevistas, mas que é perceptível ao primeiro olhar, é que na concepção de beleza os cabelos assumem grande importância: valoriza-se muito os cabelos com aspecto sedoso, que tenham brilho e, sobretudo, que sejam lisos. Nos anos de 2004/2005, vários tratamentos capilares surgiram com a promessa de hidratar os fios e alisá-los: cauterização térmica, escova progressiva, escova definitiva, entre outros. E as mulheres da academia aderiram em peso! Muitas vezes, antes das aulas, discutíamos a polêmica sobre os dois últimos métodos, pois ambos prometem cabelos mais lisos, só que usam em sua fórmula queratina e formol e veiculou-se muito na imprensa que o formol poderia causar câncer. As questões variavam sobre a veracidade da informação e se valeria a pena ou não correr o risco em função da estética. As opiniões se dividiam: quem havia feito encantava-se com os resultados imediatos, mas se preocupava com os futuros, mas dia a dia crescia o número de mulheres que aderiam a prática e chegavam à academia com cabelos esvoaçantes, que pareciam saídos de comercial de televisão. Uma delas, Mulher 40, que por ser dentista e lidar com formol não acreditava nos riscos, chegou um dia na aula de dança muito feliz com seu cabelo alisado, dizendo que ele era antes muito volumoso e lhe dava muito trabalho; quando outras mulheres a bombardeavam com advertências, ela respondeu “*Antes morrer de câncer do que de tristeza de ter o cabelo que eu tinha!*”.

Não podemos esquecer que embora vivamos o mito da democracia racial, cabelos ondulados ou crespos são associados às características fenotípicas dos negros e, portanto, pouco valorizados no nosso imaginário⁴⁶. Como destacamos anteriormente, já na década de 1920 fomos seduzidos pelo modelo de mulher que vinha da Europa, muitas de cabelos loiros e lisos, que rapidamente viraram símbolo de *status*. Dentre as modelos da moda e atrizes, o cabelo liso faz muito mais sucesso que cabelos encaracolados, e várias delas, quando alcançaram sucesso profissional, alisaram as madeixas, como por exemplo, as cantoras Daniela Mercury, Ivete Sangalo; as atrizes Débora Bloch, Cláudia Raia, Cristiane Torloni,

⁴⁶ Vale lembrar que muitas pessoas referem-se ao cabelo crespo como “ruim”.

Luiza Tomé; a jornalista Fátima Bernardes, a modelo Luma de Oliveira... A lista poderia prolongar-se infinitamente... O cabelo liso parece ser associado à idéia de mulher elegante e bem sucedida, sendo, portanto, valorizado entre as pesquisadas.

Na segunda etapa para tentar estabelecer os padrões corporais e de beleza, incentivei as mulheres a comentar as respostas dadas no questionário fechado, a partir de depoimentos falados. Vejamos algumas falas femininas sobre o modelo de corpo que elas almejam alcançar:

“Eu sempre fui magra e pretendo continuar sempre magra, portanto eu faço bastante aeróbico, eu nem pretendo ficar musculosa, é mais manter um corpo, ficar mais rígida, estas coisas. Um corpo perfeito pra mim significa um corpo com pouca gordura e mais massa muscular” (Mulher 1, 30 anos)

“Um corpo harmonioso, sem muita gordura. Hoje a mulher tem que ser definida, não pode ter uma gordura e antigamente era uma Marilyn Monroe, mais cheinha” (Mulher 3, 29 anos)”.

“Um corpo perfeito deve ter muitos músculos e pouca barriga. Isto em 100% das mulheres, dá uma sensação de missão cumprida” (Mulher 5, 22 anos).

“O corpo ter pouca gordura. Eu queria emagrecer e ficar mais tonificada” (Mulher 9, 27 anos)”.

“Ah, um corpo com o mínimo de gordura, massa muscular, tônus muscular, é isso.” (Mulher 10, 26 anos).

“O padrão de corpo perfeito é magra, mas com peito” (Mulher 19, 51 anos).

“Eu acho que a minha opinião bate com a de todo mundo, tem que ser aquela magra, sem barriga, ereta... Que você veja que tem uma atividade física, que tem uma postura, eu acho que isto conta muito, é o plano de todo mundo, ser uma pessoa esbelta, fina, eu acho que isto conta” (Mulher 32, 33 anos).

“É magra, mas malhada” (Mulher 69, 45 anos)

“Sem flacidez e com tudo no lugar. Um corpo perfeito significa ter bunda, ter peito empinado, ter cintura, ser dura, ter uma estatura razoável” (Mulher 47, 40 anos).

“Olha, eu quero um corpo bem tonificado, nada flácido, o corpo um pouco mais durinho, mas nada muito definido, muito grande, magra definida, magra tonificada.” (Mulher 49, 27 anos).

“Eu quero o que todo mundo quer, um corpo magro, mas malhado” (Mulher 70, 30 anos)

De uma amostra de oitenta mulheres, cinquenta e uma (63,75%) elegeram o corpo magro e malhado como seu ideal de beleza. Outras vilãs das mulheres são a celulite e as estrias, citadas por várias delas. O que isto significa? Acredito que como hoje a exposição do corpo está maior, tanto no sentido do corpo estar mais em evidência, quanto de estar mais exposto, as mulheres querem um corpo sem gordura, até porque aprenderam a perceber gordura como algo negativo. É preciso, então, para desnudar o corpo, ou mesmo para vesti-lo com roupas que marquem as formas, livrá-lo de adiposidades, no vocabulário nativo chamadas de “pneuzinhos”. Mas só isso não basta, pois é preciso também exibir um corpo tonificado, firme, um corpo que se diferencie de um corpo não malhado, não modificado pela cultura física. Embora os rígidos padrões possam levar à busca de uma magreza extrema, como veremos mais adiante, no consenso geral o corpo feminino deve ter alguma musculatura aparente. Daí a escolha das mulheres por atividades que promovam gasto calórico, como *Body Step*, *Body Jump*, *Jump Fit* e da musculação, do *Body Pump*, das aulas de local e abdômen, que atuam no sentido de fornecer tônus muscular. De todo modo, é preciso “malhar” para alcançar o padrão de corpo que se quer.

Segundo Novaes, a própria expressão “malhar” já é significativa, pois vem de malhar com esforço o ferro para que ele se amolde a novas formas (Novaes, 1997: 23). Só que aqui, trata-se de malhar o corpo, pedaço por pedaço, parte por parte, “consertando” as partes ruins ou substituindo-as por novas (no caso da plástica), o que nos leva novamente a idéia de que o corpo do humano atual é fragmentado, como vimos na discussão sobre a modernidade (ver item 3.3 -). Cada parte dele, embora se conecte a um todo, é única, a ponto do músculo se configurar quase que como uma unidade e entidade autônoma, ou, nas palavras de Travaillot (1998), “o último ‘must’ é o músculo. O corpo ideal é o musculado, firme, flexível, dinâmico e resistente” (Travaillot, 1998: 95).

Não se come para manter a saúde como um todo, mas para alimentar o músculo, e também não se come qualquer coisa, é a quantidade certa de proteína e carboidrato para que Ele, o músculo, cresça. Inclusive, é neste processo de fragmentação que devemos entender a musculação para a maioria das mulheres. Em geral, estas não gostam de musculação, preferem atividades mais grupais, como aulas de ginástica e cardiovascular, mas aderem à musculação por necessidade, já que sabem que será ela que dará o tônus muscular desejado. E, geralmente, não a tem como atividade física principal, ela é apenas um complemento que vai trabalhar de modo mais intenso as partes femininas consideradas atrativas, como pernas e

glúteos. Aqui a musculação entra menos como atividade prazerosa do que como atividade necessária, e seus objetivos são muito mais específicos e caminham na direção de dar à mulher os recursos para se tornar “malhada” e, portanto, “poderosa” aos olhos dos homens e das próprias mulheres.

Embora (quando questionadas sobre o corpo que queriam alcançar) a maioria tenha dado respostas que adjetivam o corpo – malhado, magro, tonificado –, ressaltando características estéticas como definidoras do corpo ideal, também encontramos respostas que tendem a salientar outros pontos, como a saúde, a funcionalidade do corpo e a sensação de, simplesmente, gostar dele, considerá-lo harmônico e equilibrado mesmo quando ele não corresponda aos padrões:

“Ah, assim, eu acho que é um corpo que obedeça àquilo que você quer fazer, entendeu? De repente você quer caminhar, mas você não está em condições, porque você tá um pouco acima do peso (...) então acho que um corpo legal é aquele que dá condições pra você fazer aquilo que você quer, você pra se sentir bem (...)” (Mulher 57, 28 anos)

“Você se sentir bem, mas com saúde (...) Acima de tudo, se eu fosse um pouco mais gordinha eu iria para uma academia, ia fazer alguma coisa para a minha saúde. Para problema do coração, colesterol, etc, mas não porque tem que ficar bonita porque a sociedade me cobra que tem que ser bonita. Eu faço tudo tipo pra mim, nem para a sociedade nem para ninguém” (Mulher 58, 27 anos).

“Eu acho que ... um corpo bonito ... é aquele que a pessoa se sente bem, tá, mas por exemplo, eu posso falar para você isto, mas as pessoas que passam na rua vão falar: ah, às vezes eu não vou achar aquele corpo bonito, às vezes porque tem uma barriguinha, alguma coisa. Mas se for parar para pensar, é isto, um corpo em que você se sente bem, entendeu? Porque se a pessoa tem aquela barriga mas ela não liga, ela anda de top, ou ela seque uma postura adequada ela não vai ... ela mostra que ela está bem com aquilo ela vai passar aquilo para a gente entendeu?” (Mulher 26)

“É o que consegue integrar-se harmonicamente com a alma, tornando-se belo” (Mulher 63, 42 anos)

“Mente sã, coração tranqüilo, corpo em sintonia. Perfeição é uma utopia” (Mulher 21, 44 anos)

Nestas falas a beleza não é percebida tanto em termos do corpo se adequar a uma forma preconcebida, é mais um estado de espírito que associa bem estar físico ao equilíbrio emocional, rompendo em parte com os modelos hegemônicos que definem a mulher bonita

como magra, malhada, tonificada. Mas, mesmo entre estas mulheres, às vezes a estética vai se infiltrando no discurso, como algo que elas não gostariam de valorizar, mas que também não conseguem abstrair de todo.

Já com relação à pergunta “existe um padrão de corpo perfeito e de beleza difundido pela mídia?”, as respostas foram unânimes: todas as mulheres, mesmo as que estão em busca de outras formas de beleza e que ressaltam conexões entre beleza e espiritualidade, perceberam e apontaram que o padrão hegemônico é mesmo a “magra malhada”:

“Meninas mais magras, pode ver, eles não colocam meninas gordinhas pra fazer uma propaganda de biquíni, então o modelo de beleza é em forma, sem excesso de gordura, com bom tônus muscular (...)” (Mulher 2, 31 anos).

“Ser aquela mulher magra, com peito, com bunda, sabe, que todo mundo fala ‘nossa, é ela’. Claro que é errado a gente seguir um padrão corporal, mas na verdade, todo mundo segue. Quem colocou este padrão foi a mídia. Eu acho que ela estabeleceu um tipo de pessoa e as pessoas vão seguindo este tipo, por exemplo, a mulher bonita hoje é a que não tem barriga, que tem peito e bunda, até as modelos já estão assim, que nem a Gisele Bündchen, que é a mais famosa, é assim, eu acho que a mídia coloca as pessoas deste jeito e aí o povo em volta vai e segue a mídia”. (Mulher 4, 18 anos).

“Mulheres altas, magras, fora da média da população, eu acredito” (Mulher 9, 27 anos)

“Eu acho que é o corpo definido. É o corpo definido, malhado, da mulher sem nenhuma gordura, sem nenhuma celulite. Magra sem nenhuma celulite, é isso.” (Mulher 26, 18 anos)

“Qual o modelo? Bom. O modelo é bunda né. A história da bunda redonda, perfeita, em pé, tanto pro homem como pra mulher. Alguém que tenha uma bela bunda, em pé, pernas longas... Magra. Magra. Mas tem que ter bunda e tem que ter seio né... Não é uma Gisele Bündchen magra, mas não tem muita bunda. Ela não tem muito as curvas assim que o brasileiro gosta né... gosta até de culote... eu acho isto um absurdo, mas enfim” (Mulher 31, 54 anos).

“A mídia, as modelos, olha as meninas, elas querem ser como as modelos, magérrimas, altas, siliconadas, a mídia acaba criando mesmo um padrão.” (Mulher 43, 39 anos)

“Ah, a magreza, a pessoa malhada, né, a pessoa de academia, a pessoa que está com um corpo musculoso, que está com um corpo sem nada fora do lugar, sem estrias, sem flacidez, sem celulite, sem nada disto. Eu acho que é isso que a mídia cobra” (Mulher 45, 43 anos).

“Acho que a imprensa, as modelos, acho que várias atrizes, acho que a televisão traz muito isso, este padrão, você vê por exemplo, caldeirão do Huck, você olha, eles fazem toda uma ênfase, na salva - vidas, ela é bem este padrão de mulher gostosa, aquele mulherão, malhada, então este é o padrão da mulher brasileira.”. (Mulher 59, 39 anos)

“Ah, sempre um corpo bonito como o da Gisele Bündchen, é o exemplo, é difícil você ver um exemplo de pessoa obesa, ou gordinha, é difícil você ver numa capa, em qualquer lugar ou num outdoor, é sempre uma pessoa que tem um corpo que...chama atenção”.(Mulher 62, 27 anos)

Figura 2 - Padrão corporal magra - malhada

A mídia aparece nas falas femininas como sendo a principal veiculadora de padrões estéticos, auxiliando a criar, no imaginário, estratégias de sedução deste corpo magro e malhado. A título de ilustração, selecionamos uma capa de revista (Figura 2), entre outras possíveis, para exemplificar este modelo corporal. Este fascínio da mídia se explica porque a **imagem** possui uma dinâmica própria: o poder da imagem é algo incontestável e passível de apreensão imediata. A imagem toca diretamente os sentidos, é imediatamente captada não só pelo olhar, mas também pela emoção e pela razão. Ela sugere uma variedade de coisas que só com dificuldade uma outra forma de apreensão do real e do imaginário percebe e transmite, além de ter um grande poder de síntese.

Uma só imagem condensa uma série de elementos e diz muito sobre a percepção do real que a pessoa que a registrou ou criou possui. Ela pode ser apropriada das mais diferentes formas: pode ser um instrumento político, lúdico, artístico, etc. Através dos múltiplos elementos que põem em cena (e também dos múltiplos elementos que deixam de pôr em cena), as imagens constroem mitos, contam histórias, enfim, registram tempos, lugares, sentimentos, condensando uma série de eventos e representações.

Neste caso em questão, de tão familiarizados com imagens de corpos perfeitos, acabamos acreditando que eles são não só reais, mas que contêm em si a “verdade”, ou, melhor dizendo, nos ditam quais os modelos que devemos aceitar se quisermos ser aceitos também. Vemos mulheres lindas na mídia o tempo todo, recebemos via publicidade virtual ou convencional inúmeras mensagens imagéticas que sugerem que emagrecer e ser bonito é um passaporte para a felicidade. Como as imagens são formas privilegiadas de condensar e

veicular representações sociais, não me espanta que as falas das mulheres da Cia Atlhética remetam à mídia e falem de um corpo que, de tão perfeito, quase vira miragem.

Este corpo será tão importante que interferirá na construção da auto-estima feminina, como veremos a seguir.

4.2.3 - CORPO E AUTO-ESTIMA

Se malhar parece ser uma atividade central na vida das mulheres entrevistadas e se elas têm clareza do corpo que querem alcançar e do corpo veiculado como ideal, cabe nos perguntar qual o papel que os cuidados com o corpo têm no processo de construção da auto-estima feminina. Percebi que para a maior parte das entrevistadas, “malhar” foi uma espécie de divisor de águas entre gostar ou não gostar do corpo, levando muitas mulheres a mudar a percepção de si e investir ainda mais nos cuidados estéticos, como alimentação, massagens, drenagem linfática e até cirurgias plásticas. Muitas entrevistadas, antes de começarem a “malhar” estavam num processo de abandono do corpo, não se importando muito com roupas, recusando convites para sair, descuidando da alimentação e até mesmo, por estarem infelizes, apresentando um certo mal-humor no trato com as pessoas, como comentou uma das entrevistadas, Mulher 24, *“era assim, eu me sentia mal, como eu te falei, eu não queria sair na rua, porque eu tinha engordado muito, eu não queria mais sair, ficava de mal-humor, hoje não”*.

Gráfico 20 - Exercício e auto-estima

Segundo o gráfico 20, a prática de exercícios regulares interfere bastante na auto-estima. Para 63% ela influi na auto-estima. Para 33% ela influi um pouco. Somente 3% responderam que não.

Embora 33% da amostra tenha assinalado que a “malhação” interfere apenas um pouco, nas entrevistas ficou claro que isto se deve, em parte, ao fato das mulheres não terem alcançado o padrão corporal que desejavam e menos da importância que estas atribuíam ao corpo.

Vejamos o que as entrevistadas dizem a respeito da relação entre malhação e auto-estima:

“Claro, porque um corpo bonito melhora a sua auto-estima e aí você reafirma a sua identidade, você tem mais vontade de aparecer, de estar entre as pessoas, mesmo de se mostrar, né, entre aspas” (Mulher 2, 31 anos)

“Muda, com certeza, muda muito a auto-estima. Se você está se sentindo bem com você, se você está se sentindo bem com o seu corpo você fica muito mais bonita, acorda mais feliz, quando você olha no espelho e você está se sentindo bem esteticamente, você se sente melhor, com certeza. Então você muda, você fica mais feliz, você dorme melhor” (Mulher 24, 18 anos).

“A roupa cai melhor, sem dúvida. Se você está gorda, nada fica bem, agora não, qualquer coisa está bem. Se você põe uma calça, uma blusa, tudo cai bem então você se sente bem, e isso faz com que interiormente você se sinta bem, qualquer coisinha que você faz por fora melhora por dentro, por incrível que pareça” (Mulher 69, 45 anos).

“Você se sente em forma novamente, se esforça. Eu tenho 54 anos e o corpo muda muito e os exercícios ajudam a modelar... Você começa a vestir roupas que você não vestia mais não . Isso dá uma levatada boa. Mexe muito com a auto estima...” (Mulher 31, 54 anos).

“Corpo e auto-estima? Pra mim é essencial. Eu gosto, e eu gosto de me ver bem pra mim, para os outros, assim, não me interessa. Se gostam ou não pouco me importa, cada um tem a sua imagem das outras pessoas” (Mulher 37, 33 anos).

“Ah, sem dúvida, a auto-estima é diretamente proporcional à beleza física e à qualidade de vida.” (Mulher 44, idade não declarada).

“A ginástica me deixa mais confiante, eu me sinto bem fazendo ginástica, então isso acaba refletindo em mim” (Mulher 64, 39 anos).

“É muito importante, você se olhar no espelho e se sentir bem, você tem que se gostar, eu acho que foi um começo maravilhoso você se sentir bem com o seu corpo (...) Melhorou a auto-estima. Mas o que melhorou mesmo foi a plástica” (Mulher 55, 44 anos).

“Eu me sinto muito bem quando eu faço exercício, me sinto mais bonita quando eu consigo atingir o meu objetivo, eu acho que influencia. Me faz bem, eu me sinto melhor, me encaixo neste padrão que foi e é imposto, massificado” (Mulher 9, 27 anos).

Ainda com relação a auto-estima, 84% das entrevistadas afirmaram que passaram a gostar muito mais de si a partir da hora que ingressaram na academia de ginástica e que isto as influenciou a cuidar da aparência de modo geral. É como se a prática regular de exercícios físicos tivesse alavancado outros cuidados com o corpo:

Gráfico 21 - Interferência da malhação nos cuidados corporais

Nas falas esta associação fica evidente:

“Nossa, muito, é assim, antes eu odiava academia, e... tava bem, e me sentia bem com o corpo e depois eu fui, fui comparando, fui olhando e fui vendo que não tava legal, muita gordura, tô com uma alimentação errada, então assim, depois que emagrece você se acha linda, maravilhosa, se até se cuida mais, eu passei a me cuidar mais depois que eu emagreci. Mudou totalmente os cuidados com o corpo, passei a fazer drenagem linfática, passei a cuidar mais da pele, passar protetor solar, fiz dieta, tive uma reeducação alimentar, eu não como muita gordura, como pouquíssima gordura, como muita fruta, muito cereal, muita coisa integral, mudei radicalmente, até porque tava me sentindo bem,

então você vê que muda, você fala bom, vou mudar totalmente, então mudou muito os cuidados, muito, mudou muito mesmo” (Mulher 49, 27 anos).

“Sim, eu acho que influi bastante. É o que eu digo, hoje eu me gosto mais do que antigamente eu acho que por isso eu gosto muito de malhar, eu acho que a minha auto-estima se elevou muito desde que eu comecei a fazer diariamente, eu acho que influi bastante, mudou até a alimentação” (Mulher 1, 30 anos)

“Muito! O meu corpo tem vários defeitos, até por causa da idade, mas eu gosto muito mais dele hoje do que quando eu tinha 18 anos. Quanto mais eu faço atividade física, mais tenho vontade de investir no meu corpo, seja na alimentação, seja em tratamentos estéticos. Sinto-me mais magra, mais malhada e isto dá mais auto-confiança na gente, pra se expor, usar roupas mais justas, mostrar a barriga e mesmo se cuidar mais” (Mulher 68, 34 anos)

“Antes de fazer ginástica eu era meio largada, me achava feia, caída, nem vontade de comprar roupa eu tinha. Depois que comecei com a ginástica, fui vendo que dava pra melhorar minha aparência, comecei a fazer drenagem linfática, a me cuidar mais, até no banho, usar bucha vegetal pra diminuir a celulite. Mudou muito, e pra melhor” (Mulher 70, 30 anos).

O que podemos apreender das falas transcritas? Bem, em primeiro lugar, que quase todas as entrevistadas associam malhação e auto-estima, com exceção de duas entrevistadas, Mulher 57, que prefere ficar mais à vontade porque vê o corpo como um instrumento para o lazer e Mulher 52, que não gosta de atividades físicas, mas que também associa a auto-estima ao corpo. O que muda é apenas o mecanismo – tratamentos estéticos e plásticas – para alcançar esta satisfação consigo mesma. Todas as outras afirmam que fazer exercícios físicos faz com que elas se sintam mais bonitas, para si próprias, para os companheiros e para a sociedade em geral. Olhar-se no espelho e gostar da imagem refletida, sentir-se bem ao vestir uma roupa, perceber o corpo tomando nova forma depois das gestações faz com que as mulheres se sintam mais confiantes, e, como ressalta Proust, *“a reabilitação do corpo certamente constitui um dos aspectos mais importantes da vida privada. Com efeito, ela modifica a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros”* (Proust, 1993: 102). Sentir-se bem consigo mesma torna-se questão de honra, e fazer exercícios é um mecanismo fundamental neste processo, que dá à mulher nova identidade, na medida em que a percepção de si mesma é indissociável da relação com o corpo. Mesmo quando as entrevistadas não salientam questões estéticas como centrais para a auto-estima, reforçam que fazer exercícios

melhora a auto-estima por liberar hormônios, gerando assim uma sensação de prazer e de satisfação consigo mesma.

Mas, se houve uma **reabilitação** do corpo na construção da auto-estima, significa que no passado esta importância podia ser menor. Cabe-nos perguntar, então, o que mudou, e como mudou.

4.2.4 - IMPORTÂNCIA DO CORPO: PRESENTE E PASSADO

Vimos que o corpo, enquanto suporte do indivíduo, sempre foi importante na construção da identidade, e isto ocorria tanto entre gregos da Antiguidade, quanto entre as populações medievais.

No entanto, como já foi ressaltado, a partir da modernidade a relação com o corpo se modifica, seja em termos da importância dada ao corpo, seja com relação aos mecanismos que o controlem. De simples meio, o corpo passa a constituir um fim em si mesmo, ou como diria Proust, *“A novidade do final do século XX é a generalização das atividades físicas que têm como fim o próprio corpo: sua aparência, seu bem estar, sua realização.”* (Proust, 1992: 102). Ou seja, embora a importância do corpo estivesse presente em outros períodos históricos, será com a modernidade que o corpo passará a ser o centro de todo um complexo sistema de disciplinas e cuidados e mais ainda, a partir dos anos de 1980 nos E.U.A e dos anos de 1990 no Brasil, ele será cultuado.

Para entender melhor este mecanismo de ascensão do corpo a um patamar nunca antes visto, formulei às mulheres duas perguntas: 1) Mudou a importância dada à estética?; 2) Como era no passado? Os dados obtidos foram:

Gráfico 22 - Aumento da importância do corpo

Como podemos ver, 95% da amostra citou um aumento da importância dada ao corpo, bem como a multiplicação das academias. Há um consenso de que aumentou a importância dada ao corpo, tanto no que se refere à busca pela saúde, quanto pela estética. Algumas já afirmam que há um exagero nesta busca da beleza, o que aponta para o processo de culto ao corpo, que abordaremos no próximo item. Vejamos as falas:

“Ah, mudou muito. Antigamente era muito mais raro. Hoje tem academia em tudo que é canto e todo mundo faz, é raro [não fazer], hoje até quem tem baixa renda, eu conheço gente que trabalha em casa de família e faz academia, então hoje tá todo mundo ligado pra este lado, antes não, era raro, hoje todo mundo está buscando um corpo mais perfeito” (Mulher 1, 30 anos)

“Nossa, demais, é uma neurose, chega a ser uma neurose. Eu acho que é... A mídia que faz isso né, todo mundo acha super importante o corpo, eu acho.” (Mulher 3, 29 anos)

“A importância aumentou muito, eu acho que por causa das informações que estão se multiplicando a cada dia, assim, você liga o rádio, estão falando do corpo, tem vinculação com a sexualidade, de você ter que atrair alguém, então é todo mundo, é um ciclo, assiste a televisão, tão comentando, na internet, estão comentando, aí você vai num grupo de pessoas, tocam no assunto, ‘olha o corpo dela’, você tá comentando um assunto de novela, está sempre em evidência, em demasia (...) As pessoas estão dando muita importância, está virando um problema muito grande” (Mulher 5, 22 anos)

“Exageradamente, há uma preocupação excessiva com o corpo em detrimento da formação intelectual, com certeza” (Mulher 23, 48 anos).

“Aumentou muito, a estética aumentou muito, você vê que hoje tem maiores empregos, o público está muito voltado para a estética. Você vai ao cabeleleiro, estética mesmo, clínica, cirurgia plástica, como aumentou, o Brasil é considerado o país que tem maior índice de pessoas que fazem cirurgias plásticas por estética, então aumentou muito, muito maior, eu acredito que muito maior” (Mulher 24, 18 anos).

“Eu acho que aumentou com certeza, nossa, aumentou muito, acho que foi colocada mais em função da mídia, as pessoas na televisão, se mostrarem tão mais na televisão, assim... E aí o que acontece, tá televisão você acha que tá certo, que tem que ser igual, todo mundo admira, todo mundo quer fazer (...) todo mundo quer tá copiando, tá, levando uma pessoa que não gostasse de academia, ou que nunca tentasse fazer nenhuma há. vinte anos atrás, hoje fica olhando na televisão que é importante e começa a fazer com certeza absoluta” (Mulher 27, 18 anos)

“(...) Tá relacionado com a mídia, então o que há é uma exarcebação não desta percepção do corpo como todo, mas uma exarcebação no sentido estético e físico, não é o homem em sua completude, é o homem fragmentado. É o físico, não é o emocional, as questões que são fundamentais para a alma não fazem parte desta estética que é a mídia, cada vez as pessoas vêem mais, elas se ouvem menos, cada vez elas se dão menos, então é bem o homem fragmentado, o homem estético, é o homem físico. É um homem máquina, é um homem que você põe coisas, você tira coisas (...). Mas o holístico, o homem completo, não é percebido pela mídia” (Mulher 30, 51 anos)

“Aumentou bastante. Tanto que hoje tem silicone, operação de barriga, enfim, tem aumentado muito, eu acho. Eu acho não, eu tenho certeza. A frequência à academia também tem aumentado, porque hoje todo mundo quer o corpo perfeito” (Mulher 32, 33 anos)

“Aumentou. A própria mídia faz com que você, principalmente a mulher, antigamente o homem não era tanto, agora começou a também ser o homem, mas a mulher tem muita cobrança. É difícil você ver, pode reparar, antigamente o pessoal falava: "nossa a pessoa fuma!" era vista como uma coisa assim errada, hoje em dia também: "você não faz nada, fica o dia inteiro sem fazer exercício, ela não pratica nenhum, é nenhum esporte, então é um lado negativo, acho que tem a cobrança.” (Mulher 51, 34 anos).

“Eu percebo. Eu acho que mais por conta da mídia. Eu acho que sempre teve esta cobrança né, mas hoje o povo está mais aparente...mais despido né...hoje você anda mais à vontade, e isso te...você se cobra mais” (Mulher 60, 40 anos)

Figura 3 - A beleza como obrigação

As falas apontam para um cenário onde os cuidados com o corpo são centrais. É preciso ir ao cabeleleiro, à ginástica, às clínicas de estética. O corpo adquire uma importância nunca vista em outros períodos históricos, a ponto de algumas das entrevistadas se referirem a ela como uma neurose. Já não é possível, em vários grupos sociais, entabular uma conversa que não toque em assuntos referentes ao corpo. O corpo virou assunto primordial: como “malhar” passou a ser parte de um estilo de vida, não aderir à prática significa não partilhar um universo de valores e, até mesmo, não ter assunto. Se no passado o ócio, como defendia Aristóteles, era privilégio dos abastados, hoje ele tem que ser preenchido com alguma atividade física. Na religião do culto ao corpo, a preguiça é um pecado mortal. As

entrevistadas dizem também que hoje é a aparência que conta para se conquistar um parceiro. Ser uma mulher inteligente é menos importante do que ter um belo corpo e a beleza já não é um direito, mas um dever, como ilustra a reportagem da revista da folha (Figura 3, Revista folha 03/09/2000)

Neste contexto, de acordo com Maruska Freire Rameck (2001), o corpo deve ser visto como um indicador segundo a perspectiva de Charles Sander Pierce, para quem a semiótica seria a doutrina formal dos signos, onde signo é algo que permanece em alguém, substituindo alguma coisa. A divisão básica dos signos se faz entre três categorias principais:

- 1) Ícones: Signos que se assemelham àquilo que significam, da forma como a fotografia se assemelha ao objeto fotografado; o ícone é um sinal que se refere ao objeto que denota, em virtude de certas categorias que lhe são próprias.
- 2) Indicadores: Signo cujo significado se esclarece mediante efeitos que seu objeto nele produz, como a sombra pode ser um ‘indício’ da posição do sol; o indicador é sinal que se refere ao objeto que denota em virtude do fato de que é realmente afetado pelo objeto.
- 3) Símbolos: signo que se associa a objetos graças a convenções especiais, tal como se dá com as palavras; o símbolo é signo que se transforma em signo porque como tal é entendido.

O corpo seria um indicador, uma marca social, porque se a mulher é bonita (e bonita aqui significa magra e torneada), revela que ela é bem resolvida e bem sucedida⁴⁷. Em nome da manutenção ou conquista deste indicador, e incentivadas pela mídia, as mulheres aderem à atividade física. Mesmo aquelas que não gostam de ginástica se sentem impelidas à tentar se aproximar dos modelos corporais veiculados, acreditando que esta adesão pode lhes conferir *status*, melhores oportunidades afetivas e de trabalho.

As entrevistadas comentaram que no passado a preocupação com o corpo era menor⁴⁸, o corpo estava menos visado, menos exposto, e os critérios para que um homem escolhesse uma

⁴⁷ E até mesmo, bem equilibrada. Inúmeras matérias de jornal ou revistas reforçam a associação entre magreza e equilíbrio emocional, como podemos ver no seguinte exemplo: “Ela emagreceu 17 kg e se tornou um exemplo. Dêbora teve que mudar seus hábitos para perder peso. Hoje, magra e equilibrada, ajuda outras pessoas a vencer a luta contra os quilinhos a mais.” (matéria da revista “Corpo”, outubro de 1999).

⁴⁸ De setenta mulheres, somente duas afirmaram que suas mães e avós se preocupam com a aparência: “*olha, eu venho de uma família que sempre se preocupou, então isso pra mim já era parte de uma educação. Minha avó fazia ginástica, minha avó se preocupava, minha mãe se preocupava eu sempre me preocupei, então eu acho que faz parte da educação, como te ensinam a comer, te ensinam a fazer ginástica, te ensinam a*

companheira também eram outros. Além disto, como alguns autores já ressaltaram, a mulher, depois de casada, tendia a se preocupar mais com a família e abandonar os cuidados com o corpo:

“Há algumas décadas atrás o padrão de beleza da mulher era ser uma boa mãe, encontrar uma pessoa para casar, tinha que ter uma cinturinha, quadril largos porque isto é ideal de mulher para que ela possa gerar filhos, produzir uma família pra da continuidade a geração (...), antigamente era bem diferente, então não tinha esta busca constante pela beleza pelo o corpo ideal então hoje em dia, este negócio de academia, cada vez mais as pessoas procuram personal, procuram a academia, procuram atividade física, mesmo que seja ao ar livre, que não tinha antigamente” (Mulher 54, 26 anos).

“Por que não tinha a mídia, não tinha esta exposição, os homens também não procuravam a mulher linda, maravilhosa, eles viam mais por dentro da pessoa, e hoje, realmente, elas vêem mais a pessoa por fora” (Mulher 62, 27 anos).

“Bom, tinha que ser uma boa dona de casa ... você ... sabendo cozinhar direitinho já tinha mil pontos. Hoje os valores mudaram, o corpo conta bem mais” (Mulher 47, 40 anos)

“Muito. Porque acho que muda um pouco ... o que uma mulher teria que ter há 50 anos atrás para ser atraente para um homem, né? Ela deveria saber bordar, deveria saber cozinhar, deveria saber cuidar da casa, hoje não, uma mulher atraente para o homem é uma mulher com bunda dura, que não tem celulite...” (Mulher 50)

“Eu percebo assim, eu vejo que hoje os cuidados estéticos que existem né, são muito maiores que na época em que minha mãe era adolescente, tanto que antigamente, na época de nossos avós, até na época da minha mãe, a mulher casava e relaxava né, então era muito comum ter mulheres casadas que “matronavam”, ficavam gordinhas, aquele corpo de mãezona mesmo. Porque não se importavam, passavam a não ligar mais para isto, de uns tempos para cá a mulher começou a se preocupar mais, hoje não importa a idade que ela tem, né”. (Mulher 40, 32 anos)

“Ah, eu acho que naquela época não. Porque na época da minha mãe, não era tanto deste jeito, a mulher era ligada na família, tinham que cuidar da casa, do marido, lógico que elas deviam tentar alguma coisa, mas de não ser tão neuróticas quanto as mulheres de hoje” (Mulher 25, 19 anos)

estudar. Eu acho que é uma parte da educação. Eu acho que toda criança tem que aprender também a ter uma atividade física, a saber que é importante cuidar do corpo” (Mulher 39).

“a minha avó, imagina, nasceu em 1920, ela tem cuidado até hoje, minha avó não tem uma pinta de sol na mão, ela trabalhava na roça, ela fazia luvinhas, para ela não tomar sol...” (Mulher 27)

As falas das mulheres trazem novamente à tona as questões já assinaladas no item 4.1 - (Sentido das práticas corporais e da beleza: reflexões históricas), mostrando como a mudança de valores se deu no cotidiano delas mesmas e de suas antecessoras. Mostram que o corpo feminino, antes considerado sem tanta importância, alcança no presente o centro das atenções.

Igualmente, ressaltam que no passado o corpo era mais escondido pelas roupas, sendo possível disfarçá-lo mais, até fazendo uso de espartilhos, o que não acontece hoje:

“As roupas eram diferentes, eram tão compridas né, em 1800, com saia comprida, corpete, manga bufante, ninguém conseguia ver se ela tinha barriga ou não tinha, colocava um espartilho, apertava tudo, tava tudo certo, se escondia mais. Hoje não, no Rio cultua muito mais estética, as pessoas vivem de biquíni, como é que não vão pensar mais no corpo se ele está mais exposto, né?” (Mulher 8, 25 anos).

“Eu acho que não tinha tanta exposição do corpo, talvez por isso elas não dessem tanta importância, não tinha tanta facilidade de academia, e não tinha tanta cobrança também” (Mulher 9, 27 anos).

“com certeza ... porque ... hoje a gente tem ... uma cobrança muito maior, as mulheres valorizam muito isto, antigamente eu acho que não. As roupas eram diferentes, os costumes eram diferentes, antigamente era vestido, tudo coberto, sabe, uma outra preocupação, hoje não, hoje é totalmente diferente (...) propaganda de cerveja então, nem se fala né, mulher de biquíni, só”. [risos] (Mulher 10, 18 anos).

Na percepção das mulheres a cobrança pelo corpo perfeito também aumentou muito relativamente ao passado:

“Imagina, minha mãe começou a fazer academia agora, ela nunca fez na vida dela, começou agora, minha avó nunca fez, acho que no tempo dela nem havia academia (...) Em todos os aspectos, não havia esta preocupação com o corpo” (Mulher 1, 30 anos)

“Acho que era um pouco menos, não tinha esta neura, sabe, das pessoas quererem ficar em forma, gordurinha aqui...Acho que dá pra ver isso pelo modelo de mulher” (Mulher 3, 29 anos)

“Porque não tinha esta cobrança, eu acho assim, não tinha um padrão de beleza, não tinha um estereótipo, ah, o bonito é ser magra, assim, assim” (Mulher 19, 51 anos)

“Não via. Eu acho que no relacionamento com o corpo as exigências hoje são muito maiores, até pra procurar emprego você tem que estar com esta questão resolvida, ficou tudo mais difícil, eu acho. E também no Brasil, é mais forte aqui do que nos outros

países, os europeus não têm este culto ao corpo tão grande, os EUA, têm regiões onde eles cultuam o corpo, mas como o Brasil, países tropicais, nas regiões com praia esta questão com o corpo é sempre maior.” (Mulher 32).

“Não, eu acho que a beleza não era tão importante no passado. Eu acho que a beleza era, nasceu bonita, tudo bem, não nasceu, não fazia nada para mudar. Hoje em dia tem “n” coisas, a pessoa muda, quando a pessoa tem vontade, força de vontade, condição financeira, a pessoa muda. A pessoa tem como melhorar. Antigamente, a pessoa nascia do jeito que era, se aceitava melhor. Hoje em dia você tem silicone, tem que pegar peso, você tem que fazer com que o músculo cresça, sabe uma neurose até. Chega a ser até exagero. Eu acho que antigamente era uma coisa mais normal, hoje em dia esta extrapolando” (Mulher 51, 34 anos).

Um ponto merecedor de destaque é que as informantes percebem que no passado, as mulheres aceitavam mais o corpo que tinham. É claro que também se empenhavam, como vimos com Del Priori, Sant’Anna, Schump, Proust e Vincent, em melhorar sua aparência, mas cada época fabrica suas próprias exigências e o que é suficiente para uma, não é para a seguinte. Com todo o aparato técnico à disposição do público feminino e, principalmente, da própria importância que o corpo atingiu, as mulheres urbanas acreditam que podem e devem construir seu próprio corpo, alterando desde detalhes como adiposidades, até retirando costelas para afinar a cintura. O corpo se tornou mais moldável e será a cultura que fornecerá os novos moldes. Malhá-lo se tornou uma necessidade, ou, como diria Proust, *“Mais do que as identidades sociais, máscaras ou personagens adotadas, mais até do que idéias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe vida privada que não suponha o corpo. A verdadeira vida não é mais a vida social do trabalho, dos negócios, da política ou da religião: é a das férias, do corpo livre e realizado”* (Proust, 1992: 105-6).

Eu iria além e diria que mais do que tudo isso, o corpo virou uma religião, um culto permanente e diário, que se desenrola nos templos de mármore, vidro e ferro das academias de ginástica, e cujos mentores são a mídia, os *personal trainer*, os nutricionistas, os cirurgões plásticos.

É sobre este culto ao corpo que nos deteremos nas páginas que seguem.

5 - O culto ao corpo: Produção de si mesmo, estetização da vida cotidiana e espetáculo.

“No social todo culto é hipócrita; na intimidade, ele é verdadeiro.”

(Mulher 21, 44 anos)

Neste capítulo, faremos uma discussão sobre o fenômeno do culto ao corpo, procurando especificar sua datação, tanto para autores que o estudaram, quanto para as mulheres entrevistadas.

Em seguida, mostraremos como as entrevistadas pensam e se relacionam com o processo de culto ao corpo e também como o justificam. Analisaremos as principais justificativas que as mulheres pesquisadas citaram para explicar o culto ao corpo, e que são:

- A importância do momento presente, da técnica e do esforço do indivíduo.
- A importância do corpo no mercado de trabalho e na conquista de parceiros afetivos.
- A exposição do corpo.
- Os modelos de beleza e o culto à perfeição.
- A competição e a cobrança social.

Dois pontos serão analisados separadamente, devido ao peso que as próprias entrevistadas deram a eles e à quantidade de informações que eles reúnem, a saber: a relação entre corpo perfeito e identidade e a importância da mídia no processo de culto ao corpo.

5.1 - O CULTO AO CORPO.

5.1.1 - ENTENDENDO E DATANDO O PROCESSO DE CULTO AO CORPO.

Estar bela, malhada, sentir-se bem consigo mesma. Não ter gordurinhas sobrando. Ter um corpo rígido, cabelos e pele impecáveis. Ser admirada por sua beleza ou por seu corpo em forma. Ter um corpo perfeito. Encaixar-se nos padrões de beleza massificados. Cultuar o corpo, desejá-lo belo, mas, ao mesmo tempo, malhá-lo. Submetê-lo a esforços físicos para que ele desabroche em sua melhor forma.

Estas falas, todas nativas, apontam para um processo central das últimas décadas (1980-2000), que é o culto ao corpo. Embora seja quase impossível estabelecer com certeza quando

as expressões “culto ao corpo” e “cultura do corpo” apareceram pela primeira vez, numerosos antropólogos, sociólogos e historiadores vêm se utilizando destes termos para designar um comportamento onde o corpo figura como elemento central e definidor de identidades. Mais do que ser apenas um meio, o corpo transforma-se no próprio fim, ou, como diria Maffesoli, o que “*parece desconcertante atualmente é que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância na vida social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, e é neste sentido que se pode falar de um culto ao corpo como sendo (um pouco por todo lado do mundo) uma das marcas deste hedonismo*” (Maffesoli, 1998).

Como em todo culto, temos, por um lado, a ideologia que o alimenta (e seus mecanismos de veiculação e sustentação) e, por outro, seus atores. No caso do culto ao corpo, “*Body-building*” ou “*Bodybuilder*” são os termos genéricos utilizados em academias de ginástica e musculação para designar aqueles que, por meio de exercícios, pesos e aparelhos procuram “construir” seu corpo, deixando-o magro, definido, musculoso e rígido. Nestes termos, várias categorias aparentemente diversas estão englobadas e, em geral, elas são usadas tanto para homens quanto para mulheres, independentemente da idade. Embora seja mais usada para designar aqueles que freqüentam assiduamente academias de ginástica, tem sido empregada também por modelos e atrizes que buscam o corpo magro, já que as próprias mulheres afirmam que não adianta apenas ser magra, mas é preciso também ter um corpo trabalhado. Em outras vezes, o termo “*Bodybuilder*” é substituído pelas mulheres entrevistadas por “*malhados (as)*” e o processo por “*malhação*”.

Sempre que falarmos aqui em cultura do corpo ou culto ao corpo, usaremos estes termos, em especial os mais nativos deles, que são “*malhados (as)*” e “*malhação*”. Em alguns momentos, quando o objetivo for falar dos distúrbios de anorexia ou bulimia, faremos uso também da classificação “mulheres bem magras”.

Independentemente dos termos, de fato o corpo e o trabalho muscular estão em toda parte. Segundo Courtine, foi-se o tempo em que ele estava restrito aos estádios e ringues de luta; hoje ele aparece a todo instante pelas telas de cinema, pela televisão e, principalmente, nas ruas: “*Entre a multidão de passantes, os bodybuilders destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abalado, rigidez, balanço mecânico (...) O corpo do bodybuilder pretende tirar todo o benefício do peso no campo do olhar, saturá-lo de massa muscular. Impor-se no olhar alheio. O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias. O body-builder não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente*”

(Courtine, 1995: 82, 83). Entre as mulheres, também é fácil identificar quem é ou não “malhada” pelo modo imponente com que estas andam, pelas roupas, normalmente mais justas e que evidenciam os contornos e por decotes, fendas, ombros à mostra, além do olhar, normalmente entre o sedutor e seguro e pela imponência da postura. O desejo deste corpo feminino magro e definido e a cultura visual que irá se desenvolver a partir dele, nos lembra Courtine, é muito antigo, mas explodiu nos E.U.A definitivamente a partir de 1980, quando ocorreu um desenvolvimento considerável do mercado do corpo magro e musculoso e do consumo de bens e serviços ligados à sua manutenção, além de todo um aparato da mídia que nos reforça o tempo todo como este corpo é desejável e necessário. Para ele, todas estas práticas de gerenciamento do corpo, que florescem a partir de 1980, são sustentadas por uma *“obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter a tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado, franzino, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima”* (Courtine, 1995: 86).

No Brasil, o fenômeno do culto ao corpo explode nos anos de 1990, ou seja, dez anos após seu início nos E.U.A.

Este processo de culto ao corpo não é alvo apenas dos pesquisadores: entre as entrevistadas, em vários momentos, foi citada de forma espontânea, a expressão “culto ao corpo”, seja para criticá-lo, seja para reforçá-lo enquanto mecanismo fundamental de construção da identidade. Quase todas estão familiarizadas com a expressão e com o processo em si e surpreendentemente, muitas foram precisas em datá-lo:

“Olha, eu digo...[pensa]. Mais ou menos, de uns quinze anos pra cá. Mas acho que hoje está mais forte do que há 15, 20 anos atrás” (Mulher 1, 30 anos)

“Há uns dez, quinze anos, por aí” (Mulher 6, 19 anos)

“A estética é uma coisa de uns dez anos” (Mulher 16, 36 anos)

“Olha, dos anos 90 pra cá aumentou. É porque antes eu também não era muito ligada, mas eu acredito que dos anos 90 pra cá deu uma guinada, uma aumentada, ou está mais nítido, as pessoas estão falando mais. Mas eu acho que é maior esta ênfase dada ao corpo” (Mulher 22, 32 anos)

“Sempre houve, a humanidade sempre manipulou isto eu acho, sempre houve ideal estético em todas as fases, eles mudaram, mas eu acho que de dez anos pra cá é maior

por conta do envolvimento exagerado com a indústria farmacêutica, indústria de cosmético, com a indústria de roupa, de bens de consumo, como de roupa mesmo” (Mulher 23, 48 anos)

“Eu não sei, hoje eu tenho 33 anos, eu tenho percebido isto de uns quinze anos pra cá, até uns quinze anos atrás as pessoas não davam tanta importância pra atividade física, para o corpo em si, sempre deram, mas de uns quinze anos pra cá tem aumentado bastante” (Mulher 32, 33 anos)

“Começou na década de 80, depois desta década começou a busca pelo o corpo, que começou a surgir estas novas tecnologias, o mercado do modelo tá crescendo mais, começou a busca das adolescentes, esta busca das adolescentes foi até mais recente, eu vi uma matéria na “Veja” da semana passada, estes casos de anorexia, bulimia, que isto aí influencia muito as adolescentes que vêm na TV, a mídia também cresceu: antigamente não era tão claro pra gente o que acontecia em outro país, não tinha esta globalização, hoje em dia não, a gente sabe tudo o que acontece e cada vez mais as crianças e adolescentes têm acesso à cultura de outro país, isto está influenciando o modo de vida das pessoas” (Mulher 54, 26 anos).

“Olha, eu acho que...grave mesmo, de uns 5 anos pra cá, tá insuportável, mas já tem vindo de um tempo aí, quanto, uns dez anos, oito, eu acho um exagero, é o comércio. Tem gente assim, fazendo plástica como quem arranca um dente (...) Coisa com o rosto também, tem uma série de senhoras da minha idade, eu vou fazer 58 este ano, as sessentonas estão todas com a cara igual, eu acho assim uma cara de barbies, o botox, aquela boca, são todas muito semelhantes, loirona.” (Mulher 56, 57 anos).

“Começou há dez anos, ‘ah, eu vou pra academia pra perder peso’, e corre, corre, está naquela busca incessante, tipo meu marido mesmo, está há cinco anos, nunca fez com regularidade, mas agora faz para manter o peso ou para perder peso” (Mulher 63, 42 anos)

As mulheres entrevistadas indicaram que houve um aumento da importância dada ao corpo entre os últimos 5 e 15 anos, o que compreende o período de 1990 a 2005⁴⁹, exatamente o mesmo percebido entre os pesquisadores da área. Isto se explica por várias razões, mas, de modo geral, as mulheres entrevistadas sentem, literalmente na pele, este desabrochar da cultura física. Muitas não faziam atividades físicas antes deste período, mas se sentiram motivadas a fazê-lo nos últimos quinze anos, e/ou assistiram outras pessoas do seu círculo de

⁴⁹ É claro que este processo se prolongará ainda por muito tempo, mas o corte temporal foi o ano de 2005, quando foram realizadas as últimas entrevistas de campo.

relações se iniciando na “malhação”. Também percebem o culto ao corpo através do aumento do número de academias e pelo fato de que se exercitar e cuidar da aparência virou assunto, está na mídia, nas conversas, permeia todo universo das entrevistadas. Percebem que a mídia aumentou o número de publicações destinadas ao corpo, bem como a exibição de mulheres bonitas nas novelas e/ou em outros programas televisivos.

Veremos, no item a seguir, como as mulheres explicam e lidam com este processo de culto ao corpo.

5.1.2 - EXISTÊNCIA DO CULTO AO CORPO E SUAS JUSTIFICATIVAS PARA AS ENTREVISTADAS

Quando questionadas se percebem um processo de culto ao corpo e por que ele ocorre, de imediato a grande maioria (88%) afirmou, sem titubear, que sim:

Gráfico 23 - Culto ao corpo

Somente 9% das entrevistadas responderam “mais ou menos”, dizendo que o processo de culto ao corpo pode depender de grupo social, não sendo dominante em todos eles:

“Eu acho que mais ou menos. Por exemplo, no ambiente da academia isto é mais evidente, no meu local de trabalho isto não existe. No meu ambiente de trabalho são 12 mulheres, todas na faixa dos 30/40, nenhuma fez cirurgia plástica e aqui na academia, no grupo que a gente convive muita gente já fez cirurgia plástica, pelo menos alguma. Então eu acho interessante, dependendo do grupo isto é mais importante ou menos importante. Eu percebo isto, as pessoas aqui querem, a maioria, nem todas, mas as pessoas que têm o hábito de vir com muita freqüência acabam tendo um culto ao corpo, à estética, muito maior do que as pessoas com as quais eu convivo fora da academia” (Mulher 35).

“Depende, mais ou menos...Eu acho que a classe média alta se preocupa muito com isso e dá muita importância ao corpo, aqui no Brasil, e esquece de ver outras coisas, enquanto que em outros países não é assim, é completamente diferente, não tem esta importância que a gente dá, não tem. Meu filho morou um ano e meio em Londres e ele ficou impressionado, ele falou “Mãe, aqui não tem disso”, é uma coisa muito engraçada, não tem, Mirela, não tem, principalmente as pessoas depois de uma certa idade, não se preocupam muito, não é só isso, a gente vê e acha que as pessoas vivem até melhor, sabe eu tenho uma irmã dentista, e hoje, a primeira coisa que as pessoas procuram é a estética, é clareamento, é aparelho, é tudo (...)” (Mulher 38, 48 anos)

No entanto, a maioria (88%) das entrevistadas reconhece sua existência, e dentre as pessoas que responderam sim, muitas já elecaram, de forma espontânea, as razões para isto.

Percebe-se que parte das mulheres passa a viver em função disto, procurando emagrecer e se submeter às plásticas. No que este processo se diferencia da cultura física iniciada da década de 1920? Em vários aspectos, como veremos, mas em linhas gerais, o culto ao corpo atual se diferencia do passado principalmente em termos de ênfase. Como vimos, a beleza sempre foi importante, mas ganha uma dimensão avassaladora após os anos de 1980. Vários motivos explicam este fenômeno: a globalização, as melhorias técnicas na área de cosméticos, alimentos e aparelhos de ginástica, os recursos imagéticos e sua penetração em todas as classes sociais, o fato da mulher cada vez mais ingressar no mercado de trabalho e ter renda e autonomia para se dedicar a investimentos estéticos, dentre outros.

Não será nosso objetivo aqui elencar e explicar exaustivamente todos os motivos do culto ao corpo, mas sim debater alguns deles e mostrar como o corpo vai assumir um lugar privilegiado nas referências simbólicas de nossa cultura. Segundo Del Priori, *“Uma radicalização compulsiva e ansiosa a empurrou nos últimos dez anos, e a segue empurrando para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável! Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física. Hoje, todas querem ser magras, leves, turbinadas. Num mundo onde se morre de fome, grassa uma verdadeira lipofobia”* (Del Priori: 79).

Figura 4 - Geladeiras vazias e perfeição física

Ter uma mesa farta deixou de ser motivo de orgulho e alguns dos indicadores deste extremado culto à forma física são a geladeira e as prateleiras da dispensa vazias⁵⁰. São comuns reportagens televisivas ou escritas que, à semelhança dos *reality shows*, invadem a residência de famosos e mostram como estes aderem à parca alimentação, exibindo geladeiras sem nenhuma comida calórica, apenas com água, yogurtes, saladas, como mostra a Figura 4.

Amalgamadas no discurso, aparecem diversas variáveis, dificultando um pouco o trabalho analítico de classificá-las e ordená-las. No entanto, acreditando, como Lévi-Strauss, que toda ordem é melhor do que o caos, procurei encontrar os principais fios condutores de cada uma delas. Aos poucos, alguns foram se mostrando centrais, como por exemplo, a importância da beleza no mercado de trabalho.

Quando questionadas se percebem um processo de culto ao corpo e porque, obtivemos as seguintes classificações:

⁵⁰ E o mais curioso, é que a ditadura do eterno regime se produz justamente no seio da chamada “sociedade da abundância” (Sahlins, 1968), quando a sociedade não só produz o necessário à sua sobrevivência, mas ao contrário, caracteriza-se pela constante produção de excedente. Ver M. Sahlins, “La première société d’abondance”, in: *Les Temps Modernes*, outubro de 1968.

a) IMPORTÂNCIA DO MOMENTO PRESENTE, DA TÉCNICA E DO ESFORÇO INDIVIDUAL.

Uma, entre várias entrevistadas, afirma: *“Você vê pessoas que se drogam, tomam anabolizantes, esteróides, pelo corpo, e esquecem da saúde, isto também é um culto ao corpo, porque esquecem que amanhã isto pode prejudicar muito, é um culto ao corpo, porque não pensam no que vai fazer mal, só pensam no agora, ficar bem bonita agora, mas depois eles vão ver as conseqüências, porque só pensam no **agora**, no que tão fazendo **agora**”* (Mulher 24, enfatizando a palavra em negrito).

Esta fala aponta para dois pontos importantes: o primeiro que o culto ao corpo está ligado ao que Maffesoli chamou de presenteísmo (Maffesoli, 1998), ou seja, a demasiada primazia do presente na contemporaneidade: vive-se para o agora, para o instante imediato; a tradição, tão rica no período anterior à contemporaneidade, é descartada e o futuro está demasiado longe para se pensar nele. Nas conversas informais com as entrevistadas, muitas reforçaram este dado, quando questionadas sobre as conseqüências de atitudes como regimes extremos, bronzamento artificial, uso de drogas para emagrecer ou mesmo de anabolizantes, afirmando que não vale a pena se preocupar demais com os seus efeitos nocivos em longo prazo, que o importante é estar bonita agora. O outro ponto que merece destaque é que a entrevistada aponta para um dado que se repetirá e é fundamental para se entender a modernidade e o processo de culto ao corpo: a questão da técnica.

Três outras entrevistadas (escolhidas entre outras) ressaltam este ponto:

“Culto ao corpo? Eu acho que hoje em dia, bastante...tem cirurgia plástica, né? Botox. Essas coisas acabam deixando a pessoa mais ligada, né?” (Mulher 60, 40 anos)

“As salas de musculação, se você for ver, o que tinha antigamente e o que tem hoje, hoje você tem aparelhos que você põe a chave e ele te diz o que você tem que fazer, a tecnologia auxilia, dos aparelhos de musculação, e mesmo de som, hoje a coisa é muito mais rica do que quando eu dava aula” (Mulher 14, 34 anos).

“Hoje você tem muitos recursos, se você quiser melhorar o teu corpo, tem muita coisa aí, a plástica, nossa, é uma febre. Você pode ver isso, tem demais, você querendo melhorar você tem condições para fazer isso, é só você querer. As mulheres são mais independentes. E quando você é mais independente, você trabalha, você tem que estar bem com você, você trabalha, então você tenta melhorar o que? Você. Pra mostrar pras pessoas e pra você. Pra você tá bem. É importante.” (Mulher 12, 48 anos)

Courtine (1995) reforça a importância da técnica e do comportamento regado na construção corporal do *bodybuilder* após os anos de 1980. Segundo ele, o desenvolvimento do

mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados á manutenção do corpo, além de toda uma tecnologia do suor (“*hight-tech sweat*”), são alguns dos itens que diferenciam as práticas atuais das antigas práticas de musculação e que neste sentido, marcam um processo de culto ao corpo diferente de outros processos ligados ao corpo no passado. Segundo ele, a tônica da atualidade é que é preciso “*sofrer se distraindo: a sofisticação eletrônica do material quer fornecer novos meios para favorecer a constância exigida pela disciplina e combater a dor do esforço e também o tédio da rotina*” (Courtine,1995: 84).

Outra pesquisadora, Sylvie Malisse⁵¹ (Malisse: 160, *apud* Del Priori, 200:91), afirma que, a partir dos anos de 1970, junto com as bonecas *Barbie* chegaria ao Brasil o *body bussiness*, ou seja, máquinas e técnicas do corpo que promoveriam um *marketing* de vivências corporais e passaríamos de uma estética feminina à uma ética feminina, ética que obrigaria a mulher a responsabilizar-se por seu próprio envelhecimento e a consumir produtos e técnicas para evitá-lo. A mulher passa a ser responsabilizada por sua imagem e cobrada por ela, reforçando assim estereótipos e construções de gênero. Ela incorpora que uma das suas responsabilidades, enquanto mulher, é ser/estar bonita.

Esta associação entre técnica e *marketing* corporal é claramente visível na academia de ginástica *Cia Athlética*. Há um grande investimento no aparato técnico, seja dos equipamentos de ginástica em si (esteiras, *transport*, bicicletas, aparelhos de musculação), seja de televisores e circuitos integrados de televisão que permitem monitorar todo o ambiente da academia. Recentemente, a academia adquiriu esteiras com monitor de televisão de tela plana acoplado, ou seja, é possível caminhar na esteira assistindo à televisão, fixada na altura certa dos olhos e é individual, cada esteira tem a sua. Você pode sintonizar o canal que quiser e se exercitar/distrair ao mesmo tempo. Nas academias mais sofisticadas, as máquinas de exercício têm entrada para uma chave própria de cada aluno, que registra todas as informações sobre o que ele deve fazer e do que efetivamente foi feito, além da supervisão constante dos instrutores. Tudo isto parece nos dizer que a tecnologia para obtenção de um corpo perfeito está disponível, você só não a utiliza se não quiser. E pior, também só não conquista um corpo perfeito se não quiser. Desta forma, atribui-se a conduta do aspirante a portador do corpo perfeito conseguí-lo ou não. A estética se vale do discurso da ciência e se legitima por ele, como mostra a Figura 5.

⁵¹ Sylvie Malisse, “A la recherche du corps idéal – culte féminin du corps dans la zone balnéaire de Rio de Janeiro”, *Cahiers du Brésil Contemporain*, 31, sem data.

Figura 5 - Tecnologia e corpo

Outro pilar que sustenta a ideologia do corpo perfeito é que o mesmo passa pelo esforço do **indivíduo**, ou seja, a ênfase de que o indivíduo sozinho, utilizando-se de aparelhos, pesos, muita ginástica, alimentação e produtos químicos pode construir seu corpo ideal, tão veiculado e reforçado pela mídia. Ou seja, ele não precisa e nem deve “se conformar com o que Deus lhe deu”, já que, com seu esforço, ele pode corrigir o que não corresponde ao padrão cultural de sua época e lugar. Estamos na era da **tecnologia do suor** (*high-tech sweat*) e, através dela, acredita-se que podemos escolher o corpo que queremos ter: “ ‘*Você pode se tornar a pessoa que sonha ser*’, dizem os *body-builders*. *Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro*” (S. Fussell, 1991: 73). Como pretendo demonstrar, não é tão simples assim, pois, na verdade, não sei se temos tantas escolhas, já que temos que seguir os padrões de corpo estabelecidos pela sociedade.

Mas, de todo modo, a ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é que o indivíduo, ele e somente ele é quem vai prestar contas ao olhar **crítico** e hierarquizante de seus pares, além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista. E mais, além de ser produto do esforço individual, passa pela conquista de um corpo que só ele vai ter e, posteriormente, da forma física como veículo de afirmação de *status*, conquista de parceiros sexuais em mesmo nível estético e inserção social. Goldenberg e Ramos também apontam que, para se atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é preciso investir na força de vontade e na autodisciplina, como reforçam, inclusive, as revistas de estética.

É como se a possibilidade de construir um corpo ideal, com o auxílio desta tecnologia do suor se confundisse com a construção de um destino, de uma obra. Kélh (2002) cita um entrevistado, freqüentador de academias de ginástica: “*Hoje eu sei que posso traçar o meu próprio destino*”, associando o aumento de seu volume muscular à conquista de respeito por si mesmo. Outras entrevistadas também ressaltam que o indivíduo pode e deve recorrer a todos os recursos técnicos disponíveis para a obtenção do corpo perfeito:

“Passa muito pelo esforço do indivíduo. Eu não acho que passa um pouco. Depende de mim se eu quero ter um corpo magro e saudável ou não. Tanto o homem quanto a mulher, hoje é feio quem quer, hoje todo mundo usa aparelho nos dentes, todo mundo tinge o cabelo... Antigamente diziam “Não, não vou usar aparelho, é muito caro, não é possível pra minha pessoa”, hoje é só você querer que é possível sim, você tem que investir, isto tem que estar claro pra você.” (Mulher 64, 49 anos).

“Exige vontade, exige disciplina, exige perseverança, porque às vezes, você tá cansada, você não tá com a mínima vontade de vir, aí exige perseverança, você fala, ‘não vou ir, nem que eu peque um pouco mais leve’, vai da insistência. Ginástica... se você não insiste, se você não coloca uma vontade, você não faz, você vem um dia, fica duas semanas sem vir...” (Mulher 49, 27 anos)

“Pra conquistar o corpo que você quer exige esforço, é inevitável, por isso que eu acho que ginástica, pra quem tá começando, ela é...é difícil, não é fácil, tem que trabalhar o esforço, tem que tornar isso um hábito na sua vida, tem que ir contra a preguiça, contra o desânimo, porque é cansativo, exige muito. Não é muito fácil, ela tem que ser gradativa, se esforçando, adquirindo o hábito, seu esforço vai fazer diferença, você vai sentir, vai aumentando o seu grau de ginástica, sua capacidade, tem que ter paciência, persistência, eu acho que aí o exercício se torna um hábito, você não pode mais viver sem, mas tem que ter esforço, é difícil. É, mas você conquista sim” (Mulher 20, 33 anos).

b) IMPORTÂNCIA DO CORPO NA OBTENÇÃO DE PARCEIROS AFETIVOS E NO MERCADO DE TRABALHO:

Outro motivo fundamental para que haja um culto ao corpo é, segundo as entrevistadas, a importância que o corpo assumiu na obtenção de parceiros afetivos e melhores empregos:

Gráfico 24 - Aparência física na escolha de parceiros afetivos

Vemos que só 11 % declararam que a aparência física influi pouco. Para 29% ela é importante na escolha e para 59%, beleza e aparência são relativas na escolha dos parceiros. No entanto, estas porcentagens devem ser vistas com algumas ressalvas, principalmente a faixa de 59%, que responderam “mais ou menos”.

Isto se deve a vários motivos, que só puderam ser detectados com as entrevistas gravadas. Algumas mulheres responderam “mais ou menos” porque já eram casadas há algum tempo, muitas conheceram seus maridos e se apaixonaram, ainda que eles não fossem considerados por elas bonitos. Outras responderam que mais ou menos no questionário fechado, mas depois na entrevista admitiram que a aparência física conta muito:

“Ficava chato responder isso, me senti fútil, preferi por só mais ou menos (Mulher 70, 30 anos)”,

“ Na escolha de parceiros afetivos? Ah, acho que todo mundo tenta dizer que não, mas no fundo você não vai querer uma pessoa horrível, acho que é legal e tal a

personalidade, é isso que conta mesmo, mas também não pode ser uma pessoa muito feia. Tem que ter uma atração física também” (Mulher 5, 22 anos)

“Eu acho que num primeiro momento até sim, mas quando a pessoa vai se conhecendo, aí não é tudo. Mas num primeiro instante a aparência conta bastante” (Mulher 1, 30 anos)

“Conta. Eu acho que pra mulher sim né? Eu acho que na primeira impressão é o que conta. A beleza conta muito, depois não... A beleza é mais importante do que no passado. Hoje em dia... se tem uma mulher bonita e uma mulher feia eles vão pra bonita primeiro. Eu não tenho muita dúvida. Por isso que tem esses problemas todos nas adolescentes. Elas já se sentem muito cobradas. Muitas meninas já colocando silicone nos seios, porque elas sentem a necessidade disso” (Mulher 7, 39 anos).

“É mais ou menos importante porque eu dou bastante valor ao ser humano. Eu gosto de conhecer mais interiormente uma pessoa. É “mais ou menos” porque à primeira vista a aparência tem certa importância assim, de você...pelo menos pra você se... Como é que se diz... Se enquadrar. Não enquadrar, ficar mais relaxada, mais a vontade, que você se identifica” (Mulher 31, 54 anos)

“Total! O que vende é a imagem, né? Você pega uma mulher com 100 quilos, quem vai chegar perto desta mulher? Ela pode até arrumar um namorado, mas pra ela arranjar este cara muitas vezes vai trabalhar com ela, vai conviver com ela, ele vai conhecer outros valores, muitas vezes o cara está muito carente, ou ele tem problemas de auto-estima, é muito difícil você ver um cara bem resolvido com uma tranqueira do lado (...) quando a mulher é gorda, mal -arrumada, mas porque? Porque já estão casados, às vezes até por questões financeiras mantém [o casamento]. Mas eu acho que é muito importante. Para o homem principalmente, acho que o físico conta mais para o homem do que para a mulher, muito mais, muito mais, é mais fácil você ver uma mulher com um homem feio do que um homem com uma mulher feia” (Mulher 34, 33 anos).

Por outro lado, várias mulheres foram enfáticas na opinião de que a aparência conta muito na escolha dos parceiros:

“Para eu escolher alguém, a parte física importa. Eu não quero uma pessoa que não faça nada, que seja gorda, que não goste de esporte, porque não vai me acompanhar, eu sou uma pessoa esportista, que gosta de estar sempre fazendo alguma coisa, então nesse aspecto me atrapalharia uma pessoa que não pudesse me acompanhar. O que eles pensam de mim é realmente importante, porque eu me esforço pra estar dentro de um equilíbrio.” (Mulher 39, 58 anos).

“É, na escolha dos parceiros, eu sempre digo pras adolescentes que o homem não vai atrás da mulher pela beleza interior, ele depois descobre a beleza interior, se ela é, intelectualmente satisfatória pra ele. Mas a primeira coisa que chama atenção, é o físico, sem dúvida, se olha pra mulher, alguma coisa te encanta (...) O cara vai olhar pra matrona? Dificilmente. Eu acho que não, é querer se enganar dizer que o homem vai atrás da beleza interior, do mesmo jeito que a mulher também não vai. Quando a gente olha pra um cara, a gente vê se é um gato, depois quando ele abre a boca, você sai correndo, não satisfaz, mas a primeira coisa que te chama atenção é a beleza física (...)” (Mulher 44, idade não declarada).

“Olha, no relacionamento afetivo, com o meu marido nem tanto porque ele já me conheceu gordinha, aliás, nos dois estávamos gordinhos quando casamos (...) mas hoje um cobra o outro mais para estimular o outro a não deixar cair a peteca (...)” (Mulher 28, 35 anos).

“Eu acho que ‘no vamos ver’ [no momento do intercuro sexual] não, mas depois na hora do banho, você vai fazer alguma coisa interfere um pouco, “puxa, a minha mulher é uma gata”, isto interfere, eu acho que sim. Aí que tá, não precisa ser maravilhosa, tem que tá ajeitada, é isso que eu acho. A pessoa não tem que tá linda maravilhosa pra dar tesão pro marido, você tem que tá bem(...)” (Mulher 55, 44 anos).

“Para encontrar um companheiro eu acho que sim. É quase um pré-requisito” (Mulher 19, 51 anos)

Vale lembrar que hoje o contato corporal entre os parceiros é muito mais intenso e direto do que nas décadas anteriores. Na década de 1920, um rapaz e uma moça que iniciassem um namoro tinham pouco contato físico antes do casamento, sendo vigiados por parentes, em geral, da moça. Conversava-se muito antes de um envolvimento mais físico, ao contrário do que ocorre hoje. Se há algumas décadas atrás as afinidades morais, intelectuais e mesmo de assuntos comuns podiam até compensar detalhes da aparência, hoje isto é bem mais difícil de ocorrer. As pessoas jovens se encontram em “baladas”, onde o corpo e a aparência figuram como primeiros mediadores. É de praxe “ficar” logo no primeiro encontro, sendo, portanto, mais difícil “abstrair” o corpo do outro. Desta maneira, os padrões corporais acabam tendo maior importância que tinham no passado, pois funcionarão como “iscas”, atraindo ou não potenciais parceiros.

Percebemos também nas falas que a beleza é hoje uma espécie de capital simbólico que agrega representações de sucesso e de *status*, ou, como definiu Pierce, um “indicador”⁵² de pessoa bem-sucedida. A beleza vira mercadoria, passível de ser comprada através de diversas técnicas, e mais do que tudo, desejada, contemplada. Todos querem ser belos e/ou, ter ao lado pessoas belas. Hoje, ter um corpo malhado é um sinal de *status* e, num cenário em que os casamentos não são mais arranjados como eram na aristocracia, nem dependem tanto de nomes e sobrenomes. Em tempos de culto ao corpo, apela-se para a beleza. Ou, como diria uma das entrevistadas:

“Às vezes, não é nem papo, nem é conversa, nem é isso que a pessoa tem pra te oferecer, se você anda com uma pessoa bonita as outras pessoas te olham de uma maneira diferente, se a pessoa é bonita elas te olham diferente. No meu caso conta [a aparência na escolha dos parceiros], eu sou honesta em dizer, no meu caso conta, com certeza”
(Mulher 10, 26 anos)

A pesquisa questionou também a importância da aparência física no mercado de trabalho. Para 59% das entrevistadas, há uma associação direta entre aparência e mercado de trabalho:

Gráfico 25 - Aparência e Mercado de Trabalho

⁵² Ver discussão sobre os signos enquanto marcadores sociais no item 4.2.4 -- Importância do corpo: Presente e passado.

No mercado de trabalho a beleza também se torna um poderoso atrativo, ou, como disseram as entrevistadas, quando não é decisiva⁵³, ao menos, abre portas:

“Realmente a beleza abre mil portas (...) Existem vários tipos de beleza, o que é belo pra mim, às vezes pra você não é. Mas a beleza importa e numa entrevista de emprego ela conta” (Mulher 45, 43 anos).

“Ela é o cartão de visita, então acho que você tá fazendo entrevista pro trabalho, você, eu acredito nisso, se você não tá legal esteticamente, você não se cuida, você passa desleixo, você é obeso, você passa uma coisa negativa, pô o cara não se cuida, então isso deve influenciar no trabalho (...) eu acho que isso, isso ajuda muito” (Mulher 49, 27 anos).

“No mercado de trabalho eu acho que a aparência influencia bastante. Eu já vi até reportagem na televisão de pessoa gorda que não consegue emprego. Eu não digo que tenha que ter um corpo perfeito, escultural, nada disto, mas tem que ter alguma coisa” (Mulher 52, 48 anos).

“Olha, eu nunca tive experiência, pois eu sempre fui patroa né. Eu nunca trabalhei pra ninguém. Então eu não vivo esse dia a dia para saber, mas eu acho que sim. Pelo que eu observo, eu acho que deve ser muito importante a aparência” (Mulher 31, 54 anos).

“Ah sim, eu não achava tão importante, mas eu tenho uma amiga que...ela não é bonita (...) e ela foi recusada, não aceitaram ela no trabalho dizendo que ela é feia, então assim, é muito importante, não só pela beleza mas pela maneira que você vai se apresentar. Uma pessoa bem vestida, uma pessoa bem arrumada que sabe falar direito e tá bem com o corpo, sabe, magra, com certeza tem mais oportunidade (...)” (Mulher 41, 19 anos)

“No mercado de trabalho influi. As pessoas obesas... Hoje em dia é considerado uma discriminação até. Mas influi”. (Mulher 7, 39 anos)

“A aparência influi “mais ou menos” no mercado de trabalho. Porque não adianta você ser muito bonito e não saber falar direito, não saber se expressar (...) Mas a aparência conta mais hoje pra arranjar um emprego do que no passado” (Mulher 12, 48 anos)

⁵³ Segundo informações de uma comissária de bordo que trabalha para uma empresa de aviação brasileira, a direção da mesma informou aos seus funcionários, em especial, para as funcionárias, que o novo uniforme seria confeccionado somente até a numeração 42 e deu um prazo de três meses para que as funcionárias acima desta numeração reduzissem seu peso, sob pena de demissão ou diminuição da escala de trabalho das que não se adequassem à nova silhueta.

As falas ressaltam que ter corpo e rosto bonitos é tão importante quanto ser competente, pelo menos num primeiro momento. Escolhe-se o candidato também se levando em conta sua apresentação pessoal; assim, duas pessoas com a mesma formação não têm necessariamente a mesma chance, o de melhor aparência vence a disputa. Pode ser que depois o empregador perceba que não foi uma boa escolha e que faltam outros atributos ao funcionário, e até o demita. Se o trabalho envolver atendimento ao público, a beleza se torna ainda mais importante, pois se acredita que ela vai atrair o cliente, que depois, pode se interessar pelo produto.

Se o trabalho desenvolvido estiver ligado ao corpo, como no caso dos professores de ginástica, esteticistas, nutricionistas, terapeutas corporais, etc, ele é fundamental, muitas entrevistadas disseram que o corpo é o próprio cartão de visitas e que ter um corpo malhado lhes confere legitimidade profissional:

“Eu acho que a aparência influi sim no mercado de trabalho. Eu acho que as pessoas que dizem que não, não estão sendo verdadeiras. Eu fui fazer uma vez uma entrevista numa academia e a gerente falou assim pra mim: ‘Veio uma outra professora de balé, mas ela era gorda’, ela nem quis saber o currículo da professora. Ela foi muito clara, ela falou que não tinha contratado a pessoa porque ela era gorda, na academia tem isso, vendedora...” (Mulher 22, 32 anos)

“Eu trabalho com saúde, então pra mim, professora de educação física, é muito importante este cuidado como o corpo, a gente vende um pouco disso, não é você ter um corpo bonito que você vai se tornar uma profissional bem qualificada, mas acho as pessoas que vem em busca de nós, elas buscam um pouco disso, elas se espelham na gente(...) se você cuida ou não do seu corpo, isto influencia muito” (Mulher 54, 26 anos).

“Também. Acho que as pessoas não vão chegar e contratar qualquer pessoa, de qualquer jeito é ... o corpo, eu como faço educação física, é o meu cartão de visita, entendeu. Meu corpo para o meu aluno vai ser meu cartão de visitas, então acho que é importante para o mercado de trabalho.” (Mulher 10, 18 anos).

“Ah, eu acho, imagem é tudo, pelo menos na minha profissão; por exemplo, eu pelo menos não consigo ser tratada por uma pessoa... feia, digamos. Eu não conseguiria ser tratada por um terapeuta gordo demais, que fosse descompensado, até porque a minha linha é terapia corporal (...) É muito difícil você contatar um personal gordo, só se você soubesse que a pessoa tem um currículo muito bom, porque imagem é tudo” (Mulher 34, 33 anos).

“Da educação física, com certeza. Influi tanto a aparência, como a idade né. Então a professora, ou o professor, se ele não tiver um shape, ele é o espelho, é como se fosse num nutricionista e ele fosse obeso, então a nossa profissão é um espelho, nossa, se essa pessoa não se cuida, eu não quero ficar igual, é a primeira coisa que a pessoa pensa né, então eu acho que é importante” (Mulher 59, 39 anos).

Mas, de todos os motivos que tentam explicar o culto ao corpo, os mais significativos, ao meu ver, se relacionam aos seguintes temas: exposição do corpo, existência de modelos de beleza, culto à perfeição, competição e, sobretudo, a mídia.

c) EXPOSIÇÃO DO CORPO.

A intensa exposição do corpo foi largamente citada e 53% da amostra julgou-a exagerada e 43% julgou intensa, o que totaliza 96% da amostra. Um total quase inexpressivo (3%) acha que o corpo está mais ou menos exposto:

Gráfico 26 - Exibição do corpo

As entrevistadas afirmam:

“Acho que até por conta da exposição do dia-a-dia, a pessoa está mais exposta, as roupas, blusinha curtinha, regatinha, calça mais apertada, em função disto” (Mulher 2, 31 anos)

“Existe sim. Eu acho que conforme foi se mostrando o corpo, foi diminuindo a roupa, você vai cuidando mais do corpo, você vai a praia e vê os biquínis cada vez menores, as

“pessoas mostram cada vez mais o corpo, então você tem que estar em ordem pra que todo mundo olhe pra você e veja e digam “olha, tá toda trincada”, como dizem. A mídia contribui muito. Sempre vê alguma coisa de estética. Sempre. Eu acho um exagero isso, não precisa. Não tem como ser perfeito. Daí vai sair, vai extrapolar o humano. Vai começar a colocar aqui, tirar ali, pra quê ? ” (Mulher 7, 39 anos).

“Eu acho que é mais a exposição que tem hoje em dia e não sei...é você querer...se igualar, ou ficar parecida, você sempre tem uma referência e acho que hoje em dia está muito exposto isso, tá bem exposto, todo mundo anda pelado...” (Mulher 18, 23 anos)

“Pode. Porque você vê que uma pessoa magra hoje tem mais chance em tudo, até na roupa, você vai à loja, do 40 pra cima quase não tem, todo mundo tem que ter assim o corpo da Gisele Bündchen, no momento é isso, eu acho assim, muito, não é uma falta de respeito, mas é uma pena que eles só peguem com relação a isso, não vejam os outros”. (Mulher 62, 27 anos).

De fato, basta observarmos ao redor para constataremos que as roupas estão cada vez menores, e não apenas roupas de banho, as roupas cotidianas diminuíram progressivamente de tamanho. Se nos remetermos aos séculos anteriores aos séculos XX e XXI, esta mudança é radical. Mas mesmo se reduzirmos o universo da comparação aos últimos dois séculos, temos o advento da mini-saia nos anos sessenta e nos anos setenta o biquíni de duas peças, que utilizado por Leila Diniz chocou boa parte da sociedade da época (que, para aumentar a polêmica, utilizou-o estando grávida). Comparado aos biquínis de hoje, ele seria, no mínimo, considerado gigantesco. Dos anos de 1990 pra cá as calças de cintura baixa fazem total sucesso e a cada ano, estão mais baixas. Os tamanhos diminuem nas lojas, como dizem duas das entrevistadas:

“Os números das lojas de roupa estão sempre cada vez menores, cada vez que você chega lá a numeração é menor, é menor, é menor” (Mulher 62, 27 anos)

“Por que se você está toda flácida, você vai às lojas e as lojas têm sempre manequins menores, você vai, acha a roupa linda, mas você não consegue entrar, porque realmente as roupas vão diminuindo, hoje o estereótipo é o da mulher magra, das modelos, magras, magérrimas.” (Mulher 37, 33 anos).

A indústria da moda diminuiu e apertou o tamanho das roupas e, ao mesmo tempo, associou a elas uma áurea de beleza; então, quando a mulher vai às compras, se precisar de tamanhos um pouco maiores, precisa recorrer a lojas especializadas. Foi-se o tempo em que só aqueles considerados obesos precisavam comprar roupas em lojas que lhes fornecessem

um tamanho adequado. Devido à estas mudanças nos padrões das roupas, é possível que mulheres não obesas, dentro de uma média de peso e altura considerados “normais”, não consigam comprar roupas “G” em lojas de departamento, pois o “G” de hoje é semelhante ao “P” de dez anos atrás. Segundo Proust, *“mostra-se cada vez mais o corpo: cada etapa desse desnudamento parcial começa provocando certo escândalo, depois se difunde rapidamente e acaba se impondo, pelo menos entre os jovens, aumentando a distância das gerações (...) Mostrar os seios e as coxas deixa de ser indecente. E nas cidades, durante o verão, vêem-se os homens de bermuda, camisa aberta ou tronco nu. O corpo não é apenas assumido e reabilitado: é reivindicado e exposto à visão de todos”* (Proust, *op.cit.*: 105).

Além disto, há uma correlação entre o fato do Brasil ser um país tropical sendo, portanto, maior aqui a exposição do corpo, incentivando o culto ao corpo, como bem indicam as mulheres:

“Eu vou muito aos Estados Unidos e eu vejo isso perfeitamente, o que eu vejo de gente mais gorda, mais obesa, só que lá a preocupação com o corpo e com a auto-estima não é tanto como no Brasil, talvez por ser um país tropical, onde as mulheres estão com menos roupas, mais expostas, é mais quente, o brasileiro é um povo mais sensual, então eu sinto isso, da auto-estima ter crescido com relação ao corpo, a valorização do corpo, mas isso é uma coisa muito forte do Brasil” (Mulher 16, 36 anos)

“Eu fui para Londres e ... lá nas danceterias a menina que chama a atenção ela não é aquela magra, pelo contrário. Eu vi uma gordinha dançando(...), tinha várias magras e ela não tava nem ai, por que quem estava de estilosa, uma postura mais alegre era a gordinha, que dançava melhor, mais solto, mais desencanado, aqui você não vê isto. Aqui, aqui a estética é mais forte, eu acho que o padrão é mais rigoroso (...) Um país tropical, é ... não sei, talvez a intimidade, a cultura, é outro jeito, não sei” (Mulher 26, 18 anos).

“É uma coisa meio, não sei, falando do Brasil, eu conheço um pouco porque eu viajo, nos lugares que eu conheço não é tão assim, aqui a gente dá um valor exagerado, exacerbado com o corpo, acho que tem a ver com este culto da juventude e da beleza. Aqui no Brasil existe essa sensualidade, é país tropical, então o corpo está sempre exposto (...) a gente cultua a beleza física...tudo! A juventude e a beleza. Aqui a beleza e a juventude contam muito para se ter um companheiro” (Mulher 31, 54 anos)

“No Rio cultua muito mais estética, as pessoas vivem de biquíni, como é que não vão pensar mais no corpo se ele está mais exposto, né?” (Mulher 8, 25 anos)

O que percebo é um círculo vicioso: como as roupas estão menores e o corpo está na ordem do dia, este fica mais exposto. Ora, o que é mais visível, pelo menos na nossa cultura, deve ser mais bonito, então a maior exposição do corpo faz com que ele se transforme em alvo das atenções e, portanto, num objeto cultuado. Cultua-se a aparência e/ou beleza e investe-se em mecanismos para se alcançar o padrão de corpo veiculado, seja através da malhação, seja através de dietas. Só que, uma vez alcançado este formato de corpo, o que fazer com ele? Escondê-lo? Pelo contrário: na medida em que o corpo vai ficando mais bonito, você também quer expô-lo mais. Este é um dos pontos centrais da cultura do corpo e central para nossa reflexão. Como a identidade é sempre um mecanismo construído no embate de relações, o que eu sou e o que eu penso de mim não existem independentemente do modo como os outros me vêem e, ao fazê-lo, não só me vêem, mas me avaliam. Então o corpo malhado é fundamental para a auto-estima das pessoas, para que elas se sintam, como dizem as entrevistadas, “bem consigo mesmas”, mas isto só alcança sua real importância se visto e admirado pelos outros, daí a necessidade de exposição.

Ou seja, se é verdade que a exposição leva a um culto ao corpo, o contrário também é verdadeiro: faz parte da própria ideologia do culto ao corpo que o mesmo é plástico, passível de ser remodelado com exercícios e dietas e que, quando isto acontece, o corpo passa a ser passível de exposição. Aliás, é ainda mais complicado: para boa parte das entrevistadas o corpo só pode ser exposto se estiver malhado:

“Eu gosto de estar sempre com uma roupinha de ginástica bonita, eu gosto de por a roupa e ver que ela está bonita no meu corpo, não pode estar com banha sobrando aqui e ali” (Mulher 65, 61 anos).

“É muito bom quando dizem no vestiário ‘Você tá com um corpão, bonita’. Quando a gente está se trocando, dá pra ver todos os detalhes, aí uma amiga te diz isso, a gente já fica melhor, porque tão te vendo inteira, sem uma máscara ou uma roupa que te cobre as imperfeições, você vai ficar mais satisfeita.” (Mulher 43, 39 anos).

“Eu acho que à medida que o corpo melhora, a gente vai descobrindo [no sentido de tirar a roupa] mais ele. Quando a gente começa, quer esconder um pedaço da barriga, mas depois, você vai vendo que tá melhorando, que já não tem mais barriga, você vai se expondo. A gente começa com aquela camiseta grandona (risos), aí você vai diminuindo o tamanho dos tops e se mostrando mais” (Mulher 69, 45 anos)

“Quando eu chegava na academia, ficava insegura com meu corpo e não tirava a camiseta, nem nas aulas! Depois que a barriga foi ficando definida, comecei a sair do

vestiário só de top e calça de lycra. Aí eu fiquei mais sequinha e malhada e hoje eu ando de top e shortinho!!!” (Mulher 68, 34 anos).

“Eu não ficava só de top até melhorar. Quando eu não estava vindo na academia, eu não gostava de tirar a camiseta, eu tinha bastante gordura lateral, mas foi melhorando, eu fui perdendo a vergonha e tirando a camiseta, hoje eu não tenho problema de usar short, top ou calça” (Mulher 1, 30 anos)

“Aumentou bastante a exposição do corpo, e você tem que estar malhado para expor” (Mulher 2, 31 anos)

“Eu acho que conforme foi se mostrando o corpo, foi diminuindo a roupa, você vai cuidando mais do corpo, você vai à praia e vê os biquínis cada vez menores, as pessoas mostram cada vez mais o corpo, então você tem que estar em ordem pra que todo mundo olhe pra você, veja e digam “olha, tá toda trincada.” (Mulher 50, 26 anos)

É interessante notar que em todas as falas aparece praticamente a mesma idéia, ou seja, de que o corpo deve estar **pronto** para ser exibido, no sentido de estar “malhado”o suficiente. Esta visão do corpo é profundamente diferente da idéia professada por Bakthin (1987), que considera o corpo medieval em sua essência inacabado, contento em si imperfeições e falhas, e estando, da mesma forma que o mundo, em permanente construção. Ele não era limitado por uma fachada externa perfeita (ver item 3.2.Idade Média e Corpo). Nada mais distante da concepção atual que postula que o corpo deve ser exposto só quando estiver bonito o suficiente para isso. A idéia de “pronto” remete aqui à idéia de perfeito, como veremos a seguir.

d) MODELOS DE BELEZA E CULTO À PERFEIÇÃO.

Outro dado que aparece nas entrevistas e que confirma a dificuldade de estabelecer a ordem dos fenômenos é a questão da perfeição, muitas vezes citada para se explicar o próprio culto ao corpo.

“Existe uma cultura da perfeição. Você vê que hoje o perfil dos que malham mais é o jovem. E eles não só malham como vão pra cirurgia plástica, põem silicone” (Mulher 10, 26 anos).

“Ah, muita cultura da perfeição. Existe, nossa, muito, muito. Ainda mais em quem faz ginástica, quer que a pessoa que esteja do lado seja perfeita, hoje em dia está todo mundo malhando, até de madrugada, tenho amigos que trabalham o dia todo e são triatletas, e muitos cobram das esposas que trabalham, que têm filhos e não conseguem ir

á academia, enchem o saco delas, cobram muito delas porque são gordinhas, tem celulite. Eu vejo muito na minha turma que as mulheres são cobradas para estarem bem” (Mulher 14, 34 anos).

“Total cultura da perfeição, total, enlouquecedora. Elas fazem as plásticas porque elas acham que vão ser mais amadas e aí elas fazem e percebem que não são mais amadas por causa disto, e aí começam mil paranóias, tipo, “mudei meu corpo e a pessoa que eu amo não me ama mais por causa disto”, ou “não reconheço o meu corpo”, depois tem que ter um trabalho de reconhecimento do corpo (...) mas acho que não é na questão de colocar ou não prótese, a questão é que as pessoas acham que ter um corpo melhor ou mais bonito é garantia de amor” (Mulher 34, 33 anos).

“Vive uma cultura da perfeição. Infelizmente vive. A mulher tem que ser maravilhosa, tem que ser Daniella Cicarelli, é bem isso” (Mulher 38, 48 anos).

“Se não existisse uma preocupação com a perfeição não haveria tanta gente fazendo cirurgia, plásticas, lipoaspiração, lipoescultura, eu acho que assim, uma coisa ou outra, uma pessoa que não tenha nada de peito, esteja se sentindo mal, quer se sentir bem, tudo bem que ela coloque, mas tem coisas que chega a se mutilar (...)” (Mulher 41, 19 anos)

“Esta busca da perfeição, o que influencia muito isso é a publicidade, que a gente tem hoje, você vai a qualquer avenida, você vê a quantidade de outdoor, o mercado publicitário cada vez mais investe em mulheres bonitas para poder divulgar os seus produtos (...) isto influencia muito a busca perfeição, a busca pelo ideal, pelo corpo” (Mulher 54, 26 anos)

“Aqui na academia é demais, só pelos espelhos que a gente tem na academia, a quantidade de espelhos que a gente tem aqui é absurdo” (Mulher 57, 28 anos).

“Existe hoje uma cultura da perfeição, demais, nunca está bom. Você se propõe a treinar bastante, a comer direitinho, mas você sempre vai olhar no espelho e achar alguma coisa que não está boa, se você não tiver muita ocupação, toma muito do seu tempo, então se você tem muito tempo pra pensar numa coisa só, acho que ela toma uma direção exagerada, uma neurose (...) principalmente para quem tem poder aquisitivo alto. As mulheres querem sempre mais, eu acho que tem um exagero sim” (Mulher 5, 22 anos)

Podemos perceber que no processo de culto ao corpo, meio e fim se confundem, tamanha é a supremacia dos modelos estéticos. É preciso estar bela, ou até mais do que bela, perfeita. E o que é ser perfeita? Uma das entrevistadas (Mulher 14, 34 anos) diz que os próprios maridos cobram a perfeição das esposas, mas estas são gordas, têm celulite. Então,

por oposição, a mulher perfeita é a magra, sem celulite. E também sem estrias. Com seios duros, levantados e grandes. Com o corpo malhado e tonificado, com nádegas arredondadas e firmes. Cabelos impecáveis, rosto sem rugas. Pele uniforme, lisa. Cintura fina. Ou seja, mulheres com um corpo e um rosto que nunca envelhecem, apesar da idade; não perdem as formas, mesmo depois de vários filhos; cujos cabelos são sedosos e brilhantes, mesmo com o passar dos anos. A cultura da perfeição dissolve as marcas do tempo e proclama o triunfo da técnica e da padronização sobre o eu: se o seio caiu, levante-o com plásticas, você pode ter um seio melhor do que tinha aos 18 anos. Com *botox*, você se livrará das rugas de expressão; você malhou bastante, mas não conseguiu uma cintura de pilão? É só tirar as costelas! O corpo da atriz de televisão é o que você sempre quis? É possível com plásticas. Engordou por causa dos filhos e a rotina não permite exercícios? Faça de madrugada. Somos compelidas a alcançar um padrão estético que muitas vezes não tem nada a ver com a estrutura do nosso físico, ou com a nossa idade: é o padrão das modelos, ou, como disse uma entrevistada, temos que ser todas iguais a Daniella Cicarelli (modelo e atriz de televisão). A beleza está na mídia, na moda, nos *outdoors* e, mais que um direito, é hoje um dever. A feiúra constrange, envergonha. Isola. Ou, como diria a mulher 11, “*a sociedade discrimina quem é feio, quem tem um corpo feio*”. E como os parâmetros estão cada vez mais altos, qualquer detalhe já é o bastante para que sejamos vistos como não-perfeitos: uma gordurinha ínfima sobrando, dois ou três quilos a mais, um bumbum com um pouco de celulite e alguma flacidez, vincos na pele, seios tamanho médio... Ser saudável e bonita não basta, é preciso ser perfeita. Mesmo que para isso seja preciso recorrer a plásticas, como diz uma das entrevistadas:

“Para algumas criaturas virou neurose, se retalham todas e saem tentando lipoescultura, para modificar tudo” (Mulher 42, 66 anos).

Algumas entrevistadas reforçam a existência destes padrões estanques de beleza e a influência dos mesmos no processo de culto ao corpo:

“Eu acho que sim, total. É um padrão de beleza pra massacrar né, eu acho que as meninas sofrem muito com isso, porque a brasileira não tem este corpo que é exigido, de quadril estreito, aí elas querem diminuir o quadril, aumentar peito, bem diferente do corpo da brasileira, eu acho que é um padrão de beleza que faz as mulheres sofrerem muito” (Mulher 19, 51 anos).

“Com certeza, com certeza. Com certeza você tem hoje um padrão estético que é um padrão físico (...) que faz com que a maioria de nós, mulheres, todos nós, alguns tem uma graça divina que não se deixam tocar por isso, mas a maioria das pessoas de alguma

forma se sente tocada. Se você não está dentro deste padrão que na verdade é retocado pela mídia, você... está excluído.” (Mulher 30, 51 anos)

“Acho que estas manequins muito magrinhas, as meninas, até as velhas querem ficar lindas, maravilhosas, e também os muitos recursos que a gente tem, plásticas, peeling, massagens, botox, tudo isso leva a pessoa a ficar, a querer ficar cada vez mais jovem, não ficar velha” (Mulher 55, 44 anos).

“Eu acho que são os padrões, você tem modelos magérrimas, a mídia mostrando mulheres sensuais, nos comerciais, na TV, então você estabelece padrões e aí quem está fora deste padrão não é aceito socialmente, então eu acho que vem daí, de ser aceito socialmente. E quem estabelece este padrão é muito a comunicação” (Mulher 16, 36 anos)

“É, tem muita gente que passa 24 horas pensando, ‘ah, eu não posso comer isso porque vai engordar, vai para a barriga, vai para o culote’, (...) tem mulher que passa o dia inteiro comendo fruta, tomando sopa, tomando água, porque tem que emagrecer, tem que emagrecer, não é assim” (Mulher 25, 19 anos)

Há uma evidente descartabilidade de pessoas que pareçam envelhecidas ou “fora de esquadro” e uma luta constante para dissimular os indícios corporais que atestem este afastamento da juventude ou do padrão que caracteriza o corpo perfeito. Talvez esta busca do corpo “perfeito”, aliada à percepção de que ele possa ser algo construído, sejam algumas das razões não só da preocupação de uma faixa etária mais jovem com o corpo, mas inclusive para o aumento da frequência da terceira idade nas academias de ginástica, como comprovei através da pesquisa de campo.

Featherstone (1992:170) afirma que a cultura do consumidor prende-se a uma concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência, e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo do prazer e da auto-expressão. Neste sentido, Debert (1999: 21) afirma que os idosos possuem maior disponibilidade para o consumo e que parte deste potencial é aplicado na transformação corporal, já que esta auxiliaria à construção de uma auto-imagem e de um reflexo mais positivo de si para a sociedade envolvente. De toda forma, disciplina e hedonismo se combinam na medida em que as qualidades do corpo são tidas como plásticas e os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade da sua própria aparência. A publicidade, os manuais de auto-ajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou

a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda de cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer.

Sabino (s/d) afirma que nas academias brasileiras o consumo de anabolizantes e a prática constante de exercícios físicos fazem parte do processo de construção ritual da pessoa, cuja lógica central passa pela transformação física do corpo.

Falar em “ritual” remete-nos à clássica obra de Turner, O Processo Ritual (1974), em que o autor nos mostra que uma das chaves centrais para o entendimento de qualquer cultura reside nos ritos, já que os mesmos são indícios para a compreensão de pensamentos, sentimentos e relações entre os nativos e o seio de suas comunidades. Entre os vários ritos sociais, destacam-se os chamados “Ritos de Passagem”, ou seja, “*ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade*” (Arnold Van Gennep, 1960, *apud* Turner, 1974). Tais ritos caracterizam-se por três fases: 1) Separação, 2) Margem, ou *limem* e 3) Agregação. A primeira fase marca o afastamento do indivíduo (aqui chamado de “neófito”) de um determinado grupo ou ponto fixo na estrutura social. A segunda, marca o processo de transição, quando o neófito inicia o lento aprendizado das regras, valores e linguagem do grupo ao qual quer ascender. A terceira fase consoma a passagem e reintegra o indivíduo no grupo, fazendo com que o mesmo assuma os direitos e deveres de sua nova posição.

Quando analisamos o campo da academia de ginástica, também podemos perceber que a mesma configura-se como **tribo urbana**, cuja ética está calcada na estética corporal e que vêem em seus corpos esculpidos uma marca de *status* e diferenciação social. Quando questionadas se as “malhadoras” assíduas poderiam ser vistas como uma tribo urbana, 75% responderam que sim:

Gráfico 27 - Malhadores como uma tribo urbana

Os motivos alegados para esta associação foram:

“O culto ao corpo vira até uma tribo. Eu acredito. Porque se você não estiver dentro, pra algumas pessoas tá, se você não estiver dentro, você é excluída. É exclusão social. Então tem muita gente que está dentro desta tribo para não ser excluída” (Mulher 48, 40 anos).

“Eu acho que depende do grupo que você está, entendeu? Da faixa etária, do sócio econômico, de repente você vai numa favela, lá não importa se você está gorda ou se está magra, você faz parte da comunidade ali de outro jeito, e de repente num lugar como a Cia Atlhética, de repente aqui pra você ser mais aceita você tem que ter um corpo melhor” (Mulher 57, 28 anos)

“Culto ao corpo sim. Tem muita gente que malha pra isso, pra você tá na moda né, pra você estar dentro deste culto ao corpo, que vira até uma tribo, né?” (Mulher 49, 27 anos)

Ou seja, dentro da tribo dos malhadores, podemos perceber claramente as fases descritas por Turner: As mulheres, ao ingressarem em uma academia, desejam, em sua maioria, construir um corpo magro e levemente musculoso, para se separarem e se contraporem ao grupo das “não-malhadas”, “gordas”, “desleixadas”. Elas querem sentir-se integradas e aceitas em uma sociedade que valoriza a forma física como referencial de status e sucesso. Ela

tentará, a partir de então, adequar seu corpo à forma correspondente dos novos papéis que deseja assumir. Assim, ela separa-se do grupo das sedentárias, o que corresponde à primeira fase do processo ritual, qual seja, a “separação”.

Durante a segunda fase, ela encontra-se num processo de “liminarietà”. Ela ainda é uma neófita e precisa aprender as regras do grupo, que no caso, envolve praticar exercícios com regularidade, consumir produtos específicos, manter uma dieta alimentar, conhecer o nome das aulas, enfim, socializar-se no campo da musculação e dos outros setores das academias. O processo é permeado de rituais, que envolvem vestimentas, condutas, dialeto próprio, enfim, toda a manipulação de um universo instrumental e simbólico, que não está livre nem mesmo da já consagrada “eficácia simbólica” (Lévi-Strauss, 1991), ou seja, do poder, que é próprio do rito, de atuar sobre a realidade agindo sobre a representação que estes indivíduos fazem da realidade. Quem é adepto de exercícios físicos sabe que a simples realização do treino previsto já dá ao praticante a sensação de ter melhorado seu corpo, ainda que ele saiba que os resultados não são tão rápidos assim e exigem regularidade. Mas, ao menos, ele sente que fez a sua parte quanto ao corpo, é como dizem as entrevistadas, “uma missão cumprida”. Pelo menos, ele não poderá ser rotulado de “fraco”, “desleixado”: ele “luta” (já que há uma verdadeira cruzada contra as adiposidades) para mudar o seu corpo e empenha-se para isso, o que, no limite, lhe confere até fibra moral, segundo os valores postulados pela ideologia do corpo perfeito.

Na terceira fase, “agregação”, ela é consagrada ao papel de “malhadora”: suas atitudes e seu próprio corpo atestam que ela agora é uma *“nova mulher, que não se conformou com o que Deus lhe deu, correu atrás, batalhou, ficou mais bonita e mais segura”* (Mulher 70, 30 anos).

O corpo malhado lhe conferirá uma nova identidade, um novo lugar no seio da comunidade a qual ela pertence, como podemos comprovar a seguir.

e) COMPETIÇÃO E COBRANÇA SOCIAL

A preocupação com o corpo, a importância que ele alcançou no mercado de trabalho, nas relações afetivas e na relação das mulheres consigo próprias e com os outros, e a existência de padrões corporais muito evidentes introduzem no sistema duas variáveis importantes: a competição e a cobrança social. Muitas mulheres se referiram a elas ao falar do culto ao corpo:

“Ah, eu acho que entra muita coisa, é... insatisfação pessoal, as pessoas começam a se cuidar, a ficar mais bonitas, existe aquela coisa, um clima de competição, você vê hoje uma pessoa bonita, bem arrumada, com um corpo legal, transada, (...) porque que eu não

vou ficar também? Então isso mexe com o ego, alimenta aquela coisa de você querer ficar igual, ficar parecido, conseqüentemente o culto ao corpo que eleva a auto-estima, uma coisa ligada na outra” (Mulher 46, 42 anos).

“As pessoas hoje estão muito ligadas ao material, são muito competitivas, infelizmente, eu fui uma adolescente gordinha e eu ... sempre fui feliz em relação a isto. Agora hoje em dia eu vejo que a meninada mais gordinha fica em depressão (...) o apego ao físico é muito maior” (Mulher 47, 40 anos).

“Eu acho que as pessoas se comparam muito hoje em dia, a comparação tá muito grande, “se você tem, eu quero mais do que você, vou pra academia porque tenho que ficar melhor do que ela”, em todos os sentidos, depois pela parte do corpo também, acho que antes era material, agora também é pro lado corporal da coisa” (Mulher 61, 29 anos).

Creio que, como o corpo se transforma ele próprio em uma mercadoria rentável, passível de ser desejado, exposto, comprado, e como veremos com Debord, a modernidade instaura um culto à mercadoria, nada mais coerente que ter um corpo perfeito adquira tanta importância quanto ter bens, sejam eles móveis ou imóveis. Como já foi tido, o corpo se torna um capital, mais um elemento no circuito das trocas econômicas e sociais e a competitividade do mundo dos negócios se transfere para o corpo. Até porque, como este corpo perfeito custa muito dinheiro, ele não é para todos: é só para aqueles que podem pagá-lo (embora, enquanto marca de sucesso, seja desejo da classe “baixa”). O corpo instaura assim, no *roll* das diferenças, mais uma, a estética. Num cenário como o nosso, em que a falta de dinheiro pode levar ao descrédito social e a noção de cidadania passa pela inserção no mercado de consumo, inferiorizando as pessoas mais pobres e privando-as, muitas vezes do acesso à saúde e à alimentação, instaura-se mais uma clivagem, a da aparência física. Esta, inclusive, é indissociável da própria clivagem econômica, pois o corpo perfeito custa muito dinheiro, requer alimentação *diet* – sempre mais cara que a comum -, cirurgias plásticas⁵⁴, tratamentos estéticos que correspondem a vários salários mínimos, roupas de ginástica de griffe... Através do corpo reafirma-se mais uma exclusão social: o corpo malhado nas academias, como comentou Boltanski (1979), é diferente do corpo do trabalhador, que é um meio para a atividade e não um fim em si mesmo, que deve ser conquistado via malhação. Nas camadas superiores da hierarquia social, diminui o volume do trabalho manual em favor das atividades intelectuais, fazendo com que os indivíduos alterem o sistema de regras que regem suas

⁵⁴ Embora revistas e cirurgiões plásticos ofereçam cirurgias plásticas em doze parcelas, é inegável que o acesso a elas é maior entre as mulheres das classes média-alta.

relações com o corpo, dedicando a ele cuidados mais atentos e específicos. Uma maior preocupação com a manutenção da forma física e da valorização da “graça”, maleabilidade e flexibilidade corporais são mais comuns e intensas nos segmentos abastados do que nas camadas menos favorecidas economicamente. A valorização da magreza é mais intensa nas camadas superiores. Nos segmentos subalternos, para os quais a força muscular desponta como um atributo de maior valor, muitas vezes o magro é visto como “fraco”. A diferença na terminologia é interessante e comprova esta idéia: pessoas de maior peso (mais “cheias”) são chamadas de “gordas” entre as classes sociais mais abastadas e de “fortes” entre os menos favorecidos. Daí que duas pessoas da mesma corpulência física serão consideradas magras entre os pobres e gordas entre os ricos.

Além do mais, o trabalho muscular aqui não está ligado ao trabalho rotineiro dos trabalhadores braçais, não está a serviço do sustento familiar mas se configura como um marcador de classe e da maior capacidade de despender tempo e dinheiro com os cuidados estéticos.

Portanto, se o corpo de uma pessoa for mais malhado do que o de outra, em termos hierárquicos, a primeira ganha. Ou, como diz Del Priori, *“A indústria cultural ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual. É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorado. Mas o culto não é para todos. O tal corpo adorado é um corpo de ‘classe’. Ele pertence a quem possui capital para frequentar determinadas academias, possui personal trainer, investe no body fitness; este corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela está fora, é excluído”* (Del Priori: 92).

Figura 6 - Aparência e sucesso

Não importa se ganho de *status*, de dinheiro, de empregos ou de sucesso afetivo, o que importa é que através do corpo mais malhado a pessoa pode afirmar-se como superior à outra, mais competente, mais capaz, mais plenamente realizada. O corpo bonito literalmente pode fornecer mais sucesso econômico, mesmo para aquelas que não são modelos, como exemplifica a Figura 6, a aparência define o sucesso ou fracasso pessoal. Ele vende uma imagem de positividade e de

sucesso que pode se converter em ganhos efetivos. Ou, então, ele também pode fazer vender cosméticos, roupas, cirurgias e outros itens. Na medida em que se cria uma necessidade, que é ter o corpo perfeito, é preciso também disponibilizar os meios para alcançá-lo, e estes custam dinheiro, fazem a economia girar. A ideologia do corpo perfeito cria demandas, e num país capitalista, demandas são vitais para o sucesso da economia. Pode-se comprar tudo hoje em dia, de cosméticos à prótese de glúteos. Vivemos em uma permanente vitrine de corpos e não demorará o dia em que compraremos, junto com os produtos de limpeza no supermercado, uma prótese de silicone, ou, como diria uma das entrevistadas:

“Então, eu acho que a gente pode pensar em vários fatores, políticos, econômicos, sociais, culturais, pensar, por exemplo, no econômico: o corpo entra em uma linha de produto de consumo, atualmente as mulheres compram peito, compram bunda, compram a perda de culote, o corpo hoje acho que é bem de consumo. Como você fala aí do corpo, tipo se o corpo está mais exposto, eu acho que exposto tem vários sentidos né. Exposto como tela, se você for pensar nos piercing, nas tatuagens, das plásticas, e exposto porque está desvelado mesmo, está à mostra” (Mulher 50, 26 anos).

É sabido inclusive que muitas mulheres, principalmente as que estão na mídia, fazem troca de prótese de silicone porque enjoaram do tamanho ou resolveram que alguns mililitros a mais fazem uma grande diferença. Submetem-se à uma operação plástica não para corrigir algum defeito estético muito pronunciado, mas porque a moda pede seios de “X” centímetros. E é uma busca sem fim, já que a própria idéia de perfeição contém em si mesmo a eterna renovação.

Vejamos algumas falas nativas:

“Talvez seja por futilidade, só que esta futilidade já virou (...), vamos dizer assim, uma cultura. Então hoje a mídia também viu que o que todo mundo gosta de ver na televisão é um rosto bonito, um corpo bonito, às vezes fala um monte de asneira, ou só aparece uma bunda na televisão dançando, é o que dá ibope para eles né, a gente está em um país capitalista, precisa ganhar dinheiro, cada uma faz o que faz” (Mulher 26, 18 anos).

“Ah, eu acredito que seja...[ela pensa]... a futilidade mesmo, as pessoas estão mais fúteis hoje, o capitalismo, pra vender...se você for mais fútil, compra mais rápido” (Mulher 29, 54 anos)

“Eu acho que são as indústrias. Do eternamente jovem são as indústrias de cosméticos, sem sombra de dúvida, agora de corpo, não sei quem definiu este padrão, sem quadril,

sem bunda, sem peito, ou só com peito agora, porque as modelos, elas são magras, mas agora colocam peito, então fica aquela coisa...” (Mulher 19, 51 anos)

Quando falamos no processo de culto ao corpo, percebemos que a presença de modelos corporais e a busca da perfeição caminham juntas com a competição, mas também com a cobrança social, assinalada em várias falas:

“Hoje, quando você entra numa conversa qualquer, a pergunta básica que surge é ‘você faz algum esporte, faz academia’, então o corpo passou a ser uma coisa assim, ‘ah, é o corpo’, ‘o que importa é a cabeça’, hoje mudou. E as pessoas valorizam mais o corpo” (Mulher 2, 31 anos)

“É uma cobrança social. Antigamente não fazia parte do assunto, você encontrava as pessoas, ninguém perguntava para você: ‘você faz exercício? Hoje em dia faz parte, ‘você faz alguma academia, você corre’? Sabe, faz parte do dia a dia das pessoas, então isto é cobrado. Agora muitas pessoas começaram a fazer exercícios por causa disto. Se ela fala “ah eu não faço ginástica”, ela já é vista de uma outra forma: “nossa, essa aí não faz nada”, sabe? é eu acho que as mulheres estão muito neuróticas, elas, entre elas até colocam, elas não fazem isto por causa do marido, é entre elas. Elas competem, acho que isto é muito ruim” (Mulher 51, 34 anos).

“Acho que pode falar num culto ao corpo e você vê muito isso aqui na academia. (...) Tá muito exagerado. Eu vejo a discriminação, eu conheço muita gente que faz triatlon, e falam, ‘Olha, aquela tem uma gordurinha a mais, tem que ser perfeita’.” (Mulher 14, 34 anos)

“Eu acho que a sociedade, principalmente a mídia tem cobrado muito isso. Tem cobrado, então as pessoas começam a querer ser igual, ‘ah eu quero ser igual a manequim que aparece na televisão’, isso faz a pessoa desenvolver este excesso de preocupação estética”. (Mulher 40, 32 anos)

Como percebemos nas falas, malhar virou tema de conversas, virou assunto. Em entrevista á revista Boa Forma, a atriz Carolina Ferraz observou que: *“Brinco com as minhas amigas que preciso fazer uma plástica, só para ter assunto”*⁵⁵. Se você não pratica algum esporte, ou não faz atividade física, corre o risco de ser olhada pelos outros de modo depreciativo, como se a sua falta de atividade física ou de não preocupação com isso refletisse uma certa lassidão moral, uma preguiça condenável em tempos de exaltação das formas e dos movimentos. Há uma cobrança para que, ao menos, façamos nossa parte quando se trata do

⁵⁵ Revista Boa Forma, editora Abril, março de 2002.

corpo e isso significa fazer exercícios, ou como disse Perrot (1998), *“No espaço público a mulher tem quase um dever de beleza (...) A burguesia reproduz este modelo segundo uma divisão dos papéis sexuais que delega às mulheres a ostentação do luxo e do lazer”* (Perrot, 1998: 22).

Vale perguntar, no caso de nossas mulheres, cobrança de quem? Eu diria que generalizada, dos maridos ou companheiros, das outras mulheres, de si mesmas e da sociedade como um todo.

Algumas ressaltam que a cobrança por um corpo perfeito é interna, mas destacam também a influência da mídia e da sociedade mais ampla:

“Eu me cobro. Meu marido sempre acha que está bom. Eu me cobro porque eu detesto pôr uma roupa e ficar feia, eu gosto de manter as coisas que eu tenho, que eu gosto, eu detesto comprar roupa maior” (Mulher 19, 51 anos)

“Eu faço porque não tem jeito, eu sou obrigada. Se eu pudesse estar em casa sentada eu estaria, não estaria aqui. Eu não gosto de atividade física”.

A cobrança, segundo ela, vem de todos os lados e, indiretamente, até do marido. Ela diz:

“Ele é um exemplo, acorda às 5 horas da manhã, vai todo dia pra academia, chovendo ou fazendo sol. Então ele é um grande incentivador meu a não parar”.

Outras mulheres são mais explícitas quanto à cobrança (e o apoio) dos maridos ou companheiros, afirmando que começaram a malhar por causa disto:

“A imagem que meu marido tinha de mim me incomodava há uns três anos atrás, que ele achava que eu tinha que emagrecer. Eu era muito sedentária, foi depois de um dia que ele falou, eu tava comendo e bebendo líquido ao mesmo tempo, então ele falou ‘para com isso, você só tá engordando’, então eu falei – opa, péra aí, tenho que emagrecer, foi depois disso, juro pra você, eu mudei radicalmente. Eu procurei um endocrinologista, comecei a fazer uma dieta, reeducação alimentar, e mantive isso, emagreci e comecei a fazer ginástica. Não que ele não gostasse do meu corpo, mas ele viu que eu não tava me cuidando né, então me incentivou a mudar” (Mulher 49, 27 anos).

“Meu marido me apóia e cobra muito. Quando não vou à academia ele pergunta ‘Não vai porque?’ Porque eu gosto muito de tomar sol também, ‘não, você tem que malhar’. Na alimentação a gente também se pega muito no pé” (Mulher 43)

“Para agradar o seu parceiro, deixar o seu parceiro...os dois terem um relacionamento mais...não sei, acho que como o meu marido também é da área, então a gente vive esta febre de corpo, então a gente se cobra muito e acho que pelo nosso estilo de vida mesmo” (Mulher 59, 39 anos).

Aqui, a cobrança está ligada às construções de gênero, que atribuem à mulher os papéis de bonitas, atraentes, bem como da já referida atitude reflexa (Saffioti, 1979)⁵⁶, por meio da qual os homens exigem, mas também se beneficiam da aparência embelezada de suas companheiras.

Um outro relato é muito emblemático para se pensar a questão da cobrança: Mulher 13, de 59 anos, mudou de uma das unidades da Cia Atlética, a unidade da rua Kansas⁵⁷ para a unidade do *shooping* Morumbi, e ela comenta sobre o peso que a beleza e o corpo tem de acordo com estes dois locais:

“Com relação aos padrões da mídia, primeiro tem a idade, o aspecto cronológico é fundamental, eu mesmo não revelava minha idade [59], tinha vergonha da minha idade, até que chegou um momento astrológico em que você conscientiza a idade. Aí eu mudei da Kansas, vim para cá e falei a minha idade e nem por causa disto caiu o mundo entendeu? E até me permiti engordar alguns quilinhos. Na Kansas existe uma cobrança muito grande neste sentido, eu não sei se você conhece a Kansas? (...) É onde a ‘Feiticeira’ treina, onde treina esta que casou com o Mike Jagger, então existe um culto ao corpo lá excessivo, tanto da parte dos homens, como das mulheres, gatos e gatas”.

Eu pergunto a ela se a pressão pelo corpo perfeito é maior na “Kansas” do que na unidade do Morumbi e ela diz:

“Muito mais! E aí, os mortais, os normais, saem de lá, você não encontra uma gorda treinando lá de jeito nenhum, você se sente mal de ficar gorda lá, onde só tem gente bonita. Beleza lá é uma obrigação, se você quer participar desta sociedade que é a dos jovens, [frequêntadores de] Maresias [praia de Maresias, litoral Norte], você tem, no mínimo, de ter um ponto alto na parte do corpo” (Mulher 13, 59 anos)

Ou seja, o corpo, a magreza, a juventude passaram a ter tanta importância na nossa cultura que inibem as pessoas de procurarem uma academia de ginástica se elas não estão perto da perfeição! É uma cultura claustrofóbica, que ao mesmo tempo em que nos empurra

⁵⁶ Ver discussão no item 2.2.2 Perfil sócio-econômico. Renda, Estado Civil e Exercício da Profissão.

⁵⁷ A academia de ginástica Cia Atlética tem várias unidades dispersas pela cidade de São Paulo (e também por outros estados) e, destas, a unidade da rua Kansas foi eleita como a predileta dos famosos, principalmente, daqueles que estão na mídia, como atores, atrizes e apresentadoras de programas televisivos e, que buscam conquistar e/ou reforçar seu *status*.

para a necessidade de “malhar”, também exclui do mundo das “malhadas” aquelas que ainda não chegaram lá, mas que estão procurando ao menos “entrar em forma”. É como se houvesse academia para “sarados” e academias para não “sarados”, unidades corretas para uns e não para outros! Será que os obesos precisam fazer ginástica em casa e só se matricularem na academia quando estiverem magros? Quando puderem, enfim, desfilarem seus corpos sarados e se auto-afirmarem por ele?

Dois outros depoimentos evidenciam a cobrança social e sua relação com o estabelecimento de modelos corporais e, conseqüentemente, da necessidade de se ter um corpo perfeito.

“Sim, o tempo todo, a gente é cobrada, você olha no espelho, e o que você busca é uma imagem que te impuseram para ser buscada, então o que tem de excesso, ou de diferente em relação ao que padroniza como bonito incomoda, já que eu não consigo preencher este ideal. Isto gera frustração” (Mulher 23, 48 anos).

“As mulheres estão preocupadas com um padrão social porque hoje a sociedade, a mídia mesma, ela exige que a mulher seja perfeita, tenha um corpo perfeito, seja bonita, cheirosa... A gente teve um congresso agora, na nossa área de educação física. E meu marido é muito querido, eu também sou muito conhecida... Bem, tem um ano e quatro meses que eu tive o último filho e eu tô voltando agora, e aí eu ouvi um comentário assim ‘Nossa, eu não sei como ela não tem ciúmes do marido, que é uma pessoa tão querida’, eu fiquei pensando, “Eu também não sou um tribufu, eu tô muito bem comigo mesma”. Então é aquele lado, ela teve filho, ela ainda não tá perfeita, então você tem que tá perfeita, as pessoas não te dão um prazo. Você tem que tá perfeita ali, aquela hora.” (Mulher 59, 39 anos)

Quais as implicações desta cobrança pelo corpo perfeito na construção da identidade feminina? Será que podemos falar de uma estetização da vida cotidiana no universo de nossas entrevistadas, bem como associar a figura do *bodybuilder* ao do *dândi* do século XIX ?

São estas as questões que procuraremos analisar no item seguinte.

5.2 - CORPO PERFEITO, ESTETIZAÇÃO DA VIDA COTIDINA E IDENTIDADE

Como ter um corpo perfeito passou a ser uma preocupação central para que a mulher se sinta aceita e valorizada, as exigências sobre os cuidados com o corpo aumentaram. A mulher passa a se sentir cada vez mais responsável pela aquisição deste corpo, já que ela é incentivada a crer que pode conquistá-lo através da malhação, das plásticas e de outros recursos. Ela própria quer ser perfeita porque em última instância, isto significa ser aceita,

fazer parte de um sistema social em que o corpo figura como um mecanismo de *status*, ou nas palavras de Sabino, “*As relações sociais ficam dependentes da forma ostentada pelo corpo*” (Sabino, 2000: 64). As minhas entrevistadas dizem:

“Eu acho que ninguém gosta de se sentir à margem da sociedade, todo mundo quer estar ali no meio, quer ser, entre aspas, normal, todo mundo busca ser aceito pela sociedade, ser bem visto, ser comentado, admirado” (Mulher 5, 22 anos)

“Acredito que por isso, pelo bem estar que as pessoas sentem quando estão esteticamente melhores, esteticamente mais bonitos, elas se sentem melhor socialmente, acho que por isso” (Mulher 24, 18 anos).

Nestas falas percebemos que o corpo é importante para a mulher também do ponto de vista da inserção social, fazendo com que, ao se alcançar os padrões estéticos de magreza, juventude e tônus muscular, a mulher se sinta mais pertencente ao grupo ao qual ela almeja pertencer. O corpo lhe confere, além de um incremento na auto-estima, uma identidade social:

“Eu acho que eu estou muito bem, só que eu quero a perfeição, o que com a minha idade vai ser difícil. Se eu estivesse com 25 anos, tiraria de linha. Mas comparando com pessoas que eu conheço, as filhas do meu marido, uma tem 31; a outra 35, se você for comparar eu dou de dez a zero nas duas. Então, quando você encontra alguém que nunca fez exercício, você vê a diferença, o braço não tem torneado. Pra minha idade, filha, tá maravilhoso” (Mulher 65, 61 anos)

“Malhar se tornou parte do meu estilo de vida. Gosto quanto sinto os músculos aparecendo, dá mais coragem de por uma calça cintura baixa. Hoje não consigo pensar em parar a academia, a ginástica está ligada à minha identidade, eu preciso dela para me sentir bem, programo as outras atividades em função da academia” (Mulher 68, 34 anos)

“Sim, com certeza pelo menos, malhar faz parte da minha vida, a partir do momento que você começa malhar, que você conhece amigos, faz um grupo, a malhação, a ida pra academia se torna uma coisa prazerosa e faz parte do cotidiano da vida, malhar é um modo de vida” (Mulher 54, 26 anos).

“É, eu acho que realmente está ligado à auto-estima, eu me aceito e procuro melhorar, eu percebo hoje que eu sou magrinha, eu sou muito mais olhada e admirada por homens e mulheres com relação ao tempo que eu era adolescente. Eu também não era uma gordinha feliz, porque tem gente que é gordinha e é bem resolvida, eu não era, porque

com dez quilos a mais não é a imagem que eu tenho de mim, a imagem que eu tenho de mim, a que reflete o meu interior, é esta que está aqui” (Mulher 28, 35 anos).

A aparência física reveste-se de uma importância muito grande, a ponto de influenciar o relacionamento da mulher consigo mesma e com os outros.

Somente 4% da amostra afirmou que a aparência física é pouco importante, ao passo que 14% a consideraram mais ou menos importante. Já a maioria, 82%, considerou-a muito importante:

Gráfico 28 - Importância da aparência física

É interessante observar que das três mulheres (4%) que responderam “não”, duas parecem de fato não se importar com a aparência, enquanto uma não a considera importante para si, mas acha que ela é importante para os outros:

“Eu sou tão pouco ligada nisso que eu nem reparo” (Mulher 33, 35 anos)

“Eu nunca fui uma pessoa assim de me cuidar, nunca fui de passar creme, arrumar cabelo, fazer unha, é só você ver, minhas unhas são horríveis, eu jogo bola, eu uso chuteira, eu tenho calo no pé, eu nunca fui de me importar” (Mulher 57, 28 anos)

“Pra mim, como pessoa, não conta nada. Mas na sociedade, acabam excluindo quem é gordinho, justamente nas escolas de ballet, tem crianças que são mais gordinhas e são rejeitadas pelas próprias crianças, deixam ela de lado, dizem, ‘ela não consegue, ela é gorda’” (Mulher 22, 32 anos)

Um relato interessante, dentre aqueles que indicam uma relativa importância do corpo, foi o seguinte:

“Na verdade, como eu mudei muito a minha personalidade, o corpo não malhado, ele me irrita, só que eu não vivo em função do corpo, (...) porque eu acho que eu tenho mais pra oferecer do que o próprio corpo (...). Ele não é fundamental na minha vida, não é mais o número um, então eu não sou dependente do meu corpo, eu sou dependente da minha cabeça hoje em dia. Eu queria que ela coordenasse o meu corpo, eu queria dar menos importância para algumas coisas e mais para outras, o meu problema não é com o meu corpo, é com a minha cabeça.” (Mulher 53, 29 anos).

A entrevistada acrescentou que já se sentiu “*escrava do próprio corpo*”, teve problemas de relacionamento por isso, entrou em depressão, mas depois fez terapia e relativizou suas opiniões. No entanto, percebemos que na sua fala ainda há uma tensão quanto ao corpo, um desejo de que ele fosse menos importante do que na verdade é.

Dentre as que consideram a aparência física muito importante, podemos ressaltar as seguintes falas:

“É, eu acho que a coisa da aceitação passa pelo corpo sim. Não tem tanta preocupação de mostrar que a pessoa é inteligente, de eu mostrar que eu também sou, minha intenção já é atrair por alguma coisa do corpo, cabelo, ou é músculo a mais, estar magra, você tenta passar alguma coisa do seu corpo pra chamar a atenção” (Mulher 5, 22 anos)

“É o que conta hoje em dia, tanto que o pessoal vive de estética, o vínculo disto é a TV, a academia cada vez mais voltada” (Mulher 10, 26 anos).

“Eu nunca consegui alcançar os meus objetivos, eu nunca consegui ficar com o corpo definido, mas mudou no sentido de eu não perder este corpo, mas eu não tô num ponto de estar feliz com o meu corpo. Mas o corpo é muito importante. Eu acho que a pessoa precisa se sentir forte, firme; se ela não se sente, se ela não se encontra, não tem como ela entrar no corpo do outro” (Mulher 34, 33 anos).

“O corpo te dá mais auto-confiança, acho que você fica mais... segura de si” (Mulher 3, 29 anos)

Segundo Proust, “*De fato, o corpo se tornou o lugar da pessoa. Sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo. As responsabilidades se deslocam: nossos contemporâneos se sentem menos responsáveis dos que as gerações anteriores por seus pensamentos, sentimentos, sonhos e nostalgias; eles os aceitam como se lhes fossem impostos*

de fora. Em contraposição, habitam plenamente os seus corpos: o corpo é a própria pessoa. Mais do que identidades sociais, máscaras ou personagens adotadas, mais até do que idéias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe mais vida privada que não suponha o corpo. A verdadeira vida não é mais a vida social, do trabalho, dos negócios, da política ou da religião: é a das férias, do corpo livre e realizado” (Proust, op.cit: 105-106).

Concordo quase que integralmente com Proust, exceto por um ponto: o autor parece acreditar que, já que o corpo é fundamental na construção da própria identidade - como aliás, é também meu ponto de vista -, sentir vergonha dele é quase que inaceitável, pois seria sentir vergonha de si mesmo. Mas o problema é justamente este: o culto ao corpo instaura uma contradição, pois se há o postulado de que o corpo é central para a construção do eu, também nos diz que este corpo não é qualquer corpo, é o corpo malhado e, como vimos, mais do que isso, ele é o corpo perfeito, que por definição já é inatingível. Por mais que as mulheres tenham recursos financeiros para se submeterem às plásticas - e não são todas que os têm -, isto nunca será o suficiente, pois nenhuma delas pode parar o tempo, e o culto ao corpo da atualidade quer congelar o tempo, quer anular sua passagem. Portanto, é impossível, pela rigidez atual dos nossos parâmetros e pela própria dinâmica do processo, encontrar esta total plenitude de satisfação das mulheres consigo mesmas. Mesmo as modelos e atrizes, que são as referências das mulheres comuns, estão insatisfeitas com sua aparência; entre o restante da população “64 % gostariam de mudar alguma coisa no cabelo, 50% não estão satisfeitas com seu peso e 20% gostariam de perder mais de dez quilos” (Del Priori: 84)

Dentre as entrevistadas, o que percebi é que muitas mulheres sentem vergonha de seus corpos, os quais, segundo uma avaliação média seriam considerados bonitos (são proporcionais com relação á altura, têm tônus muscular) porque os padrões estéticos estão muito rígidos e a idéia de perfeição está incutida na cabeça das pessoas, dificultando uma plena aceitação de seus corpos.

Esta vergonha do corpo imperfeito pode ser vista no dia-a-dia, mas adquire especial sentido em três contextos especiais: 1) no vestiário feminino; 2) em situações de nudez, em especial, com os companheiros; 3) nas praias e/ou piscinas, que envolvem o uso de trajes de banho.

O vestiário feminino é um campo privilegiado de investigação, ao qual, graças à benesse do gênero, a pesquisadora pôde ter livre acesso. Embora seja impossível gravar entrevistas no espaço exíguo do mesmo, lá se descortina muito dos sentidos e relacionamentos da mulher com o seu corpo e, principalmente, com o corpo das outras. Como diz a sabedoria

popular, “mulher repara mesmo é em mulher”. Lá, podemos ver as mulheres que têm vergonha de seu corpo e evitam despir-se na frente das outras, recorrendo a toalhas para disfarçar as trocas de roupa, bem como aquelas que, em vez de caminhar, literalmente desfilam nuas pelo vestiário. Também vemos que as mulheres procuram desvendar os “segredos” corporais das outras e chegam a fingir que estão pegando alguma coisa no armário só para “conferir” se a outra tem celulite, se é flácida, se têm seios tão firmes quanto parece quando estão de *top*. Depois comentam com as amigas o corpo de “beltrana”, e em geral falam mal dele. Sábias aquelas que se cobrem...

Lá também reside um personagem central nas tramas do culto ao corpo: a balança. Às vezes “vilã”, noutras “mocinha”, as mulheres não passam incólumes por ela. Pesam-se, ficam alegres quando perdem peso, tristes em outros momentos, pois se peso ideal significa gordura a menos, também pode significar perda de massa muscular.

A nudez também é importante no relacionamento com o parceiro; na verdade, bem mais do que o declarado no questionário fechado. Neste, quando questionadas se a aparência física interfere no desempenho sexual, 24% disseram mais ou menos, 24% disseram que sim e 47% disseram que não

Gráfico 29 - Aparência e desempenho sexual

“Ah, hoje, este aspecto de desnudar eu já não estou mais tão preocupada porque eu acho que eu estou melhor hoje em dia, o que me incomodava mais era o peito caído, e eu fiz a plástica, eu tô mais satisfeita, então eu não fico mais... Mas determinada posição [sexual] um peito caído fica feio, então realmente pode atrapalhar” (Mulher 47, 40 anos).

“É que realmente eu nem pensei neste lado que você está me perguntando do peito, que eu não tinha. Mas a minha auto estima se elevou muito com relação a isso [ter colocado

prótese de silicone], a relação com o meu marido, porque eu não gostava, tipo, na relação [sexual] eu deitada parecia uma tábua de passar roupa” (Mulher 1, 30 anos)

“É, eu fico incomodada com relação a algumas partes, barriga, coxa, eu não sou totalmente adepta da luz acesa, mas eu acho que é mais coisa da cabeça da mulher do que do homem” (Mulher 9, 27 anos)

“A minha sorte é que eu tenho um marido que é dez, ele é uma pessoa muito bacana, mas às vezes, como eu disse, eu deixo de dançar pra não me expor, eu não deixo te ter relação para não me expor, mas eu me sinto acanhada em algumas situações por causa do meu corpo. Acontece muitas vezes. Eu poderia ser muito mais solta, mais desinibida se eu tivesse um pouco melhor” (Mulher 32, 33 anos)

Gráfico 30 - Nudez e corpo

Ainda a respeito da nudez diante do parceiro, 39% afirmaram que sentem vergonha em se desnudar por causa da preocupação com a aparência, enquanto 58% dizem que não se sentem constrangidas

Conversando com as mulheres, elas também relativizaram os dados do questionário fechado, à semelhança do que aconteceu com as perguntas sobre a importância da aparência na escolha de parceiros e no desempenho sexual:

“Ah, eu morro de vergonha, do meu corpo todo (...) Eu não consegui responder à pergunta do que eu acho mais bonito no meu corpo, eu fiquei imaginando, imaginando e

não soube responder. Infelizmente, eu gostaria de ser, assim, bem diferente” (Mulher 5, ênfase dela)

“Sim, sim por causa ... esse problema que eu tive de princípio de anorexia, acho que ficou um coisinha aqui na minha cabeça e é uma coisa minha mesmo. Eu não me sinto completamente à vontade, mesmo namorando há muito tempo.” (Mulher 10, 18 anos).

“Quando eu me desnudo eu me preocupo com a minha aparência porque eu sou uma mulher de 51 anos, então é óbvio que o meu senso estético e o meu senso crítico estão acima, infelizmente, de questões assim, do homem fragmentado, ou seja, apesar de eu perceber isso, eu não consigo me abster desta preocupação” (Mulher 30, 51 anos)

“Ah, sempre me preocupa a minha aparência, sempre me incomodou. Eu sou ligada em manter o peso, deixar a perna durinha, a barriga, me incomoda, tanto que quando eu tive bebê, eu tava fora do peso e você fica com aquela barriga meio flácida devido à gestação, sempre me incomodou, mais a mim do que a ele.” (Mulher 45, 43 anos)

Somente uma entrevistada afirmou, categoricamente na entrevista gravada, não sentir nenhuma vergonha de expor seu corpo ao parceiro:

“Nenhuma vergonha. Acho até engraçado algumas mulheres dizerem que não conseguem tirar a roupa de luz acesa, se cobrir na relação, eu acho que quando você está com alguém você tem que ter a maior intimidade possível, então eu não tenho nenhum tabu com o meu corpo, muito pelo contrário” (Mulher 16, 36 anos)

Segundo Goldenberg (2004), a preocupação com um padrão específico de corpo tem atrapalhado a vida sexual tanto de mulheres quanto dos homens, embora os segundos não se importem tanto com a forma dos seus próprios corpos, incomodando-se mais com as insatisfações femininas. Um de seus entrevistados afirmou: “Muitas vezes estamos no meio da transa, no maior clima e ela pergunta: estou gorda? Ou insiste em transar no escuro para eu não ver o corpo dela. Perco totalmente o tesão” (Homem, 35 anos, solteiro, engenheiro). A autora também cita mais duas pesquisas, uma do Journal of Sex Research, que entrevistou 200 mulheres universitárias e concluiu que um terço da amostra, independentemente de serem magras ou gordas, preocupam-se com a imagem corporal que seus parceiros fazem delas durante o ato sexual. A outra pesquisa, coordenada por Camita Abdo, do projeto sexualidade, Hospital das Clínicas, entrevistou 3.000 homens e mulheres, de todas as classes sociais. A pesquisa apontou que 35% das mulheres pesquisadas alegam falta de libido, e o motivo apontado é a angústia de não corresponder à mulher de corpo perfeito que aparece nas revistas e propagandas de TV. (Goldenberg, 2004: 43-4).

Segundo Thébaud (s/d), os movimentos de revalorização da sexualidade e do desejo feminino são acompanhados de uma pressão normativa em prol dos modelos de aparência, inspirados pelas modelos e atrizes de televisão. A publicidade vende-lhes os meios para alcançar a beleza, mas, fundamentalmente, vende-lhes representações de si próprias.

É justamente isso o que a presente pesquisa percebeu. As mulheres, inclusive aquelas casadas há muito tempo, vivem uma situação curiosa: devido ao tempo de relacionamento, a tendência seria diminuir o pudor frente ao parceiro, por causa da intimidade que os anos lhes conferem; no entanto, como o corpo – embora bonito – passou por transformações e já não corresponde aos modelos de perfeição, as mulheres ficam mais constrangidas frente aos parceiros do que ocorria no passado. Se por um lado ocorreu uma maior erotização da sociedade brasileira, que vem reclamando mais liberdade sexual às mulheres, incentivando-as a buscar o prazer, a investir em técnicas de sedução (no passado mal vistas), por outro lado, surge um novo algoz do desejo feminino: os padrões estéticos rígidos e inalcançáveis. Diante das mulheres perfeitas que aparecem na mídia, as mulheres “comuns” não se reconhecem e, portanto, também não se aceitam. Daí a necessidade de suplantar esta “normalidade” por meio da malhação e, principalmente, das cirurgias plásticas.

A exposição do corpo na praia ou em piscinas é outro fator de constrangimento para as mulheres, porque nestas situações, além do parceiro, outros homens e, sobretudo outras mulheres vão estar observando o corpo uns dos outros, a cobrança pela perfeição tornando-se ainda maior e as mulheres temendo os comentários negativos sobre sua aparência, ainda mais se a exposição ocorrer na presença de conhecidos e amigos. Em enquête realizada entre suas leitoras, a “revista dieta já”, perguntou: “Você dispensa programas como ir à praia ou a uma festa por causa do excesso de peso?” tendo 51,5% responderam “sim” e 48,5% responderam “não” (Dieta já. Ano VIII – maio de 2004).

Das entrevistadas, 3% chegam a não ir à praia, ou vão com roupa comum e alegam ter esquecido o biquíni, só para não se sentirem constrangidas a expor um corpo que não se assemelha ao corpo veiculado nos meios de comunicação. 65% vão à praia e não têm pudores quanto à exposição do corpo, e 31% cobrem as partes do corpo de que não gostam:

Gráfico 30: Exposição do corpo em praias e/ou piscinas

Muitas também alteraram suas respostas por ocasião da entrevista gravada:

“Não, não, eu não vou por um biquíni se eu tiver gorda, vou por um maiô. Então as pessoas na praia, na rua, nas academias, escondem... tem sempre um ridículo que vai né? Mas eu acho que mudou, as pessoas escondem sim” (Mulher 2, 31 anos)

“É, na praia, assim, eu não vou deixar de tomar sol porque eu me acho gorda, nem nada, mas se tem alguém em que eu esteja interessada, eu não mostro a perna, eu tenho estrias, isso me incomoda bastante, então eu coloco a canga assim do lado, pra cobrir um pouco, mas eu não deixo de fazer as coisas que eu gosto por causa disto, eu só dou uma disfarçada” (Mulher 6, 19 anos)

“É que eu tenho um lado racional muito forte, então se é pra ir pra praia e ficar com neura é melhor não ir. Quando eu era bailarina, eu já tive muito problema com peso, eu já cheguei a não ir ou ia, mas não levava o biquíni, arranjava uma desculpa, e eu tinha um corpo super normal, mas a minha concepção do meu corpo era de que ele estava imenso, porque as meninas com quem eu fazia aula estavam secas, esturricadas, então o meu ponto de referência era muito baixo. Eu chegava a ir pra praia de calça jeans, de camiseta, aí minha mãe me levou para o psicólogo, tudo, pra eu ter uma noção, uma melhor percepção do meu corpo.” (Mulher 8, 25 anos).

“Na praia dá um pouquinho de receio sim. Não vou dizer pra você que vou por fio dental porque não vou. Porque eu tenho vergonha por não estar com um corpo tão perfeito, eu gosto de perfeição, como não tem, eu coloco uma coisa que não vai mostrar tanto quanto uma garota perfeita usaria.” (Mulher 15, 31 anos).

Duas das entrevistadas davam muita importância ao corpo, mas alegam que de tão vitimadas pelo processo mudaram suas posições e hoje tentam ter uma relação mais tranquila com o corpo:

“Eu evitava piscina, praia, nossa, tudo! Não queria nem sair na rua, só usava camiseta. Hoje não, já é normal, até porque eu tento emagrecer (...) Antes eu deixava que isto atrapalhasse a minha vida, mas hoje não” (Mulher 24, 18 anos)

“Se eu fico à vontade na praia, eu coloquei que fico, mas no início eu não ficava. Eu acho que era imaturidade, também, da minha parte, hoje eu não, eu não me incomodo, eu tenho muita estria, isso sempre me incomodou, eu ia pra praia e usava short. Acho que era por causa da idade mesmo viu, você vai amadurecendo e... talvez dando importância para o que é realmente importante...” (Mulher 53, 29 anos)

Uma das entrevistadas afirmou que sente tanta vergonha do corpo que não vai à praia:

“Ah, na praia eu não vou. De biquíni, jamais. Se eu tiver que ir, jogar um vôlei, eu já vou de propósito de calça, de top, ou vou de roupa normal, pra ter uma desculpa, ‘ah, eu vim só pra jogar’, eu já sou tímida, eu sou gordinha, então eu evito” (Mulher 5, 22 anos)

A fala da Mulher 5, embora não tenha sido a única neste sentido, é emblemática, pois ela é professora de educação física e apresenta um corpo trabalhado pela ginástica. Além do mais, ela tem 1,69 e 58 kgs, 22 anos. Tem um peso adequado para a idade, não tem nada que possa ser interpretado como defeito físico e que possa gerar algum tipo de constrangimento. No entanto, como os padrões de beleza físicos atualmente estão muito rígidos, exigindo-se da mulher um corpo muito magro e muito malhado, isso acaba distorcendo a imagem de pessoas que, no passado, seriam consideradas totalmente “normais”, mas que hoje, diante dos modelos de beleza, acabam se vendo ou sendo vistas como fora dos padrões aceitáveis de uma cultura do corpo perfeito.

Já 31 % das entrevistadas responderam que vão à praia ou piscina, mas que procuram cobrir as partes do corpo que não gostam:

“Na minha cabeça é muito importante a aparência física. Hoje em dia eu faço terapia, faço um monte de coisa porque isto me influenciava muito, eu não tinha coragem de tirar a roupa na frente de ninguém, tinha vergonha de ir pra praia, colocar um biquíni.” (Mulher 61, 29 anos).

“Tenho vergonha. Eu uso maiô. Eu já não uso mais biquíni. Usava biquíni até bem pouco tempo. De uns 4 anos, mudou o meu corpo, eu já não uso mais. Porque eu não gosto de mostrar a barriga. Eu não me sinto bem. Você se cobra isso, estar perfeita. Minha barriga não está mais perfeita, está cheia de celulite” (Mulher 31, 54 anos)

“Eu sou apaixonada por praia e por sol. Mas jamais fico só de biquíni porque tenho flacidez nos glúteos, que ginástica nenhuma resolve. Se eu estiver com conhecidos, não entro no mar na frente deles só para não ter que andar com a bunda balançando. Procuro um lugar mais isolado e, mesmo assim, se tiver uma pessoa por perto, mesmo que eu não conheça, já fico com vergonha da flacidez. Perdi a conta de quantas vezes entrei no mar de canga.”(Mulher 68, 34 anos)

“É que na praia eu sinto mais a coisa de você estar na passarela, todo mundo olha assim, na praia, então eu tenho uma vergonha às vezes de tirar a roupa e ficar só de biquíni, eu sempre cubro a parte que eu não gosto, que é barriga e coxa. Em lugar com muita gente eu não me sinto à vontade” (Mulher 62, 27 anos).

No entanto, é curioso que quando questionadas se gostam ou não do corpo, as opiniões ficaram um pouco divididas, pois 57% afirmaram que sim e 39% responderam “mais ou menos”. Só 3% respondeu que não.

Gráfico 31 - Gosta do próprio corpo

Talvez isto se deva ao fato de que muitas mulheres malham intensamente e conquistaram o corpo que queriam, ampliando, portanto, o índice de satisfação com o próprio corpo. Muitas também tiveram acesso à cirurgias plásticas estéticas e com isso passaram a

gostar mais do próprio corpo. Dentre as que responderam mais ou menos (39%), os principais motivos são algumas gorduras localizadas ou mesmo excesso de peso:

“Eu nem gosto, nem desgosto. Eu sei que tem alguns pontos pra melhorar, eu malho bastante pra tirar algumas gorduras laterais, gorduras localizadas, mas enfim, nunca tive problema. Como eu sou magra, tem hora que eu queria ter mais bunda, precisava perder um pouco de barriga, então tem algumas coisas que precisam melhorar, mas eu não tenho porque não gostar dele” (Mulher 1, 30 anos)

“É, eu continuo não gostando muito, mas não é mais aquele negativo que eu tinha, agora eu tô tentando, eu comecei a aceitar, vendo que eu tô emagrecendo, eu tô aceitando, começando a gostar, é isso” (Mulher 62, 27 anos).

“Porque não é, concorda, perfeito. Tem algumas coisas que tem que melhorar, mas... Perfeito, certinho é de uma jovem né? Que tem tudo no lugar, eu tive dois filhos, né? Antes de eu ter neném eu era diferente, né?” (Mulher 52, 48 anos)

“Às vezes eu me incomodo se eu estou um pouco gorda, alguma coisa assim me incomoda. Dependendo do grupo em estou, aqui na academia eu me sinto assim, meio fora do padrão, porque é um pessoal mais malhado, mais forte, assim entendeu? Sem gordura, e eu na minha família já não é esse padrão, no clube onde eu sou sócia também não tem esse padrão, todo mundo no culto ao corpo, lá é o padrão família, então lá eu me sinto bem, e aqui às vezes eu não me sinto tão bem, depende mais do lugar onde eu estou” (Mulher 57, 28 anos)

Uma fala muito interessante é a da Mulher 8, que declarou que hoje está mais infeliz com o corpo, embora ele tenha melhorado, porque ele se tornou uma preocupação antes desconhecida:

“Eu gosto da estrutura do meu corpo, mas eu tenho incômodo com a gordura localizada (...) Eu já tive 8 Kgs a mais (...) e achava que eu tava ótima, nunca nem pensei, aí eu comecei a emagrecer, o dia que eu fiz a comparação das fotos, eu não acreditava, ‘nossa, como eu fiquei deste tamanho e não tinha percebido?’. Então hoje, eu tô muito mais infeliz com o meu corpo do que com dez quilos a mais porque hoje eu tenho mais preocupação com ele. Hoje eu penso muito mais nele do que antes, antes eu tava desenganada.” (Mulher 8, 25 anos)

Como entender a importância que as mulheres atribuem aos cuidados com o corpo? Para Kélh (2002), foi-se o tempo em que os discursos religiosos, filosóficos ou morais orientavam a vida da coletividade. Hoje são as ciências biológicas que orientam os valores da

indústria do corpo, a ponto de Sfez, no seu artigo “Saúde Perfeita é a utopia do final do século” (1995) e na sua tese A Saúde Perfeita (1996), proclamar a morte das utopias da comunicação em favor das utopias do corpo. O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já há muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele, a cor dos cabelos, o volume do corpo atestam o sucesso de seus proprietários. Courtine acredita que todas estas práticas de gerenciamento do corpo que florescem a partir de 1980, são sustentadas por uma *“obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter a tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado, franzino, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima”* (Courtine, 1995: 86). Para o *bodybuilder*, construir um corpo que atenda aos padrões de sua época constitui ao mesmo tempo uma obrigação e uma marca de identidade. O corpo trabalhado é um dado essencial de um estilo de vida que irá diferenciá-lo de outros grupos. Se por um lado há dor, disciplina, regras rígidas de alimentação, conduta e treino, também há o prazer de perceber o corpo desabrochando a partir do próprio esforço: *“Além do sentimento de cansaço e plenitude corporal amiúde vivaz que ele proporciona, o treino é, ele mesmo, sua própria recompensa, quando o lutador consegue dominar um gesto difícil, que oferece a sensação nova de ter dobrado sua potência, ou quando obtém uma vitória sobre si mesmo.”* (Wacquant, 2002: 88).

Como vemos, a tônica principal do universo dos *bodybuilders* diz respeito à necessidade de produzir a si mesmo, produção esta que passa primeiramente pelo corpo e, ademais, depende deste corpo como um dos mecanismos de *status* e diferenciação. É claro que a preocupação com o corpo é muito antiga, e como veremos mais adiante, Foucault (1985) comentará que os gregos eram adeptos da cultura de si. No entanto, acredito que determinadas razões para o culto ao corpo que se vive hoje possam remontar à modernidade. Sabe-se que algumas das características centrais que definem a modernidade são a estetização da vida cotidiana, o predomínio da técnica e a busca incessante da racionalidade. Para Featherstone (1995) é possível falar da estetização da vida cotidiana em três sentidos:

1) através das subculturas artísticas que produziram os movimentos dadaístas, surrealista e da vanguarda histórica, a partir da primeira Guerra Mundial, que procuravam apagar as fronteiras entre arte e vida cotidiana;

2) a estetização da vida cotidiana pode designar o projeto de transformar a vida numa obra de arte, pondo em evidência as questões estéticas;

3) o terceiro sentido da estetização da vida designa o fluxo veloz de signos e imagens que saturam a trama da vida cotidiana na sociedade contemporânea.

Para o presente trabalho, nos interessam particularmente o segundo e o terceiro sentidos propostos por Featherstone.

Foucault (1986: 41-2) concorda com a concepção de modernidade de Baudelaire, na qual a figura central é o dândi, que faz do seu corpo, seu comportamento, seus sentimentos e paixões, sua própria existência, uma obra de arte. Em “O Pintor da vida moderna”, Baudelaire diz: *“Assim ele vai, corre, busca. O que procura? Seguramente, este homem, tal como eu o retratei, este solitário de uma imaginação ativa, viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que de um vadio, um objetivo mais elevado do que o prazer fugitivo da circunstância. Ele procura aquela coisa que nos permitirá designar a modernidade”* (Baudelaire, 1864: 334). Nesta concepção, o homem moderno é o homem que procura inventar a si próprio. Imerso na multidão, o dândi se movimenta, mais do que isto, ele desfila. Se por um lado ele está dissolvido na multidão, por outro, também se destaca dela. Baudelaire estava consciente de que a multidão, com seu fluxo veloz de corpos, era ao mesmo tempo o local de encontros mudos e o palco do processo de decodificação e interpretação da aparência das outras pessoas.

O dândi era um ser humano dotado de um corpo, cuja aparência e conduta transmitiam impressões e signos legíveis aos que estavam ao seu redor. Vestuário, estilo, tom de voz⁵⁸, expressão facial, maneiras, porte e modo de andar, volume do corpo, peso, tudo isso constituiu o estilo do dândi e o diferenciava da multidão. Também Simmel e Benjamim mostraram como a paisagem urbana ficou estetizada e encantada, graças à arquitetura, aos *outdoors*, vitrines, mas, sobretudo pelas pessoas reais que se movimentavam por estes espaços: indivíduos que se munem de roupas, penteados, ou que adotam formas específicas e estilizadas de movimentar ou aprumar seus corpos.

A proximidade entre o dândi do século XIX e o *bodybuilder* da atualidade, ao meu ver, é inegável. Para ambos, o **estilo de vida** é fundamental, e um dos principais cenários em que este estilo se revela é no próprio **corpo** e nos mecanismos de sua construção. Tanto quanto para o dândi, para o *bodybuilder* seu corpo é como uma escultura e uma escritura que ele

⁵⁸ A respeito da importância da voz, ver a tese de Doutorado de Maruska Rameck, 2001, indicada na bibliografia.

mesmo tem que esculpir e inscrever. Músculos que aparecem sob a pele, mecanismos para firmá-la e deixá-la lisa, sempre lutando contra as marcas do tempo, formas corporais determinadas por um padrão esguio, cuidadosamente calculado e contido, roupas justas que evidenciam esta construção, são estes os referenciais dos *bodybuilders*. E da mesma maneira que o dândi, ao mesmo tempo em que o *bodybuilder* circula imerso na multidão, também tenta diferenciar-se dela, ser olhado, admirado. Seu passeio pelas ruas, pelos *shoppings*, pelas praias é também seu desfile, permanentemente reconstruído a cada sessão de ginástica, a cada alimento calórico não ingerido. Cuidar do corpo deixa de ser unicamente uma questão de saúde para ser uma questão de estética, um passaporte para a auto-afirmação.

No universo pesquisado, estes mecanismos são muito evidentes: basta olhar ao lado e eles estão claramente visíveis. As mulheres da academia Cia Atlhética procuram se diferenciar através de seus corpos esculpidos, roupas de grife, conduta, gestos. Muitas levam os filhos e são acompanhadas pelas babás dos mesmos, que são facilmente distinguidas das freqüentadoras: as primeiras usam geralmente roupas brancas, normalmente calçam chinelos de dedo, muitas usam toucas ou têm os cabelos presos, quase sem maquiagem, roliças de corpo ou mesmo obesas. Vale lembrar Rodrigues, que comentou como a modernidade legitimou espaços de confinamento dos pobres pelos burgueses e definiu o tratamento a que estes deveriam ser submetidos quando freqüentassem, para a conveniência da elite, os ambientes desta última: *“Por esta via, entende-se que coisas tão aparentemente ingênuas, inofensivas, ‘racionais’ e ‘funcionais’, como os aventais das cozinheiras e arrumadeiras (...), as luvas dos mordomos, as toucas das babás, os bonés e chapéus de padeiros e entregadores ...acabassem tendo uma função ritual e significativamente implícita e inconfessada, terminando como instrumentos simbólicos de marcação de distanciamento e de separação sociais” (op.cit: 170).*

Os corpos dos *bodybuilders* estão permanentemente em construção, mas também em exibição, são corpos mensagens, que falam pelos sujeitos. Verdadeiros *outdoors*, produtos, e ao mesmo tempo, veiculadores da cultura do corpo, o que nos remete a outros pontos centrais da própria modernidade: estamos falando, em ambos os casos, do fluxo veloz de imagens e signos que saturam a vida cotidiana e a transformam num espetáculo permanente. Basta um simples passeio às ruas para que tenhamos a sensação de estarmos imersos num mundo de imagens que veiculam os valores centrais de nossa época. Aliás, nem precisamos sair de casa: as imagens nos chegam pelo computador, pela televisão, pelos jornais e revistas que assinamos, entre outros meios.

Assim, quando indagamos sobre o processo de culto ao corpo, é impossível dissociá-lo da mídia, como veremos a seguir.

5.3 - MÍDIA E ESPETÁCULO NO CULTO AO CORPO: O CORPO MIRAGEM.

Na etapa de construção do projeto de pesquisa, já tinha percebido que a mídia teria papel central na cultura do corpo, mas, por estratégia de pesquisa, resolvi esperar o decorrer do campo, por medo de acabar induzindo os resultados. Mas mesmo quando eu não falava da mídia com as mulheres, estas o faziam por mim e ao investigar as brechas que as próprias entrevistadas davam, chego a conclusão de que a comunicação é um dos pilares do atual culto ao corpo. A importância dada ao corpo é tão grande que Lucien Sfez⁵⁹ chegou a proclamar a substituição do culto à informação por uma “religião” biogenética, calcada na “*utopia do corpo*”. No entanto, acredito, ao contrário de Sfez, que a comunicação está vivíssima, e mais, é a grande aliada e ao mesmo tempo veiculadora desta utopia do “corpo perfeito”. O desafio para mim está em procurar descobrir como estes dois pilares muitas vezes se entremeiam, precisam disto para sobreviver e mais, dizem muito a respeito da concepção de pessoa e de valores centrais à nossa sociedade.

Quando questionadas sobre a relação entre mídia e culto ao corpo, a esmagadora maioria, 96% afirmou que sim, a mídia influi no processo de culto ao corpo. Absolutamente nenhuma mulher respondeu que não, e apenas 4% da amostra responderam “mais ou menos”:

Gráfico 32 - Mídia e culto ao corpo

⁵⁹ Sfez, Lucien - “Saúde Perfeita é utopia do final de século.”; In: O Estado de São Paulo, 7 de outubro de 1995, n.788, ano 16.

As mulheres por mim entrevistadas sempre mencionam a leitura de revistas ligadas à aparência física, como “Boa Forma”, “Dieta Já”, entre outras, e assinalam que a mídia auxilia a propagar o culto ao corpo:

“Eu acho que a mídia influencia em tudo, nas revistas, na televisão, em tudo quanto é lugar. Muito. Você só vê aquela perfeição. Eu acho também que não se pode chegar ao exagero, mas na televisão você vê aquele corpo, aquele cabelo. A mídia bombardeia a gente com imagens, então você tem que trabalhar a cabeça pra você não chegar a se sentir feia, se sentir mal” (Mulher 43, 39 anos).

“Mais uma vez a mulher, coitada, se vê escrava do culto ao corpo, o que é uma pena, a gente luta, luta, luta e mais uma vez a mídia... Eu não vou fazer cirurgia de peito por causa da estética, mas muitas estão fazendo, nós estamos sendo massacradas pela mídia.” (Mulher 69, 45 anos).

“Pode. Também por isso. Acho que tá tudo englobado e a mídia é a grande culpada. Essa é minha conclusão. Porque, hoje em dia eu acho que a mídia tá tão em cima assim ... mostrando modelos, magras lindas, maravilhosas, né, é o modelo da mulher atual agora, magrinha, então é um sinal assim de beleza né, e as mulheres valorizam muito isto.” (Mulher 10, 18 anos).

“Porque na mídia você vê o que? Estética, mulher bonita, mulher sarada, homens fortes, com corpos delineados, então o pessoal vai atrás da moda. Hoje estética é moda” (Mulher 10, 26 anos).

“Tem uma cultura do corpo, tanto é que senão não teria tanto outdoor com moça de biquíni, a academia coloca uma pessoa com um corpo bonito, qualquer produto que você vai vender, mesmo que não tenha ligação direta com o corpo, a pessoa que tá na propaganda tem um corpo bonito, beleza virou mercadoria, virou básico, necessário...” (Mulher 8, 25 anos)

“Percebo, por causa da mídia. A mídia explorou muito o bumbum perfeito, o cabelo perfeito, o peito perfeito.” (Mulher 15, 31 anos)

“Pode, pode sim, há um estímulo enorme para que se cultue estes padrões estéticos de juventude, que levam consigo a magreza, para que se seja feliz, está claramente vinculado a felicidade a isto na mídia. A mídia tem influência muito grande tanto incentivando um ideal de beleza quanto incentivando o uso de produtos para que alcance miraculosamente este ideal” (Mulher 23, 48 anos).

“Hiiii, totalmente! A mídia é umas das que mais influencia para pirar a cabeça das mulheres. Com o conceito de beleza, de quase tudo que há, para mim é bem claro.”
(Mulher 58, 27 anos)

“Mídia, em primeiro lugar mídia. Você tem padrões de beleza de acordo com os séculos e a tendência do ser humano é se igualar, o ser humano não gosta de ser diferente, na grande maioria das vezes ele quer ser igual à sociedade, e aí, no oba-oba, você vai na leva além da saúde” (Mulher 44, idade não declarada).

“Eu trabalhei numa matéria outro dia, do Gabeira, e ele começou a fazer as pessoas pensarem um pouco mais sobre isso, isto no finalzinho da década de 70. Realmente as pessoas começaram a buscar exercícios, isto foi estourar mais de uns tempos pra cá, mas acho que ele que deu um toque porque ele fazia ginástica, ele corria, ele começou esta coisa de culto ao corpo e as pessoas pegaram carona na idéia e foram.” (Mulher 46, 42 anos)

Figura 7 - Feiticeira

Um dado interessante sobre a influência da mídia e que foi comentado de maneira espontânea por três entrevistadas é que o culto ao corpo veio na esteira dos grupos de pagode e axé, como o “É o Tchan” e com a valorização do corpo semi-desnudo e malhado das personagens “Tiazinha” e “Feiticeira”⁶⁰ (Figura 7). Em todos estes casos, o corpo era claramente um fetiche, no sentido de ser exposto como perfeito e alvo dos desejos masculinos⁶¹. Criou-se todo um clima de erotização que passava pela exposição de corpos “malhados” e que contribuiu para a divulgação de um padrão de

⁶⁰ Em 1999, a Rede Globo de Televisão criou dois personagens que rapidamente se difundiram por revistas, e mais, no imaginário da população. “Feiticeira”, o personagem de Joana Prado, aparecia em geral com roupas de odalisca ou biquíni e sempre com um véu cobrindo parte do nariz e a boca. “Tiazinha”, personagem de Susana Alves, aparecia numa versão *light* de sadomasoquista, com lingerie preta, máscara nos olhos e chicote. Ambas tinham grande apelo erótico e viraram “fetiches” e/ou símbolos sexuais.

⁶¹ A este respeito, Lauretis (1994) comenta que há diversas teóricas feministas escrevendo sobre a sexualização das mulheres no cinema e nas propagandas, desenvolvendo descrições e críticas dos discursos psicossocial, estético e filosófico, subjacente à representação do corpo feminino enquanto lugar primeiro da sexualidade e do prazer visual. Ela indica para uma melhor compreensão do tema o trabalho de Stephen Heath, “Narrative Space”, in: *Questions of cinema*, Bloomington, Indiana Univ. Press, 1981).

corpo que, por sua vez, invadiu as casas via televisão ou através de revistas como a “Playboy”, a “Sexy” e a “Boa Forma”. Aliás, justamente na época de explosão destes grupos e das personagens citadas, Joana Prado⁶² saiu na capa da Revista Boa Forma, cuja chamada de capa era “O feitiço do corpo perfeito”.

Em outra capa, Figura 8, desta vez da “revista corpo”, temos a chamada “Fique gostosa como elas”, com a exibição da modelo Luma de Oliveira, também muito citada como referencial de beleza. Se associarmos a capa com a fala da própria modelo, enfatizando que considera a plástica uma aliada, temos a clara associação entre modelos/plásticas/mídia exercendo forte impacto sobre o imaginário de mulheres comuns.

Figura 8 - Mídia e modelos de beleza

Até mulheres que não faziam ginástica sentiram-se ameaçadas por estas imagens de mulheres sedutoras, que poderiam enfeitiçar seus companheiros e roubar-lhes a atenção. Aderir à malhação, para algumas destas mulheres, foi uma tentativa de diminuir a distância entre elas, simples mortais, e as “gostosas” da televisão:

“Eu acredito. Eu acho que muita gente nega. Mas eu acho que tem isso, tem nas novelas, em todo lugar. Não é só o sexo, é mostrar o corpo, aí eu acho que acaba sim, virando um culto. Eu acho que começou na época daquele grupo ‘É o tcham’, que começou a dar ênfase na mulher mostrar o bumbum, ficar dançando daquele jeito, depois veio a Tiazinha, a Feiticeira, tudo isso contribuiu para que todo mundo se ligasse mais no corpo, no visual, na gostosona, malhar pra ficar durinha.” (Mulher 22, 32 anos)

“Eu acho que de 1990 pra cá, aumentou muito, quando, o Luciano Huck colocou, a Tiazinha e a Feiticeira na televisão rebolando, e aí todo mundo, eu não fazia academia, comecei fazer nessa época, e o professor tinha a playboy da feiticeira, e eu tinha um namorado nessa época, que ficava babando pelas formas da feiticeira, eu ficava possessa. Então eu ia pra academia, pedia a playboy do filha da mãe, colocava no chão e ficava olhando pra ela e me matando numa academia. E eu falava – filha da puta vou ficar igual a você. Aí, o que acontece, a gente tem a nossa própria personalidade, só que

⁶² Aliás, Joana Prado escolheu a academia pesquisada, a Companhia Atlética como seu espaço da malhação, ela freqüenta a unidade Kansas e de vez em quando, aparece na unidade Shopping Morumbi.

o meio também influencia. Tem pessoas que sempre foram apaixonadas por atividade física, sempre fizeram, e outras que começaram por conta disso, eu fui uma das que começaram por causa da mídia” (Mulher 53, 29 anos)

“Olha, eu acho que há uns dez anos atrás, porque quando eu comecei aqui já tinha uma certa... Já estava um buchicho destes grupos de pagode, de axé e Carla Perez, e aí começou o ‘boom’, de uns dez anos pra cá, aí começou esta coisa de culto ao corpo, de estética” (Mulher 15, 31 anos)

Featherstone afirma que a centralidade da manipulação comercial das imagens, mediante publicidade, mídia, exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina, portanto, uma *“constante reativação de desejos por meio das imagens”* (Featherstone, 1995: 100). De tanto ver o corpo malhado exposto, seja no dia a dia, seja na mídia, acostumamo-nos a desejá-lo, e de tanto desejá-lo, ele se tornou vital para nós.

Baudrillard retoma este aspecto, afirmando que as imagens têm um papel novo e central na cultura de consumo. Para Baudrillard, a concentração, a densidade, a abrangência da produção de imagens na sociedade contemporânea nos empurra para uma sociedade qualitativamente nova, o mundo simulacional, no qual se aboliu a distinção entre realidade e imagem, estetizando-se a vida cotidiana. Tudo se transforma em espetáculo, como já diria Debord: *“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”* (Debord, 1992: 13). Debord percebe que o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediada por imagens. Também enfatiza que *“o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana. Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’*” (Debord, 1992: 16).

No que se refere à cultura do corpo na contemporaneidade, a imagem é central, primeiro porque toda cultura do corpo passa por imagens reais do corpo, projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são indissociáveis deste processo de desejar e construir um corpo ideal.

Sabemos que as imagens são formas privilegiadas de recorte, apreensão e organização do real e do imaginário. Através dos múltiplos elementos que põem em cena, as imagens constroem idéias, contam histórias, enfim, registram tempos, lugares, sentimentos. Assim como um *“fato social total”* (Mauss, 1974), condensam uma série de eventos e representações. No universo dos *bodybuilders*, proliferam revistas específicas destinadas aos cuidados com o corpo. Revistas de fisiculturismo, “Boa forma”, “Dieta-Já”, “Corpo”, são

alguns dos exemplos. Além destas, é evidente o quanto a preocupação com o corpo tomou conta de várias outras revistas como “Veja”, “Época” e de jornais diários como “Folha de S. Paulo”, “Estado de São Paulo”, etc.

As revistas citadas são preñhes em imagens que priorizam corpos considerados bonitos. Além disto, é comum fotos que contrastam situações chamadas de “antes” e “depois”. As fotos do “antes” são imagens corporais de mulheres que eram “gordas e infelizes”; já as do “depois” mostram imagens destas mesmas mulheres, agora “magras e bonitas, através do produto “X” ou da clínica tal”. Vincula-se felicidade à beleza e, por sua vez, beleza à magreza. Estas imagens são cruciais na construção e reafirmação de alguns modelos corporais, bem como da representação de gênero a eles associada. Segundo Lauretis (*op.cit*), os termos para uma construção de gênero ocorre através de tecnologias (como o cinema, a televisão, as revistas) e discursos institucionalizados com o poder de “*controlar o campo do significado social e assim, promover e implantar representações de gênero*”(Lauretis, *op.cit*: 228).

Constrói, através da formas midiáticas, a representação da mulher como bonita, preocupada com a aparência, que “se cuida”, que é admirada por homens e mulheres por seus atributos físicos.

O processo de construção destas imagens é altamente fecundo para análise. Nas fotos que representam o “antes”, as mulheres aparecem desfocadas, desarrumadas, às vezes com um olhar vazio e uma postura displicente. Não parecem nada felizes. Nas fotos do “depois”, graças a recursos como maquiagem, enquadramento da foto, ângulo em que a mulher é fotografada, enfim, após produção imagética, estas mulheres aparecem bonitas, com roupas sensuais, sorridentes. Numa palavra: felizes. É claro que parte do resultado final de uma imagem depende de vários elementos extra-imagem, de aspectos ligados à intenção que o produtor da imagem tinha, mas no caso destas fotos de antes e depois, cabe uma provocação. Boa parte da “impressão de felicidade” pode ser uma construção, mas será que estas mulheres não estão de fato mais felizes? Se, como afirmava o *outdoor* de *Diet Shake*, visível nas ruas de São Paulo no verão de 2003, “felicidade é entrar num vestido P”, realmente a informação corrente parece afirmar que, na medida em que estas mulheres emagreceram, a percepção de si e do mundo se modificou na proporção direta em que elas conseguiram atingir o padrão de beleza da sua época. Também foi demonstrado pela pesquisa de Goldenberg e Ramos que a exigência da boa forma não se limita às atrizes ou modelos: “*Por intermédio do cinema, da televisão, da publicidade e de reportagens de jornais e revistas, a exigência acaba atingindo*

os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos.” (Goldenberg e Ramos, 2002: 26).

Tais imagens induzem a correlação entre obter o corpo perfeito e alcançar a felicidade. A publicidade surge neste processo como uma espécie de operador totêmico (Rocha, 1995), e as formas perfeitas como totens midiáticos. Sabino (2002) concorda com Rocha e diz que : *“Tal como um ‘selvagem’ saberá identificar o comportamento e a aparência de uma pessoa do clã do urso ou da Águia, podemos identificar, pela aparência ou conduta, alguém que é marombeiro ou se dedica regularmente ao mundo da musculação e das academias”* (Sabino, 2002: 145).

É claro que falar da influência dos meios de comunicação na construção de modelos corporais da nossa época levanta polêmicas: sabemos que, principalmente a partir de 1980, vêm surgindo novos enfoques sobre a interação entre recepção e comunicação⁶³. Esses novos enfoques questionam a relação de predomínio do emissor sobre o receptor, enfatizando que as mensagens são resignificadas pelos receptores, que, dessa forma, deixam de ser uma “tabula rasa” e passam a interagir no sentido da mensagem. Assim, é claro que nem tudo o que é veiculado pelos meios de comunicação é aceito pelos receptores: tenho acompanhado as discussões sobre o padrão de corpo perfeito que aparecem em Revistas como “Época”, “Veja” e no jornal “Folha de S. Paulo”, por ocasião do já referido desfile “Morumbi Fashion”. Tem sido comum nos números mais recentes destas revistas o embate entre pessoas que contribuem para formação de opinião e que discutem se as modelos brasileiras devem seguir os padrões ditados para as modelos internacionais, que, em média, são mais altas e magras do que as mulheres brasileiras. Alguns especialistas da área clamam a altos brados que é preciso modificar este padrão, “resgatar a sensualidade das curvas femininas”, “escapar da tirania da magreza”. No entanto, estes discursos não são incorporados pela maioria. As mulheres que aprenderam a relacionar o corpo magro com o corpo bonito não esquecem a lição assim tão facilmente.

De toda maneira, mesmo que algumas imagens sejam refutadas, a característica espetacular da nossa sociedade se mantém e, da mesma forma que na modernidade, *“o espetáculo constitui o modelo atual dominante na sociedade (...) A linguagem do espetáculo*

⁶³ Com relação à mídia, é importante destacar que a partir de 1980, vêm surgindo novos enfoques sobre a interação entre recepção e comunicação. Estes novos enfoques questionam a relação de predomínio do emissor sobre o receptor, enfatizando que as mensagens são resignificadas pelos receptores, que, desta forma, deixam de ser uma “tabula rasa” e passam a interagir no sentido da mensagem. Assim, é claro que nem tudo o que é veiculado pelos meios de comunicação é aceito pelos receptores, como atestam as discussões travadas no mundo da moda, que oscilam entre o culto à magreza e as novas tendências que pedem a modificação este padrão, num “resgatar da sensualidade das curvas femininas”.

é constituída de sinais da produção reinante, que são ao mesmo tempo a finalidade última desta produção” (Debord, 1992: 14-15). Para os *bodybuilders*, o corpo representa ao mesmo tempo um projeto em si, uma vez que a identidade e auto-estima parecem passar cada vez mais pela aquisição de um corpo perfeito e uma marca de distinção, representante de um estilo de vida, para os outros.

Falar em estilo de vida nos remete a Bourdieu, mais especificamente à sua obra La Distinction (1979), em que ele afirma que a preferência por certos bens culturais funciona como um marcador de classe. Quando o autor analisa a pequena burguesia surgida com a modernidade, ele afirma que tal segmento tenta se diferenciar de outros grupos, como os camponeses e agricultores (que tendem a adotar uma visão do mundo pessimista e nostálgica), adotando uma visão de mundo progressista. O conceito de *habitus* aparece na sua obra para descrever o conjunto de disposições que determinam os gostos e caracterizam esta camada social. Ele emprega tal conceito para designar as disposições inconscientes, esquemas classificatórios, preferências explícitas e evidentes para a noção que o indivíduo tem da adequação e validade de seu próprio gosto por certas práticas e bens culturais. É de suma importância para este trabalho destacar que o *habitus* não opera apenas no plano da cognoscibilidade cotidiana, mas está inscrito no **corpo**, manifestando-se no seu tamanho, forma, volume, nos modos de sentar, comer e beber, no grau de estima pelo corpo. Bourdieu chega a afirmar que *“o corpo é a materialização do gosto de classe: o gosto de classe está corporificado”* (Bourdieu, 1974).

Mauss já nos alertava que sobre o corpo imprimem-se marcas e técnicas sociais, idéia reforçada por Rodrigues (1983) ao afirmar que o corpo humano é permanentemente afetado pela ocupação profissional, religião, estrutura de classes e etc. Para ele, a estrutura social encontra-se simbolicamente expressa no corpo e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa. Para Certeau (1994) as gramáticas sociais do poder induzem e suscitam as pessoas a corrigir um excesso ou *déficit* corporal. É assim também que determinados tipos de produtos postos à disposição do público, graças a estratégias comerciais, modelam os corpos impondo-lhes uma forma e um tônus que têm o valor de uma carteira de identidade. Neste sentido, a análise de Bourdieu dos *habitus* da nova pequena burguesia nos mostra que para o pequeno-burguês era fundamental, enquanto membro de uma classe social específica, adotar uma postura corporal que o diferenciase, por exemplo, do burguês. Enquanto este último revelava um sentimento de bem-estar e segurança com relação ao seu corpo, o pequeno-burguês estava inquieto com ele, observando-se e corrigindo-se constantemente. É por este motivo que o pequeno-burguês sente-se atraído por técnicas de manutenção corporais, por

esportes, por comidas saudáveis, por academias de ginástica, enfim, por dispositivos que tratam o corpo enquanto um signo para os outros, e não como um instrumento, remetendo-nos à distinção dos signos segundo o modelo de Pierce⁶⁴.

Entre as mulheres urbanas da atualidade, o corpo “malhado” funciona da mesma maneira: as mulheres entrevistadas, quando alcançam o corpo magro que desejam, ou enrijecem grupos musculares, sentem-se próximas ao mundo das mulheres que elas admiram, sentem-se pertencentes a um grupo seletivo, que é caracterizado, entre outras coisas, pelo poder “*cuidar de si*”, pelo sinal de que “*não se entregam às tentações alimentares de uma maneira desregrada*” (Mulher 68, 34 anos), enfim, correspondem aos padrões corporais da sociedade em que vivem. Nas academias, ao adquirir um corpo “malhado”, o (a) aspirante a *bodybuilder* vai sendo consagrado a um novo papel. Esses ritos vão demarcando as posições entre dominados e dominantes, entre aqueles que são, como dizem os informantes – “fortes, saudáveis e bonitos” e os que são “fracos, doentios e feios”. Neste sentido, é possível repetir, com Bourdieu que as instituições são “*atos de magia social*”, pois “*criam a diferença ex-nihilo*” (Bourdieu, 1996:100).

Vimos, portanto, que é impossível falar de identidade feminina entre as mulheres urbanas sem nos remetermos às relações que estas estabelecem com seus corpos. O corpo será, ao mesmo tempo, suporte e substrato da identidade. Seja na conquista de parceiros, ou de melhores empregos, a auto-estima, fundamental para a construção de uma identidade positiva, passa pelo corpo. O corpo passa a ser essencial para que a mulher se sinta bem consigo mesma, pertencente à sociedade mais ampla e valorizada porque soube aproveitar bem os recursos técnicos na construção de um corpo bonito. Mesmo que em outras esferas a mulher tenha adquirido sucesso e prestígio, aos olhos dos outros e de si mesmas, se elas não conquistarem também um corpo ao menos bonito, serão consideradas em *déficit*. Isto nos leva a pensar que, como em qualquer processo, em especial aqueles que se desenvolvem sob as contradições de uma sociedade que se pretende moderna, o culto ao corpo traz em seu âmago conquistas e retrocessos por parte dos envolvidos no processo. Se ele é positivo porque restabelece os laços das mulheres com o que há de mais individual e primário, ou seja, o corpo; também representa inúmeros perigos, que serão alvo de nossa atenção a partir de agora. Veremos no próximo item, como a supremacia do corpo perfeito pode levar ao contrário da construção de uma identidade: ao aderir a modelos de beleza padronizados, pode ocorrer uma recusa do próprio corpo, caso ele não se encaixe nos modelos fornecidos. Pode provocar também uma perda de identidade no sentido de que as marcas do tempo e das

⁶⁴ Ver discussão na pg 127, item 4.2.4 -.

próprias características genéticas podem ser apagadas e reduzidas através de cirurgias plásticas, dissolvendo marcas constitutivas do eu e substituindo-as por formas e feições padronizadas. Pode levar também à dissolução física total, gerando distúrbios alimentares que podem levar ao esfacelamento da personalidade e, em casos mais graves, à morte. E por fim, o culto ao corpo contém em si um caráter de exclusão e desconfiança com respeito àqueles que não são como nós, que não se encaixam nestes padrões estéticos de nossa era.

6 - A Polissemia do Corpo.

“Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que o indivíduo faz de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência face às esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida”

(Georg Simmel)

“Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar estas forças, a lutar para mudar o seu mundo, transformando-o em nosso mundo”

(Marshal Berman)

Vimos que o corpo é um dos principais suportes da nossa existência e identidade, a ponto de Keleman sugerir que em vez de falarmos “Penso, logo existo”, deveríamos dizer: *“Eu sou corporificado; portanto, experencio que sou”* (Keleman, 2001:26). De fato, é a experiência da corporificação que nos dá a dimensão de estarmos vivos. Ela nos dá a percepção de um passado corporificado, de uma vida histórica e de um presente, experiência esta universal. Sabemos também que nosso corpo não repousa simplesmente no domínio da biologia, muito pelo contrário. Enquanto matriz e suporte de significados, ele é extremamente complexo e diversamente pensado através do tempo e da história. *“Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua”*, diria Michel de Certeau (1982). E, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Não é possível falarmos de corpo sem nos darmos conta que a concepção do que seja um corpo esteticamente perfeito é sempre uma construção cultural que varia de acordo com as diversas sociedades existentes, variando, portanto, historicamente. Sant’Ana (1995) reforça que o corpo, enquanto resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, pertence menos à natureza do que a história: *“Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo. Pois o corpo é, ele próprio, um processo”* (Sant’Ana, 1995: 12).

Portanto, o corpo contém de imediato um caráter polissêmico. Ele é alvo de inúmeros mecanismos para alcançá-lo, tais como a frequência e o tipo de atividades físicas realizadas; a alimentação e os suplementos alimentares. Sobre o corpo serão impostas práticas ascéticas e as mulheres serão consideradas as agentes principais para o sucesso ou fracasso deste corpo, como veremos no sub-item 6.1.

Estes processos e a própria relação com o corpo também engendrarão dinâmicas que a um só tempo, se aproximam e se opõem. Isto ficará claro na discussão realizada no sub-item 6.2.1, em que discutiremos como no processo de culto ao corpo, ascese e hedonismo caminham de mãos dadas.

Além disto, outras contradições emergem da cultura do corpo. Se a busca pelo corpo perfeito é fundamental para a auto-estima e para a identidade feminina, também pode ameaçar esta identidade, levando à padronização e aos distúrbios alimentares, como veremos no item 6.2.2.

6.1 - MECANISMOS PARA A OBTENÇÃO DO CORPO PERFEITO

Afirmar que o corpo pertence à história nos coloca diretamente no cerne da questão: são inúmeros os trabalhos, dentro da sociologia, da antropologia e de várias outras disciplinas, que se voltaram para a tensão entre os mecanismos de liberdade individual e de sujeição social. Este tema é caro para todas estas ciências, e ao longo do tempo, foi abordado das mais diferentes maneiras, sendo que uma delas constitui a análise das relações entre corpo, identidade e sociedade.

Hoje em dia, fala-se muito do culto ao corpo e dos motivos que diferenciam este processo de outros mecanismos de adoração do corpo no passado. Questiona-se, entre outros pontos, se o culto do corpo atestaria um movimento de triunfo do indivíduo, de domínio sobre o próprio corpo ou se seria mais uma forma de manipulação e de controle social, inscrita no corpo. Ou, recolocando a questão no âmbito das discussões sobre a identidade, é possível questionar em qual medida o corpo pode ser, ao mesmo tempo, um dos pilares da construção do eu, ou um fator de frustração diante dos rígidos padrões estéticos e, também, veículo de homogeneização e padronização das diferenças. São questões polêmicas e talvez um dos caminhos para abordá-las seja olhar mais atentamente para o processo de culto ao corpo que vivemos hoje.

Já vimos que para os *bodybuilders* o corpo é central no processo de construção ritual da pessoa. É por meio de seu adestramento na ginástica e do gerenciamento de recursos estéticos

que o corpo vai se tornar um capital simbólico, um troféu a ser exposto e mesmo um diferenciador de *status* entre aqueles que malham e os sedentários.

Uma vez em consonância com os padrões estéticos difundidos pela sociedade, que no caso das mulheres, envolvem magreza, tônus muscular e seios avantajados, o corpo será cultuado e glorificado.

Quais os referenciais simbólicos que orientam esta cultura e as práticas a ela associadas? Um deles é o da imagem apolínea, ou seja, é o corpo dos deuses da Antigüidade clássica que serve de modelo para os *bodybuilders*. Nas minhas pesquisas de campo, este dado fica claro: várias das mulheres entrevistadas disseram querer “*se parecer com uma deusa grega*” (Mulher 68, 34 anos), “*A Gisele Bündchen é uma grega*” (Mulher 2, 31 anos). É comum também que as mulheres se refiram aos homens “sarados” e, portanto, considerados bonitos, como “deuses gregos”. Que idéia elas fazem do corpo dos deuses? Onde se apóia este referencial? Esta questão foi colocada às mulheres, ao que elas afirmaram “*ter lido a expressão em revistas, junto com a foto de mulheres bonitas*” (Mulher 70, 30 anos). Questionei-as sobre a imagem em questão e elas disseram tratar-se de mulheres bem magras, com seios firmes, nádegas bem desenhadas, pele sem manchas e com aparência firme. Parece-me que as mulheres queriam indicar uma proporcionalidade nos traços corporais, o que contribuía para que tais mulheres fossem chamadas de “deusas” e que, no final, acabasse ocorrendo a associação “deusa” = mulher com corpo bonito.

Vernant (1989) afirma que a expressão “corpo dos deuses” remonta ao período arcaico grego, quando não eram conhecidas as distinções corpo/alma e natural/sobrenatural. O corpo humano era visto como tendo a necessidade de reproduzir o corpo dos deuses. Deuses e homens faziam parte de um mesmo universo de sentido, embora exibissem diferenças. O corpo humano era percebido em sua efemeridade, enquanto o corpo dos deuses não parecia. Mas havia sempre a tentativa de se chegar ao esplendor de Deus, esplendor este que seria manifesto quando o corpo fosse como deveria ser, ou seja, “*radiating, youth, vigor and beauty, similar to a god, like unto the Immortals*” (Vernant, 1986: 28). Para que o corpo atingisse estas qualidades e se aproximasse do corpo dos deuses, artefatos como maquiagem, jóias, roupas e outros adornos sobre o corpo, além de uma pele que parecesse lisa, polida, firme e jovem, eram fundamentais. Havia um “supercorpo”, que envolvia perfeição e beleza, testemunho da imortalidade: “*If the gods are immortal and imperishable, it is because, unlike men, their corporality possesses, by nature and even in the very heart of nature, that constant beauty and glory with the social imagination shihver to in vente for mortals when they no longer have a body to display their beauty or an existence that can win them glory. Living*

always in streng and beauty, the gods have a superboddy: a body made entirely and forever of beauty and glory”(ibidem, id. pg 34). O corpo divino deveria ser, ao mesmo tempo, pesado e leve, etéreo, impalpável, devendo se parecer com uma estátua de materiais nobres. A identidade individual passava pela aquisição de um nome e pelo próprio corpo. O corpo era visto como substrato da identidade e marca de pertencimento e de distinção: *“There has never been a man without a name, whether he is noble or peasant, everyone receives one at time of bird. Similarly, it is the body that gives a subject his identity, by distinguishing him from all of his peers throught his appearance, his physiognomy, his clothing and insignia” (ibidem, id. pg 40).*

No nosso caso, as mulheres urbanas também acreditam que este corpo “malhado” seja indício da perfeição e fundamental para a construção de uma identidade altamente valorizada neste período histórico e na nossa cultura, que é a identidade de “malhadora”. Mas elas não estão interessadas na imortalidade diante dos deuses e nem no ingresso ao paraíso celestial: estão preocupadas com uma outra forma de imortalidade, a alcançada pelo sucesso atestado no corpo e pelo corpo, não para a aprovação divina, mas para a aprovação de seus pares, que podem ser tanto os parceiros afetivos, quanto a família, os amigos, o restante da sociedade. Sucesso este que também conduz à imortalidade, pois se cristaliza nos olhares e nas formas midiáticas como fotografias e vídeos. Se a mulher em questão for “VIP” (*very important people*) e/ou famosa, o sucesso de seu corpo e de si mesma pode se eternizar em revistas, comerciais de televisão e até mesmo no cinema.

Um outro ponto deve ser destacado relativamente ao universo simbólico dos *bodybuilders*, pois é fundamental para que se alcance este sucesso corporal. Sabino percebe que após 1980 ocorre o surgimento de um novo *ethos*, que ele chama de *ascético*, e que se caracteriza pela profunda preocupação de integração aos valores constitutivos da cultura dominante, combatidos anteriormente pelos grupos da contracultura. Isto ocorreria tanto no plano do simbólico quanto no das práticas, caminhando no sentido de uma estética corporal que valoriza o cultivo muscular e hierarquiza a realidade a partir de valores relacionados a este cultivo. Ou seja, estaríamos vivendo *“um processo de construção do corpo onde a forma física apresenta-se como atitude não desviante”* (Sabino, s/d: 5).

Turner (1974) mostra que a recompensa pelo corpo ascético não é a salvação espiritual, mas a aparência embelezada, um eu mais disputado. Na mesma linha de raciocínio, Baudrillard destaca que o culto higiênico e dietético, bem como a obsessão pela juventude, elegância e feminilidade, associados ainda com práticas sacrificiais, suplantam a importância da alma: *“O Mito do prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou*

objeto de salvação. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica” (Baudrillard, s/d: 136).

Se, no ideário místico e religioso, as concepções sobre a vida sóbria e temperada tinham como referência uma defesa contra as tentações da carne, a subjugação do corpo através das **rotinas de manutenção corporal** é a precondição para a conquista de uma aparência mais aceitável, para a liberação da capacidade expressiva do corpo. Neste sentido, Del Priore (2000) afirma que *“Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho”* (Del Priore, 2000: 52). Como o corpo perfeito é colocado, estrategicamente, segundo Novaes⁶⁵ (1997: 22), como estando ao alcance de todas, ele já traz em si a culpa caso não seja conquistado. É preciso exercitá-lo até o limite para expiar a própria culpa da não-perfeição, ou de uma refeição mais calórica, de um desvio de conduta. E o algoz do corpo em pecado por não ser perfeito é o espelho, tanto o de vidro quanto o de carne e osso das pessoas nas quais nos miramos em busca da perfeição. Hoje, ser belo é ser aceito e valorizado e isso passa pelo trabalho árduo e pelo comportamento ascético frente ao corpo.

Wacquant afirma a respeito do boxe: *“O que de imediato choca é seu caráter repetitivo, árido, ascético: suas diferentes fases repetem-se ao infinito, dia após dia, semana após semana, com ínfimas variações”* (Wacquant, 2002: 78).

Sabino, Turner e Wacquant, ao falarem de comportamento ascético, obviamente estão retomando os trabalhos de Max Weber, em especial A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1904). Weber procurou mostrar que as sociedades modernas e ocidentais se distinguem das demais sociedades do passado tanto enquanto *lôcus* do saber quanto do capitalismo. Segundo ele, a racionalidade, a técnica e um *ethos* específico, que ele chamou de **ascético**, seriam fundamentais seja para o triunfo do capitalismo, seja para o progresso da ciência e caracterizariam o mundo moderno: *“O processo de racionalização no campo da ciência e da organização econômica determina indubitavelmente uma parte importante dos ideais da vida da moderna sociedade burguesa. Foi esta racionalização que deu à fé reformada sua tendência ascética”* (Weber, 1989: 50, 82). Não será possível aqui detalhar a obra de Weber, mas é importante frisar que a idéia de auto-controle, bem como o sentimento

⁶⁵ Novaes afirma que a estratégia da mídia é inteligente, pois se as revistas de plásticas em geral dialogam com mulheres das classes econômicas mais privilegiadas, por outro lado, os canais de TV “Shoptime”, os catálogos, as lojas de departamento e cosméticos, bem como os planos populares de cirurgia plástica em 12 parcelas sem juros fazem com que as mulheres mais pobres acreditem que esta promessa de beleza é para todas e não apenas para a elite.

da obrigação em realizar tarefas e munir-se da técnica e da ciência como aliadas, vão aparecer fortemente no universo dos *bodybuilders*.

Na maioria das vezes, este processo de construção ritual da pessoa é dolorido: os tratamentos estéticos produzem dor, e mesmo os exercícios, principalmente aqueles que envolvem força muscular, deixam o corpo dolorido. Injeções de botox nos músculos faciais, choques elétricos na estimulação russa, injeções de colágeno pra preenchimento dos sulcos, mesoterapia, entre outros, produzem sofrimento físico em prol do próprio físico, que depois dos tratamentos – pelo menos segundo as promessas – ascende a uma nova e melhor forma. Isto sem falar da plástica, que devido à manipulação dos tecidos, cortes e pontos, produz dores por semanas, e às vezes, por meses. Estamos aqui muito distantes dos tratamentos de beleza da década de 1920, que perto destes, podem ser considerados paliativos e leves, já que envolviam, em sua maioria, exercícios moderados e, principalmente, cremes e poções que disfarçavam a feiúra (Sant’Anna, 1995). Distantes também da idéia veiculada nos anos de 1960 de que era possível e desejável se embelezar sem dor, com prazer. Aqui, ainda que o prazer exista, ele advém da dor, ou melhor, da eficácia simbólica - e real - de ver, através do empenho, uma nova identidade aflorar apesar e por conta do esforço, pois entre os informantes é corrente a frase “se o músculo está doendo, está crescendo” e, além disto, é o sofrimento infligido ao corpo que faz com que os rituais sejam o que são, já que os indivíduos aderem de maneira tanto mais decidida a uma instituição quanto mais severos e dolorosos tiverem sido os rituais iniciáticos a que se submeteram (cf. Clastres, Turner, 1974).

Segundo Travaillot (1998) o exercício, além de conferir essa imagem de um corpo empreendedor, conquistador, ativo, também aproxima as noções de beleza, forma e saúde. “*Nada de beleza sem saúde. Nada de saúde sem exercício. É a religião do esforço, adotando um modelo de escola, mas sob um regime não escolar, alegre e erotizado*” (Travaillot, 1998: 154).

Vimos que a beleza passa a ser responsabilidade feminina: a construção do corpo perfeito passa pelo esforço do indivíduo e é preciso fazer o que for para que o corpo perfeito seja alcançado. É muito comum nas aulas de ginástica que se faça referência à necessidade de fazer o corpo sofrer, para o seu próprio bem: “*Força, ânimo, vai estar todo mundo pronto para o verão, interno de coxa e bumbum durinho*” (balé clássico, 23/05/2005); “*judia do abdômen, vamos deixar ele trincado*” (aula de abdômen, 7/06/2005); “*Dói, mas é bom! Tudo duro agora, bumbum e perna, sem moleza*” (aula de body pump, 08/08/2005). A etnografia revelou também que, para as entrevistadas, realizar um “*treino puxado*” (termo nativo) é

também purificador, na medida em que expia culpas (ligadas ao consumo de alimentos considerados calóricos), raiva, mágoas e outros sentimentos:

“Quando eu estou com muita raiva ou mágoa adoro socar e socar o Bob [boneco usado nas aulas de boxe]. Saio suada, cansada, mas tão aliviada...” (Mulher 69, 45 anos).

“Exige muito esforço. Nada vem de graça. Eu preciso fazer os dois, ginástica e alimentação. Não adianta a pessoa só malhar, malhar, malhar e não cuidar da alimentação. É uma dieta eterna. E a malhação é eterna também. Não é...É como eu digo: é um dia a menos no resto da minha vida. Eu malhei um dia a menos do resto da minha vida, porque a gente malha a vida inteira. Tem que malhar” (Mulher 7, 39 anos).

“Ai, muito difícil, muito difícil que eu malho há quase 4 anos e assim, melhorei muito, só que é muito difícil, é muito lento o processo, e exige muito esforço. Qualquer paradinha que você dá, qualquer descansadinha, você já perde tudo o que você ganhou. Todos os músculos, toda a definição, muita gente diz que a musculação é uma atividade muito traiçoeira, porque você se mata, se mata, se mata e depois uma paradinha que você dá você perde tudo o que você ganhou” (Mulher 10, 18 anos).

“Ter resultado exige um sacrifício, não vou dizer pra você que é fácil você se manter magra, existe uma escolha, ou você come um pão de queijo, ou você toma a sua xícara de chá verde, o pão de queijo é uma satisfação imediata, o chá verde é em longo prazo. Existe uma disciplina, e tem que ser rígida, porque a oferta de comida e de guloseima é muito grande, então você tem que ser muito disciplinada, eu reconheço que sou muito disciplinada”. (Mulher 28, 35 anos)

“Malhar exige disciplina, fazer ginástica exige disciplina, porque malhar...você tem que ter uma continuação, então você tem que ter uma disciplina para você saber coordenar as atividades com o seu ritmo de vida, com seu ritmo de trabalho, de sono, de alimentação, tudo exige uma disciplina, você fazer uma dieta, digo fazer dieta não aquela coisa rigorosa, buscar, um cardápio certo.” (Mulher 54, 26 anos).

Quando analisamos os universos das academias de ginástica, fica claro a um olhar atento que o processo de culto ao corpo está permeado de rituais onde o autocontrole é fundamental: há uma rotina a ser seguida desde que o *bobybuilder* acorda: o que comer antes do treino, durante e depois dele, quais exercícios fazer, com qual potência e séries de repetições, enfim, toda uma série de comportamentos ascéticos em que tudo é racionalmente calculado para atingir um fim específico, qual seja: a construção do corpo perfeito. “Ter disciplina” passa a ser uma mensagem constante nos meios publicitários e vai encontrando eco nos discursos de

pessoas anônimas, como nossas entrevistadas. Como ilustra a Figura 9, é possível e necessário conquistar disciplina:

E neste processo, é fundamental que o indivíduo observe, julgue a si mesmo e estabeleça os canais para melhorar o que for preciso, seja na intensidade do treino, seja na alimentação.

Talvez alguns ingredientes desta ascética poção mágica que pode levar indivíduos não malhados a malhados sejam a frequência à academia e o tipo de atividade realizada, alimentação, o uso de suplementos alimentares e cirurgias plásticas.

6.1.1 - ROTINA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS

Já falamos da rotina dos exercícios no capítulo 4, em especial no item 4.2.2 - (Frequência e tipos de atividades Físicas) para mostrar como nos deslocamos da idéia de ginástica leve introduzida nos anos de 1920, para a de malhação intensa após os anos de 1980, mas precisamos retomá-la aqui, pois ela é fundamental nas idéias de disciplina e de ascese.

Vejamos alguns dados etnográficos:

“Segundas, quartas e sextas eu faço de 50 a 60 minutos de aeróbico, depois vou para aula de ‘bodypump’, depois para o ‘bodybalance’. De terça e quinta, ‘bodystep’, é uma aula super bacana, coreografada, super puxada, pauleira, antes eu vou à musculação fazer um pouco de braço, de perna, depois da aula faço 30 minutos de ‘transport’. Geralmente dá três horas por dia, seis dias por semana.” (Mulher 65, 61 anos).

“Eu fico 4 horas aqui [na academia] todos os dias. Eu faço ‘Jump Fit’, dança do ventre, musculação, é só. E alongamento e flexibilidade” (Mulher 69, 45 anos).

“Eu malho de segunda à sexta, quatro horas por dia. Segunda, quarta e sexta, uma hora de aeróbico no ‘Crossramp’, depois musculação para membros inferiores e dança do ventre. Às terças e quintas, abdômen, musculação para membros inferiores e ‘spinning’”. (Mulher 68, 34 anos).

“Eu faço muita coisa: faço yoga, faço step, faço abdominal, faço alongamento, faço spnning, faço musculação, eu faço bastante coisa. É claro que em dias alternados, não

Figura 9 - Disciplina e beleza

faço tudo num dia só, faço em dias alternados, mas faço tudo isso. Tem dias que eu exagero, quando eu vejo que engordei” (Mulher 7, 39 anos).

Os relatos acima mostram que para o *bodybuilder* é muito importante ter uma rotina bem estabelecida na academia, que inclui diferenciar os membros superiores dos inferiores para maximizar o treino, comparecer toda semana e sempre se exercitar por no mínimo duas horas.

Há um rigor com relação às atividades que devem ser desenvolvidas e a observação comprovou-me que de fato as mulheres seguem a rotina descrita à pesquisadora. Também é possível perceber que as mulheres entrevistadas falam um dialeto próprio, dificilmente compreendido por um leigo, ainda mais porque a maioria dos termos provém do inglês, assim como algumas das aulas⁶⁶: *transport, bodypump, bodybalance, bodyjump, crosramp, transport, fitness, bodysistem.*

As entrevistadas afirmam que não vivem mais sem fazer algum tipo de atividade física; ela é quase uma droga, vicia. Se nos anos de 1960 os hippies utilizavam drogas (como por exemplo a maconha) como uma forma de romper com a sociedade mais ampla, agora as mulheres utilizam a ginástica (e também produtos para emagrecer, anabolizantes, hormônio do crescimento) para se integrarem ao sistema. Várias mulheres enfatizaram que mesmo nas férias procuram compensar a ausência da academia. Vejamos alguns dos relatos:

“Hoje não, acho que eu sairia correndo no meio da Avenida 23 de maio, assim, que nem uma louca. Quando eu viajo também, imagina. De manhã cedo, eu tenho a sorte do meu marido me acompanhar. A gente anda na praia, corre, e isto é todo dia.” (Mulher 69, 45 anos).

“Eu já me peguei fazendo bíceps com garrafa de coca-cola e insistindo em tomar o controle do pedalinho no parque para exercitar as pernas. Se tivesse que sair da academia, faria ginástica em casa, na rua, em qualquer lugar. Quando viajo, a regra é sempre caminhar muito e subir e descer encostas de morros! Eu sou viciada em ginástica” (Mulher 68, 34 anos).

“Eu me considero viciada em ginástica. Faz tão parte do meu estilo de vida que quando eu viajo, a minha preocupação é se a cidade tem alguma academia de ginástica, tá entendendo [risos] Eu preciso de ginástica! [ênfática]. Até eu morrer, se Deus quiser, eu

⁶⁶ A academia Cia Athletica está credenciada para dar aulas do Programa “BodySistem”, que é patente dos E.U.A. Os professores precisam fazer cursos de especialização e as aulas são padronizadas e sincronizadas com as dos E.U.A, tanto no que diz respeito aos nomes e movimentos, quanto à música. As aulas seguem conjuntos específicos de músicas e repetições, chamados de “mix”, e estes só podem mudar quando isto ocorre no país de origem.

vou estar com 80 anos aqui, fazendo ginástica, é a melhor coisa da vida” (Mulher 65, 61 anos).

“Nas férias eu fui pra praia e o que eu fiz, já que eu não tenho academia lá, é acordar, dar uma boa caminhada, correr, nadar, eu aproveito o mar, dou umas braçadas, danço...Eu até relaxo, como, bebo, mas depois é sagrado queimar”.(Mulher 43, 39 anos)

Isto se justifica por várias razões: pela necessidade de construir um corpo ideal e mantê-lo, pelo fato da ginástica estar tão incorporada à vida das mulheres que se equipara a escovar os dentes ou tomar banho todos os dias, pelos mecanismos de compensação entre comer, se distrair e manter as formas corporais... Comenta-se mesmo que a ginástica e o controle alimentar estão de uma tal forma incutidos no *ethos* feminino que não ir á academia ou comer em excesso dá culpa:

“O que falta é tempo, mas quando eu não venho eu fico mal, eu acho que eu tô perdendo, até porque aqui não é barato. E segundo, que o corpo, o seu corpo pede, para você comer mais tranqüila, pra você ficar mais tranqüila com seu consciente. Eu dou 100 por cento de importância à academia” (Mulher 67, 29 anos).

“Se eu tiver um compromisso à tarde, eu não venho, eu troco, eu venho de manhã, agora se eu não venho mesmo, no outro dia eu procuro compensar. Mas eu não gosto de faltar. Parece que você fica se auto-punindo, ‘ai Meu Deus do céu, porque que eu não fui’. A mesma coisa a alimentação, eu saio fora durante o final de semana, então de segunda à sexta eu fico no grelhado, na salada, e se eu tenho um compromisso que me tire da dieta, no outro dia eu tenho que compensar” (Mulher 69, 45 anos).

“Para eu não vir à academia só quando eu estou muito doente, do contrário, minha filha, eu estou todos os dias aqui, inclusive aos sábados!!!” [enfática] (Mulher 65, 61 anos).

“Se eu não for eu fico péssima. Me sinto culpada e sem energia pra nada. Fico até de mau-humor. Evito muito faltar e quando falto, fico me torturando.” (Mulher 68, 34 anos)

“Todas, todas têm culpa quando comem demais ou não fazem ginástica. Todas, a lei da compensação, não fui ontem hoje vou fazer o dobro, não fui treinar, hoje não vou comer, ou comi demais tenho que treinar muito hoje, segunda feira a academia lota... Culpa depois de comer é comigo e com qualquer outra pessoa, come e depois fala, ‘eu não precisava ter comido tudo isso’” (Mulher 8, 25 anos)

Wacquant, em seu magistral livro Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe (2002), também fala do comportamento ascético entre os lutadores de boxe: “A *ascese*

coletiva, cujo mestre-de-obras no ginásio é Deedee, é construída à imagem de sua vida pessoal espartana: levantar cedíssimo, dormir cedo, alimentar-se à base de legumes cozidos, peixe fresco e carne magra (frango e peru), jamais tomar ‘pop’ [refrigerante] nem comer doces, raramente tomar um copo de bebida alcoólica e fazer uma visita ao médico a cada seis meses” (Wacquant, 2002: 128). Wacquant mostra que o desenvolvimento bem-sucedido de uma carreira no boxe supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes, enfim, um gerenciamento racional do capital específico que os recursos físicos representam: “O gym é, também, uma escola de moralidade, no sentido Durkheimiano, isto é, uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, a autonomia da vontade. O caráter monástico, senão penitencial, do ‘programa de vida’ do pugilismo faz do indivíduo sua própria arena de desafio e convida-o a descobrir a si mesmo” (Wacquant, 2002: 32).

No universo das mulheres pesquisadas, também é perceptível que a academia de ginástica parece fechar-se sobre si mesma, como diria Wacquant, numa espécie de “*ilha de ordem e virtude*”, onde não se discute política, religião ou qualquer outro assunto que não diga respeito à academia. Fala-se do corpo, da vida pessoal, dos mecanismos de aceitação, e, principalmente, da vida que se desdobra naquele cenário: das dietas alimentares, do peso, da porcentagem de gordura corporal, de massa gorda *versus* massa magra, do novo treino puxado passado pelo instrutor, da dor que se manifesta no corpo após o treino...Mas fala-se também da satisfação em perceber o corpo sendo moldado, construído, admirado tanto pelos colegas de treino quanto pela sociedade envolvente (amigos, família e meros desconhecidos que lançam olhares aprovativos às mulheres quando cruzam com elas nos mais variados espaços.). Simmel (1976) também destaca que por sociabilidade podemos entender os processos puros de associação que têm seu fim neles mesmos, estas formas de interação social no limite desprovidas de conteúdo ou dotadas de conteúdo socialmente anódinos.

6.1.2 - ALIMENTAÇÃO E SUPLEMENTOS ALIMENTARES

Outro elemento central citado pelas mulheres na construção do corpo e da identidade de “malhadora” é a alimentação, que segundo elas, deve ser muito regrada. Embora a relação com o peso tenha mostrado que metade da amostra está satisfeita com seu peso, ainda assim as mulheres fazem regimes para emagrecer. Como vimos com Elias (1990) e Rodrigues (1999)⁶⁷, na passagem da Idade Média para a Moderna temos uma mudança de sensibilidade quanto às questões alimentares e corporais, sendo que um dos indícios desta mudança refere-

⁶⁷ Ver capítulo 3, sub-item 3.3, discussão sobre a modernidade.

se à questão do controle. Se na Idade Média banquetear-se com alimentos calóricos era sinal de *status* e de alegria vitoriosa, na Moderna isto assume um caráter de culpa, já que a modernidade reforça as sanções frente ao corpo. Para Elias, temos uma mudança na própria estrutura da personalidade, que pressionada por sanções sociais externas, desenvolve mecanismos de autocontrole mesmo quando o indivíduo encontra-se sozinho em casa: *“Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância entram em luta no interior do indivíduo”* (Elias: 1990: 189).

As mulheres da Cia Atlética, por mim entrevistadas, dizem exatamente isso. Controlam o que comem e o quanto malham porque sentem culpa quando comem demais ou deixam de fazer um exercício. Se o alimento, em especial o calórico, pode fornecer prazer, também suscita a culpa e se malhação produz endorfina e, portanto, prazer, também exige esforço e dor. Mesmo que ninguém esteja vendo, o policiamento é intenso, parte da própria pessoa e faz parte até dos momentos de lazer, como as férias.

A pesquisa mostrou que 59% das entrevistadas já fez ou faz algum tipo de controle alimentar:

Gráfico 33 - Regimes

Os depoimentos comprovam os dados do gráfico:

“Eu sou muito chata comigo mesma, eu me cobro muito, então se eu como alguma coisa errada às vezes, eu já acho que eu vou engordar. Na verdade é aquele negócio, você come com culpa (...).Eu fiz uma dieta e eu tinha que parar de comer doce, aí eu podia

comer de vez em quando, mas aí eu decidi que não ia comer nunca mais e hoje em dia eu não consigo comer, se eu comer, eu passo mal” (Mulher 4, 18 anos)

“Regime eu sempre fiz, depois que eu comecei a treinar eu fiz dieta, pra ganhar massa, aumento de proteína, diminuição de carboidrato, já fiz várias dietas da moda (...) se você quiser saber eu sei todas” (Mulher 18, 23 anos).

“Eu para falar a verdade eu já cheguei a fazer dieta algumas vezes, hoje em dia (...) o que faço é alimentação saudável, comer balanceado, eu tenho que calcular quanto de proteínas, carboidratos, vitaminas que eu posso comer em cada refeição (...) Agora eu acho que a gente vive em busca do bem-estar, quando chega final de semana, você vai sair com os amigos, comer uma pizza, eu acho que tem que comer, você não tem que ficar em busca desta alimentação e ficar sem o prazer de comer um doce, uma pizza, beber um vinho.” (Mulher 54, 26 anos).

“Assim de não comer totalmente não, mas evito carboidrato à noite, uma coisa assim, sabe, balanceada (...) Mas por exemplo, eu não gosto de sair durante a semana porque a gente come o que não deve, e não pode, sair da linha só de final de semana e olhe lá” (Mulher 69, 45 anos).

“Pode parecer besteira, mas eu sinto culpa, se eu comer demais. Eu me alimento bem, como de três em três horas, mas é uma barra de cereal, uma salada de frutas, uma salada, eu procuro não comer gordura, fritura, arroz, feijão, batata, nada disso, a não ser final de semana”.(Mulher 67).

“Dieta, eu vivo de dieta [ela estava comendo uma fruta depois de um treino de 4 horas]. Mas não sou escrava, se eu tiver que comer um doce, eu vou comer, mas só um pedacinho. Não a torta inteira. É o excesso que faz mal. Mas como eu faço muita ginástica, eu posso me dar o luxo de comer, eu não passo vontade.” (Mulher 65, 61 anos)

Dentre as entrevistadas, é elevado o número de mulheres que já tomaram alguma medicação para emagrecer:

Gráfico 34 - Medicação para emagrecer

79% das mulheres declararam já terem tomado algum tipo de “fórmula” ou remédios industrializados. Elas dizem:

“Eu já fiz todos os regimes possíveis, inclusive com fórmulas para emagrecer. Já tomei muita anfetamina e vários outros remédios que foram proibidos depois. Quando como, penso assim: este pedacinho de carboidrato, com este de proteína vai fazer crescer meu músculo...”. (Mulher 68, 34 anos).

“Já fiz dieta várias vezes, agora não estou fazendo, mas to precisando fazer. Já tomei remédio pra emagrecer.” (Mulher 2, 31 anos)

“É, eu fiz regime há pouco tempo, agora. Tomei remédio porque eu trabalho de segunda a segunda e se eu diminuísse a parte nutricional eu não ia ter disposição para o trabalho, então eu tive que acelerar o processo com remédio. Tive os efeitos colaterais normais, os esperados, sabe, dilatação das pupilas, sudorese demasiada, minha mãos ficavam geladas, dava umas vertigens, escurece tudo” (Mulher 5, 22 anos)

“É, eu já tomei. Quando eu entrei na musculação, na nutricionista eu tomei um pra queimar gordura, é um tal de C.L.A, que falam, tomei, e eu melhorei muito, você toma ele, você se exercita e você vai queimando gordura (...) Nossa, eu melhorei bastante” (Mulher 12, 48 anos)

Sempre me espanta que em nome da beleza, da perda de peso, aceitemos nos submeter aos efeitos colaterais – tão bem descritos pela Mulher 5 - dos remédios para emagrecer. Tememos um infarto, nos empenhamos em fazer tudo que a medicina aconselha, fazer atividade aeróbica e diminuir a ingestão de gorduras. Mas deliberadamente, através dos remédios para emagrecer, elevamos os batimentos cardíacos a ponto de termos insuficiência respiratória e mesmo infartos. A maioria deles contém anfetamina, que vicia em dias e é muito nociva para o organismo, gerando um desequilíbrio hormonal muito grande, bem como taquicardia e depressão. É sabido também que provoca danos no cérebro e ocasiona distúrbios como anorexia e bulimia⁶⁸. Mas, em nome de alguns quilos a menos, aceitamos os riscos. É que na verdade, a leitura é outra. Não se trata de meros quilos perdidos. Trata-se de fazer as pazes com o espelho e, portanto, consigo mesma. Trata-se de se sentir integrada e, portanto, aceita. Trata-se de ascender, via corpo, ao grupo das bonitas e bem sucedidas. Trata-se de existir, numa cultura em que beleza e magreza se associam, sendo pré-condição de felicidade...

Percebe-se claramente, através das entrevistas e das observações de campo, que a ingestão de alimentos é feita de modo meticuloso, visando proporcionar nutrientes para que o músculo trabalhado se recupere, mas evitando qualquer alimento calórico que possa resultar em adiposidade e dificultar a visualização dos músculos.

Aliás, músculo é uma palavra que é dita a todo instante na academia, pois tanto os homens quanto as mulheres estão muito preocupados em fazer com que eles aflorem e a procura pela atividade de musculação se dá menos por gosto e mais por necessidade, como ressaltaram as falas já analisadas. Todos os bodybuilders trocam receitas de suplementos alimentares e em algumas conversas em surdina lançam mão de termos incompreensíveis até alguns anos atrás, como anabolizante, proteína sintetizada, hormônio do crescimento, entre outros. É muito comum ver as mulheres com garrafinhas com líquido colorido, normalmente um suco acrescido de proteínas ou carboidratos que potencializam o trabalho muscular. Os homens, menos discretos, carregam potes imensos de produtos como MegaMass e vários outros, e fazem sua “poções mágicas” na lanchonete.

⁶⁸ Por ocasião da pesquisa, duas das entrevistadas vieram conversar com a pesquisadora, pois queriam tomar remédios para emagrecer e precisavam da opinião de alguém que entendesse do assunto (já que o mesmo é parte da pesquisa). Foram alertadas sobre os sintomas e riscos e ambas procuraram um médico e iniciaram o tratamento. Alguns dias depois, voltaram a falar com a pesquisadora, dizendo que se sentiram tão mal que desistiram da medicação; segundo elas, “os sintomas não compensam, eu prefiro os meus quilos a mais”.

**Figura 10 - Mario Forente
usuário de anabolizante**

No entanto, há no cenário um ator escondido: o anabolizante. Proibido por lei, considerado droga, é capaz de fazer com que os músculos cresçam muito rapidamente e de modo muito ostensivo, mas também pode levar, entre os homens, ao câncer de fígado e próstata, à impotência sexual, à agressividade, à cirrose hepática e a vários casos de morte. Acontece com o anabolizante a mesma coisa que ocorre com o preconceito racial: as pessoas dizem que existe racismo no Brasil, mas não são preconceituosas; da mesma forma, fala-se de anabolizantes, mas ninguém assume que ministra, nem os alunos que os tomam. Até porque como o discurso da saúde e o da estética se misturam, não é interessante assumir que em função da estética seja possível tomar substâncias que minem a saúde e possam até matar. Além do mais, como vivemos o culto do esforço, é fundamental que os músculos adquiridos sejam vistos como resultado do trabalho árduo e não do uso de substâncias ilegais. Ocorre com os anabolizantes algo semelhante ao que acontece com a cirurgia plástica para as mulheres: sempre vai ter alguém dizendo que os músculos, ou os seios grandes no caso das mulheres, são de “mentira”, “foram comprados”, ou que a pessoa optou “pelo caminho mais fácil”. Uma cintura fina conquistada com exercícios tem maior valor simbólico na tribo dos malhadores do que aquela conquistada com a retirada de costelas. Do mesmo modo, músculos conquistados só com malhação e dieta são mais bem vistos do que aqueles conquistados com anabolizantes, fazendo-se de seu uso um tema cercado de tabus e que, muito lentamente, abre-se ao pesquisador.

No entanto, há no cenário um ator escondido: o anabolizante. Proibido por lei, considerado droga, é capaz de fazer com que os músculos cresçam muito rapidamente e de modo muito ostensivo, mas também pode levar, entre os homens, ao câncer de fígado e próstata, à impotência sexual, à agressividade, à cirrose hepática e a vários casos de morte. Acontece com o anabolizante a mesma coisa que ocorre com o preconceito racial: as pessoas dizem que existe racismo no Brasil, mas não são preconceituosas; da mesma forma, fala-se de anabolizantes, mas ninguém assume que ministra, nem os alunos que os tomam. Até porque como o discurso da saúde e o da estética se misturam, não é interessante assumir que em função da estética seja possível tomar substâncias que minem a saúde e possam até matar. Além do mais, como vivemos o

Figura 11 - Bonecos Falcon e Action Man

Normalmente ele vem á tona quando a pessoa que toma falece ou fica muito doente, como foi o caso do estudante de publicidade e comerciante Mário Forente (Figura 10), de 21 anos, que, com 17 anos, passou a tomar anabolizantes, para “chegar mais rápido ao corpo com que sonhava”. Em oito meses, ele ganhou 20 quilos de massa muscular, mas pouco tempo depois começou a ter gripes constantes e dores abdominais e descobriu que seu fígado estava se esfacelando por causa dos anabolizantes⁶⁹.

Outra reportagem, desta vez publicada na revista “Veja” de 28 de novembro de 2001, intitulada “A ciência da Boa Forma”, também comenta os perigos dos anabolizantes, bem como mostra que a proporção dos bonecos Falcon (1974) e Action Man (2001) reflete a mudança no padrão corporal masculino⁷⁰ (Figura 11).

Figura 12 - Fisiculturismo e anabolizantes

⁶⁹ Fonte revista tudo edição nº 1 de 4 de fevereiro de 2001, pagina 32.

⁷⁰ É interessante observar que, à medida que as mulheres emagreciam, os homens procuravam “malhar” para parecerem mais fortes e encorpados. Talvez possamos relacionar tal fato a mecanismos de compensação adotados pelos homens: com o progressivo ingresso da mulher no mercado de trabalho, os homens, em parte, sentiram-se ameaçados em sua masculinidade e, uma das formas de auto-afirmação passa pela conquista de um corpo que invoque atributos como força, potência e virilidade.

No universo pesquisado, só uma das entrevistadas afirmou ter ciência da existência de anabolizantes na academia, e é curioso que ela inclusive falou dos bonecos citados na reportagem acima:

“É, o anabolizante acaba com tudo, tanto a identidade como a personalidade da pessoa, muda muito, aquela coisa de comparação. Eu acho que não vale a pena, acho que cada pessoa tem o seu lado bonito, já pensou se fosse todo mundo igual? Seria um monte de boneca, né? Um monte de Barbie, um monte de Bob. Acho que isso teve uma influência muito grande, né, os bonecos mudaram a proporção, a proporção física dos bonecos mudou. Então, antes era o Bob, né, hoje em dia é aquele boneco enorme” (Mulher 61, 29 anos).

Quando questionada se é comum o consumo de anabolizantes pelos frequentadores das academias, ela titubeou, mas afinal disse:

“Existe, muito. Existe, muitas academias... Hoje em dia tem muita fiscalização... Esconde muito..., isso e aquilo, mas... Quando morreu de vez em quando, aparece um morreu disso, morreu daquilo, mas não é...só a questão da morte, a morte morreu acabou, entendeu? Eu acho que a questão é de...das consequências de...e das...seqüelas que causa...” (Mulher 61, 29 anos)

Além dos anabolizantes, outro recurso conquistado com o apogeu da técnica para potencializar a obtenção de músculos mais definidos e de manter a juventude é o hormônio GH (sigla para “*growth hormone*”), produzido naturalmente no corpo humano pela hipófise⁷¹ (glândula localizada na parte inferior do cérebro), mas que foi sintetizado pelos laboratórios de bioengenharia. Ao contrário do anabolizante, ele não é proibido; a partir de 1994 a substância foi liberada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, mas a venda só poderia ser feita com prescrição médica e retenção da receita, depois de constatada a deficiência do hormônio no organismo. Mas a substância vem sendo contrabandeada dos E.U.A e não é barata: ampolas suficientes para um mês saíam por R\$ 2.000,00 no ano de 2001. A Revista da Folha de 28 de Janeiro de 2001 fez uma sondagem sobre o assunto e colheu alguns depoimentos sobre o uso deste hormônio, que na versão sintética é conhecido pela sigla HGH.

Até mesmo os donos de academia e instrutores de ginástica injetam a substância e ela é comum antes do início dos campeonatos de fisiculturismo. Seu uso aumenta no verão, devido a maior exposição do corpo. Uma das entrevistadas, de 19 anos, observou: *“É o preço para ficar com um corpo legal. Ainda mais no verão, que todo mundo quer se exhibir. Por causa do*

⁷¹ Este hormônio começou a ser usado por volta de 1970 para auxiliar crianças com problemas de naninismo e era retirado da hipófise de cadáveres humanos.

HGH, vou estar perfeita para passar o carnaval na praia. A mudança é nítida. Meu corpo está mais bonito. Todo mundo me pergunta o que eu estou tomando. Eu digo que é só malhação”. Este depoimento reforça a idéia já comentada de que é preciso ostentar um corpo perfeito, mas evitar atribuí-lo ao uso de recursos potencializadores como as drogas sintéticas. É preciso fazer acreditar que foi apenas o empenho do(a) malhador(a) que levou a este corpo tão cultuado e desejado. No entanto, ocorre com o HGH o mesmo que ocorre com quase toda as técnicas atuais de construção do corpo perfeito, a balança oscila entre “esconder” tais procedimentos (para fazer crer que o corpo foi conquistado só com o empenho) e “ostentá-los”. Assumir procedimentos como plásticas, aplicação de hormônios, sessões de estética, etc atesta duas condutas importantes do culto ao corpo:

- 1) Indicar *status* econômico, já que os tratamentos são caros e destinam-se portanto, às classes abastadas.
- 2) Ostentar a adesão à ética corporal da perfeição física e pleitear o *status* simbólico desta condição.

Desta forma como ilustram a seguintes figuras, comportamentos como injetar hormônio na coxas, que poderiam ser considerados aberrantes a décadas atrás, são hoje realizados às claras:

Figura 13 - Usuários de HGH

O hormônio, além de potencializar os músculos, também é responsável por deixar a pele mais jovem e o cabelo mais bonito. Na reportagem citada, um usuário, arquiteto e decorador, de 43 anos diz: *“Uso por uma questão de prevenção. Quero manter meu visual sempre jovem. Quero viver pouco, mas quero viver feliz”*. O que podemos concluir com esta fala? Podemos

atribui-la à falta de instrução? Podemos dizer que isto é futilidade, coisa de quem não tem nada melhor para fazer? Não é o caso. A pessoa em questão levanta às sete da manhã, deixa os filhos na escola e vai trabalhar, saindo do escritório só às 20:00 horas. Depois vai para a academia, malha por uma hora, diverte-se na noite, volta pra casa e aplica o hormônio por volta das duas horas da manhã (como o organismo já produz este hormônio e seu pico de produção ocorre das 22:00 às 3:00 horas, injetá-lo neste horário potencializa os efeitos da substância). Acredito que o procedimento se deva mais à importância que a estética alcança na atualidade, fazendo com que o corpo perfeito vire uma nova ideologia, ou como preferem alguns, um culto.

A ciência e a técnica serão centrais no processo de constituição ritual da pessoa entre os *bodybuilders*. Sabino (s/d) assinala que nas academias ocorre o uso de anabolizantes como recurso para se chegar mais rapidamente à forma física desejada, mostrando como a técnica e a ciência se infiltram no cotidiano dos *bodybuilders*. Os anabolizantes vão servir ao mesmo tempo como potencializadores da performance muscular e como um rito de passagem: *“Entre os marombeiros há um rito de passagem, ou como prefere Bourdieu, um rito de instituição, no qual o uso da droga surge como um item crucial na transição do indivíduo de um status para outro no campo da musculação (...) Este rito delimita a distribuição da autoridade no interior do campo”* (Sabino, s/d: 16).

6.1.3 - CIRURGIAS PLÁSTICAS

A maioria das mulheres tem uma relação dúbia com seu corpo: se, por um lado, estão satisfeitas com as melhorias e as atribuem à ginástica e ao esforço pessoal, por outro, não poupam recursos financeiros para alterar o que acham que deve ser corrigido. Os dados também reforçam o quanto a técnica tem impregnado os mecanismos de construção do corpo, bem como atesta o crescimento do setor de cirurgias plásticas. Segundo uma pesquisa recente¹, realizada entre modelos, 100% das mesmas estavam insatisfeitas com seus corpos e realizariam correções cirúrgicas, 96% fariam lipoaspiração e implante de silicone nos seios.⁷² Se este descontentamento existe entre mulheres que são consideradas mais bonitas do que a média da população, imagine entre nós, pobres mortais. Del Priori (2000) afirma que *“Anônimas, as que não são belas, simplesmente recusam seus corpos, tanto mais quanto vivemos hoje a supremacia da aparência. A fotografia, o filme, a televisão e os espelhos das academias dão à mulher moderna o conhecimento objetivo de sua própria imagem. Mas, também, a forma subjetiva que ela deve ter aos olhos de seus semelhantes. Numa sociedade*

⁷² Revista *Galileu*, n. 155, junho 2004.

de consumo, a estética aparece como o motor do bom desenvolvimento da existência (...) A feiúra é vivida como um drama. Daí a multiplicação de fábricas de 'beleza' cujo pior fruto é a clínica de cirurgia plástica milagrosa” (Del Priori, 2000: 80).

Vejamos alguns dados relativos ao número de academias e habitantes em alguns países e dados sobre o crescimento das cirurgias plásticas:

Relação do número de academias de ginástica e habitantes nos maiores mercados de *fitness* (dados de 2003):

Tabela 4 - Academias x Número de habitantes		
País	População em milhões	Número de academias
E.U.A	288	18.200
Alemanha	82	6.000
Brasil	177	6.000
Reino Unido	58	3.700
França	60	3.000
Itália	57	2.000
Dados de 2003, Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 11 de fevereiro de 2004		

Tabela 5 - Cirurgias plásticas por habitantes	
País	Cirurgias por 100 mil habitantes
Brasil	207 pessoas
E.U.A	185 pessoas
Europa	40 pessoas
Fonte: Sociedade brasileira de Cirurgia plástica	

Na Revista “Veja”, de 06 de março de 2002, saiu uma reportagem de oito páginas, intitulada “corpo à venda”, sobre os exageros da plástica. Ela confirma o dado de 350.000 mil brasileiros operados em 2001, ou seja, em cada grupo de 100.000 habitantes, 207 foram operados, mais do que o número de plásticas realizadas nos E.U.A, que no mesmo período registraram 185 cirurgias por 100.000 habitantes. Segundo a pesquisa, o mercado da plástica está em expansão: em sete anos, desde a edição do plano Real, o número de cirurgias plásticas realizadas no Brasil cresceu 250%:

Relação entre o número de cirurgias plásticas e o ano:

Gráfico 35 - Evolução das cirurgias plásticas ao ano

Segundo a pesquisa, em duas décadas, a idade média dos operados brasileiros diminuiu 20 anos:

Tabela 6 – Idade média dos operados	
Anos 80	55 anos
Anos 90	40 anos
2000	35 anos

Um dos problemas citados pela reportagem é que as cirurgias plásticas são anunciadas como recursos simples, que quase não oferecem riscos, além de acessíveis a todos por meio do parcelamento do valor. Mas não diz que, na verdade, como em qualquer cirurgia, os riscos são, em vez de mínimos, muito elevados, podendo deixar seqüelas irreversíveis ou mesmo levar à morte. A reportagem cita o caso de uma publicitária de 33 anos, 1,70 metro de altura, 58 quilos, 62 cm de cintura e 103 cm de quadris, mas que, insatisfeita com o seu corpo, procurou a clínica de cirurgia plástica Santé, considerada uma das mais famosas e freqüentadas por atrizes, para fazer uma lipoaspiração. A dona da clínica a incentivou a fazer também uma plástica no abdômen, para eliminar a flacidez e as estrias causadas por duas gestações. A publicitária aceitou: *“Naquele momento, toparia qualquer coisa para sair de lá com as formas perfeitas”*. Mas, depois da operação, vieram os problemas, a pele ficou tão esticada que ela não podia estender a barriga e também ficou com feridas em carne-viva. De lá pra cá, teve que fazer mais três cirurgias para corrigir a primeira e tentar restaurar o umbigo, que foi totalmente retirado por causa do estiramento da pele.

Outros exemplos citados pela mesma revista são elucidativos dos riscos e dos excessos da cirurgia plástica, como o de duas mulheres que se submeteram a ela e tiveram seqüelas ruins. A primeira, fez lipoaspiração na barriga⁷³ e a segunda, implantou silicone nos seios.

Figura 14 - Cristina com 5 Kg a mais e a direita, na pior fase das cicatrizes da lipo

São numerosos os casos de cirurgias plásticas mal sucedidas e as denúncias de erro médico; segundo o conselho Federal de Medicina, aumentaram 35% de 2000 para 2001. Basta lembrar do médico Denísio Marcelo Caron, que embora não fosse cirurgião plástico, prometia a perfeição por R\$ 7.100,00 reais, embora tenha sido acusado da morte de cinco mulheres em Goiânia e Brasília e ainda responde por mais trinta e cinco processos de imperícia.

Segundo pesquisas da Revista “Corpo a Corpo”, em enquête pública, foram colhidos os seguintes dados:

- “você já pensou em fazer cirurgia plástica?” ⇒ 94% Sim; 6% Não. (setembro de 2003).
- “você já tomou remédio para emagrecer?” ⇒ 61% Sim; 39% Não. (agosto de 2003).

Dentre as minhas entrevistadas, a porcentagem de mulheres que já fizeram algum tipo de cirurgia estética foi de 43%, sendo que as mais citadas foram redução de nariz, lipoaspiração e prótese de silicone nos seios:

⁷³ Revista Tudo, 04 de fevereiro de 2001.

Gráfico 36 - Já fez cirurgia estética

Entretanto, quando questionadas se pretendem se submeter a cirurgias no futuro, a porcentagem de mulheres adeptas da plástica sobe vertiginosamente, passando para 72%. Somente 18% afirmaram categoricamente que não fariam plástica, ou por temer a cirurgia, ou por condenarem o excesso de cuidados com a aparência que ela representa.

Gráfico 37 - Pretende se submeter a cirurgia estética no futuro?

Quando indagadas a respeito, as mulheres disseram:

“Minha mãe e irmã eram intelectuais e ao mesmo tempo belas, eu também valorizava isso demais, as primeiras mesadas que eu recebia eu comprava em produto de beleza, gastava uma fábula, assim que foi possível fazer algum tipo de plástica eu já fiz, lipo, pálpebra... Eu queria que na hora tirasse a roupa eu estivesse perfeita. Eu faria de novo! [enfática]. Eu já pus silicone, eu já tudo, entendeu, agora eu quero fazer um grande lifting, talvez eu faça uma lipo...” (Mulher 13, 59 anos)

“Eu já mudei o meu nariz, eu dei uma afinada porque eu tinha desvio de septo. Eu pus prótese de silicone no peito. Se precisar, faço outras. Depois que eu tiver um filho, se precisar, acho que nada me impede, pra gente melhorar, hoje existe tanta técnica, o importante é a gente estar bem com a auto-estima, isto é fundamental.” (Mulher 43, 39 anos).

“Eu fiz plástica, lipoaspiração, você sabe, a celulite melhorou. Eu mudaria ainda mais. Eu tenho que estar bem comigo mesma, se eu achar que devo fazer... Você sabe que eu fiz outras plásticas, eu olhei, pensei, isto aqui não tá legal, então eu fiz e faria de novo” (Mulher 65, 61 anos).

“Sim, com certeza, já fiz e vou fazer de novo [enfática]. Eu fiz seio, mas não pus silicone não, eu só fiz sustentação e fiz uma lipo dos lados e abaixo da cintura, aquela gordurinha localizada que eu não conseguia tirar na ginástica, então eu fiz sim! Se precisar, eu não tenho medo não, o problema é o dinheiro. Não tenho medo de nada. A única preocupação é você ir a um bom cirurgião” (Mulher 69, 45 anos)

“Com certeza absoluta faria plástica. Quero levantar os seios, fazer lipo na cintura, tirar os culotes e já guardei um dinheiro para fazer plástica na barriga se eu tiver filho. Só com exercícios não se consegue um corpo perfeito” (Mulher 68, 34 anos).

“Coloquei prótese nos seios. Só. Me incomodava bastante. Mudou minha auto-estima, porque eu não tinha né [seio] Eu amamentei as minhas filhas até quase um ano, eu já tinha pouco, aí amamentando eu fiquei com nada, e aquilo me incomodava bastante, eu não podia usar top sem enchimento, então pra mim era muito desagradável, na praia, eu usava mas não gostava (...) Eu tô super satisfeita, eu sou outra pessoa” (Mulher 1, 30 anos)

Ser outra pessoa. Esta fala é emblemática. Primeiro porque, de fato, com a plástica a identidade se modifica, já que ela está calcada no corpo. Segundo, porque atrelado á plástica, temos um comportamento curioso de desinibição por parte das mulheres. Como elas estão

mais seguras da beleza de seu corpo, sentem-se mais à vontade para expô-lo. É uma cena comum no vestiário feminino as mulheres mostrarem os seios operados umas para as outras. Durante a pesquisa, presenciei duas cenas de desinibição e total felicidade com o novo corpo. A entrevistada citada acima, Mulher 1, falou de sua plástica de seios, do quanto estava contente e, no final, depois de encerrada a entrevista, eu comentei sobre a prótese, perguntando se ela estava bem e se a cicatriz não a incomodava: ela chegou a puxar o *top* pra me mostrar os seios, mas estávamos em pleno restaurante, foi por um triz, rimos muito. Karen, dona de uma clínica de estética, que pôs implante de silicone, além de me mostrar os peitos me fez tocá-los pra mostrar como eram rígidos. Del Priori (2000) comenta que quando fotografou mulheres que tinham feito plásticas recentes estas estavam tão eufóricas com os resultados a ponto de querer compartilhá-los com uma desconhecida.

Nenhuma das mulheres afirmou ter problemas quanto às cicatrizes, fato que também chocou Del Priori (2000) em suas pesquisas. Minhas entrevistadas comprovam que a cicatriz não é importante, diante da satisfação com as novas formas (vide, por exemplo, a fala de Mulher 69). As mulheres tendem a minimizar as cicatrizes diante do apelo de formas mais definidas, seios mais firmes ou diminuição da adiposidade. Na pesquisa de campo comprovei que a existência de gordura localizada e de seios flácidos e/ou pequenos incomoda muito mais do que estrias e cicatrizes. Se fosse possível, as mulheres ficariam também sem as segundas, mas não sendo, optam pela remodelagem do corpo, ainda que tenham que adquirir cicatrizes.

Vejamos mais algumas opiniões sobre as cirurgia plásticas:

“Eu apoio, eu acho que tem que tem mais é que fazer, pra ficar mais feliz, pra ficar mais à vontade, eu acho que se é pra ser mais feliz, tem que fazer” (Mulher 3, 29 anos)

“Então eu acho que é assim, é ela se sentir bem, eu acho que tudo tem limite. Se você for fazendo, fazendo sem limites para atingir um auge, ou ficar parecido com alguém ou ser mais que alguém, já é descontrole, já que é fora da realidade, tem que ter o pé no chão. A pessoa tem que ver o limite dela, até onde ela vai, e se sentir bem, ponto” (Mulher 26, 18 anos).

“Maravilhosa. Tá aí pra ajudar, tá aí pra resolver, tem a corretiva, tem a estética, eu acho que a gente não pode, como tudo, exagerar né, você tem que ver no que aquilo pode te ajudar e também no momento de parar, porque tem mulheres totalmente desfiguradas, que querem ter a pele mais esticada do que uma garota de 20 anos. Eu acho assim, vamos corrigir, temos uma bolsinha [nos olhos] vamos. Tem uma gordurinha aqui, vamos lipar, vamos, mas eu não vou querer ter o corpo, ou o rosto, eu acho mais complicado o rosto com menos marcas do que deveria uma mulher madura. Hoje eu não

faria nunca no rosto, não sei se daqui há dez anos eu vou querer fazer, vamos ver né, quanto tempo eu vou resistir.” (Mulher 45, 43 anos).

“Não que eu seja contra. Eu sou a favor que você se sinta bem com seu corpo. Eu acho válido, agora tudo tem seu limite, têm umas pessoas que perdem a noção do negócio e acaba se tornando um vício. Mas eu considero a cirurgia plástica um complemento para esta nova era da modernidade, as mulheres que trabalham, que tem dinheiro... e como eu falei para você, por exemplo uma mulher que amamenta, que teve 3 filhos, que amamentou, têm que fazer, isto mexe com a auto estima da mulher.” (Mulher 58, 27 anos).

Como é possível perceber as mulheres apóiam a plástica se esta for trazer satisfação pessoal, se for contribuir para elevar a auto-estima.

Outro dado que apareceu entre as entrevistadas é que a cirurgia plástica estética surge como um recurso aceitável e bem visto só quando a mulher já se valeu de todas as outras possibilidades, já fez exercícios, já fez dietas, ou seja, já se empenhou o bastante, mas não conseguiu se livrar de uma ou outra gordura localizada, especialmente aquelas situadas na cintura.

Neste contexto, a cirurgia plástica estética é um *plus*, uma espécie de prêmio que a mulher se dá na conquista do corpo perfeito:

“Eu sempre fiz ginástica, eu fiz esportes, desde criança, só que eu sempre tive uma barriga, eu fui consultar um cirurgião plástico e ele falou ‘olha, este tipo de gordura localizada é uma herança genética, sua mãe tem, e isso não vai sair com ginástica nunca’, e como eu sempre fiz exercício físico, a vida inteira, mas sempre tive aquela dobra na barriga quando você senta (...). Eu fiz uma lipoaspiração, fiz só no abdômen, fiquei super feliz” (Mulher 16, 36 anos)

“Eu sempre malhei a sério, cuidei da alimentação e consegui melhorar muito o meu corpo, mas os seios não tinham jeito, por mais que eu me empenhasse... Achei que eu merecia me dar este presente, eu fiz e ainda faço a minha parte.” (Mulher 68, 34 anos)

“Eu sempre fui atleta, eu sempre tive aquele padrão certinho de musculatura, mulher malhada, mas eu nunca tive muito seio, hoje isso me incomoda, depois de ter tido filho, amamentei bastante... Então é a única coisa que às vezes, muda a minha auto-estima, e eu gostaria até de fazer um implante, até pra melhorar esta minha auto-estima, eu acho que eu mereço. Depois de um silicone eu vou ficar bem melhor!” (Mulher 59, 39 anos)

“Eu tenho uma gordura localizada na barriga que todos os médicos já disseram que eu não vou perder com a ginástica, é o meu biótipo (...) se eu pudesse fazer uma plástica eu faria.” (Mulher 20, 33 anos)

Outra entrevistada reforça a idéia, mas afirmando não ser merecedora da plástica:

“Eu nunca fiz, porque que eu nunca fiz o certo, porque primeiro eu tenho que fazer a minha parte, sinceramente, eu nunca falei, “ah, eu vou melhorar minha dieta, eu vou treinar regularmente”, eu nunca tive disciplina...” (Mulher 34, 33 anos).

Neste caso, ela não se julga digna da plástica porque está embebida da idéia de que precisa primeiro se esforçar com ginástica e alimentação, para depois fazer jus a este tipo de intervenção.

Só uma entrevistada justifica a cirurgia plástica como um passo anterior e/ou independente da ginástica:

“Eu fiz abdômen e busto. Maravilha, depois que você fez isto, a auto-estima é muito mais rápida do que na ginástica. Os resultados são mais evidentes e se você souber manter, a ginástica vai ajudar, mas o que resolve mesmo é a plástica, no meu caso foi, porque eu tinha seio caído, barriga caída, a minha pele é muito flácida, se eu fizesse só ginástica ia levar 300 anos pra melhorar alguma coisa” (Mulher 55, 44 anos).

Outros dois relatos merecem destaque porque vêm de mulheres que farão fortes críticas ao culto ao corpo, mas que se sentem compelidas a cair em tentação e aderir às práticas que de início condenam:

“Faria, eu não tenho pressa nos seios, acho que não vou fazer, mas tenho quase 50 anos, não sei se quando eu tiver 60, se eu estiver muito abatida, acho que o bombardeio da mídia interfere, você olha no espelho e se compara, a européia tem uma facilidade maior pra envelhecer saudável, do que as brasileiras, que querem estar com o rosto muito esticado, né, acaba pegando né?” (Mulher 23, 48 anos)

“Se eu pudesse eu faria na barriga, que tá mole. Eu nunca achei que eu iria fazer. Mas se eu pudesse hoje...” (Mulher 21, 44 anos)

A maioria das mulheres apóia a plástica quando a mulher já teve vários filhos e “necessita” levantar os seios caídos com a amamentação. Ou se a pessoa tiver seios desproporcionais ao corpo, ou uma barriga excessiva. Aí a plástica é justificável.

Mas a plástica é condenada se for para mudar detalhes insignificantes (é claro que a definição do que é ou não insignificante varia de mulher para mulher) ou, por exemplo, para adequar o tamanho dos seios às exigências da moda. É condenada também quando se transforma em um vício, quando a mulher faz uma em seguida à outra e nunca se contenta, neste caso as entrevistadas tendem a afirmar que a mulher em questão está com “problemas psicológicos”. Também se comentou que a decisão de operar deve ser sempre da própria mulher, que ela não deve se submeter à plástica nem para agradar o marido e nem deixar de fazê-la só porque ele não quer. Neste ponto, a independência financeira feminina conta muito: se a mulher trabalha ou mantém alguma fonte de renda, pode investir em si mesma através da plástica sem ter que recorrer ao aval financeiro do marido. Caso contrário, ela tem que convencê-lo a concordar e pagar a cirurgia. Algumas mulheres observaram também que por terem suas cirurgias pagas pelos maridos, isto aumentou a cobrança deles para que elas mantenham o corpo em forma. Uma das entrevistadas afirmou que o marido lhe deu um ultimato dizendo-lhe que agora ela tem que se esforçar mais na ginástica e controlar a alimentação, porque ele não lhe pagará outra plástica.

Em todos os relatos citados, há alguns denominadores comuns. Primeiro, o motivo central alegado pelas mulheres para fazer a plástica é a auto-estima. Todas destacaram a importância de se sentirem bem consigo mesmas, daí a necessidade de corrigir aquilo que as incomoda.

Em segundo lugar, já que, como vimos no item 4.2.3 -, a auto-estima está diretamente ligada ao corpo, a perfeição física aparece como um pré-requisito para o bem-estar e justifica as intervenções cirúrgicas. Para amar-se é necessário ter um corpo perfeito.

Em terceiro lugar, dentre as cirurgias realizadas e/ou almejadas, as campeãs absolutas são lipoaspiração (ou lipoescultura) e implante de silicone nos seios. Isto se explica porque, como vimos, o modelo estético dominante em nossa época é caracterizado pela ausência de gorduras, seios grandes e firmes e tônus muscular. Como o tônus muscular não pode ser conseguido com cirurgias plásticas, a ênfase recai sobre os dois primeiros itens. Outra cirurgia que vem sendo cada vez mais realizada no Brasil é a prótese de silicone nos glúteos, que visa arredondá-los e levantá-los, mas que só foi citada por uma entrevistada - *“Glúteo, mais glúteo. Peito nem tanto. Eu não gosto, a forma dele, é muito esparramado, não é um glúteo... É um glúteo disforme”* (Mulher 10, 26 anos) - embora existam suspeitas de que uma segunda entrevistada a tenha realizado, sem contudo assumir.

Com relação ao uso de silicone nos seios, 84% aprovam seu uso:

Gráfico 38 - Apoio ao silicone

Segundo a historiadora Elizabeth Haiken (1997), a plástica se tornou aceita publicamente nos EUA no século XX. De sua origem como cirurgia reconstrutora em soldados feridos na guerra, ela acabou encontrando sua maior fonte de pacientes em mulheres que queriam melhorar a aparência. Isto se deve em função de dois motivos principais:

- 1) a crença de um vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física;
- 2) a crença de que a aparência tem valor de mercado. Isto aliado as idéias (pós 1950) já vistas de que as mulheres são responsáveis por sua beleza e que esta está ao alcance de todas, reabilitou de vez a cirurgia plástica estética como um recurso aceitável.

E curioso: não só a habilita enquanto procedimento, mas também como uma prática que não precisa ser escondida. As entrevistadas assumem suas plásticas, falam sobre elas, avisam as colegas e os professores sobre o tempo em que ficarão afastadas e não dissimulam. Não se vêem tentativas de despistar a ausência da academia alegando férias ou outros compromissos; as mulheres falam abertamente: “semana que vem vou fazer lipo” ou “vou colocar peito”. Isto com muita naturalidade. E se algum interlocutor insinuar, por exemplo, que os seios “não são delas, são de mentira, são artificiais”, elas retrucam das mais variadas formas “são meus sim, eu paguei por eles”, “são meus, mas melhorados”, “a cor do seu cabelo também não é natural”, e por aí vai. Em algumas “tribos” da academia, ter passado por cirurgia plástica é mais natural do que não ter se submetido a nenhuma; o que choca é mais a ausência do silicone do que sua presença. Embora a discussão sobre a relação natural X artificial seja muito complexa e fuja aos objetivos deste trabalho, é pertinente a análise de Sant’Anna. Esta autora afirma que ainda nos anos de 1920 vigorava a idéia de que a mulher não precisava

necessariamente **ser** bela, mas **fingir** sê-lo. Nos séculos anteriores, esta dissimulação era ainda mais possível com as roupas longas, com os espartilhos e anquinhos – só o marido saberia o quanto esta mulher era ou não “verdadeira”. No século XX, com a progressiva diminuição das roupas e o maior desvelamento do corpo, dissimular torna-se impossível e o próprio corpo assume o lugar das roupas: ele deve ser firme, torneado, magro. Qualquer detalhe anatômico é perceptível e se faz necessário corrigi-lo por meio da ginástica e das cirurgias plásticas.

Edmonds (2002) assinala que a plástica é tão importante na vida do brasileiro que em 1999 a escola de samba carioca Caprichosos de Pilares levou para a avenida o samba-enredo “No universo da beleza, mestre Pitangy”. O autor comenta que o samba, além de fazer supor que a cirurgia plástica nas mãos de Pitangy seria uma prática democrática, oferecendo beleza a ricos e pobres, também colocava a plástica como um misto de procedimento médico de alta tecnologia, serviço de luxo ao consumidor e transformação psicológica, esta última, enfatizada pelo próprio cirurgião: “*o objetivo da cirurgia plástica é a harmonização do corpo com o espírito (...) visando a estabelecer um equilíbrio interno que permita ao paciente reencontrar-se, reestruturar-se, para que se sinta em harmonia com a sua própria imagem e com o universo que o cerca*” (Pitangy, Revista Brasileira de Cirurgia, março/abril, 1985, vol. 75, n 2, *apud* Edmonds, 2002: 215).

É sempre interessante reforçar que esta relação entre a cirurgia plástica e a psique é uma estratégia eficaz para que o paciente não seja rotulado de vaidoso – à semelhança da associação que mencionei entre “malhação e saúde” X “malhação e estética”.

Um último ponto importante é que em sua análise sobre as cirurgias plásticas no Rio de Janeiro, Edmond cita a observação de Sander Gilman (1999), registrada no livro Making the Body Beautiful, em que este autor defende uma interpretação da cirurgia plástica como meio de “*passing*” ou “impostura”, isto é, um meio de pessoas estigmatizadas se fazerem passar por normais (ser aceito como o que não é) através das plásticas. Para ele, todas as plásticas teriam este caráter de impostura. É interessante que Edmonds critica o conceito de impostura e o faz por dois motivos: 1) porque ele evoca o conceito de normalidade, enquanto que para muitas das mulheres que fazem plástica o desejo é de perfeição; 2) porque ele insinua que a paciente está tentando, passivamente, amoldar-se a um grupo ou juntar-se a ele, enquanto que muitas mulheres afirmam que fizeram a plástica por si mesmas, não se submetendo às pressões sociais.

Concordo plenamente com o autor e comprovei com minhas pesquisas que de fato as mulheres, quando se submetem à plástica querem se sobressair por suas formas, serem mais

admiradas por elas, e não apenas estar “na média”. Elas ambicionam um *plus*, que só a plástica pode proporcionar. É justamente este “algo a mais” que a torna vital na construção da auto-estima e da identidade feminina. Já com relação ao segundo ponto assinalado por Edmonds – fazer plástica para si mesma e não para o outro -, coloco ressalvas, pois acredito que a questão é mais complicada. A resposta dada à plástica é semelhante à resposta dada à pergunta “para quem malha” ? A primeira resposta é “para si mesma”, ou seja, totalmente relacionada com auto-estima. Mas o que eu sou sempre remete ao modo como o outro me vê; então, é sempre para os outros também. Trabalharemos melhor esta questão mais à frente; por ora, quero apenas apontá-la.

As falas das mulheres entrevistadas também apontam que as cirurgias plásticas – bem como outros aspectos do culto ao corpo – podem ser perigosas por estarem tão banalizadas que acabam gerando o efeito contrário: em vez da mulher ficar mais bonita e se destacar das demais, ela fica feia e padronizada. Ou, como colocou Mulher 56:

“Tem gente fazendo plástica como quem arranca um dente, não é assim, as pessoas não estão procurando um profissional, vão atrás de qualquer um, é lógico que nem todo mundo tem poder aquisitivo pra fazer tudo isso e assim vai. Coisa com o rosto também, tem uma série de senhoras da minha idade, eu vou fazer 58 este ano, as sessentonas estão todas com a cara igual, uma cara de barbies, o botox, aquela boca, são todas muito semelhantes, loironas, eu olho e digo ‘Nossa, você tá ridícula’.” (Mulher 56, 57 anos)

É a beleza obtida a qualquer custo, a beleza que, em vez de libertar a capacidade expressiva, escraviza, como um feitiço que se vira contra o feiticeiro. Tal crítica nos leva ao cerne deste trabalho. Acredito que o corpo seja realmente central na construção do eu em nossa cultura. Acredito também que, ao se voltar para os cuidados consigo mesma a mulher seja capaz de se valorizar, elevar sua auto-estima. Ao adquirir um corpo que lhe dá prazer e orgulho, ela faz deste um reduto que deve ser valorizado, cuidado. E isto pode ser positivo, já que o corpo é nossa primeira e última morada, pelo corpo experimentamos quem somos e nos relacionamos com o mundo. Mas quando o corpo é cultuado ao extremo, parte da positividade se dissolve e o mesmo corpo que pode nos trazer conquistas e alegrias, também passa a ser fator de frustração diante dos rígidos padrões estéticos e, ademais, lugar de homogeneização e padronização das diferenças. Em vez de nos libertar, nos oprime. Em vez de nos integrar, isola, a nós mesmos e aos outros, os que não se encaixam nestes padrões. Em vez de levar à saúde e à identidade, pode levar à doenças, em especial aos distúrbios alimentares, que fragmentam o eu e até matam.

Imagem apolínea, ethos ascético, disciplina, conduta racional, individualismo. Parece que na medida em que as discussões avançam, surgem mais perguntas do que respostas. Elementos contraditórios parecem se mesclar, utopias se sustentam mais do que se ultrapassam.

A partir de agora, tentaremos nos deter nas contradições do espetáculo de culto ao corpo, que parece indissociável das próprias contradições da modernidade, palco onde se desenrola.

6.2 - O ESPETÁCULO DO CULTO AO CORPO: CONTRADIÇÕES E DILEMAS.

6.2.1 - HEDONISMO, ASCESE E DISCIPLINAS.

Começamos pelo debate tenso entre hedonismo X ascese. Um dos elementos centrais que constituem ao mesmo tempo o universo da modernidade e o fenômeno do culto ao corpo é a estetização da vida cotidiana, marcada pela necessidade de fazer da vida e de si mesmo uma obra de arte, o que introduz mais um elemento na discussão: o hedonismo, central na cultura narcísica que se desenvolve com a modernidade. O culto ao corpo, o prazer em observar-se no espelho, a gestão rigorosa das formas, etc são elementos que, para alguns teóricos, permitem falar de uma cultura narcísica. Segundo Courtine (1995), se esta posição teórica puder ser admitida, seus melhores exemplos seriam o espetáculo e as práticas dos *bodybuilders*, inteiramente absorvidas pela aparência do corpo e destinadas à confecção da auto-imagem. Mas, em se tratando de algo tão polissêmico como o corpo, reduzir sua análise à afirmação de uma cultura narcísica seria empobrecer a análise e ainda mais, uma vez que o ambiente dos *bodybuilders* é altamente marcado pela disciplina e coerção, pode fornecer um contra exemplo do que foi afirmado anteriormente. De fato, talvez, disciplina e hedonismo convivam de alguma maneira no processo de culto ao corpo. Courtine compartilha desta posição, afirmando que a geração pós 1980 tem um *ethos* que pode ser chamado de “puritanismo ostentatório”, combinando numa só prática, disciplina rigorosa com desejo de exibição, autoprivação ascética com afirmação positiva do eu. Malhar o corpo, judiá-lo, levá-lo ao limite, para depois mostrá-lo e adorá-lo. Trata-se de um comportamento hedonista também porque a idéia de prazer será central na atual cultura do corpo: prazer de estar consigo mesma; prazer em mostrar-se e prazer sexual, porque envolve a sedução do outro pelo físico. Longe de corpos cobertos, as imagens na mídia tendem a correlacionar beleza, exposição do corpo e sedução. Ao contrário da década de 1920, os corpos não estão mais escondidos nem pelas roupas nem pelos preceitos cristãos, eles estão à mostra, desvelados.

Courtine também defende que a idéia de metamorfose é essencial ao *bodybuilder*: É possível um renascimento individual, que passa por uma conversão corporal. Essa idéia, progressivamente, inscreveu-se no puritanismo americano sobre o corpo a partir do século XIX, quando cuidar do corpo foi se associando à salvação da alma. Assim, durante o século XIX, o interesse pelas práticas de gerenciamento corporal vai mudar o próprio modelo de homem que se tinha até então: o homem magro, pálido e esguio foi sendo substituído pelo modelo musculoso e viril, referenciais que, embora modificados, chegaram também às mulheres, que começaram a desejar um corpo mais trabalhado. A partir de 1860, inúmeras academias de ginástica foram construídas nas cidades e, para os americanos, o corpo já era uma “nova fronteira”. Paralelamente, a medicina fez do movimento corporal um signo da saúde, um modo fundamental de expressão da vida. Pouco a pouco, os aparelhos de ginástica escaparam das academias e entraram nos lares, passando a ser um elemento da decoração doméstica, uma peça colocada à vista. Impossível não lembrar de Benjamin, quando ele diz: *“Para o homem privado, o interior da residência representa o universo (...) O seu saloon é um camarote no teatro do mundo”* (Benjamin, 1985: 37). A casa é, ao mesmo tempo, o refúgio e o espaço de expressão da personalidade, para si e para os outros. Ter os equipamentos em casa atesta claramente a vinculação aos novos ideais estéticos aos quais se deve aderir para conquistar *status* e reconhecimento social. É também a constatação de que cuidar do corpo preenche ainda mais o cotidiano: *“Lutar contra o tempo morto, a vacuidade, a desocupação: esses prolongamentos da ética puritana da ‘tarefa’ marcaram profundamente o desenvolvimento da indústria esportiva. O esporte torna-se um modo de vida”* (Courtine, 1995: 94-95).

O ponto complexo é que construir um corpo não é apenas um exercício de disciplina, mas provoca também o prazer e a exposição daquilo que foi construído, colocando este corpo no cenário dos espetáculos, da cultura narcísica e do consumo de massa que os alimenta, mesclando, desta maneira, ingredientes aparentemente opostos como ascese, hedonismo e disciplina. Courtine mesmo diz que a cultura contemporânea do corpo é paradoxal, complexa e recusa explicações unívocas, pois mescla uma forma de compromisso estabelecido com a ética puritana, com o espetáculo e hedonismo de uma sociedade de consumo de massa.

Acredito também que temos, por um lado, uma postura calcada na lógica do individualismo, da cultura ascética como construtora da identidade de “malhadora” e, por outro lado, mecanismos de sujeição foucaultianos que aprisionam, uniformizam e restringem os sentidos.

Para Sabino (2002), hedonismo, ascetismo e disciplina caminham, no atual processo de culto ao corpo, de mãos dadas. Ele afirma que enquanto a proposta racionalista dos religiosos dos séculos XVI e XVII era disciplinar o corpo para libertá-lo das paixões, promovendo uma estética da alma, a proposta racionalizante do saber leigo visa administrar as paixões para controlá-las. Para ele, a estética da alma através do corpo reduziu-se apenas ao corpo, ressaltando a disciplina não como elemento oposto ao hedonismo, mas como auxiliar deste: *“Tal aspecto pode ser percebido nos supermercados de imagens em expansão, em que os super-heróis-produto são atores, cantores, modelos e atrizes, pessoas belas e bem sucedidas que professam a ética e o credo da diversão e de um suposto ‘savoir vivre’, conquistado, porém, com esforço ascético”* (Sabino, 2002: 150).

Falar de um processo disciplinador inscrito no corpo nos remete diretamente a Michel Foucault, principalmente às obras Vigiar e Punir (1978), A História da Sexualidade – 1, 2 e 3 (1976-1984) e A Microfísica do Poder (1979).

No primeiro volume da História da Sexualidade, Foucault observa como a sexualidade, comumente considerada como uma questão natural de mera divisão entre sexos, deveria na verdade ser entendida como construída na cultura de acordo com os objetivos políticos da classe dominante. O conceito de *“tecnologia sexual”*, definido como *“um conjunto de técnicas para maximizar a vida”*, servia para explicitar as técnicas desenvolvidas pela burguesia a partir do final do século XVIII visando assegurar sua hegemonia e criar mecanismos de sujeição. Tais tecnologias se debruçavam, em especial, sobre quatro objetos do conhecimento: a sexualização das crianças e do corpo feminino, o controle da procriação e a psiquiatrização do comportamento sexual anômalo como perversão. Podemos aqui retomar o conceito de gênero, analisado por Teresa Lauretis, como um mecanismo de poder e de relações estabelecidas entre os sexos: *“Pode-se começar a pensar no gênero a partir de uma visão foucaultiana, que vê a sexualidade como uma ‘tecnologia sexual’, desta forma; propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por ex., e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como de práticas da vida cotidiana”*.(Lauretis, 1994: 208).

No universo pesquisado esta relação entre gênero e sexualização das mulheres fica evidente, como podemos perceber nestas duas falas:

“Eu acho que a mulher é muito mais cobrada do que o homem com relação ao corpo. E infelizmente a gente não consegue ser feliz se a gente tem um corpo muito em desacordo com o que a gente acha bonito. A cobrança do corpo e a facilidade das academias,

antigamente pra você fazer esporte, você tinha que procurar, era longe, não tinha a preocupação com o culto do corpo, hoje não, você tem academia em qualquer bairro, três, quatro, à disposição pra você fazer...” (Mulher 45, 43 anos)

“É muito importante, principalmente para as mulheres, para o homem não, porque o homem, na nossa sociedade, ele tem que ser bem sucedido, charmoso, já basta. A mulher não, se ela for bonita, é o que conta mais” (Mulher 47, 40 anos)

Outro ponto central da obra de Foucault para nossa discussão está no último volume da História da Sexualidade – O cuidado de si, quando o autor mostra que ao analisar os textos dos primeiros séculos produzidos na Grécia, mais do que interdições sobre os atos sexuais, o que aparece é *“a insistência que convém ter para consigo mesmo; é a moralidade, a amplitude, a permanência, a exatidão da violência que é solicitada; é a inquietação com todos os distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regime austero (...)”* (Foucault, 1985: 46). Seria o que ele chamou de *“cultura de si”* e que, segundo seus dados, estaria fortemente presente na cultura grega. O cuidado de si envolvia, por um lado, um rigoroso treinamento e constituição corporal; e por outro, o cuidado com a alma, realizado através da filosofia. Em Epicteto encontramos, segundo Foucault, a mais alta elaboração filosófica deste tema: o ser humano é definido nos diálogos como o ser a quem foi confiado o cuidado de si. *“Coroando com razão tudo o que já nos foi dado por natureza, Zeus nos deu a possibilidade e o dever de nos ocuparmos conosco. É na medida em que é livre e racional que o homem é na natureza o ser a quem foi encarregado do cuidado de si mesmo”* (Cf. M. spanneut, *“Epiktet”*, in *Reallexikon für Antike und christentum*).

O cuidado de si, para Epicteto, é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade, mas ao mesmo tempo obriga-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda nossa aplicação. É enquanto mestre dos cuidados de si que Sócrates apresenta-se aos seus juízes: Deus mandou-o para lembrar aos homens que eles devem cuidar, não de suas riquezas, nem de suas honras, mas deles próprios e de suas almas. Assim, para os Epicuristas, a filosofia deveria ser considerada como o exercício permanente dos cuidados consigo. E cuidar de si significava manter o corpo e a mente em constante exercício, aspecto ressaltado também por Sennet (1997), para quem, na Grécia Antiga, cidadania, nudez e corpo em forma eram indissociáveis: *“A Grécia Antiga civilizada fez de seu corpo exposto um objeto de admiração. Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exhibir-se confirmava sua dignidade de cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez”* (Sennet, 1997: 30).

O autor comenta também que as figuras escavadas em pedra nos “mármore de *Egin*”, no *Parthernon*, retratavam pessoas jovens, exibindo corpos perfeitos e nus. A nudez tinha total relação com a forma como os gregos concebiam o corpo, em especial o masculino, que por ter a possibilidade de gerar e manter calor, não necessitava de roupas. Para os gregos, um corpo musculoso nunca estava totalmente nu. Mas para que o corpo e a própria alma se mantivessem aquecidos, duas práticas eram fundamentais: a primeira, exercitar o corpo nos ginásios; e a segunda, aquecer a alma e a fala através da filosofia e da oratória: “*O ginásio modelava o corpo dos rapazes na última etapa da adolescência, quando a musculatura começa a pressionar a superfície da pele, mas as características sexuais secundárias, especialmente a barba, ainda eram pouco evidentes. Esse momento do ciclo da vida parecia ideal para estabilizar o aquecimento corporal dos músculos*” (idem, *ibidem*: 41).

Sennett também afirma que “*o ginásio ateniense ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a pólis, e que pertencia à cidade*” (idem, *ibidem*: 42).

Foucault retoma esta discussão, questionando se a cultura de si desenvolvida no mundo helenístico grego e romano seria reflexo de um individualismo, que confere cada vez mais espaço aos aspectos privados da existência, aos valores da conduta pessoal e ao interesse que se tem por si próprio. Para ele, a resposta seria paradoxal, já que a própria noção de individualismo por vezes deixa de contemplar questões centrais e é indiscriminadamente usada para realidades diferentes. Segundo o autor, quando se fala em individualismo, convém distinguir três coisas:

1) a atitude individualista, caracterizada pelo valor absoluto atribuído ao indivíduo e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence;

2) a valorização da vida privada (relações familiares, atividades domésticas e interesses patrimoniais);

3) a intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação.

Sua conclusão é que “*as exigências de austeridade sexual que foram expressas na época imperial não parecem ter sido a manifestação de um individualismo crescente. Seu contexto é antes de tudo caracterizado pela cultura de si*” (Foucault, 1985: 48-9). Se a isto acrescentarmos que o cuidado de si não requer apenas uma atenção difusa, mas todo um conjunto de ocupações, de labor, requerendo, principalmente, a comunicação com o outro, percebemos que, de fato, a cultura de si não constitui um exercício de solidão, mas uma

prática social: *“O princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber”* (Foucault, 1985: 50). Ela tomou forma em estruturas institucionalizadas, que contavam com autoridades reconhecidas, que, por estarem mais avançadas, conduziam os neófitos na prática dos exercícios, da mesma maneira que fazem os instrutores de ginástica e os personal trainers da atualidade. Wacquant também salienta este aspecto normalizador do comportamento quando descreve a academia de boxe: *“O pugilismo é um conjunto de técnicas, no sentido que lhes atribui Mauss, isto é, de atos tradicionalmente praticados por sua eficácia, um saber prático composto de esquemas imanentes à prática. Disto resulta que o ato de inculcar as disposições que formam o boxista relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo, a uma socialização particular da fisiologia, em que o trabalho pedagógico tem por função substituir o corpo selvagem por um corpo acostumado, quer dizer, temporalmente estruturado e fisicamente remodelado segundo as exigências próprias do campo”* (Wacquant, 2002: 79).

Isto nos coloca diretamente no cerne da questão. Já foi dito anteriormente que falar em corpo nos remete à tensão entre liberação individual, expressa entre outras coisas no cultivo de si e na possibilidade de construir a seu modo o corpo perfeito, e os mecanismos de sujeição, que podem ter se deslocado de seus cenários mais tradicionais para ocupar seu lugar no controle do corpo do indivíduo. Tanto Foucault quanto Sennett apontam para os perigos desta cultura exarcebada de si: *“E, finalmente, o ponto de chegada dessa elaboração é ainda definido pela soberania do indivíduo sobre si mesmo; mas esta soberania amplia-se numa experiência onde a relação consigo assume a forma não somente de uma dominação, mas de um gozo sem sentido e sem perturbação”* (idem, *ibidem*: 72). Já Sennett aponta para os perigos de modelos rígidos de perfeição corporal, que se por um lado integram o indivíduo nos códigos culturais de sua cultura, também excluem os demais: *“Imagens ideais do corpo humano levam à representação mútua e à insensibilidade, especialmente entre aqueles que possuem corpos diferentes e fora dos padrões. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente ‘o corpo’, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se encaixam no paradigma”* (Sennett, 1997: 22).

Se por um lado as práticas de transformação corporal, atreladas ao hedonismo, parecem caminhar no sentido do individualismo, é também inegável que elas são indissociáveis de condutas civilizadoras, pois no âmago da promessa de libertação do corpo, interiorizam-se novas normas e estratégias de controle. Se somos livres para construir nossos corpos e nos transformarmos na pessoa que queremos ser, também estamos sujeitados moralmente e aprisionados pela ditadura do corpo perfeito. Rompemos com os espartilhos do passado, queimamos sutiãs na década de sessenta, mas hoje é o próprio corpo, modificado por cirurgias plásticas e por exercícios que se impõe ao olhar como rígido, duro, de formas cuidadosamente contidas por um lado, e exarcebadas, por outro. Foucault (1979) afirma que *“Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do próprio corpo...tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor”* (Foucault, 1979: 146).

O culto ao corpo que estamos vivenciando hoje, ao meu ver, atesta este paradoxo: quanto mais proclamamos e somos seduzidos pela ideologia de que ter um corpo perfeito é fundamental na constituição da nossa auto-estima e identidade, sendo um reflexo da nossa possibilidade e direito de nos ocuparmos conosco mesmo, mais mergulhamos nas coerções estéticas de nossa época, como atestam, entre outros fenômenos, a obsessão com a magreza, a multiplicação de dietas, de revistas que proclamam a boa forma, a disseminação de cirurgias plásticas e de lipoaspiração, as técnicas de rejuvenescimento...Ou, como diria Mulher 66:

“Uma coisa que me chama atenção em Los Angeles, você vai a um restaurante, Hollywood está lá, é ridículo, são três alfaces no prato e meu marido pagou uma fortuna, mulheres super malhadas, cabelo sempre arrumado, não tem uma ruga, é como se não tivessem idade, só que pra mim, isto não é vida. Se cada ruga que a mulher tivesse ela pudesse pintar de uma cor e isto a valorizasse, quando a gente estivesse toda pintada, que interessante seria...mas aqui na Companhia Atlética, o culto ao corpo é o culto da mulher desejada... A gente vê isso nas conversas do banheiro, na balança que todas olham.” (Mulher 66, 44 anos).

Foucault já ressaltava, pelo menos desde a década de 1970, que para fazermos uma genealogia da moral moderna seria preciso fazer uma genealogia do corpo: *“Trabalhos nesta linha visam mostrar a diferença entre as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças do regime político ao nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e da mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, perpassando a vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder”* (Foucault, 1978: 198). Para Foucault, os poderes da sociedade moderna não estariam localizados em nenhum ponto específico da estrutura social, mas sim diluídos como uma rede de dispositivos que não permitiriam escape. A disciplina seria como um mecanismo difuso, mas altamente eficaz, que permitiria, entre outras coisas, o controle minucioso das operações do corpo, assegurando a sujeição constante de suas forças e lhes impondo uma relação de docilidade-utilidade: *“Através da exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... Mas seja magro, bonito, bronzado!’* (Foucault, 1979: 146). No cerne das técnicas disciplinares, estão quatro estruturas: o controle do tempo, o tipo de organização dos espaços, a vigilância constante e o registro contínuo dos conhecimentos (para que, ao mesmo tempo em que o poder seja exercido, também se constitua um saber).

Todos os mecanismos descritos acima são visíveis no universo dos *bodybuilders*, tanto no que se refere ao corpo “malhado” quanto no tocante ao corpo extremamente magro que também prolifera em tempos do culto ao corpo.

Controlar o tempo é fundamental para a construção do corpo perfeito: é preciso observar uma frequência à academia, tanto em termos de dias da semana quanto das horas destinadas à atividade física. Os instrutores também ressaltam que é preciso respeitar intervalos entre as séries de exercícios e se dedicar às atividades aeróbicas por pelo menos 40 minutos. Em termos de distribuição espacial, as academias consideradas de ponta (“Companhia Atlética”, “Runner”, “Fórmula”, “Bioritmo”, etc) têm investido na visibilidade dos espaços, fazendo uso de vidro e estruturas metálicas (como as galerias do século XIX, tão bem descritas por Benjamin (1995)). Esta visibilidade cumpre várias funções: mostrar ao público de fora deste circuito a imagem de corpos em construção, atestar o *status* de uma parcela da população que pode despender tempo e dinheiro para cuidar do corpo, reforçar o

próprio culto ao corpo, mas também visa o controle das atividades. Pelo vidro é possível ver o que o interior esconde, perceber se os frequentadores estão desempenhando corretamente as atividades, ou o mais comum: os próprios *bodybuilders* se olham de soslaio, como se estivessem apenas flanando o olhar, mas não nos enganemos, pois eles observam cada detalhe da performance do outro, através dos espelhos, comparam resultados, comentam (geralmente mal) daqueles que não parecem atentos ou disciplinados o bastante. Algumas entrevistadas, por sinal, percebem esta competição e criticam o culto ao corpo por levar a esta necessidade de estar sempre bem fisicamente e, de preferência, melhor que o outro:

“Vou pra academia porque tenho que ficar com o biceps do tamanho do mundo, e... Eu acho que as pessoas estão exagerando demais então... Hoje se submetendo a faca a... Passar por cima de qualquer pessoa, passar por cima de tudo pra ficar melhor do que a outra” (Mulher 61, 29 anos).

“Demais. Mas aí que tá, se você faz pra ficar bem consigo, você quer ser a melhor em Pilates, aí eu ainda acho que é meio esportiva a coisa, mas não uma coisa em que as pessoas ficam radicais, tomam tudo. Eu não gosto de ser fanática em nada, eu não sou fanática nem politicamente, nem religiosamente, eu respeito muito o redor, eu tento ver os dois lados (Mulher 56, 57 anos).

“Não é uma coisa espontânea, eu acho que isto é que está faltando no ser humano de hoje (...) ninguém sabe mais quem é, todo mundo é igual, (...) eu até brinquei com a minha irmã outro dia, a gente chegou numa loja, a minha irmã é loira. Cabelo chapinha. Você olha de fora, você não sabe quem é quem, e todas são iguais, usam jeans, camiseta, saltinho, silicone, jeans (...) não sei se isto é uma falta de personalidade, não é possível que todo mundo seja igual, entendeu? Não é possível” (Mulher 51, 34 anos).

Também observam os alimentam ingeridos pelos outros e por si mesmos, numa contagem de calorias que beira o surrealismo (muitos andam com cadernetas onde listam a quantidade de margarina posta no pão - ambos *diet*, é claro -, colheres de açúcar, balas ou chicletes, enfim, tudo o que foi consumido no dia). Como se não bastasse, já foi dito que é moda nas academias que o *bodybuilder* receba uma espécie de chave eletrônica que deve ser inserida nos equipamentos de musculação e ginástica e que contém todas as informações do que a pessoa tem que fazer naquele dia, incluindo o número de séries, de repetições e até o grau de potência correto. Se qualquer um destes elementos for burlado, fica registrado na chave. No final de um período de três meses, um dos instrutores acessa os dados e conversa com o aluno a respeito de sua performance. Será que estamos muito distantes do panóptico de Bentham, descrito por Foucault?

Nesta “gaiola de ferro”, os sentidos da busca do corpo perfeito misturam-se e até mesmo se opõem, enveredando ora pela realização pessoal, ora minando-a, como veremos a seguir.

6.2.2 - PERIGOS DO CULTO AO CORPO: A PERDA DA IDENTIDADE, DISTÚRBIOS ALIMENTARES E ESPELHAMENTOS.

a) A PERDA DO EU: IDENTIDADE OU IDENTIFICAÇÃO

Outras entrevistadas também alegam que seus principais motivos de crítica ao culto ao corpo estão ligados ao perigo de se perder a identidade em função da necessidade - mais do que da opção - de ser belas e de terem que se submeter a ideais estéticos estanques:

“Eu não sei se beleza é isso, porque eu não considero isso uma beleza, acho que ser bela é você estar se sentindo bem, entendeu? Às vezes ela não está se sentindo bem, mas a sociedade quer que ela fique daquela forma, então acho que isso pra mim não é beleza. Eu acho muito feio esta coisa de botox. Hoje em dia as pessoas mudam a boca, as pessoas mudam a testa, mudam a, a orelha, sabe, eu acho que não deve ser assim” (Mulher 61, 29 anos).

“Pra conquistar um corpo perfeito... Eu vi uma vez aquelas aplicações pra fazer colágeno nos lábios. É uma dor... Algumas rugas a gente deve aceitar... Eu acho que a gente deve aceitar um pouco que o tempo vai passando, isso é parte da vida. É uma luta contra isso... Eu acho que você tem que envelhecer bem, ter uma postura bonita, eu acho que isso é mais válido do que um monte de...de uma cara. Eu acho que as pessoas perdem a noção do que é estar bem. Eu acho que uma pequena plástica é uma coisa, agora se transformar, se deformar, não vale a pena (...) A maioria das pessoas vão à clínica de bronzeamento, se bronzeiam sem a menor noção do que isso pode ocasionar. Eu vi numa reportagem perguntando se a pessoa sabe que pode causar câncer e ela disse: “eu não tô nem aí, eu quero ficar bronzeada, eu quero ficar bonita”.” (Mulher 7, 39 anos).

Esta fala, além de apontar para a padronização, sinaliza também que, em nome da beleza, as mulheres estão incorrendo em procedimentos como o bronzeamento artificial, que estão na contra-mão da saúde, o que corrobora ainda mais que a saúde é mais uma desculpa para os tratamentos, que têm por finalidade real a estética.

Ainda com relação à possível perda de identidade gerada pelo culto ao corpo, temos as seguintes falas:

“Eu acho que as pessoas estão perdendo a identidade mesmo, a idéia é a padronização, você sai à noite você vê as menininhas, todas de 20 anos vestidas iguais, o cabelo é igual (...), fisicamente também, a vontade de ter aquele perfil idêntico, eu acho isto lamentável, porque a gente perde muito sendo todo mundo padronizado, todo mundo igualizado (...) se você começa a querer ser tudo igual, padronizar tudo, você perde a possibilidade da diferença que é muito enriquecedora” (Mulher 35, 36 anos).

“Você perde a personalidade, você perde um pouco, ou total. Eu, na época que eu fui pra academia, me sentia toda gostosinha, e fui bem desejada por ele [pelo namorado], mas depois eu vi que era uma relação muito vazia, e se a gente pensar só no culto ao corpo eu desisto dessa relação. Eu sou escrava de fazer a mão, de estar com o pé em ordem, agora de ficar cultuando o corpo eu não sou mais escrava, o que me incomoda eu tento por no lugar, mas não sou mais escrava disto” (Mulher 53, 29 anos).

“Eu acho que a tendência é perder [a identidade], aí você tem que (...) fazer é um trabalho mais intelectualizado pra enxergar esta manipulação. A gente tem uma manipulação muito intensa hoje em dia, do que ler, do que pensar, como agir, existe a tendência a massificar, é mais interessante politicamente, é mais confortável pra quem vende.” (Mulher 23, 48 anos).

Neste sentido, o culto ao corpo sempre jovem e belo passa a ser perigoso. Ele anula a possibilidade da diferença, pois proclama a altos brados que ser bela hoje é ser magra, alta, jovem, de cabelo loiro e liso, com a pele sem rugas e o corpo malhado. Concordo plenamente com Del Priori, que alerta: *“Mal se percebe que nossa sociedade valoriza não a identidade, mas a identificação”* (Del Priori, 2000: 81).

Ou, como diria uma das entrevistadas, Mulher 21:

“É um mundo de competitividade, e é coisa de...é assim: ficar parecido, ficar igual, padronizar e também competir, acho que as duas coisas vem juntas e vai depender do objetivo em si, da deslocalização de uma pessoa, se ela vai usar mais uma ou outra.” (Mulher 21, 44 anos).

Lembremos que Lévi-Strauss (1993) reforça os perigos do mecanismo de identificação, discutidos primeiramente por Rousseau, *“porque para conseguir aceitar-se nos outros (...) é necessário, primeiro, recusar-se em si mesmo”* (Lévi-Strauss, 1993: 44). Quando nos colocamos como os únicos modelos possíveis, negamos a humanidade aos que não são como nós. O culto ao belo opera mais um mecanismo de discriminação numa sociedade já repleta de desigualdades em todos os níveis, como é a nossa. Ser “malhada” passa a ser normal, e “não-malhada”, o desvio. E entre as mulheres pesquisadas, que fazem parte da geração *yuppie*

pós anos 80, o desejo é ser aceita, integrada, e não desviante. Assim, a mulher passa a aceitar sem muitas críticas o modelo de culto ao corpo. São poucas aquelas que, nas palavras de Mulher 30:

“Têm uma graça divina que não se deixam tocar por isso”.

Esta fala aponta para algo interessante: embora a escolaridade possa ter alguma influência na possibilidade de se enxergar a manipulação, não resolve o problema porque podemos até perceber que o culto ao corpo fragmenta o homem, o manipula, mas não escapamos disto:

“A gente não escapa do processo de fragmentação do homem. De jeito nenhum. Você faz parte do processo. Está é a sua humanidade e a sua modernidade. Você é bombardeada por isso, sabe que isso acontece, mas você não tem como se abster disso” (Mulher 30, 51 anos)

Durante o Mestrado⁷⁴, várias vezes, defrontei-me com outro tipo de culto, o da informação. Ao discutir a questão da discriminação e do estigma relativos a portadores de deficiências físicas, ouvi inúmeras vezes que a solução para o fim do preconceito era simples, bastava investir na informação. Acreditava-se piamente que o preconceito era resultado apenas da falta de informação e que se as pessoas “comuns” convivessem com portadores de deficiências e tivessem mais conhecimento sobre eles, os integrariam sem estigmatização. Como seria bom se fosse tão fácil. Não se percebia que as idéias, preconceituosas ou não, estavam fortemente incutidas na visão de mundo das pessoas que, por anos, foram socializadas nesta cultura, cresceram ouvindo que havia padrões corporais de “anormalidade” X “normalidade”.

O mesmo ocorre com o culto ao corpo e com uma de suas veredas mais alarmantes, a anorexia e a bulimia. Como veremos, dentre as mulheres vitimadas por distúrbios alimentares, temos universitárias das mais diferentes áreas do saber, de línguas, educação física e psmem, de nutrição. Todas sabiam⁷⁵ que se alimentar bem é fundamental, conheciam os distúrbios, mas diante da supremacia dos modelos, no plano individual, acabaram incorrendo nos erros que combatem no plano público dos discursos, o que nos leva á algumas considerações.

⁷⁴ Dissertação de mestrado *“A projeção da deficiência”*, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, FFLCH, USP.

⁷⁵ A frase é no passado mesmo pois uma das mulheres faleceu por causa da doença, antes do término deste trabalho.

Primeiro, que a modernidade só pode ser pensada nas contradições que lhe são inerentes – desejo de mudança X permanência; crítica ao consumo X consumismo desenfreado; hedonismo X disciplina – e o culto ao corpo não escapa disto. Podemos então criticar esta supremacia do corpo, bradar pela necessidade (real) de desnaturalização dos padrões corporais, alertar sobre suas conseqüências nefastas – alienação, padronização das diferenças, exclusão social – mas será que de fato e sinceramente, escapamos totalmente dele? Será que honestamente podemos ser críticos tenazes daquilo que nos bombardeia de forma tão direta, seja na mídia, nas relações afetivas, seja em qualquer outro contexto em que o corpo e rosto belos e esculpidos nos são apresentados como fetiches?

Miriam Goldenberg (2004) coloca a questão acima com muito bom humor, ao falar da sedução do objeto. Löic Wacquant (2002) não escapou á sedução do boxe e, ao fazer uma etnografia sobre uma academia de boxe nos E.U.A., transformou-se em “nativo”. Outro exemplo que ela cita é de uma orientanda que pretendia estudar e criticar os concursos de *misses* no Rio de Janeiro e acabou não só participando dele, mas sendo escolhida como “*miss cidade do Rio de Janeiro*”. Este dilema de tentar pensar criticamente algo que nos incomoda, mas que para nosso susto, nos atinge, foi vivido pela própria Goldenberg, que se propôs a estudar e criticar o atual culto ao corpo e que até a publicação de um de seus livros, Nu e Vestido (2002), “*nunca tinha ido ao dermatologista, usado hidratante, filtro-solar e outros procedimentos tidos como básicos*”, mas que teve sua primeira ida ao dermatologista (em função das exigências do campo) transformada “*em uma cruel iniciação nesta cultura de culto ao corpo (...) o especialista, ao me examinar, disse categoricamente: ‘Por que você não faz plástica para tirar o excesso das pálpebras? Por que não coloca preenchimento nos sulcos ao redor dos lábios? Você vai rejuvenescer dez anos!’ Seu tom imperativo me soou como uma verdadeira acusação: ‘Por que você não quer ficar dez anos mais jovem? Você é culpada por estar envelhecendo!’ Durante quase um ano vivi o dilema: faço ou não faço plástica? Coloco ou não preenchimento nos sulcos dos lábios? Botox ou não botox na testa? ‘Ser jovem, magra e bela!’, o imperativo categórico de nossos dias. Tornei-me uma verdadeira nativa desde então, aprisionada por um determinado modelo de corpo. Uma leve esquizofrenia tomou conta de mim no início deste século XXI. Se, de um lado, analiso e critico o atual culto ao corpo, de outro passei a ser uma fiel consumidora de caros produtos dermatológicos (provavelmente ineficazes) e muitíssimo preocupada quando a balança anuncia um quilo a mais.*” (Goldenberg: 28/29).

Mesmo dentre as minhas entrevistadas, duas delas, muito críticas frente ao culto ao corpo, pensam em ceder à tentação da plástica (Mulher 21 e Mulher 23). Uma delas, diz “*não*

sei por quanto tempo eu vou resistir à plástica” (Mulher 45, 43 anos). Outras dizem que não se deveria dar tanta importância à beleza, mas “infelizmente este é o padrão” (Mulher 10, 18 anos). Eu mesma, que neste exato instante escrevo esta tese, percebo todos estes mecanismos, até os analiso e questiono, mas sou frequentadora assídua de academias de ginástica, faço regimes (quase sempre) e sonho com a lipoaspiração que, finalmente, me dará uma cintura de pilão.

Pode-se perguntar: trata-se de futilidade aderir a algumas exigências do culto à aparência? Segundo algumas entrevistadas, sim:

“É, eu acho assim, a gente tá vivendo uma fase que tudo está sendo a coisa da estética. O homem, o ser humano, é um ser estético, que busca o belo, isto desde que o ser é ser, mas a gente está vivendo uma coisa assim do superficial. Então este culto à beleza (...) a forma como está sendo cultuada pela mídia, pela sociedade, pelas celebridades, pela superficialidade, até rima, né, celebridades, superficialidade... A coisa da beleza é para as pessoas aparentarem esta casquinha, então a gente tá vivendo uma época de coisas plásticas. Nada natural, abaixo a natureza, realeza siliconizada, tudo plástico, tudo de mentira, é um mundo de borracha, e as pessoas também estão ficando assim!!” (Mulher 21, 44 anos)

“As pessoas ficam muito superficiais, acho que fica muito mais difícil abordar algum assunto mais profundo, porque elas estão extremamente ligadas ao corpo, à estética, ao físico, acho que são pessoas que têm uma falsa felicidade, pessoas que não estão bem consigo mesmo, que não têm relacionamentos profundos. Eu vejo que estas pessoas são superficiais, a gente não pode contar com elas em situações difíceis, são colequinhas, vamos dizer assim, não são amigas” (Mulher 51, 34 anos).

Embora eu concorde com estas falas e também considere que quando a aparência física passa a ser tudo na vida, em detrimento do espírito, do prazer de sentar à mesa com os amigos e se faltar de tudo que for bom e engodativo nos colocamos em risco, não acredito que todas que enveredem por este caminho sejam superficiais. A questão, por passar pela construção da identidade, da auto-estima e da aceitação, é muito mais complexa. Ainda mais porque, como vimos, para as mulheres, a auto-estima associa-se à identificação com o modelo de corpo padrão sugerido pela mídia, sendo, portanto, padronizada, em vez de ser específica a cada pessoa. Como afirmei e sustento, podemos perceber e criticar o processo, mas nem sempre escapamos dele. Ter um corpo considerado feio, num cenário onde a feiúra exclui, não é muito confortável. Podemos alegar que isto não nos interessa, que preferimos ser únicos em nossa beleza, inteligentes, sensíveis, espiritualizados. Mas o olhar do outro vai nos dizer “tudo bem, seja isto **também!** Mas te custa muito cuidar um pouco da aparência?”. Acho que

chegaremos a ponto de constituirmos, os “não-malhados, não siliconizados”, uma contracultura, até mesmo um gueto. E se optarmos por esta via, teremos que assumir todas as vantagens e também os ônus inerentes a nadar contra a maré.

b) O CULTO À MAGREZA: OS DISTÚRBIOS ALIMENTARES

Outra crítica ao culto ao corpo vem da Mulher 21 e caminha no sentido de se definir a magreza como referencial de beleza. Segundo ela, as indústrias da moda, aliadas à mídia, fazem com que cultuemos um corpo esquelético, que, para ela, é vendido como belo, mas na verdade não o é:

“Eu assisti um desfile da “São Paulo Fashion Week”, com a minha irmã; a menina mais gorda, pegando o meu braço, que eu tava magrinha na época, a coxa dela, não chegava a 70%, do que é o meu braço na parte superior, eu olhava pra aquilo, as meninas pareciam de cera e meninas assim de 13 (...). Eu fiquei olhando (...) e prestando muita atenção no comentário das pessoas que estavam sentadas, jovens, eu tô na faixa dos 40, pessoas mais jovens falando que aquilo era ridículo. É impressionante como as pessoas, na intimidade, elas tem este discernimento, mas quando elas vão pra a coletividade elas querem ser borrachas, o belo plástico, o belo fabricado. Então é um culto hipócrita, no social todo culto é hipócrita, na intimidade ele é verdadeiro” (Mulher 21, 44 anos).

Entre aqueles que optam pelo corpo extremamente magro (principalmente as mulheres), também podemos perceber os complexos mecanismos que, ao mesmo tempo em que liberam, também aprisionam os sujeitos em formas corporais rígidas.

O culto à magreza inicia-se já nos primórdios do século XX, embora se potencialize a partir da metade do mesmo e tenha seu auge a partir dos anos de 1980, momento em que o culto ao corpo e os modelos corporais a ele associados ganham maior visibilidade.

Para Philippe Perrot (1984), a mulher magra foi mais do que uma moda, foi o desabrochar de uma mística da magreza, uma mitologia da linha, uma obsessão pelo emagrecimento, tudo isso temperado pelo uso de roupas fusiformes (Philippe Perrot, Lê travail dês apparences ou lês transformations du corps féminin XVIII-XIX siècle, Paris: Seuil, 1984, pp 196/7, *apud* Del Priori, 2000: 66).

Como vimos anteriormente, esta mística da mulher magra vem da Europa e é indissociável do ingresso feminino no mundo do exercício físico, seja sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas aulas de dança, e isto já nos anos de 1920. O corpo deveria ser esbelto, leve e delicado. Inicia-se a perseguição e desprestígio do *embonpoint*, os quilos a mais, ainda que discretos. Começamos a fase, segundo Lipovetsky (1997), da cultura lipófoba, o horror a

tudo que é mole, relaxado, gordo. Ser magra passa a ser sinônimo de ser ágil e de ter controle sobre o seu corpo, elementos fundamentais da modernidade. E como é impossível exercitar-se com roupas muito elaboradas, como anquilha e espartilhos, o corpo fica mais exposto e visado do que a moda. A ditadura da moda se desloca para o corpo: moda e corpo foram variando, ao longo do século XX, na razão inversa, ou seja, quanto mais a moda se pluralizava em diversos estilos e tendências, mais o corpo se fixava em um novo ideal, o da magreza. Ao longo do século XX, esta tendência é crescente. Década após década o padrão de magreza é mais exigente. As estrelas do cinema dos anos 40/50 são mais gordas, mais redondas do que as da era Twiggy, e pós anos 60, mais retilíneas.

Nesta busca das mulheres pela magreza, dois tipos de distúrbios alimentares têm entrado em cena nos nossos dias: a bulimia e a anorexia. Tais distúrbios passaram a ser mais conhecidos após terem afetado pessoas famosas ou que estavam em evidência na mídia. A princesa Lady Diana, a princesa Victória da Suécia, uma das participantes do *Big Brother Brasil* (Leika), a cantora do grupo americano “*The Carpenters*” são alguns dos exemplos mais conhecidos.

Figura 15 - Anorexia

Um outro exemplo veiculado pela mídia foi de Melaine Antunes Bosi, que, em 1997, com quinze anos, 1m61, deu entrada no Hospital das Clínicas de São Paulo, pesando apenas 30 quilos. Foi o desfecho de um regime altamente restritivo, iniciado quando Melaine, então com 18 anos, resolveu perder quatro dos seus 48 quilos, para “*ficar como as modelos das revistas*”. Aliando dieta com excesso de exercícios, Melaine esteve perto da morte e fala a respeito dos efeitos colaterais da magreza extrema: “Eu já não tinha gordura alguma no corpo. Vivia com frio e fraqueza. Perdi até o cabelo”.

A anorexia seria um “*Distúrbio de personalidade que se manifesta por extrema aversão ao alimento, que resulta em perda de peso que chega a ameaçar a vida e em geral ocorre nas mulheres jovens. É considerada uma enfermidade histérica, porém às vezes se assemelha ou precede uma psicose. A mulher vitimada pela anorexia nervosa acaba obsessiva pela magreza extrema, deixa de comer e pode vir a falecer.*” (Stedman, 1979⁷⁶).

⁷⁶ O artigo não consta da bibliografia, pois, lamentavelmente, foi perdido pela pesquisadora e foi impossível localizá-lo. Foram mantidas, no entanto, suas informações, pertinentes ao escopo desta pesquisa.

A bulimia é outro distúrbio alimentar e leva a pessoa a ingerir em uma refeição enormes quantidades de alimentos para depois, sentindo-se culpada, vomitar ou fazer uso de laxantes, o que, além de desequilibrar o metabolismo, pode, em casos mais graves, levar à morte por ruptura do estômago.

Também já foi ressaltado em uma matéria jornalística que as dietas rígidas, a partir de uma semana, podem causar danos cerebrais irreversíveis, afetando principalmente a memória e o raciocínio, já que comprometem de modo irreversível o córtex cerebral. (Jornal Nacional, 12/10/2002). Outra reportagem (Ciência Hoje, vol.28, número 164, setembro de 2000) salienta que os distúrbios alimentares vêm alcançando índices epidêmicos e são responsáveis pelo maior número de mortes entre todos os distúrbios psíquicos conhecidos. Em cada grupo de dez pessoas doentes, uma se suicida ou morre em virtude de parada cardíaca e desnutrição. É ressaltado também que a maioria dos pacientes vitimados pela anorexia nervosa evita alimentar-se em público, contabiliza as calorias das refeições, faz exercícios compulsivamente e mantém o peso corporal bem baixo. O perigo está no fato da pessoa portadora de anorexia enxergar-se de forma distorcida, achando-se sempre gorda.

A psicóloga Maria de Lourdes Kalil (na reportagem acima citada) afirma que geralmente as mulheres vitimadas pela anorexia nervosa são adolescentes, geralmente de classe social mais alta e apresentam características psicológicas como ansiedade, depressão, descontrole emocional e físico, intolerância à frustração, humor lábil e baixa auto-estima. Para ela as causas do distúrbio são múltiplas, incluindo fatores ambientais, genéticos e, sobretudo, comportamentais: “*A pressão de uma sociedade cada vez mais competitiva, o estresse e experiências de vida traumáticas, associadas ao culto do corpo perfeito, têm levado muita gente, a maioria mulheres, a maltratar seu organismo, seja passando fome ou comendo em excesso*”⁷⁷.

Queiroz e Otta (2000) citam uma pesquisa norte-americana que indica que entre as universitárias, 30% sofrem deste mal. A mesma pesquisa revela que os casos de anorexia nervosa correspondem a 90/95 % dos distúrbios alimentares registrados. No entanto, este ainda é um tema tabu: quem sofre de anorexia tende a esconder dos outros e a negar a si mesma a doença, muitas temem não ser compreendidas ou serem julgadas fúteis, já que, aos olhos da maioria, estariam abrindo mão da comida por meros motivos estéticos (e isto num país de famintos não é bem visto). Percebi também na pesquisa que as pessoas que não sofrem da doença ou não convivem proximamente com pessoas portadoras de anorexia tendem a

⁷⁷ Idem à nota anterior.

considerá-la apenas como um transtorno psicológico, desconhecendo as implicações sociais que levam a este distúrbio.

Outro dado importante é que 56% da amostra conhecem pessoas com estes distúrbios e têm alguma história para contar a respeito:

Gráfico 39 - Conhecimento de pessoas com Distúrbio Alimentar.

As entrevistadas comentam sobre isso:

“Tem uma amiga minha da faculdade que teve bulimia, (...). Você tem que ter muita personalidade pra não cair neste mundo (...). Tinha época que ela, chorando, ia pro banheiro e punha o dedo na garganta, ela não queria fazer, mas pra ela, já era instintivo (...). Ela é super magra, mas ela fica falando ‘Ah, eu sou gorda, eu sou gorda’, é uma coisa que não tem muito sentido, a pessoa fica abalada psicologicamente, precisa de tratamento.” (Mulher 4, 18 anos)

“Eu tive uma amiga minha, que jogava vôlei profissional comigo e ela se achou gorda, aí ela começou a comer e ia ao banheiro e induzia o vômito, em seis meses ela virou um palito e teve que abandonar o vôlei, porque ela não tinha mais condição de treinar, perdeu a força, ficou anêmica (...).” (Mulher 16, 36 anos)

“Minha prima com 12 anos, ela ficou magra, muito magra, ela só queria dançar na frente do espelho, e só queria ter o corpo perfeito sempre achando que tava com uma barriguiinha a mais, chegou a levar em médico (...) para ela ouvir né que precisava se alimentar. Ela dizia tá bom e não comia nada, deixava o resto, a metade do nada e achava que tava bom. Ela é alta e queria ter o corpo de modelo. Era essa a intenção dela, era o modelo, ela sonhava com isso.” (Mulher 26, 18 anos).

“Eu sei de uma cunhada, ela chegou a fazer tratamento, porque ela sumiu. Tudo que ela comia ela vomitava, isto depois de muito tempo que a família começou a perceber, ela falava que só fazia regime, só que aí a gente começou a perceber que ela comia, depois de uns cinco minutos ela sumia, ficava no banheiro, isto causou um problema pra ela, de estômago, ela quase teve que fazer uma cirurgia por causa disto” (Mulher 32, 33 anos)

“Uma que eu conheço tem esse problema, ela era gordinha e a mãe começou a colocar: ‘Ninguém gosta de gente gorda, você não pode ser gorda! Pára de comer!’ a menina ia comer : ‘ Não coma!’ Resultado: essa menina com 20 anos ia parar no pronto-socorro, volta e meia por ser desnutrida. Hoje ela está com 34 anos e não consegue engravidar porque ela ficou com uma série de problemas. Então, se ela engravida, ela perde o bebê devido à desnutrição” (Mulher 39, 58 anos).

“Sim, é muito triste. Era uma amiga minha que nem era gorda, era assim, normal, só que assim, ela começou a pensar que ela tava gorda, começou a emagrecer, a fazer regimes malucos. Hoje ela tem a minha altura [1,67] e ela não pesa 40 Kgs e dá vergonha, antes ela ser o que ela era antes do que hoje, as pessoas olham pra ela e dizem ‘nossa, que menina feia’, horrível, chega assim, a pele grudar no osso, horrível. Começou por motivos estéticos, porque ela achou que não tava tão bonita, tão magra quanto ela queria ser.” (Mulher 41, 19 anos)

“Eu conheço, uma (...). Ela teve anorexia, então ela sempre cultuou muito ser magra (...) magro de mostrar os ossos, assim ela comia, sei lá, duas colheres de arroz, ela achava que ela estava mal, o que ela fazia, ela tomava um remédio pra emagrecer, ela forçava vômito, até um dia que ela passou mal, e essa minha amiga levou ela pro hospital (...). Ela ficou internada duas semanas numa clínica”(Mulher 49, 27 anos).

“Conheço com bulimia, a pessoa não quer buscar uma ajuda achando que não é uma doença (...). É amiga minha, ela não quer buscar ajuda achando que é uma coisa normal, ou que uma hora ou outra ela não vai mais fazer isto, ela come vai ao banheiro sempre tirar tudo que ingeriu (...). E anorexia a gente vê muito na academia, da gente saber que a pessoa é por causa da magreza, a pessoa acha que está gorda, e está cada vez mais magra, mais magra e não adianta você falar que a pessoa acha que não está doente e não procura ajuda, é muito raro a pessoa que busca ajuda, psicológica, terapeuta, médica, é muito raro” (Mulher 54, 26 anos).

“ Então, eu acho assim, que na adolescência isto é muito comum; quando eu estava no terceiro colegial, todo mundo era obcecado em fazer regime, eu estudava em colégio integral, então a gente almoçava no colégio, ficava sempre uma vigiando o que a outra comia e isto acaba mexendo um pouco com a sua cabeça. Você começa a perceber,

nossa, será que eu tô realmente gorda, será que eu preciso emagrecer, eu acho assim, pressão da mídia ou da família, o meu pai sempre falava que eu era gordinha, eu não gostava disso, então eu resolvi fazer uma dieta um pouco intensiva e você começa a perder um pouco o controle, começa a emagrecer demais”. (Mulher 6, 19 anos).

Percebemos nas falas que já há uma tentativa de interpretação das mulheres a respeito do problema. Listei brevemente alguns pontos significativos - distorção da própria imagem; ter muita personalidade para não cair neste mundo; cobrança pela perfeição; estética; mídia querendo que você fique igual às modelos; corpo de modelo; críticas da mãe; ter um padrão estético; se ver fora do padrão -, mas resolvi insistir na questão para ver se as mulheres tendem a considerar a anorexia somente como um problema psicológico ou se percebem que esta patologia, embora seja obviamente um transtorno psiquiátrico, é indissociável dos modelos estéticos que a nossa sociedade produziu. Duas entrevistadas apontaram a dificuldade de compreensão do problema por quem não o viveu; e a tendência perversa de julgarmos a pessoa, ou de simplesmente afirmarmos que se trata de problemas psicológicos:

“No trabalho, na faculdade inclusive a gente vê mulher com bulimia, bom, é como eu falei mais uma vez a gente volta a bater naquela mesma tecla do corpo e mente, é muito fácil a gente falar da bulimia e anorexia como as pessoas falam, uma coisa que “o meu deus, tão menina, que jeito, como ela pode fazer isto?” por favor, como se isto dependesse somente dela, gente, ha muita coisa por trás, entendeu. Não é fácil tratar uma pessoa com bulimia, precisa de tempo, dedicação, são pessoas que têm problema” (Mulher 58, 27 anos).

“Era uma amiga minha, assim, ela nem tá mais viva, ela morreu com quinze anos...de anorexia. e ela simplesmente...não queria mais...chegou num ponto que ela não queria mais viver e foi. Eu tenho um trauma assim, eu respeito, se a pessoa tem isso, não dá pra dizer assim, “ah, pirou”, porque não é fácil” (Mulher 62, 27 anos).

Questionei as entrevistadas sobre o que pensam da anorexia e da bulimia. As opiniões caminharam mais no sentido de uma percepção de que as mulheres vitimadas por estas doenças sofrem muita pressão da sociedade mais ampla e acabam não resistindo e fazendo de tudo para alcançarem os modelos corporais. As entrevistadas percebem que é um problema de difícil solução e que requer auxílio de especialistas. Muitas são solidárias com as mulheres vitimadas, procurando entender os motivos que as levaram por estes caminhos. Mas algumas entrevistadas também afirmam que estas mulheres têm uma personalidade fraca, pois se deixaram levar demais pelos padrões que a mídia impõe:

“Eu acho que este culto à perfeição do corpo, acaba levando pessoas mais inconstantes emocionalmente para este tipo de situação, eu acho que é um pouco de falta... falta de força de vontade, talvez um pouco de ignorância talvez, falta de apoio familiar, esta pessoa deve se sentir muito insegura pra chegar neste tipo de extremo” (Mulher 35, 36 anos).

“Se você acha que você está gorda, você tem que fazer regime e não simplesmente comer, comer e depois ir lá e por o dedo na garganta e vomitar (...) sabe, a gente precisa se esforçar, não é simplesmente optar pelo lado mais fácil” (Mulher 4, 18 anos)

Outras mulheres tentaram explicar a anorexia relacionando-a com o mecanismo de padronização do corpo e percebem sua vinculação com questões estéticas:

“Ah, a cultura da perfeição, com certeza, é o que leva muitas meninas a ficarem anoréxicas, buscam a perfeição e acabam perdendo o controle e esta perfeição vai mudando cada vez mais, sei lá, elas querem atingir um peso, 50 [kgs], e aí quando atinge os 50, não aceita, quer ir para os 48, cada vez menos, chega uma hora que perde total o controle e aí, ao invés de buscar a perfeição acaba atingindo uma coisa que não é normal” (Mulher 6, 19 anos)

“Eu acho que é esta ditadura da magreza e da beleza, sem dúvida. Eu nunca ouvi falar, nem quando eu era adolescente, nem da minha mãe se preocupar com o que eu comia pra não engordar” (Mulher 19, 51 anos)

“O problema é que a meninada, hoje em dia, está envolvendo com essas coisas de modelo esquelética, magrela, então ela quer isso, ela cresce com isso, aquela coisa extremamente top, que acaba de certa forma levando ao mal, a anorexia...” (Mulher 20, 33 anos)

“Eu acho que é a culpa é da mídia mesmo, de mostrar tanta mulher magra, perfeita, tudo no lugar, a pessoa pira, a pessoa que assim, cuida muito e tenta se espelhar em outra pessoa, como numa modelo, eu acho que fica muito neurótica, acho que a mídia influencia muito, revista, televisão, eu acho que é 100% da mídia” (Mulher 49, 27 anos).

“Eu acho que é a moda, essa coisa de TV, porque artista de TV tem 1,80m de altura e pesa cinqüenta, então ela é linda (...) Têm umas modelos que se sentem muito mal, só tão pelo trabalho, sabe? Então tem outras que se sentem super bem, querem emagrecer cada vez mais, mas eu luto pra fazer de tudo pra que a pessoa mude, sabe, a cabeça, mas eu acho que é isto que leva as pessoas, influência do dinheiro” (Mulher 61, 29 anos).

“Foi muito por motivos estéticos. Isso foi há dez anos atrás, mais até, 12 anos, mas ela tinha muito medo, porque os pais eram obesos, e ela tinha medo de ser como eles, então ela tava num mundo que ela não queria seguir eles, ela queria emagrecer e aí entrou num processo... Ela também não se gostava, se achava feia, muito. Foi bem complicado. Levaram ela embora um tempo, para o exterior, mas... Não teve jeito...” (Mulher 62, 27 anos)

É impressionante constatar que praticamente todas as entrevistadas apontaram para as mesmas questões, todas ligadas à influência da mídia em disseminar o corpo das modelos, em geral altas e magras, como um modelo de beleza para todas as mulheres. Como vimos, desde o início do século XX e principalmente em suas últimas décadas, estabeleceu-se no imaginário o vínculo entre magreza, beleza e felicidade. As modelos são a personificação viva desta construção simbólica e embora também passem por crises de toda natureza, irradiam uma áurea de *glamour*, dinheiro, parceiros bonitos, carreira, oportunidade de viajar... Elas sintetizam tudo que a beleza pode oferecer em termos de sucesso e felicidade. Embora humanas, imperfeitas e até insatisfeitas consigo mesmas, vendem a imagem da perfeição física. Não é à toa que as meninas crescem com o sonho de serem modelos (e os meninos, jogadores de futebol).

Também é preciso destacar a importância da moda, que cria roupas que só ficam bem em corpos extremamente esguios e tamanhos que diminuem de ano para ano e sujeitam as mulheres a estarem perfeitas de corpo para expô-los, e isto significa estar magra. Remédios para emagrecer, que num primeiro momento aparecem como temporários (apenas mais um recurso para acelerar a perda de peso), podem viciar e gerar desequilíbrio hormonal e mental, desencadeando a anorexia. A respeito da aparência e da moda Perrot comenta: *“Os diktats da moda comandam sua aparência, uma aparência cada vez mais interiorizada, indo das roupas às formas do corpo e à textura da pele”* (Perrot, 2005: 472).

As revistas “Boa Forma”, “Dieta Já”, “Pense leve”, “Corpo”, entre outras, fazem chamadas dramáticas incitando a perda de peso; os regimes, cada vez mais drásticos, proliferam e o controle alimentar é muito mais severo que no passado. Além do mais, ao estamparem em suas capas mulheres que se encaixam nos padrões corporais descritos, alimentam as representações do corpo “perfeito”, “bonito”, “modelo”, como podemos facilmente perceber examinando algumas imagens:

Figura 16 - Capas das revistas "Corpo", "Boa Forma" e "Dieta Já"

Olhando só as chamadas principais, escritas em letras maiores do que as outras, as expressões são, pela ordem das capas: “Barriga sequinha”, “Magra no inverno”, “Repita conosco: Vou emagrecer!”, “Você viu? Todo mundo está aumentando os lábios!”, “Eu quero

músculos”, “Malhação Mundial”, “Última chamada! Perca até 4 quilos em 5 dias!”, “Disciplina. Você têm? Quer ter? Conquiste a sua aqui”, “Mais tratamentos! Para endurecer, secar, esculpir” “Perca 5 Kgs por mês! Com a dieta do ciclo menstrual”, “Em 45 dias, 12 kgs a menos!”, “Emagreça 7 Kgs antes do verão.”, “Acredite: é você quem manda na sua fome!” .

Embora não possamos aqui fazer detalhada análise das mesmas, que fugiria ao escopo deste trabalho, podemos ver que alguns dos denominadores comuns são:

- O tom enfático das chamadas e prescrições só fez aumentar, à semelhança do que Elias notou na passagem da Idade Média para a Moderna, ao comparar os manuais de etiqueta. Os discursos se tornaram ainda mais imperativos e só a sua simples leitura, nos provoca um certo mal-estar, pois parecem nos dizer que, de fato, somos as únicas responsáveis por comportamentos desviantes da ética da malhação e do eterno regime.
- O padrão corporal é o mesmo eleito pelas nossas entrevistadas como o dominante nos círculos sociais e na mídia: a mulher “magra-malhada-siliconizada”. Sem barriga, não muito musculosa, mas com tônus muscular, seios grandes, bumbum empinado, cabelos bem tratados, rosto jovem.

A idéia de disciplina é constante, bem como a de que o exercício invade o mundo todo (afinal de contas, é a “malhação mundial”). Assim, não aderir a ela é questão de escolha.

Poderíamos citar indefinidamente outros exemplos, mas estes já nos dão boa idéia do corpo imaginário, vendido mensalmente através destas (e de outras) revistas, bem como da veiculação da fórmula mágica: “magreza = beleza = felicidade”.

Outro aspecto que nos auxilia a entender a preocupação com a magreza é que há uma intensa cobrança social, dirigida até mesmo às crianças, pela aquisição deste modelo corporal. Um relato de uma mãe cuja filha é um pouco mais cheinha, ilustra a questão:

“Os parentes dizem: ‘Diminui a quantidade de comida do prato dela’, ‘ela já tá gorda, você vai dar doces para ela!’... E ela só tem três anos de idade!” (Mulher 32, 33 anos)

Diante desta tirania da magreza, podemos entender porque mulheres com um peso “normal” se sintam gordas e queiram se livrar dos “quilos a mais” como quem se livra de um estigma. Segundo uma pesquisa do Hospital das Clínicas de São Paulo, a faixa de idade de meninas vitimadas pela anorexia caiu de 12-14 anos para 7-8 anos, momento em que a criança

ingressa no ensino fundamental. Isto se deve à comparação com as coleguinhas⁷⁸ e a maior capacidade de discernir os modelos, sem falar nos programas infantis, que também são apresentados por mulheres magras, malhadas.

Outro dado alarmante é que as interessadas em perder peso rapidamente podem se valer da *internet*, rede em que há comunidades que não apenas incentivam a perda de peso, mas defendem a bulimia e a anorexia como um estilo de vida e fornecem dicas, tais como: “pensar em coisas consideradas nojentas como cocô de cachorro na hora de comer”, para transferir o nojo para a comida; “não comece a tentar vomitar usando toda a mão, basta o dedo bem fundo na garganta”; “Você não deve comer sem se sentir culpada”; “Você não deve comer algo que engorda sem se punir depois”; “Ser magra é mais importante que ser saudável”; “Você nunca está magra demais. Ser magra é a coisa mais importante do mundo”; “Não engula, morda, mastigue e jogue fora”, e por aí vai. Há até apelidos carinhosos para as doenças: a anorexia é chamada de “Ana” e a bulimia, de “Mia”. Segundo duas revistas que divulgaram a existência destes sites, “IstoÉ” (25/10/2002) e “Veja” (11/02/2004), estima-se que no Brasil bulimia e anorexia afetem 100.000 adolescentes, dos quais 90% são garotas.

Algumas professoras de ginástica da Cia Atlética afirmaram ter notado um aumento do número de alunas portadoras de anorexia nos últimos tempos, embora isto ainda seja velado, as mulheres raramente assumem o distúrbio, o que eclipsa um pouco a questão:

“Olha, eu te falei de quatro, mas eu lembrei de mais um. Aumentou muito com relação ao passado, não de forma absurda, mas aumentou. Padrões estéticos, simplesmente, a gordinha é sempre aquela que vai ser colocada de lado, tem que ser magrinha porque este é o padrão de estética que a mídia exige, então algumas pessoas levam isso ao extremo e acabam sendo anoréxicas” (Mulher 2, 31 anos)

“Eu acho que tem acontecido mais, não é comum, mas eu tenho percebido mais” (Mulher 9, 27 anos).

Mas o que mais se destaca é que 10% das entrevistadas⁷⁹ (8 mulheres) assumiram ter anorexia ou bulimia:

⁷⁸ Segundo outra reportagem, veiculada na revista “Época” de 03 de novembro de 2003, a preocupação com a aparência tem crescido entre as crianças. A pesquisa foi realizada com uma amostra de 1.503 meninos e meninas de 6 a 11 anos das classes A, B e C de São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Belo-Horizonte pelo canal de televisão infanto-juvenil “Cartoon Network”. Entre as meninas, 65% são vaidosas, a ponto de só saírem de casa maquiadas e com unhas feitas. 44% delas teme ser gordinha e 14% consome produtos *diet* e *ligh* (numa etapa do crescimento em que a alimentação é fundamental para o bom desenvolvimento da criança). Uma das entrevistadas, de 11 anos diz que “todo mundo da turma repara quando alguém engorda”. Segundo o pediatra Gláucio Granja de Abeu, já são comuns casos de anorexia no seu consultório. O diretor da pesquisa Pablo Verdim afirma que “A pressão para seguir um padrão de beleza continua forte”.

Gráfico 40 - Possui distúrbio alimentar ?

Os depoimentos pertinentes à indagação foram dados, sobretudo os das mulheres que sofrem com estas doenças, sem exceção, com forte tom emocional, como se tocássemos numa ferida, que cicatrizada ou não, gera angústias:

“Eu já cheguei a ter um pouquinho, cheguei a ter doença, eu fingia que comia, mas não comia, pra emagrecer rápido, cheguei a ter a doença por causa disto, mas hoje...”
(Mulher 1, 30 anos)

“Sim, eu tive anorexia, depressão, bulimia, e isso atrapalhou todo o meu ciclo menstrual, minha alimentação, eu não comia mais muitas coisa que eu tinha que comer, minha pele ficou muito ruim, eu tive várias conseqüências por causa disto... [ela se emociona, o olho lacrimeja]. Mas aí eu acabei me prejudicando e depois de muito tempo eu passei a perceber que, meu, não vale a pena ficar tão magra, não tava tão bonito, eu tava com uma imagem distorcida.” (Mulher 6, 19 anos).

“E eu me achava gordinha, eu tive anorexia, hoje eu já não tenho mais, graças a Deus. Eu queria ser magra demais, trabalhar em agência assim, eu via as meninas bem magrinhas e eu também queria ficar daquele jeito, a qualquer custo, e eu acabei ficando

⁷⁹ Os dados de distúrbios alimentares compreendem apenas os distúrbios anorexia e bulimia. Não entraram na estatística e nem foram analisados os depoimentos relativos à compulsão alimentar. Curiosamente, as entrevistadas relutaram em assumir este distúrbio (só uma entrevistada afirmou tê-lo), matizando-o por expressões como “às vezes eu como demais”, ou “eu fico ansiosa e como”. Ficou, portanto, mais difícil para a pesquisadora estabelecer, sem indicação das entrevistadas, as fronteiras entre sair da dieta e entrar em quadro de compulsão alimentar. Numa época de rígidas coerções sobre dietas, é mais fácil para as entrevistadas assumirem que comem menos do que deveriam, ou que vomitam o que comem, do que assumir que comem demais.

doente. Fui tomar soro no hospital duas ou três vezes, já desmaiei, mas eu não sentia fome, só me tratando é que passou. É terrível, eu chorava, porque aí depois eu perdi o meu guarda-roupa inteiro e não tinha mais como voltar, só comendo mesmo e eu não queria mais comer, mesmo assim, mesmo doente, mesmo sem roupa para vestir, eu não queria engordar. Então eu comecei a ficar muito mal ... aí depois eu fiz um tratamento psicológico tal e melhorei...” (Mulher 10, 18 anos)

“Na verdade foi, eu acho que a bulimia veio na Espanha, porque isto é doença emocional (...), eu comia muito, muito, e depois vomitava. Foram 9 meses na crise. Quando eu cheguei, eu ainda fazia muito isso, e é engraçado, não é porque você quer, é coisa que você fala “meu...”. Agora, como a minha vida voltou ao normal, eu já tô dando muitas aulas de ginástica, já não tenho mais... Já parei. Já não sinto mais nem vontade de comer, nem vontade de vomitar” (Mulher 18, 23 anos).

“Antigamente eu tinha mais preocupação. Eu comia de manhã e passava o dia inteiro mau, irritada, fazia muito mais exercícios, porque eu tinha comido. Agora eu não sei se porque foi passando mais o tempo, eu dei prioridade para outras coisas na vida (...). Antes eu comia, um exemplo, um pedaço de bolo de chocolate, eu ficava a tarde inteira pensando, e a noite eu fazia ginástica aqui na academia e quando eu chegava em casa eu fazia ginástica, de madrugada, porque eu tinha comido aquele pedaço de bolo (...) Agora, porque eu cheguei na anorexia? Se eu tinha um padrão.. Não tinha, mas eu não sei, era uma competição comigo.” (Mulher 51, 34 anos)

“Eu já sabia que tinha anorexia há anos, mas demorei a aceitar o diagnóstico. Só parei de tomar anfetaminas quando fiquei perto do infarto. Vivia doente, recusava qualquer comida, praticamente vivia de água. Cheguei a pesar 42 kgs, mas me achava gorda, queria mais remédio, queria malhar muito mais, mas não tinha forças. Todos diziam que eu estava horrível de magra e muitas amigas ameaçavam me internar. Mas eu não via. Hoje estou sem remédios, mas isto é uma faca de dois gumes: se por um lado a respiração melhorou, a comida diminuiu ainda mais porque sem os remédios, corro mais risco de engordar e é difícil manter 44 quilos quando se tem 34 anos.” (Mulher 68, 34 anos)

Percebe-se nestas falas que a relação com a comida, para portadoras de distúrbio alimentar, é marcada por angústias e até por depressão, configurando-se como uma negação da vida, visão totalmente oposta a dos medievais. Como destacou Bakhtin: *“Uma refeição não poderia ser triste. Tristeza e comida são incompatíveis”* (Bakhtin, 1987: 247). Em vez do ato de comer se constituir como uma forma de encontro do homem com o mundo, passa a ser a negação do prazer (e do próprio mundo) em função de ideais estéticos.

Retomo aqui a discussão sobre a escolaridade. Será que ela é tão determinante assim na adesão ao culto ao corpo ou a padrões corporais como a magreza extrema? Qual o grau de escolaridade das mulheres acima? Montei uma tabela para configurar um perfil mais nítido das mulheres:

Tabela 7 - Escolaridade apenas das mulheres com Distúrbio Alimentar							
	Idade	Escolaridade	Área de formação	Profissão	Renda	Altura	Peso
Mulher 1	30	Superior completo	Economia	Economista	+ de 5.000,00	1,68	52 Kgs
Mulher 6	19	Superior incompleto	Relações internacionais	Professora de línguas	+ de 5.000,00	1,65,	56 kgs
Mulher 10	18	Superior incompleto	Educação Física	Orientadora	1.300 a 2.600	1,62	48 Kgs
Mulher 18	23	Superior completo	Educação Física	Professora de ginástica	+ de 5.000,00	1,58	54 Kgs
Mulher 68	34	Pós-Graduação	Humanas	Professora universitária	2600,00 a 5.200,00	1,58	45 kgs
Mulher 51	34	Superior completo	Economia	Não exerce	+ de 5.000,00	1,67	51 Kgs
Mulher 70	30	Superior completo	Artes Plásticas	Não exerce	2600,00 a 5.200,00	1,70	48 Kgs
Mulher 71 ⁸⁰	32	Superior completo	Nutrição	-	-	1,70	45 Kgs

Como podemos ver, todas são escolarizadas; das oito, seis têm curso superior completo e as outras duas estão terminando o curso superior. Três são da área biológica, sendo que uma de nutrição e as outras duas, de educação física. Duas não estavam trabalhando no momento da pesquisa, embora sejam formadas. São mulheres atuantes, que lêem, estão no mercado de trabalho, têm acesso à informação. A maioria ganha bem, com renda acima de R\$ 5.000,00; mas isto também não é determinante, pois outras duas se situam abaixo deste patamar. Então o que faz com que uma mulher enverede por um caminho tão tortuoso? Volto a afirmar que futilidade também não explica este comportamento. Falta de informação também não. Meros distúrbios psicológicos? Também não acredito nesta explicação. Ao meu ver o que explica o sacrifício e a dor, sobretudo emocional de passar por esta situação é a existência de rígidos modelos corporais, da associação entre magreza e felicidade, da necessidade de aceitação que todas nós, no nosso âmago partilhamos. Se há perigos no processo de culto ao corpo, também há sedução... Sentir-se bela, desejada, olhada... Sem falar na sensação positiva de controle sobre as pulsões, dentre elas, a fome, controle este que nos é apregoado como uma vitória do

⁸⁰ Esta moça não chegou a ser entrevistada, pois faleceu em 2004, vítima de anorexia. Foram feitos apenas alguns contatos com ela, mas superficiais. A entrevista foi marcada e estava prevista para final de 2004, mas não chegou a ser realizada. Embora não tenhamos dados precisos sobre sua história, a mantivemos na tese como um indicador de que a anorexia pode ser fatal.

espírito sobre o corpo. Mas é claro que tudo isso é contraditório, pois somos tão fortes que controlamos um impulso biológico – comer –, mas tão frágeis que mergulhamos de cabeça nas coerções estéticas de nossa época e ficamos chafurdando no limbo, até que com muito esforço e tratamento algumas conseguem alterar sua percepção do mundo e de si mesmas e se salvam, enquanto outras morrem.

Como entender teoricamente os sentidos da opção pelo corpo extremamente magro?

A tendência à magreza é corrente no meio da moda, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Recentemente aconteceram surtos de anorexia e bulimia na Argentina e na Inglaterra. Este último país chegou a criar um código de conduta, segundo o qual as revistas de moda deveriam exibir modelos de diferentes biótipos (Ciência Hoje, vol.28, número 164, setembro de 2000). Segundo Del Priori, *“As carnudas estrelas do anos 50, como Marilyn Monroe, Sophia Loren ou Anita Ekberg, foram substituídas, nos anos 60, por criaturas esqueléticas. O modelo? Certa Twiggy, uma inglesa sardenta e seus epígonos: Kate Moss, Claudia Schiffer, entre outras. Nossa época lipofóbica deixou pra trás o padrão de estética burguesa que associava riqueza e gordura. A estigmatização dos gordos e gordas é produto do fosso cada vez mais profundo entre identidade social e identidade virtual (...). Nesta lógica, o corpo precisa refletir o controle narcísico dos apetites, das pulsões, das fraquezas. Ai daquelas que não se controlam frente ao prato de batatas fritas! Vencidas pela gula, as gordas são consideradas perdedoras, inspirando, segundo pesquisadores, imagens ligadas à ‘piedade’ e ‘pena’. Tornar-se um saco de ossos parece o ideal da mulher contemporânea, mulheres que habitam um mundo em que milhares morrem de fome. Regimes obsessivos associados à estética do corpo multiplicam-se nas revistas femininas que consagram números inteiros com terríveis títulos do tipo: ‘última chance antes do verão!’ O espelho retruca: ‘nunca bastante magra’. A retórica sobre a magreza não pode ser mais repressiva”* (Del Priori: 89/90).

No Brasil, está havendo uma incorporação deste modelo, e tão enfaticamente que, por ocasião do *Morumbi Fashion* do ano de 1999, uma das produtoras de moda disse que gostaria de lançar uma contra-proposta, e precisava de “modelos brasileiras que ainda tivessem peito e bunda”, mas que estava muito difícil encontrá-las. Isto num país como o Brasil, onde as mulheres, biologicamente, tendem a ter estas curvas, mas culturalmente, de uns tempos para cá, vem sendo induzidas a perdê-las. Atualmente, físicos como os de Marta Rocha não fazem tanto sucesso. Segundo Viana (2000), o culto às modelos e atrizes magérrimas provoca uma mudança nos padrões sociais de beleza, pressionando as pessoas a rejeitar, mesmo que inconscientemente, as formas generosas: *“O modelo de beleza imposto pela sociedade atual é*

de um corpo quase cadavérico” (Viana, Ciência Hoje, vol.28, número 164, setembro de 2000). Segundo a autora, esta tirania desvaloriza aspectos relacionados à saúde e à constituição física da população brasileira, que, ao contrário da mulher européia, não se caracteriza pela magreza. As tabelas de peso e de altura dos livros estrangeiros não se adequam ao nosso perfil.

Mas o pior, ao meu ver, é que as mulheres brasileiras ademais de tentarem desesperadamente aproximar-se do padrão estabelecido, também se esquecem que este corpo padronizado é um produto social e passam a considerar **natural** associar magreza à beleza. Esquecem-se de que, como nos alertava Mauss, onde acreditávamos ter a expressão de uma naturalidade, existe a ação de técnicas que são produtos sociais. Ou seja, como nos mostra Lucero (1995), a sociedade industrial consome avidamente tudo que se lhe apresenta e deixa de refletir sobre isso, consumindo tudo que diga respeito ao corpo, produzindo assim o chamado culto ao corpo. Desta maneira, não se pensa ativamente sobre estas práticas: o corpo perfeito passa a ser um produto padronizado⁸¹ e, como salienta Chagas (1995), a mídia sufoca o singular, as formas alternativas de pensar o corpo⁸².

E esta massificação também serve às ideologias de controle, como diz uma das entrevistadas:

“Massifica porque é melhor, né? O que tá na massa é mais fácil controlar, tudo que diferencia é difícil de eu pegar, o que se massifica é fácil de eu conter, é fácil de eu achar, ele ocupa muito espaço e demora mais pra fugir, não tem liberdade” (Mulher 21, 44 anos).

Outra entrevistada diz:

“Eu acho que esta é a questão da modernidade, quer dizer, você está sempre no pode, não pode, no sim e no não, no que que eu sou, você despersonaliza, mas a função do despersonalizar é ele ser um veículo de segurança do próprio homem, se eu tô bem, se eu

⁸¹ Na dissertação de Mestrado de Eliasna Pardo Chagas, intitulada “Educação Física: Reflexo das Concepções Dominantes Sobre o Controle do Corpo Feminino”, UFSM, 1991, a autora, através da via teórica da indústria cultural e da sua análise sobre a escola de Frankfurt, problematiza o corpo feminino e sua utilização na lógica do mercado capitalista.

⁸² Numa das ocasiões em que a pesquisadora visitou uma clínica de estética para colher informações para o projeto, algumas mulheres que estavam em tratamento começaram a comentar o quanto a atriz Cláudia Gimenez estava gorda, e como ela tinha coragem de se deixar fotografar, como era absurdo ela afirmar em revistas e entrevistas que se achava bonita, que era muito estranho ela não sentir vergonha de ser tão gorda. Ou seja, para as mulheres da clínica, era inaceitável que Cláudia Gimenez se achasse bonita e fosse assim considerada, demonstrando que, para estas mulheres, o único padrão de beleza é aquele representado pelos corpos magros. A respeito do funcionamento do imaginário social da gordura e da obesidade, ver o artigo de Claude Fischler “Obeso benigno, Obeso Maligno”, In: Políticas do Corpo.org. Denize Berluzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

tô igual então eu não sou um desvio, então eu não tenho que me preocupar” (Mulher 30, 51 anos)

Assim, por mais que a magreza seja prejudicial à saúde, ela é confortável do ponto de vista da aceitação, da possibilidade de desejo da mulher alcançar o corpo que ela aprendeu a ver como bonito.

Alguns dados colhidos na pesquisa de campo podem nos auxiliar a compreender esta tendência à magreza. Na busca deste modelo corporal, várias mulheres têm ingerido uma quantidade de alimentos inferior às suas necessidades orgânicas, bem como dedicado muitas horas por dia à prática de exercício, combinação que não é simples, pois os exercícios potencializam um gasto de energia que, não sendo repostado porque as mulheres estão de dieta, ocasionará fadiga, perda de concentração e memória, problemas gástricos e outros. Além disto, a dinâmica dos exercícios pressupõe que eles sejam feitos ao menos três vezes por semana durante algumas horas, implicando um longo período dedicado ao culto ao corpo. Entre os depoimentos colhidos, alguns são alarmantes:

“Tomo água para disfarçar a fome. Não almocei antes de vir para cá. Vou tentar não jantar. Comprei maçãs, vou comer uma antes de dormir (...). Nunca janto. No máximo, almoço uma salada, às vezes um pouco de frango também. Muitas vezes, vou dormir com fome, mas não ligo. Sinto-me magra, em forma. A beleza compensa o sacrifício. Se não consigo dormir, levanto e tomo um copo de leite diet. Quero ficar em forma para o verão” (Mulher 68, 34 anos).

As mulheres vitimadas pela anorexia afirmam que adoram ser magras, sofrem por ter que comer, são frequentemente hospitalizadas e não conseguem mais se pensar como bonitas de outra forma que não seja através da magreza e, assim, não conseguem sair deste círculo vicioso. Como vimos, são casos em que não basta ter acesso à informação para que o comportamento se altere, uma vez que através de mecanismos de socialização e construção da identidade, certos valores foram incorporados e fazem parte do universo simbólico a tal ponto que dificilmente chegam a ser alterados. Em casos como estes, é preciso, antes de postular que apenas a informação resolve, mudar a visão de mundo e reordenar as concepções corporais femininas, processos complexos e demorados, para que possa surgir então uma diferente imagem de si e dos valores fundamentais e uma posterior mudança de atitude.

Vários outros dados de campo apontam para o culto exagerado do corpo e da magreza, além de comentários colhidos na imprensa, como está dito, por exemplo, na fala de uma das organizadoras do “Morumbi Fashion”: “quadril largo, nem pensar. O peso deve ser de 20

pontos a menos que a altura”. Ou seja, se uma mulher tem 1,73 (altura mínima neste meio) não pode pesar mais que 51 quilos. “A cintura deve ter no máximo, 60 cm”⁸³. Tais afirmações mostram o quanto a estética da magreza predomina neste meio⁸⁴ e são incorporadas por mulheres comuns e aplicadas; então se uma mulher tem 1,60 m de altura, passa a acreditar que para ser considerada bonita deve pesar no máximo 40 quilos, e isso só é possível com dietas rígidas, que muitas vezes induzem a casos de anorexia.

Ademais, como salientam Queiroz e Otta, na busca das mulheres por um corpo magro elas acabam consumindo produtos tecnologicamente obtidos, tais como drogas para emagrecer, ou recorrendo a práticas que podem melhorar sua aparência e auto-estima, mas que também podem levar à patologia.

Bordo (1997) afirma que *“O corpo magro da pessoa com anorexia apresenta-se evidentemente como uma caricatura do ideal contemporâneo de esbeltez exagerada para as mulheres, um ideal que apesar da resistência irônica das diferenças raciais e étnicas, tornou-se a norma para as mulheres de hoje. Mas a magreza é apenas a ponta do iceberg, pois ela exige por si mesma uma interpretação, já que é desencadeada com a inscrição dolorosamente literal no corpo da pessoa com anorexia das normas que regem a construção da feminilidade contemporânea. Esta construção é um impasse que impõe ideais e diretrizes contraditórias. Por um lado, nossa cultura apregoa concepções domésticas de feminilidade, com a mulher como principal nutridora emocional e física. As regras dessa construção de feminilidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de alimentação e cuidado consigo mesmas (...) O controle do apetite feminino - por poder público, independência, gratificação sexual - deve ser contido e o espaço público que se permite às mulheres deve ser circunscrito, limitado”* (Bordo, 1997: 26).

A autora também afirma que, em virtude de representações de gênero, ao mesmo tempo em que continuam sendo ensinadas às mulheres jovens virtudes “tradicionalmente femininas”, na medida em que elas ingressam em áreas profissionais, também precisam incorporar valores e medidas “masculinas” desse âmbito - autocontrole, determinação, calma, disciplina emocional, domínio etc. *“Nossos corpos, quando nos arrastamos todos os dias para a ginástica e resistimos ferozmente às nossas fomes e aos nossos desejos de mimar a nós mesmas, também estão se tornando cada vez mais habituados com as virtudes “masculinas” de controle e autodomínio. As anoréxicas as perseguem com dedicação ingênua, inabalável.*

⁸³ Esta informação foi veiculada pelo Jornal “Folha de São Paulo”.

⁸⁴ Informação da revista Época, Ano II, n 70, agosto de 1999, ed. Globo.

‘Energia, disciplina, meu próprio corpo me manterá andando’, diz a ex-anoréxica Aimée Liu, lembrando-se dos dias em que passava fome, ‘combustível psíquico, não preciso de nada e de mais ninguém. Serei pelo menos dona do meu próprio corpo, eu juro’” (Bordo, 1997: 26 apud Liu, 1979).

Mulher 70 diz algo muito parecido:

“Às vezes, depois de alguns dias comendo só uma vez por dia, sinto fome, mas não me importo porque sou mais forte do que ela. Não comer mesmo quando se tem fome ou pior, desejo pela comida, requer muita força de vontade. Sei que posso moldar meu corpo como eu quiser, depende muito mais de mim do que dos outros.” (Mulher 70, 30 anos).

A autora enfatiza os aspectos negativos da anorexia: *“Funcionalmente, os sintomas da desordem da anorexia isolam, enfraquecem e minam as afetadas; ao mesmo tempo, transformam a vida do corpo num abrangente fetiche todo-poderoso, ao lado do qual todos os objetos parecem pálidos e irreais” (ibidem, id.: 29).*

Quais são as referências femininas destas mulheres que aderem à magreza extrema? Uma das principais, como já foi dito, são as modelos da moda. Outras são as atrizes famosas. Bordo afirma que *“uma escala de representações e imagens contemporâneas tem codificado a transcendência do apetite feminino e de sua demonstração pública do ideal de esbeltez em termos de poder, vontade, possibilidade de sucesso na área profissional e assim por diante. Essas associações são conduzidas pelas supermulheres magras do horário nobre da televisão e dos filmes populares e promovidas em anúncios de propaganda e em artigos que aparecem em revistas femininas, livros de dieta e publicações sobre o controle de peso.” (ibidem, id. pg 34).*

Tais mulheres são apresentadas hoje em dia como divas da beleza e influenciam outras a se aproximar deste padrão. Há um outro dado interessante apontado pelas entrevistadas: muitas afirmam que sabem que os homens brasileiros ou estrangeiros preferem as mulheres mais “cheias” como, por exemplo, Vera Fischer, bastante citada pelos homens como uma mulher bonita. No entanto, elas preferem estar magras e elegem a atriz Carolina Ferraz, a modelo Adriane Galisteu e a atriz Débora Secco (todas bem magras) como mulheres bonitas.

Figura 17 - Gisele Bündchen

Mas a verdadeira ícone, a mais citada, foi Gisele Bündchen, que, segundo edição de dezembro de 2001 da revista norte americana “W”, é citada como “referência universal de beleza”.

Segundo Queiroz e Otta, homens com idade entre 18 e 85 consideram mulheres de peso normal e com RCQ⁸⁵ baixo (0,70) especialmente atraentes, femininas e saudáveis. Desvios do peso normal, tanto para mais quanto para menos, reduzem a atratividade. Os pesquisadores afirmam que nas investigações em que compararam avaliações masculinas e femininas, foi constatado que o peso ideal feminino, aos olhos dos homens, é um pouco maior que aos olhos das mulheres (Queiroz e Otta, 2000: 45). A pesquisa de Goldemberg (2004) obteve o mesmo dado: *“Doenças como a anorexia e a bulimia tornaram-se uma epidemia nos últimos anos, em uma geração que cresceu tentando imitar o corpo de Cindy Crawford, Linda Evangelista, Claudia Sciffer e, mais recentemente, da brasileira Gisele Bündchen. Só que os homens que responderam ao meu questionário elegeram como suas musas Sheila Carvalho, Luma de Oliveira, Luana Piovanni, Mônica Carvalho e outras ‘gostosas’ que estão longe das medidas das mulheres magérrimas da passarela”* (Goldemberg, 2004: 43).

⁸⁵ RCQ significa relação cintura-quadril.

As minhas entrevistadas percebem bem este divórcio entre o que os homens acham bonito e o que elas querem alcançar:

“É sempre assim. Tanto é que meu ex namorado sempre falava quando eu falava “Ah, eu preciso emagrecer, eu engordei”, “imagina, você não tá, é coisa da sua cabeça”. Os homens acham que você tá legal, você é que se vê meio distorcida, você nunca está bem, por mais que esteja você sempre quer emagrecer um ou dois quilos, nunca emagreceu o suficiente, sempre tem que perder mais um pouco” (Mulher 5, 22 anos).

“Eu tive anorexia, cheguei a pesar 42 quilos e estava achando lindo, meu ex-marido dizia, ‘Você está um horror de tão feia, a coisa mais sexy que eu vejo numa mulher é quando ela põe uma calça mais apertada e salta aquela dobrinha do lado’. Eu querendo secar e ele me implorando pra engordar” (Mulher 68, 34 anos).

“A mulher é sempre neurótica, quer estar sempre magra, magra, magra. O meu namorado acha que a mulher tem que ter o que pegar, não pode ser muito magra. Ele fala assim, que não tem graça mulher magra, ‘pra que eu vou namorar um esqueleto?’” (Mulher 25, 19 anos).

Assim, o corpo esbelto, embora seja indicado pelas mulheres como um trunfo na conquista de parceiros, agrada menos aos homens e mais, às próprias mulheres, sendo alvo e mecanismo de competição entre elas.

Foi-se o tempo em que mulheres de formas abundantes eram os referenciais estéticos valorizados. Goldenberg e Ramos citam Néelson Rodrigues, que muitas décadas atrás já havia notado a mudança no padrão estético, ainda mais evidente hoje. *“A paisagem carioca anda escassa de gordas. Não há mais quadris monumentais. E, outro dia, um parteiro fazia-me a confidência amarga: ‘bacias estreitas’”* (Goldenberg e Ramos, 2002: 30). Estamos longe das *“encantadoras ancas femininas”* descritas por Gilberto Freyre (1986). Hoje a gordura ou as formas mais opulentas são vistas como desleixo, como falta do investimento pessoal em si mesma, quase como um defeito que atesta uma falha no caráter, uma preguiça (hoje condenável pela utopia do corpo perfeita e da “malhação”)⁸⁶. Mulher 68 diz que:

“Não importa se os outros me acham muito magra. Eu não me sinto assim, acho que estou sempre com uns quilos a mais do que deveria. Meu namorado traz doces e implora para eu engordar, diz que acha que eu vou quebrar de uma hora para outra e ele tem aflição. Se eu comer fico culpada e já acho que estou gorda. Fico sempre dividida entre

⁸⁶ Talvez, há alguns anos atrás, ser chamada de “gostosa” fosse um elogio. Hoje, mulheres como Adriane Galisteu afirmam: “Se me chamam de gostosa, fico deprimida. Me sinto coxuda, bunduda, gorda...” (Revista da Folha, 3/9/2000).

passar vontade e ficar gorda. Quando não resisto e como, tomo laxantes e desconto na academia, fazendo várias horas de aeróbica.” (Mulher 68, 34 anos)

Segundo Fischer (1995), vivemos uma cultura lipófoba, caracterizada por uma rejeição maníaca à obesidade. Até simpatizamos com alguns gordos, mas, no geral, suspeitamos deles: *“a fonte principal do paradoxo é que a imagem do gordo é profundamente ambivalente (...). Através de nossos corpos passamos significados corporais muito profundos. Um dos mais importantes é o seguinte: a corpulência traduz aos olhos de todos a parte de comida que nós nos atribuímos, isto é, simbolicamente, a parte que tomamos para nós, legitimamente ou não, na distribuição da riqueza social. Nosso corpo é um signo imediatamente interpretável por todos de nossa adesão ao vínculo social, de nossa lealdade às regras de distribuição e reciprocidade. Uma suspeita pesa, portanto, sobre os gordos. Mas se não podem emagrecer, eles têm uma possibilidade de se redimir desta suspeita: precisam proceder a uma espécie de restituição simbólica, aceitando desempenhar os papéis sociais que se esperam deles”* (Fischer, 1995: 70). O autor realizou uma pesquisa na França com 20 entrevistas sobre a percepção da gordura masculina. Os retratos que emergiam das respostas confirmam a existência de um duplo estereótipo do gordo. *“O primeiro é o de um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando voluntariamente o brincalhão, contando histórias no fim dos banquetes, sofrendo provavelmente por sua corpulência em seu foro íntimo, mas nada deixando transparecer. O segundo é bem diferente. É um doente ou um depressivo, um egoísta desenfreado ou um irresponsável sem o controle sobre si mesmo. O primeiro é um gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão.”* (Fischler, 1995: 71). É claro que cada cultura determina um **limite** para distinguir as categorias de gordos, magros, obesos, mas a pesquisa concluiu que *“Era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”* (Fischler, 1995: 79).

Em vez de vítimas de suas glândulas e de sua hereditariedade, a pesquisa revela que na maioria dos casos eles são vistos como os únicos culpados por sua condição, pois a gordura está ligada à falta de controle do apetite: sobre o gordo recai um julgamento moral. E o inverso é verdadeiro: ser magro é, por oposição, ser controlado e, como vimos, nossa sociedade valoriza o controle das pulsões, mais ainda se ele servir ao fim, hoje nobre, da construção de um corpo perfeito. Sobre o gordo também recai o estigma de ser sedentário e isto, numa cultura que tem valorizado ao extremo a atividade física, só faz aumentar a culpa sobre o gordo.

Lembremos que Rodrigues (1999), ao discutir as mudanças de sensibilidade da Idade Média para a Idade Moderna, já nos alertava que: *“Os seres bem apessoados, os homens limpos, banhados, penteados, os indivíduos atentos aos detalhes de seus corpos começaram, de modo cada vez mais intenso e sofisticado, a ser considerados também como pessoas confiáveis e aproximáveis, como gente com quem fosse possível fazer amizades, como seres a quem se pudessem abrir as portas, com quem fosse admissível partilhar refeições, casar, negociar... Em razão dos desdobramentos dessa história, estamos hoje fadados a reagir visceralmente, com asco mesmo, contra aqueles que discrepem dos ditames desta sensibilidade”* (Rodrigues, 1999: 168).

Na mesma lógica de raciocínio, e numa época em que vigoram as lógicas de culto ao corpo e a beleza, os feios, gordos, e flácidos nos aparecem hoje como displicentes. Nossa sensibilidade os rejeita. Num tempo onde ser belo (ou pelo menos, tentar sê-lo) é um imperativo e mais, passa pelo esforço do indivíduo, recusar-se ou não poder aderir a isso aparece aos nossos olhos como falta de caráter.

Quando questionadas se existe alguma discriminação sobre o gordo, as mulheres responderam:

“Há uma discriminação contra as pessoas obesas, mais do que no passado, muito mais. Hoje ser obeso dá vergonha, mais do que no passado” (Mulher 16, 36 anos)

“Olha é muito difícil, a sociedade condena as pessoas fora do padrão. Tanto que existe até um trabalho aí, com crianças obesas, que eles tinham cartas, uma era de paraplégico, outra de débil-mental e uma carta de obesa e as crianças na faixa de 4-5 anos tinham que ler e escolher quem eles queriam que não fosse o seu amigo. O maior número de crianças escolheu o obeso. Então a obesidade é um fator limitante, isto com crianças que não tem conhecimento e não estão contaminadas com nada, que nós já temos conhecimento e já estamos contaminados, por informação, cultura, aspecto pessoal, eles não, eles são considerados puros, preferem ter um amigo numa cadeira de rodas do que um amigo obeso” (Mulher 45, 43 anos).

“Sim discrimina, a gente não quer ser preconceituoso (...) mas isto começa desde cedo, nas aulas de esporte, na escola, na aula de educação física, o gordinho sempre excluído do time, ele é sempre o último a ser escolhido (...) porque você vê que ele é discriminado por causa da aparência dele, você não sabe se ele é um bom jogador ou não” (Mulher 54, 26 anos)

“Muito. As roupas, hoje é tudo menor, as cadeiras, hoje em dia, é difícil eles arranjar uma cadeira de cinema, (...) eu acho que eles pensam só pro lado da mídia, da estética,

você tem que ser daquele jeito, então tudo é feito pra aquela pessoa” (Mulher 4, 18 anos)

Mas, porque cultuamos a magreza? Para as entrevistadas, a grande vilã é a moda. A ela atribuem a redução do tamanho das roupas, gerando a necessidade da magreza extrema, bem como o fato de que a roupa tem que aparecer mais que a própria mulher que a veste, e que acaba sendo um mero cabide ambulante. Associa-se magreza à elegância e elegância à alta costura. Tudo isto com o aval e incentivo da mídia e do capitalismo, que, ávidos por aumentar os lucros, vendem não apenas, mas o próprio corpo, que pode ser comprado graças aos investimentos em alimentação, cirurgia plástica, malhação, entre outros:

“Fizeram a gente cultivar a magreza porque antigamente não era assim, né... Desde a época da Twigg que começou o culto à magreza, porque na verdade qualquer roupa que colocasse nela caía bem. Então hoje em dia a alta-costura (...) faz as roupas para as magras, eles querem uma mulher que seja reta na frente e atrás, e aí colocam uma roupa nela que fica bem” (Mulher 7, 39 anos).

“As pessoa querem ser magras porque o comércio fez isso; por outro lado, “light” é muito mais caro que o produto normal (...). Em termos do comércio da moda, quanto menor a roupa, menos tecido eles gastam (...). Os números das lojas de roupa estão sempre cada vez menores, cada vez que você chega lá a numeração é menor, é menor, é menor, mas você não quer aumentar o número da sua calça, aí você emagrece mais pra você entrar no número da sua calça e não ter a sensação, mesmo que seja psicológica, de que você aumentou, então é uma coisa que vai sendo obrigada aos poucos, sem a gente perceber” (Mulher 8, 25 anos).

“Soube de uma grife de Paris, que assim, a pessoa mais rechonchuda gasta muito mais pano, fora que tem que ficar fazendo muito mais ajustes, então esta coisa da alta-costura, de uma certa maneira, pressionou esta coisa da magreza, tá, porque fica muito mais fácil você montar um desfile com uma pessoa cadavérica, com uma coisa plástica, com um ser plástico”. (Mulher 21, 44 anos).

“É a própria mídia, mulher tem que ser muito magra, porque que a manequim é magra? Porque é onde tudo começou. Se a gente for analisar as mulheres, o padrão de beleza feminino, é horrível, não tem nada de frente, nada de costas, mas porque que elas têm que ser assim? Para poder aparecer a roupa, é um cabide ambulante que tem pernas, para mostrar a roupa. A mídia começou por causa disto, na verdade ninguém estava preocupado com o padrão de beleza feminino, estava preocupado em realçar a importância de uma roupa. (...)” (Mulher 51, 34 anos).

Nesta mesma linha de raciocínio, percebemos que talvez o culto à boa forma e sua constante exibição enquanto espetáculo sejam menos o reflexo de uma aparente liberação física e sexual do que indícios de uma nova moralidade, que prega a conformidade com um padrão estético específico. Goldenberg e Ramos (2002) citam algumas reportagens de jornal e revistas⁸⁷ em que mulheres (famosas ou não) afirmam que o problema de tirar a roupa diante de câmeras ou parceiros não está no pudor de ficarem nuas, mas no medo de não estarem com o corpo suficientemente bonito. Os pesquisadores citam alguns exemplos: “Não gosto de ficar nua. Nem de biquíni. Tenho a impressão de que todo mundo está me observando, olhando direto para a minha celulite” (administradora de empresas, 31 anos); “é mais fácil tirar a roupa para um fotógrafo, com toda aquela produção, do que ficar nua a dois sem retoques” (Marisa Orth, atriz, 37 anos), “as mulheres que posam para a *Playboy*, hoje, são mais paranóicas com o físico do que em qualquer outra época. Querem saber o que o computador pode retocar, se o nariz vai sair daquele jeito, têm crise de choro” (Kaká Moraes, maquiador e produtor das capas da *Playboy*).

As mulheres por mim entrevistadas confirmam este dado: expor a barriga, usar calças de *lycra* coladas e na altura do púbis, os seios cobertos por *tops* minúsculos só depende de saber se o corpo está “malhado” o suficiente para isso, não passa pelo pudor do corpo em si. Mesmo com relação às roupas de banho, muitas afirmaram que não têm pudor em usar biquíni tipo “fio-dental”, mas que não o fazem porque não estão com os glúteos firmes o bastante para expô-los.

Em sua obra O processo civilizador (1990), Elias argumentou que é possível falar em moral estética justamente no período da modernidade, que parecia apontar para uma liberdade feminina nunca antes vista. Ele cita como exemplo a evolução dos trajes de banho, mostrando que quanto mais expostos estavam os corpos, mais se exigia de homens e mulheres um auto-controle no que diz respeito às suas pulsões, contrariamente ao que se passava quando o decoro os mantinha escondidos. Vale ressaltar que na maioria das praias ou comunidades que adotam o nudismo os frequentadores também se valem de regras rígidas, punindo aqueles que permitem o afloramento das pulsões fora dos códigos estabelecidos. Ou seja, pode-se dizer que momentos de aparente relaxamento das regras, ocorrem na verdade dentro de contextos em que alto grau de controle é esperado. Sendo assim, a aparente liberação do corpo, a ênfase de que o indivíduo pode ter o corpo que quiser ter, os investimentos constantes na produção do eu, podem sugerir seu inverso, apontando para um processo civilizador.

⁸⁷ “Toda nudez será complicada” (*O globo*, 2/7/2000), “Ficar sem roupa, que delícia” (*Cláudia*, maio de 2001), “Elas estão loucas” (*Folha de São Paulo*, 3/9/2000).

E como a ambigüidade parece ser indissociável do processo de culto ao corpo, adquirir o corpo “malhado” ou “perfeito” conduz à inclusão da mulher no rol das mulheres felizes, desejadas, de sucesso. No entanto, como os parâmetros estão muito altos, por mais que o corpo esteja “malhado”, nunca é o suficiente, nunca nos parecemos com a moça impecável dos comerciais de cerveja, de roupas, de cosméticos, de pasta de dente, de tudo... De tão distante e inalcançável, o modelo leva à frustração, à negação do próprio corpo, à depressão... Goldenberg observa que a preocupação com a aparência e com a juventude se tornou uma obsessão entre as cariocas, provocando uma permanente insatisfação com o próprio corpo. Para ela, o corpo de Leila Diniz era voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade; enquanto que o corpo de muitas mulheres hoje é mutilado e controlado e, até mesmo, apesar do desvelamento do corpo, escondido, pois ele só pode ser mostrado se estiver perfeito. É incrível como, de fator construtor de identidades, o corpo possa a ser também uma prisão, cujos carcereiros podem ser a mídia, a moda, o olhar do outro, mas sobretudo, nós mesmos, que de tão imersos no processo não o enxergamos, e quando o fazemos, também dele não escapamos.

c) ESPELHAMENTOS: EM QUAIS ESPELHOS AS MULHERES SE MIRAM?

Outra contradição do atual culto ao corpo é que embora o corpo seja visto como importante na conquista de parceiros afetivos, muitas vezes ele caminha na direção contrária do desejo masculino. Como já afirmamos, para a maioria dos homens, mulheres muito magras não são consideradas atraentes; no entanto, a busca pela magreza extrema é hoje muito intensa, tanto entre modelos e atrizes quanto entre as pessoas comuns, a ponto de estas mulheres sacrificarem até mesmo a saúde (e o desejo masculino).

Algumas mulheres chegaram a comentar a preferência dos homens por mulheres de formas mais opulentas e a dissociação entre esta preferência e o modelo que faz sucesso entre as mulheres. Comentam também que este não é um dilema simples de resolver: mesmo sabendo que os homens gostam de mulheres “com carne para pegar”, as mulheres são compelidas a serem magras; então, como lidar com isso? Uma das entrevistadas diz:

“Magra, mas com peito é o padrão que é estabelecido, e que as mulheres gostariam de ter; e os homens, parece que eles acham legal, mas eles procuram a outra, mais redondinha, porque talvez a escolha seja de muito tempo atrás. A procura é biológica, né, o homem tem este instinto, a mulher mais redonda, aí vem aquela coisa de procriar mais. Então tem este choque, de um padrão estabelecido que a mulher busca, já vi muito homem que olha a Gisele Bündchen., é a modelo mais bonita do mundo, e não acha ela bonita, mas nós mulheres achamos ela bonita, gostaríamos de ser magras como ela,

então é uma enxurrada de informações e de coisas que não fecham” (Mulher 19, 51 anos).

Nos questionários fechados perguntei às mulheres para quem elas se produziam. 46% das mulheres entrevistadas assinalaram apenas para si mesmas; 19% assinalaram para si mesmas e para as outras mulheres; 14% assinalaram para os homens e para si mesmas e 21% assinalaram todas as opções:

Gráfico 41 - Para quem você se cuida?

Algumas das respostas obtidas foram as seguintes:

“Para mim. Eu tenho que estar bem comigo, olhar no espelho e me gostar, eu me arrumo pra mim. Eu ponho uma calça, se eu acho que está me engordando, eu já encosto” (Mulher 65, 61 anos).

“Para mim. Eu gosto de estar bem magra, mesmo que as outras pessoas não gostem. Meu parâmetro é a numeração 36, se eu couber nela, está tudo bem. Depois, pra outras pessoas, porque hoje é muito importante você estar com um corpo bonito, ele é um cartão de visitas, tem que estar malhado.” (Mulher 68, 34 anos)

“Pra mim mesma. Pra mais ninguém. Eu acho que é para eu me sentir bem comigo mesma” (Mulher 4, 18 anos)

“Ah, eu acho que ninguém vai dizer que não malha para si, é estranho eu dizer isso porque eu malho pra mim mesma, porque a prova é que quando eu estou com ou sem companheiro eu estou malhando igual” (Mulher 16, 36 anos)

“Eu malho muito pra mim, porque eu me sinto melhor, eu fico feliz, é lógico, eu fico contente do meu marido achar que eu estou bem, que eu tô magrinha, me elogiar, sabe, eu fico feliz” (Mulher 3, 29 anos)

“Pra mim mesma, para os outros e para o meu marido (...) Em primeiro lugar pra mim mesma. O meu marido às vezes até pergunta ‘Nossa, você faz tanta academia, pra quem, não é pra mim, é?’, eu respondo ‘É para mim!’” (Mulher 1, 30 anos)

“Eu acho, eu me cuido primeiro pra mim, mas eu acho inevitável você estar simultaneamente se cuidando para os outros e também para os homens, porque se você não está bem fisicamente, se você não se sente à vontade, você não vai ter um relacionamento sexual saudável, e se você se sente mal fisicamente, você vai se sentir inferiorizada frente às outras mulheres, as coisas estão meio intercaladas, mas acho que em primeiro lugar a gente tem que estar buscando sempre pra si próprio” (Mulher 35, 36 anos).

“Em primeiro lugar eu malho pra mim, pra eu me sentir bem, pra mim mesma, depois pro meu marido, depois pros outros, pra sociedade... É pra você passar uma estética legal, não mostrar desleixo, a moça acabou de, né, engravidou e engordou muito, então, não se cuida, então...acho que é nesse, nesse ponto de vista assim, para a sociedade, pra não deixar impressão de desleixo” (Mulher 49, 27 anos).

“Eu tenho isso como profissão, então desde pequenininha que eu gosto, mas eu acho que de certa forma eu não vou me excluir disto [das mulheres malharem para as mulheres], a gente sempre malha para os outros olharem, além de você se sentir bem, é para as outras pessoas olharem” (Mulher 2, 31 anos)

“Tinha até uma propaganda, de uma academia, que as mulheres malham para outras mulheres, preferem receber um elogio de mulher do que de um homem (...) eu particularmente malho para mim, para o meu ego, eu sempre pratiquei atividade física para melhora da minha auto estima e lógico que a gente malha para as outras pessoas virem te elogiar, nossa você está mais bonita, nossa o seu corpo está bem; mas em primeiro sempre é para mim, independente de eu estar com alguém ou não, de eu estar namorando ou não, é para mim. ” (Mulher 54, 26 anos).

46% das entrevistadas afirmou malhar em primeiro lugar para si. Isto se explica por causa da relação com a auto-estima, pelo prazer de ver seu corpo desabrochar. Poder fazer as

pazes com o espelho e gostar-se, através da malhação. Uma pesquisa da Avon – grande empresa de cosméticos – obteve o mesmo dado: a maioria das mulheres entrevistadas disse que se embeleza para si própria, e apenas 19% disseram que se enfeitam para os outros. Segundo a mesma pesquisa, esse índice chega a 30% entre as italianas. O que é enfatizado na matéria é o mesmo que se encontra nas falas das mulheres: é questão de auto-estima e, só conseqüentemente, de sedução. Aqui a auto-estima está diretamente ligada à própria construção da identidade, até porque com a ginástica, vêm também outros cuidados com o corpo, como tratamentos estéticos e alimentação, e tudo isso fará parte dos mecanismos de afirmação e construção do eu.

Mas, logo em seguida, aparecem os outros atores, a saber, os companheiros e as outras mulheres: é importante estar bem em primeiro lugar consigo, depois com o companheiro. E como as mulheres percebem a importância da beleza hoje para os relacionamentos afetivos, é preciso também agradar o parceiro, fazer com que ele se orgulhe de ter uma mulher bonita ao lado e também estar menos vulnerável à beleza de outras potenciais parceiras.

Já a resposta à questão “para quem você acha que as outras mulheres malham?” apontou que 52% penam que as mulheres malham em geral para as outras mulheres, 15% acreditam que a mulher malha para si, 13% entendem que elas malham para os homens e 20% marcaram todas as opções:

Gráfico 42 - Para quem as mulheres se cuidam

“Acho que para elas mesmas e uma parte para os outros. Existe uma concorrência feminina até desagradável. É uma querendo pisar na outra. Por isso que eu coloco aqui para as outras mulheres” (Mulher 3, 29 anos)

“Eu acho que é muito pra sociedade, a maioria. Algumas fazem operação ou malham para elas mesmas, outras não, é completamente para a sociedade, pra se sentir bem na sociedade, pra ser bonita e todo mundo olhar pra você. Acaba sendo pra se mostrar” (Mulher 4, 18 anos)

“A maioria das mulheres se preocupa com os homens que elas estão olhando, mas muitas vezes elas são competitivas entre elas mesmas, tipo dentro da academia ela fica olhando se ela está mais magra que a amiga, como ela está em relação às outras mulheres também” (Mulher 6, 19 anos)

“Eu acho que a maioria das mulheres malha para outras mulheres, porque a gente vai pra academia e você é muito olhada, de cima embaixo. Como a gente vê isso” (Mulher 7, 39 anos).

“Então, a gente acha que a gente malha pra gente, mas é mentira, porque o estereótipo que a gente vive, não foi a gente que criou, então a gente acaba malhando para os outros, porque senão um monte de coisa a gente ia relevar e deixar passar batido. Por eu sou mulher eu sei, a gente vai num lugar, a gente sempre olha, sempre comenta, quando a gente entra num lugar já está sendo observada” (Mulher 8, 25 anos)

“É uma cultura da aceitação social, de você estar dentro dos padrões, a mulherada que se preocupa com estética faz isso muito mais para os outros, por isso que eu acho que é uma cultura da aceitação dos padrões do que para ela mesma” (Mulher 16, 36 anos)

“Para as outras mulheres, mulher tem muito disto. Vive disputando, vive ali com a mulher, a mulher ela tá sempre assim, entende? Às vezes a mulher se arruma mais para a mulher que para homem” (Mulher 58, 27 anos).

52% afirmaram, sem titubear, que a mulher malha para as outras, reforçando as idéias já vistas de competição feminina e da necessidade de ser aceita na tribo das “malhadas”, o que significa ser admirada – e invejada – pelas próprias mulheres. É sabido que as mulheres estão muito bem informadas sobre os detalhes que precisam exhibir para serem consideradas bonitas. Embora os homens hoje já saibam o que é celulite, estria (provavelmente de tanto as mulheres chamarem atenção para isso), estes itens são muito mais observados pelas mulheres. Se uma mulher entrar na sala de aula de *short*, provavelmente o homem dará uma olhada geral nas pernas dela e dirá se lhes agradam ou não; já a mulher é diferente, vai olhar primeiro no geral,

mas depois vai procurar os detalhes “Será que a perna dela vai balançar se ela andar? Se cruzar as pernas, vai dar pra ver a celulite? É tá, legal, mas tem uma estria aparecendo!”. Percebo no vestiário feminino o quanto as mulheres reparam umas nas outras, chegando a disfarçar, diminuir o ritmo só para ver se a outra vai ficar nua e observar cada detalhe do corpo da outra. É quase um escrutínio, detalhado, do corpo alheio.

A fala da Mulher 21 atesta bem os paradoxos desta cultura do corpo:

“É, normalmente assim né, eu malho pra mim né? Agora, se eu for responder entre as outras mulheres, as mulheres se arrumam para as outras mulheres, depois elas se arrumam para os homens, por último elas se arrumam para elas mesmas. É um mundo de competitividade... É assim: ficar parecido, ficar igual e também competir (...)”
(Mulher 21, 44 anos).

Já que ter um corpo perfeito passa pelos mecanismos de aceitação da pessoa para o grupo e para si mesma, há a necessidade de se igualar a um padrão de corpo, mas ao mesmo tempo, como vivemos uma cultura da perfeição, também temos que nos destacar, é preciso ser melhor do que os outros e neste caso, melhor do que as outras mulheres, e isto passa por ter um corpo melhor do que o das outras. Orientados pela lógica do individualismo competitivo, se por um lado padronizamos o corpo, também queremos nos diferenciar e competir através dele. Neste complexo jogo de reflexos e espelhamentos, as outras mulheres se configuram como um dos espelhos mais rigorosos. E os modelos que buscam alcançar também são os das outras, sejam elas atrizes, sejam modelos ou mesmo a colega “mais sarada”. Para Del Priori, a mulher é convertida em miragem, “*ela não é o que se vê, mas o que se quer ver*” (Del Priori, 2000: 94).

Tomando por referência as super-mulheres das capas da *Playboy* ou das atrizes de destaque, almeja-se um corpo dificilmente alcançável, um corpo sem idade, sem as marcas do tempo, esculpido como estátua de bronze ou mármore. Corpos que, muitas vezes, para aparecerem na mídia, passaram por retoques como maquiagem corretiva, não só no rosto, mas em todo corpo, além de recursos técnicos de manipulação de imagens como o programa “fotshop”, que permite retocar vários aspectos da imagem. Entretanto, tais mulheres são exibidas como “naturalmente bonitas”, fazendo com que esqueçamos que são mulheres cujos corpos foram construídos com malhação, mas também com os mencionados artifícios. Passamos, pois, a acreditar que é possível alcançar esta perfeição, e que se não chegamos lá é porque nos faltaram disciplina, recursos financeiros, força de vontade para modificar os defeitos que a genética nos deu; mas que com mais uma plástica talvez pudéssemos chegar

lá... Ou com mais um regime... Quem sabe com mais uma lipo, ou mais um botox... Uma prótese de glúteos... Uma escova progressiva ou definitiva nos cabelos ondulados... Quem sabe com vinte sessões de drenagem linfática, mais vinte de estimulação russa, mais vinte injeções no abdômen para reduzir a gordura... E assim infinitamente, pois uma miragem traz em seu bojo o inalcançável, e é isto que percebi por meio da pesquisa: a mulher deseja um corpo que não é o seu.

Primeiro porque o corpo almejado é um modelo institucionalizado, padronizado e que se pode, de uma certa maneira, comprar; segundo, porque o próprio corpo está sempre menos malhado do que se gostaria que estivesse. E nem o olhar do companheiro, mesmo quando de aprovação, pode salvar as mulheres deste aprisionamento de eterna e inalcançável perfeição. Por mais que eles desejem mulheres de carne e osso, até com suas celulites e dobrinhas, as mulheres não aceitam ser assim, elas querem estar esculpidas. Uma entrevistada disse:

“Quando a gente fala assim, ‘nossa, aquela mulher da Tv está com o abdômen rasgado’, se você fala isso para seu namorado, ele fala assim ‘ela é tão feia, é legal ter onde pegar’, mesmo assim você não confia nestas informações, a gente fala, quero ser magra, não quero ter gordura, tá vendo como a mulher é, mesmo sabendo qual é o padrão que as pessoas acham até mais bonito, mas mesmo assim a gente está com esta imposição de ser magra e magra...” (Mulher 54, 26 anos).

Dirce de Sá Freire Costa, psicanalista, observa: *“Percebo uma tentativa, na maioria dos meus clientes, de provar para suas companheiras que estão satisfeitos com seus corpos, que chegam mesmo a achá-los belos. Mas eles não são sequer ouvidos, pois as suas afirmações chegam aos ouvidos delas como um reles afago numa ferida narcísica, não podendo tais afirmações serem consideradas como verdadeiras”* (Costa, *apud* Del Priori, 97).

Assim, cabe perguntar: qual o espelho de beleza no qual estas mulheres se miram? Para quem elas se produzem por horas a fio? Se a construção da identidade passa pelo encontro e conflito com vários “outros”, quais são estes, no caso destas mulheres? A quem pertencem seus corpos, tão duramente esculpidos? Como explicar condutas que parecem libertadoras, mas que estão no registro da sujeição? Que parecem irracionais, mas estão investidas de cálculo e de racionalidade?

Weber chamou nossa atenção para a racionalidade como uma das características da modernidade, mas também afirmou que o destino de uma sociedade extremamente racionalizada em termos técnicos, mas sem destinação social humana, é a gaiola de ferro – o aprisionamento, a falta de opção individual, a perda do sentido.

Em parte, Kélh parece ter razão ao afirmar que *“o corpo malhado, sarado e siliconado do novo milênio diz: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. O circuito se fecha em si mesmo. Parece a ética dos ‘cuidados de si’, pesquisada por Foucault. Mas não é. No Brasil de hoje, em que o espaço público foi a um só tempo dismantelado e ocupado pela televisão, a produção dos corpos é a produção da visibilidade vazia, da imagem que tenta apagar a um só tempo o sujeito do desejo e o sujeito da ação política. A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer. É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico. Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sintomas sociais da drogatização, da violência, da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia de sentido”* (Kélh, 2002: 18).

Além do mais, ao mesmo tempo em que o corpo malhado integra, ele também exclui, primeiro a nós mesmos, que podemos não alcançar o padrão; depois, se o alcançamos, exclui aos outros: feios, gordos, não-malhados, ou numa expressão: “os que não são como nós”. Lembremos das palavras de Sennett comentando a exclusão promovida por imagens ideais do corpo e das falas das entrevistadas, comentando que aqueles que se recusam a ingressar na cultura do corpo são mal vistos, são relaxados, fracos, acomodados. Atestam fraqueza moral e física e, por rejeitarem as idéias dominantes, acabam sendo excluídos, marginalizados.

De tanto contemplarmos, seja através da mídia, seja pelo espelho, acabamos quase que enfeitiçados, ou nas palavras de Debord, hipnotizados pela imagem e miragem do próprio espetáculo que nós mesmos criamos: *“Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico (...)”* (Debord, 1992: 24).

Como um veneno que nos contamina pelos olhos sem que o notemos, a cultura do corpo infiltra-se em nós e, ao mesmo tempo, nos seduz e provoca.

7 - Considerações Finais

“(...) ainda existem muitas luas mortas, ou pálidas, ou obscuras
no firmamento da razão” (Marcel Mauss)

Cabe-nos ainda, à título de considerações finais, empreender uma breve síntese dos elementos centrais à cultura do corpo.

Vimos que o corpo medieval constituía-se como hiperbólico, ruidoso, exposto e livre em suas manifestações mais íntimas – como escarros, flatulências, etc -, enquanto que na modernidade o corpo progressivamente se tornará verticalizado, silencioso, coberto, disciplinado. E quanto à atualidade, quais são os padrões e concepções de beleza?

O primeiro ponto que devemos destacar é que hoje os modelos e sentidos da beleza, bem como sua importância, retomam algumas idéias presentes nos períodos medieval e moderno, mas também as suplantam. O modelo corporal hegemônico não é mais do corpo hiperbólico e incontido dos medievais; mas, também não se reduz ao corpo verticalizado e contido da idade moderna. É um novo corpo, que obedece a uma lógica também nova e que mistura elementos contraditórios.

Quanto à forma, 63,75% da amostra elegeram o corpo magro e malhado como modelo hegemônico de beleza. Embora este modelo possa ser resignificado de acordo com os vários estratos da sociedade brasileira, não deixa de ser o corpo considerado ideal.

Pernas torneadas, seios e glúteos rígidos e ausência de barriga foram as características corporais mais enfatizadas como referenciais de beleza. A estas se seguem a simetria e firmeza do rosto, a ausência de rugas faciais, bem como o cuidado com os cabelos. Este último deve ter brilho, sedosidade e ser, preferencialmente, loiro e liso. Vale destacar também que as entrevistadas afirmaram que quando começam a “malhar” e a ver os resultados do esforço no corpo, tornam-se mais vaidosas, o que acaba refletindo no cuidado com o rosto, cabelos e mãos. Desta forma, quando falamos em culto ao corpo, devemos ter em mente que este processo não diz respeito apenas às formais corporais, mas a aparência de modo geral.

Entre as partes do corpo que as mulheres mais gostariam de mudar estão o abdômen e a cintura (citados por 30% das entrevistadas), seguidos pelos seios; em especial, caso a mulher já tenha tido filhos e amamentado. Os dois primeiros recursos para se alcançar o corpo almejado são a estóica alimentação (que deve ser cuidadosamente controlada para dar nutrientes ao músculo, mas sem estocar gordura) e a prática constante e disciplinada de

exercícios físicos. Geralmente, uma das regras é consumir carboidratos e proteínas (preferencialmente, grelhada) ao longo do dia e proibir o consumo dos primeiros à noite, bem como evitar doces, refrigerantes e frituras. A mesa deixou de ser um lugar de fartura na “tribo” das *bodybuilders*, passando a ser frugal e contida. É interessante notar também que 59% das entrevistadas faziam regime alimentar no decorrer da pesquisa; e 79% delas tomaram alguma medicação para emagrecer.

Quando a alimentação controlada e a “malhação” não são suficientes, as mulheres recorrem a tratamentos estéticos e/ou plásticas. É interessante notar que para as entrevistadas a cirurgia plástica só deve ser um recurso quando a mulher já se empenhou nos treinos físicos, mas mesmo assim, não conseguiu mudar algo que lhe incomoda no corpo. Muitas alegam que embora tenham se esforçado muito, necessitaram recorrer às plásticas. Assim, embora o número de cirurgias plásticas tenham crescido muito no Brasil - em 1994 eram 100.000 casos e em 2001 ultrapassam 350.000 (dados veiculados em reportagem da Revista Veja, 06/03/2002) -, para as pesquisadas ela deve ser vista como um “*plus*”, um presente que elas se dão quando consideram que “fizeram a sua parte”. São justificadas, em especial, quanto a mulher já teve filhos e necessita, para maior incremento da auto-estima, levantar e/ou enrijecer os seios, modificados pela amamentação; ou, resgatar as formas abdominais, prejudicadas pela gravidez; ou quando o corpo apresenta características genéticas adquiridas dos pais e que não se alteram com regimes e/ou exercícios. Por outro lado, são criticadas quando viram uma espécie de “vício”: as entrevistadas não vêem com bons olhos aquelas que fazem uma plástica seguida na outra. Condenam também quando a mulher (principalmente se for de mais idade) faz inúmeras plásticas para ficar “eternamente jovem”, o que para as entrevistadas, muitas vezes se compara à mutilações, gerando, ao invés de beleza, rostos demasiadamente padronizados e despersonalizados. Mas, apesar destes pesares, 72% das entrevistadas pretendem fazer lipoaspiração ou lipoescultura, bem como outras cirurgias, como rinoplastia (diminuição do nariz), redução de bolsas sobre os olhos, implante de silicone nos glúteos e nos seios. É curioso também que 81% apóiam o uso de prótese de silicone nos seios, embora nem todas pretendam fazê-lo.

De todo modo, as opiniões são unânimes no que se refere ao motivo primeiro e último de aderir às cirurgias plásticas: a auto-estima. Considera-se que se as cirurgias plásticas forem um modo da mulher ficar mais satisfeita consigo própria, ela deve investir no processo, mesmo quando não incentivada por seus companheiros e/ou por outras pessoas. Mas, como parte das entrevistadas não exerce profissão (32,5%), estas têm que contar com rendas advindas de outras situações (investimentos, heranças, aposentadorias) para bancarem suas

cirurgias, ou recorrer ao apóio financeiro dos maridos. Este último ponto é significativo, pois muitas mulheres que necessitam do aval financeiro do marido para se submeterem às plásticas sentem-se ainda mais cobradas (por eles e por si próprias) em manter as formas corporais adquiridas, aumentando, por conseguinte, à frequência à academia e o controle da alimentação.

A mulher não aceita mais “dissimular” a beleza corporal por meio de mecanismos externos como corpetes e espartilhos, comuns entre as mulheres dos anos de 1920; agora o corpo deve atestar em si mesmo a rigidez das formas, até porque as roupas se tornaram menores e evidenciam mais os contornos.

Deve-se destacar também que devido à rigidez dos padrões estéticos de nossa época, qualquer adiposidade, por mais ínfima que seja, é suficiente para minar uma percepção positiva do corpo. Se por um lado, nossa época valoriza a exposição do corpo, também enfatiza que o mesmo deve estar “pronto”, “magro e malhado”, o que para as entrevistadas, são eufemismos para “perfeito”. Assim, mulheres que poderiam ser consideradas “bonitas” pelos padrões estéticos “médios”, consideram-se “feias” por portarem alguns quilos a mais do que os ditados pelos meios de comunicação e, em especial, válidos para as modelos de moda. A maioria das mulheres calcula seu peso ideal subtraindo vinte pontos com relação à altura, desta forma, mulheres com 1,70 de altura acreditam que seu peso ideal dever ser de “mais ou menos, 50 Kgs”. Além deste cálculo, esforçam-se para atingir baixo potencial de gordura corporal, o que entre as mulheres, significa por volta de 16%. Além da gordura, temem celulite, flacidez e estrias. É curioso também que para a grande maioria, marcas como estrias incomodam mais do que as cicatrizes obtidas com as cirurgias plásticas. É claro que estas últimas incomodam as mulheres, mas são vistas como uma espécie de “mal necessário”: é o preço que devem pagar para obterem seios mais rígidos e/ou contornos melhor definidos.

Vimos igualmente os padrões estéticos acabam por influenciar tanto no uso de roupas de banho, quanto nos momentos de nudez, seja frente à outras mulheres, seja com parceiros afetivos. A vergonha por não portarem formas perfeitas muitas vezes leva à inibição das mulheres, comprometendo a interação total com os companheiros, ou como disseram as entrevistadas, evitando determinadas posições sexuais, mais pela vergonha de seus corpos “imperfeitos” e menos por pudor.

Outro ponto importante é que distúrbios alimentares, como a anorexia e a bulimia se tornaram mais conhecidos hoje em dia (56% das entrevistadas conhecem alguém que os porta) e também, fazem mais vítimas do que no passado. 10% da amostra porta um destes

distúrbios, que segundo reportagem da revista “Época” (03/11/2003), já atinge crianças em idade escolar.

Os motivos mais alegados pelas pesquisadas para os distúrbios acima citados são a pressão social pelo corpo magro, a influência do mercado da moda, a valorização de atrizes e/ou modelos magras, seja na televisão, seja em revistas ligadas ao corpo e/ou de informação e a publicidade de modo geral.

Apontam também para a existência de *sites* na rede mundial de computadores (*internet*) que promovem a anorexia e a bulimia como estilos de vida, veiculando, entre outras mensagens, “que é mais importante ser magra do que ser saudável” e que “ser magra é a coisa mais importante que existe”. Tais mensagens encontram eco e repercutem de forma significativa no imaginário da mulher atual, gerando frustrações e minando a saúde.

Mas, o que deve ser ressaltado é que, mais do que a forma corporal, mudaram as concepções e atitudes frente ao corpo.

Abandonamos as idéias higienistas de que a prática corporal ligava-se apenas à manutenção da saúde e deveria ser “leve”, tanto na duração quanto na intensidade das práticas corporais. Vimos que se comparado ao passado, o ritmo das atividades físicas pode ser considerado intenso, vide que 44% das entrevistadas afirmou exercitar-se de 3 a 4 dias na semana, e outros 44% o fazem mais de 5 vezes. Além da pressão social pelo corpo “malhado”, podemos destacar que as entrevistadas também justificam a necessidade de exercícios físicos devido ao sedentarismo inerente à constituição de sociedades modernas, que ao disponibilizarem recursos como carro, elevador, empregada doméstica, equipamentos eletrônicos, etc, acabam promovendo uma diminuição do gasto energético no dia a dia.

Longe dos modelos médicos e/ou higiênicos, o novo corpo apegase cada vez mais ao prazer e à sensualidade, e as mulheres temem sobretudo não terem os recursos para alcançar os padrões de estética, do que a condenação moral e social da beleza por parte da sociedade mais ampla. Na verdade, sentem-se impelidas e incentivadas por esta sociedade em fazê-lo.

Além do mais, de meio para a obtenção de maior controle emocional; ou, de fortalecimento da nação, o corpo tornou-se um fim em si mesmo. Ele passou a justificar não só a educação física, mas toda e qualquer intervenção que possa melhorá-lo. Vários aspectos atestam esta mudança. Entre eles, podemos destacar que 82% das entrevistadas consideraram a aparência muito importante e 95% acreditam que a importância dada ao corpo aumentou com relação ao passado. Com relação à influência da beleza no mercado de trabalho, 59% consideram a aparência muito importante, ao passo que 35% a consideram “mais ou menos

importante”. No tocante às relações afetivas, 29% a consideram muito importante na aquisição de parceiros e 59%, “mais ou menos” importante. Já vimos também que nas entrevistas estas duas porcentagens são relativizadas: as mulheres assumem que a beleza conta muito mais do que declararam, mas que se sentiram inseguras para o afirmarem no questionário fechado.

Cabe-nos também destacar que o corpo da atualidade é apreendido como absolutamente moldável. O corpo dos medievais era visto como uma graça divina, como resultado da herança genética, ou preso à teoria dos humores. As pessoas aceitavam mais o corpo que tinham, e o modelo de beleza recaía mais sobre o corpo hiperbólico do que sobre o corpo esguio. Com a modernidade, esta visão se altera, mas como vimos, subsistem as idéias da ginástica como algo terapêutico ou relacionada à manutenção de formas corporais já existentes. Será somente na atualidade que o corpo será apreendido como maleável e de inteira responsabilidade individual: a tônica dos *bodybuilders* reforça a todo instante que podemos fazer de nós mesmos um “outro”. Difundiu-se na atualidade a crença de que “só é feio quem quer”, ou quem está excluído economicamente desta e de outras esferas sociais.

Se por um lado esta crença levou-nos à possibilidade de recorrer mais tranqüilamente à tratamentos estéticos e/ou cirurgias plásticas, também operou um processo de culpabilização da mulher, que passou a ser responsabilizada por assegurar sua cota de beleza. Entende-se que a mulher moderna deve “fazer a sua parte”, o que significa, no mínimo, para as menos abastadas, reduzir a ingestão de alimentos calóricos e exercitar-se. Já para as mais abastadas sobe o nível das cobranças: além de controlar a alimentação e malhar, esta deve recorrer às plásticas estéticas e a inúmeros tratamentos faciais, sob a pena de ser considerada “desleixada”. Para a ideologia do culto ao corpo, não há felicidade fora da beleza.

Também vimos que não podemos incorrer no erro de creditar o processo de culto ao corpo à idade, baixa escolaridade e/ou à falta de ocupação. Embora a pesquisadora tenha percebido que as mulheres mais jovens (nas faixas etárias de 18-28 anos e de 29-39 anos) enfatizem mais a estética, enquanto mulheres mais velhas (nas faixas etárias acima de 40 anos) tendam a enfatizar a saúde, isto não pode ser considerado regra determinante, visto que há muitas mulheres jovens enfatizando a saúde e criticando o culto ao corpo; quanto senhoras que apontam motivos estéticos para a “malhação” e não hesitam em aderir às mais diversas técnicas de culto ao corpo. A idade também não determina o ritmo das atividades, sendo comum a presença de mulheres de 58-59 anos (Mulher 31, Mulher 65), ou de 63 anos (Mulher 42) em atividades como *BodyPump*, *BodyJump*, aeróbica e musculação. Com relação à percepção de que o modelo de corpo hegemônico é o “magro-malhado”, podemos dizer que

ela ocorre em mulheres de todas as idades. Só a título de exemplo (salientaremos aqui só 10 depoimentos, de um total de 70), podemos encontrar esta referência em depoimentos de mulheres entre 18-28 anos (Mulher 4, Mulher 26, Mulher 63), entre 29-39 anos (Mulher 2, Mulher 9, Mulher 43, Mulher 59), bem como de mulheres entre 40-50 (Mulher 45) e entre 51-61 anos (Mulher 31, Mulher 39). Se analisarmos outros pontos centrais da pesquisa, como a relação entre corpo e auto-estima, bem como a busca da perfeição e a relação entre corpo e identidade, veremos que também ocorre esta distribuição entre várias faixas etárias.

Acredito que isto se deve ao fato de que os modelos corporais e a importância da beleza se difundiram de tal maneira entre as mulheres urbanas de classe média-alta, que se infiltraram por variados segmentos etários, como comprova a adesão da chamada “terceiridade” à atividade física, bem como da transmissão destas idéias e comportamentos de uma geração à outra – como é o caso de mulheres entre 39-49 anos que, de tão assíduas à academia, passaram o hábito às suas filhas; ou o inverso, de adolescentes que convenceram suas mães e mesmo avós a aderirem à “malhação”. Novamente, cabe lembrar que mesmo quando a saúde é o fator principal para justificar tal prática, a estética também se infiltra no discurso e nas representações femininas sobre o corpo.

A escolaridade e o exercício da profissão também não se revelaram determinantes: 89% das entrevistadas têm nível superior e 67,5% exercem profissão. Se lembrarmos também que todas as mulheres vitimadas por anorexia ou bulimia (o que corresponde a 10% da amostra) têm nível superior e, destas, somente duas não exercem a profissão, podemos perceber que o culto ao corpo pode ser influenciado, mas não explicado por estas duas variáveis.

É que, na verdade, não se trata apenas da aquisição de formas corporais específicas, ou de mera futilidade, mas de condutas ligadas à auto-estima e à identidade femininas: para 84% das entrevistadas a prática regular de exercícios levou-as a se preocuparem mais com a auto-imagem. O corpo funcionará assim, como um indicador de sucesso e *status*, diretamente ligado à própria noção de pessoa. Assim, é preciso ser inteligente, ter profissão, ser boa mãe e companheira, mas também se valer do capital simbólico da beleza, entendido pelas pesquisadas como “um trunfo a mais” no sucesso pessoal e profissional.

De tão comum, podemos dizer que o culto ao corpo já se tornou parte da nossa cultura, está ao nosso redor e nos suscita a pensar sobre ele, sob pena de sermos por ele tragados. No universo pesquisado, 88% das entrevistadas acredita que podemos falar atualmente num processo de culto ao corpo e só 9% o consideram “mais ou menos” presente em nossa sociedade.

Ademais, o corpo inscreveu-se definitivamente na lógica do individualismo competitivo. Primeiro, porque como ressalta Rodrigues (1999), a característica primordial da constituição da individualidade é o espelhamento de si em si mesmo, é o cuidado de si, a atenção e policiamento das próprias condutas e pensamentos. Segundo, porque a competição é inerente ao próprio processo de individualização, já que os referenciais que me definem só existem em íntima correlação – e paradoxalmente, afastamento – com os referenciais alheios: para que o indivíduo se singularize, é preciso primeiro que ele se afaste dos “outros”. No caso das nossas entrevistadas, a lógica é a de ao mesmo tempo se igualar aos modelos estéticos pré-existentes, mas também, se diferenciar e competir através deles; tanto que para 52% da amostra as mulheres se arrumam para serem vistas, admiradas e invejadas pelas próprias mulheres.

Por outro lado, o culto do eu exige, como ressaltaram Elias (1990) e Rodrigues (1999), uma atenção maior ao peso das convenções sociais e do teatralismo artificial sobre às sensações imediatas, tornando o indivíduo menos resistente às pressões externas, que antes eram exercidas sobre toda a sociedade e agora passam a ser exercidas sobre cada um de nós, aumentando nossa vulnerabilidade à mídia e à opiniões alheias. Ou, como afirmou Rodrigues (1999): *“o indivíduo independente, autônomo e livre, absorve água quando pensa respirar e acaba se afogando no oceano das regras de um sistema político e econômico, de uma cultura, enfim, que o escraviza e que o obriga a ser exatamente assim: alguém que desempenha compulsoriamente o papel de ser livre, autônomo, independente (...). O indivíduo acaba por sentir em si o mal-estar silencioso, derivado da talvez mais hermética das prisões, aquela que se constitui quando o homem passa a ser um carcereiro de si próprio, vivendo na ilusão de ser livre. Mal-estar ruminante, que emerge inapelavelmente quando o ser humano se transforma, para relembrar as muito sábias palavras de Montaigne, em ‘amo de si mesmo’”* (Rodrigues, 1999: 178-179).

Recontextualizando para o culto ao corpo, podemos resumir afirmando que somos livremente obrigados a fazer ginástica, cultuar a magreza e a “malhação” e sonharmos com próteses de silicone. Além é claro, de cabermos no tamanho “P”, pois despreende-se que o corpo da atualidade, além de domesticado e disciplinado, deve ser exposto.

Se nos primórdios da idade moderna engendravam-se as idéias de autocontrole físico e mental, bem como de frugalidade, agora temos uma nova lógica: ascese e disciplinam mesclam-se ao hedonismo e ao desejo de exibição e exposição do corpo. De nada vale, para a nossa cultura, adquirir o corpo ideal se não for para mostrá-lo, tanto que para 96% das entrevistadas a exibição do corpo hoje pode ser considerada intensa e/ou exagerada,

reforçando a idéia de nossa sociedade como uma cultura narcísica (Lasch, 1979). Aumenta progressivamente a quantidade de espelhos, bem como do prazer de neles buscar nosso reflexo, ansiando por ver o corpo desabrochar. As roupas diminuem e exibir o corpo passa a ser tão importante quanto conquistá-lo. Lembremos também que para Courtine (1995) a geração pós 1980 caracteriza-se por um *ethos* que pode ser chamado de “puritanismo ostentatório”, combinando numa só prática, disciplina rigorosa com desejo de exibição, autoprivação ascética com afirmação positiva do eu. É preciso “malhar” o corpo, judiá-lo e levá-lo ao limite, para depois mostrá-lo e adorá-lo. Evidencia-se um comportamento hedonista também porque a idéia de prazer será central na atual cultura do corpo: prazer de estar consigo mesma; prazer em mostrar-se e prazer sexual, porque envolve a sedução do outro pelo físico. Longe de corpos cobertos, as imagens na mídia tendem a correlacionar beleza, exposição do corpo e sedução. Ao contrário da década de 1920, os corpos não estão mais escondidos nem pelas roupas nem pelos preceitos cristãos, eles estão à mostra, desvelados.

O corpo, se espetaculariza; e o espetáculo corporifica-se, está inscrito no corpo e ao mesmo tempo, comanda-o. Nosso corpo já não é mais o corpo coberto da modernidade e sim o corpo desnudo, espetacularizado. Roupas menores e mais justas, bem como a nudez invadem não só o mundo privado das nossas entrevistadas mas o público, estão estampados em *outdoors*, comerciais, novelas e outros produtos.

Sustentamos que mais do que proclamar a morte das utopias da comunicação em favor das utopias do corpo (como propunha Sfez), podemos afirmar que hoje, mídia e culto ao corpo entremeiam-se, constituindo verdadeiros ícones no entendimento de nossa cultura e sensibilidade. Segundo as mulheres pesquisadas, a mídia é grande responsável na criação e na consolidação dos modelos estéticos, tanto que 96% da amostra afirmaram que a mídia interfere no processo de culto ao corpo.

Para finalizar o presente trabalho, gostaria de salientar que se as academias de vidro lembram o panóptico de Bentlan, são também templos de consumo onde se vende a todo o momento o corpo perfeito como uma mercadoria, que pode ser comprada por quem puder pagar por todos os aparatos que o sustentam. O palco onde a modernidade se apresentava aos olhos dos séculos XVIII e XIX era a cidade, urbanizada, vertiginosa, espetacularizada. As galerias e lojas de departamentos estavam por toda parte, em sua maioria construídas em ferro e vidro, num movimento de exposição do seu interior.

Segundo Benjamin (1985), elas eram “mundos de sonhos” da cultura de consumo, materializações da fantasmagoria de que falava Marx: as novas galerias e lojas de

departamento eram templos onde as mercadorias eram cultuadas como fetiches: “*As exposições universais constroem o universo das mercadorias. As fantasias de Grandville transferem para o universo o caráter da mercadoria. Elas o modernizam. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para se divertir*” (Benjamim, 1985: 36).

Da mesma forma, vejo as academia de hoje como templos de consumo e exposição nos quais o corpo perfeito aparece como um fetiche. Debord também demonstra que modernidade, mercadoria e espetáculo estão atrelados, já que “*O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social*” (Debord, 1992: 30). Segundo ele, “*O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por ‘coisas supra-sensíveis embora sensíveis’, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele*” (idem, *ibidem*: 28).

Não são exatamente estas as características que encontramos no atual culto ao corpo? Nunca se vendeu tanto a ideologia do corpo perfeito como hoje. E, atrelado a ela, todo um mercado surgiu: clínicas de estética, nutricionistas, academias, lojas de suplementos, etc. Há alguns anos atrás, era possível viajar para uma bucólica cidade de Minas Gerais, Caxambu, hospedar-se em hotéis com excelente serviço gastronômico, participar de congressos científicos e partir alguns dias depois transportando, além da carga intelectual, alguns quilos a mais estampados no corpo. Hoje, até os hotéis menores oferecem uma sala de ginástica para aliviar a consciência dos que se entregam às tentações da gula. Parece haver no ar um sentimento de culpa quando estamos acima do peso ou ostentamos um corpo divergente dos padrões estabelecidos.

Além disto, o próprio corpo se torna um capital rentável e sem fronteiras, cercado de enormes investimentos de tempo e dinheiro, já que ele parece ser cada vez mais importante para o sucesso pessoal e profissional. Ele se torna desejo, pois atesta triunfo, mas também se transforma em espetáculo e, como tal, não escapa dos mecanismos de alienação e fetichismo da mercadoria (Karl Marx, 1980). Debord salienta que “*a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Esta alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente (...) O caráter tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, o seu fim*” (Debord, 1992: 15, 17).

Já vimos que o culto ao corpo da atualidade coloca-se como um espetáculo de corpos construídos e diz a todo instante que, para sermos socialmente aceitos, temos que nos preocupar com a aparência. Os meios de comunicação reforçam esta idéia e cada vez mais somos levados a acreditar nela, buscando padrões corporais que hoje são vistos quase que como naturais pelas pessoas. Raras vezes paramos para questionar esta busca desenfreada

pelo corpo perfeito ou pela magreza extrema. Vamos apenas desejando-os e cultuando-os como fetiches, fechando os olhos para os processos culturais de imposição de modelos que o revestem. O espetáculo do corpo magro e “malhado” coloca-se ao mesmo tempo enquanto desejo, propaganda do culto ao corpo e realidade.

Este corpo, ao mesmo tempo em que é um meio de ascensão e pertencimento social, também é um fim em si mesmo, o grande objetivo de boa parte da população. Ele não está vinculado, como era o caso no período arcaico grego, ao Estado, à possibilidade de derrotar outras nações pelo esporte ou pela guerra, bem como de bem cuidar dos assuntos da pólis. Ele parece fechar-se em si mesmo e nos escravizar.

Rodrigues afirmou que, na esteira do processo de fragmentação do corpo, acabamos por criar um paradoxo: ao mesmo tempo em que o corpo ganha uma visibilidade sem precedentes em outras épocas, esta sua excessiva visibilidade acaba por decretar sua inexistência: *“A lógica que cultua o corpo também o põe à distância, caracteriza o corpo como diferente do ser humano que ele encarna e faz dele algo que se possui, como um objeto exterior. Ela concebe o corpo como algo que se produz (...), algo que se pode vender e comprar (...). Trata-se basicamente, de ‘ter’ um corpo, necessariamente no singular. Ter aquilo que dá contorno a individualidade. ‘Possuir’ aquilo que me separa dos outros, do mundo e de mim mesmo”* (Rodrigues, *op. cit.*: 180). E, de tão separados, perdemos a capacidade de nos comunicar com nossos semelhantes ou receamos que o corpo nos traía: fingimos não ouvir um rumor estomacal ou uma tagarelice dos orifícios e chegamos a pedir desculpas ao aproximarmos em demasia de alguém desconhecido⁸⁸. Para o autor, as transgressões das regras e éticas corporais passam a expor o indivíduo ao risco simultâneo de vergonha íntima e de ridicularização pública, ameaçando a perda do prestígio e da estima sociais e levando-o a se desculpar e a punir-se em seguida. Presos à lógica que nós mesmos criamos, somos a um só tempo, os transgressores da ética do corpo perfeito e os carrascos de nós mesmos. Uma das entrevistadas diz a respeito da cobrança pelo corpo perfeito:

“Era uma cobrança interna pela perfeição física, ainda hoje, é principalmente interna, mas já teve o aspecto externo que me incomodou muito. Quando eu rompi um relacionamento, que eu fiquei solteira, aí, quem é que vai me querer, eu não quero um homem acabado de 58 anos, 60 anos (...). A cobrança que vem de fora é tremenda, as mulheres que não seguem a cobrança se sentem muito envergonhadas e chegam a pedir desculpa, ‘olha, eu sei que eu tô um lixo, ai meu Deus, eu não posso usar uma roupa desta’,

⁸⁸ É interessantíssima a análise de Rodrigues, que afirma que foi novidade para ele o fato das pessoas em Paris e Londres, por volta de 1980, antes de se dirigirem à outras, utilizarem expressões como “scusi!”, “pardon!”, “excuse me!”. A este respeito, ver Rodrigues, *O corpo na história*, 1990.

entendeu, eu acho que elas não podem usar certas roupas e acabam se sentindo uma droga como mulher e se desculpando por isso.” (Mulher 13, 59 anos). Ou seja, o indivíduo que adere às lógicas do culto ao corpo é punido pela contracultura caso se sujeite, mas é punido pelo restante da sociedade por não o fazer, ou nas palavras de Rodrigues, “por não se ter deixado assujeitar” (Rodrigues, op. cit.: 187).

Neste cenário de cobranças estéticas a aparência se reafirma em todos os sentidos: mais do que ter um corpo eternamente jovem (já que isto é biologicamente impossível), precisamos parecer tê-lo. O que realmente conta é com o que nos parecemos, graças às maquiagens, regimes, cirurgias plásticas e afins. Como disse uma vez Cindy Crawford, considerada ícone internacional de beleza, “*Antes de passar pelo menos duas horas com o maquiador e o cabeleireiro, nem eu pareço com a Cindy Crawford*” (Goldenberg e Ramos, 2002: 19).

A respeito, diria Debord (1992) que “*A primeira fase da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer (...) Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela* (Debord, 1992: 24).

Sobre o “verdadeiro eu”, um arsenal de cosméticos e tratamentos estéticos irá se sobrepor, para que, finalmente, apareça o modelo de pessoa que a sociedade mais ampla julga adequado. Vimos que nosso corpo, antes de ser um produto meramente biológico, é suporte de identidades sociais, construídas pela cultura e reafirmadas por ela. Não há corpo que seja intocado pelas práticas culturais desta ou daquela sociedade, o que nos remete novamente à Mauss, que associa a noção de persona latina a máscaras, máscaras trágicas, máscara ritual e máscara ancestral. Epiceto, ao discutir a idéia de persona entre os gregos acrescentou a ela o sentido moral, além do sentido jurídico; assim, de um sentido de testemunha, passou-se ao sentido da consciência do bem e do mal. Segundo Mauss, “*Epiceto guarda ainda o sentido das duas imagens sobre as quais trabalhou esta civilização, quando escreve o que Marco Aurélio cita: ‘esculpi tua máscara’, ‘impõe teu personagem’, ‘teu tipo’ e ‘teu caráter’, quando lhe propunha o que vinha a ser nosso exame de consciência*” (Mauss, 2003: 391). Assim, sobre o corpo instauram-se máscaras sociais, revestimentos de símbolos, adornos, maquiagem, que criam um personagem, um outro eu, diferente do que eu posso ser na intimidade do meu lar.

Também basta uma análise atenta para percebermos que o processo de culto ao corpo não se sustentaria sem um comportamento hipnótico, que leva as pessoas a aderirem a práticas

como ginástica, sessões de estética ou mesmo uma aula de *spinning* (pedalar alucinadamente uma bicicleta que não sai do lugar, subir e descer ladeiras imaginárias, todos ao mesmo tempo, ao som de música “*tecno*” e luz negra). Observando o ambiente da academia do alto da escada que leva à imensa sala espelhada dos equipamentos de aeróbica (bicicletas, esteiras, etc) vi-me diante de uma fábrica de corpos: todos tentando se parecer com o modelo difundido, todos hipnotizados, comprando suplementos, exercitando-se até a exaustão física, sonhando em adquirir aparelhos eletrônicos abdominais, moldados pelas regras sociais de uma cultura que nunca se afirmou tão fortemente na busca do corpo perfeito como hoje.

Como vimos, pode-se postular que a saúde orienta estas práticas, mas não nos enganemos: ela é, na maioria dos casos, uma mera desculpa, já que as rotinas de contenção de peso e mesmo a prática desenfreada de exercícios físicos certamente estão muito mais ligadas à obsessão do corpo perfeito do que à manutenção à saúde. Contemplamos e desejamos corpos que aprendemos a ver como belos e estamos dispostos a tudo para alcançá-los.

Afinal, os recursos técnicos estão ao alcance de quem puder pagá-los. É possível medir com exatidão a taxa de gordura corporal e valer-se de várias tecnologias para combatê-la: os alimentos industrializados fornecem tabelas de informações nutricionais; é possível pesá-los com balanças caseiras e calcular exatamente quanto comer; a ciência nos disponibilizou técnicas cirúrgicas para a obtenção de beleza; há inibidores de apetite, proteínas sintetizadas, anabolizantes... Sob o corpo é possível aplicar a mesma racionalidade que impregna todos os setores da vida moderna.

Mas, como nos lembrou Max Weber, há perigos nesta demasia racionalidade. Ela é indissociável de dois processos: o desencantamento do mundo e a alienação.

Ao expulsarmos, em nome da razão, conteúdos emocionais e mágicos, tornamos o mundo (e nossas vidas) desprovidas de encanto: passamos a viver em um mundo de matéria e de seres que se encontram à serviço da humanidade, destinados a serem utilizados e consumidos.

Neste processo de desencantamento do mundo, maior é o perigo da alienação; já que estamos condenados a só realizar uma parte daquilo que deveríamos ser, sem outra esperança de grandeza senão a de aceitar tal limitação.

Presos à ideologias estéticas embebidas de calcubilidade, os *bodybuilders* (e em especial, as mulheres) chegam a sacrificar, pela estética, outras esferas da vida. Muitas delas abrem mão de compromissos ou encontros com aqueles que não estão inseridos no universo da academia. Recusam almoços ou jantares que possam comprometer as formas cuidadosamente

construídas. Abrem mão dos prazeres da boa mesa e chegam a descartar parceiros que não as apóiam na busca do corpo. Sabino (2002) reforça este dado com o testemunho de uma entrevistada de 26 anos, advogada: *“Meu namorado me deu um ultimato: ou eu, ou a academia. Não pensei duas vezes; terminei o namoro de seis anos. Foi difícil, porque seis anos não são seis dias. Eu venho para a academia seis vezes por semana, deixo de comer uma porção de coisas para ficar com o percentual de gordura baixo e faço isso já tem quatro anos (...)”* (Sabino, 2002: 161).

Ou seja, se o corpo na atualidade pode ser um meio de atrair parceiros e promover relacionamentos, também se transforma em próprio fim, e de tão cultuado em si mesmo, afasta quem não adere às novas lógicas de culto ao corpo. Ou, como diria Debord, *“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo”* (Debord, 1992: 24).

Segundo uma das entrevistadas, *“Hoje você nem precisa ter tanta intelectualidade, nunca pensei que quatro bolas no seu corpo, duas atrás, duas na frente, não deixa de ser o país das bolas, fariam com que você fosse interessante, mas o mais preocupante é que nós mulheres nos deixamos cair nisto e nos tornamos escravas, a mulher se submete a esta pressão social (...) A mulher precisa fazer esporte, mas não deve se submeter à mídia, ao poder masculino, de ser gostosa e não só culto ao corpo, porque senão, a gente vai ser escrava da gente mesma...”* (Mulher 66, 44 anos).

Neste sentido, Goldenberg (2004) afirma que a atual obsessão com o corpo tem levado a muitos desencontros, frustrações e insatisfações, observando que talvez este seja o momento de se pensar mais criticamente sobre os valores que determinam alguns comportamentos femininos. Ela cita Naomi Wolf, que defende que as mulheres lutem pela mais básica das liberdades: a de imaginar o próprio futuro e de ter orgulho da sua própria vida, demonstrar sua lealdade para com a sua idade, seu corpo, sua pessoa e sua história: *“A eliminação dos sinais de idade dos rostos e corpos femininos deveria ter a mesma ressonância política que seria provocada se todas as imagens de negros fossem clareadas, pois equivale a apagar a identidade, o poder e o valor das mulheres”*. (Wolf, apud Goldenberg, 2004: 43).

A lógica do culto ao corpo, se por um lado promove mecanismos de identidade, também nos faz correr o risco de perder o valor ético das diferenças, gerando o aprisionamento e a falta de opção individual e minando qualquer possibilidade de transcendência. Voltamos assim, a idéia weberiana da “gaiola de ferro”: sobre o corpo depositam-se mecanismos de

racionalidade técnica e padronização, mas sem que estes tenham destinação social humana. Eles terminam exatamente onde começam: no próprio corpo.

E a saída, parece distante; pois quando a racionalidade passa a reger todas as esferas sociais (científicas, econômicas, políticas), o único espaço que sobra é o da individualidade, que se processa, entre outras instâncias, no erotismo. Mas, como haver saída no erotismo se, no caso das entrevistadas, o corpo, veículo de prazer e liberdade, é também aprisionado por uma lógica capitalista, sendo padronizado e normatizado? No limite, a cultura da perfeição, aliada ao conhecimento técnico científico das cirurgias plásticas pode ir contra princípios éticos, incitando às mulheres a regimes e plásticas talvez desnecessárias; ou mesmo vendendo, sem se preocupar com as consequências, a ideologia e os riscos do culto ao corpo perfeito. Como ficam a ética e o respeito às diferenças quando se postulam ideais estanques, seja de credo religioso, seja corporal?

O que podemos concluir com relação à cultura do corpo na atualidade? Devido ao caráter polissêmico do corpo, seu conhecimento é interminável, recolocando o tempo todo tanto os limites sobre ele quanto os de nossa análise sobre suas representações. Permanentemente em construção, processo cultural por excelência, o corpo suscita mais questões do que respostas.

Portanto, encerro com uma pergunta: seriam os *bodybuilders* e adeptas da magreza extrema os novos sujeitos de uma história permanentemente por escrever, principais agentes de uma nova cultura do corpo? Ou seriam talvez os condenados da aparência, os novos sujeitados de uma tirania do detalhe anatômico que a utopia do corpo incessantemente produz?

Talvez possamos ver no culto ao corpo a modernidade se realizando, com todas as contradições que a caracterizam: a técnica invadindo cada vez mais o mundo privado da casa e do próprio corpo, permitindo uma mudança corporal sem precedentes, mas também prendendo homens e mulheres em templos de vidros (ou “gaiolas de ferro”...) moldados por nós mesmos... Enveredamos por um processo de constituição de identidade calcado na obtenção e exposição do corpo perfeito que, ao mesmo tempo em que nos singulariza e nos diferencia dos outros, liberando nossa capacidade expressiva, também nos homogeneíza. Que liberta formas que já não precisam de suportes, sustentam-se por si só, mas que são fruto de investimentos e disciplinas constantes. Que engendra novas moralidades, mas que nos faz mergulhar cada vez mais no turbilhão de um mundo regido pela aparência, que, como já destacavam Baudelaire, Benjamin e Debord, dilui as fronteiras entre realidade, arte, ficção, aparência e espetáculo.

No centro deste turbilhão, estamos nós, às vezes hipnotizados demais, às vezes encarando a esfinge e tentando encontrar sentidos no caos.

8 - Bibliografia

- ARAÚJO**, Emanuel – “A arte de sedução na colônia”, In: História das Mulheres no Brasil, Org. Mary Del Priori, São Paulo, Contexto, 2004.
- AUMONT**, Jacques - A Imagem. São Paulo, Papirus, 1993.
- BAUDELAIRE**, Charles - “Le preintre de la vie moderne”, 1864, in: A Sociedade de Consumo, Lisboa, Edições 70, s/d.
- BAKHTIN**, Mikhail – A cultura popular na idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo, Hucitec, Brasília: Editora da UnB, 1987.
- BENJAMIN**, Walter- “Paris, capital do século XIX”, in: Os Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Ática, 1995.
- BERGER**, Mirela; GONÇALVES, Cristiane e MONTANARI, Patrícia- “Quando o espelho não reflete: alunos portadores de deficiências na Usp”, relatório final, CECAE/USP, 1991.
- BERGER**, Mirela – A Projeção da Deficiência, Dissertação de Mestrado, PPGAS, USP, 1999.
- BERMAN**, Marshal _ Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOLTANSKI**, L. - As Classes Sociais e o Corpo, Rio de Janeiro, Grall, 1979.
- BORDO**, Susan - “O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault”, in: Gênero, Corpo e Conhecimento, Coord. Alison Jaggar e Susan R. Bordo, Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOURDIEU**, Pierre –A Distinção, São Paulo, Difel, 1984.
- A Economia das Trocas Linguísticas, São Paulo, Perspectiva, 1974.
- “Novas reflexões sobre a dominação masculina”, in: Gênero e Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- CASANOVA**, Vera - “Condenados ao sentido”, in: Corpo e Sentido: A Escuta do Sensível, organizador Ignácio Assis Silva, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- CASTRO**, Eduardo Viveiros de - "A fabricação do corpo na sociedade xinguana.", in Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Série Antropologia, vol. 32, 1979.

CERTEAU, Michel - “Histoires du corps”, Espirit, n.62, fevereiro de 1982, p. 180.

CHAGAS, Eliasne Pardo - “Corpo feminino do detalhe... Uma possibilidade de construção de novos territórios para a subjetividade feminina”, in: Corpo, Mulher e Sociedade, São Paulo, Papirus, 1995.

CLASTRES, Pierre - A Sociedade Contra o Estado, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S.A., 1988.

COMOLLI, Annie - Initiation aux Techniques Domestiques, Paris, Université de Paris, Formation de Recherches Cinématographiques, 1972.

COMOLLI, Annie & CLAUDINE DE FRANCE - Techniques de Musculation: La Lesson, Paris, Université de Paris, Formation de Recherches Cinématographiques, 1972/73.

COSTA, Maria Cristina – O Retrato Feminino na Pintura Brasileira, 1800-1950, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1985.

COTT, Nancy F. – “O estilo americano dos anos 20”, in: História das Mulheres no Ocidente, dir. de Georges Duby e Michele Perrot, vol.5, Edições Afrontamento, LTDA, Porto, sem data.

COURTINE, Jean Jacques - “Os staknovistas do narcisismo: body-buildinng e puritanismo osstentatório na cultura americana do corpo”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

CRESPO, Jorge - A História do Corpo. Lisboa, Difel, 1990.

CUNHA, Manuela - Antropologia do Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1989.

DEBERT, Guitta Grin – A Reinvenção da Velhice, São Paulo, Edusp, 1999.

DEBORD, Guy – A Sociedade do Espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1992.

DEFrance, Jacques – La Fortification des Corps. Essai d’histoire des pratiques d’exercice corporal. Paris, École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1978.

DEL PRIORE, Mary – Corpo-a-corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo no Brasil, São Paulo, SENAC, 2000.

- “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”, In: História das Mulheres no Brasil, Org. Mary Del Priori, São Paulo, Contexto, 2004.

- Ao Sul do Corpo – Condição Feminina, Maternidade e Mentalidade na colônia, 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

DOUGLAS, M. - Pureza e Perigo, São Paulo, Perspectiva, 1976.

DUARTE, Elizabeth Bastos - “Propõem-se...Contatos imediatos: a construção da imagem corporal nos anúncios classificados”, in: Corpo e Sentido: A Escuta do Sensível, organizador Ignácio Assis Silva, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

DUBOIS, Philippe - “O corpo e seus fantasmas”, in: O Ato Fotográfico, Campinas, Papirus, 1990.

DUMONT, Louis – O Individualismo, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

ECKERT, Cornélia - “Do corpo dilapidado à memória reencantada”, in: Corpo e Significado, Org. Ondina Fachel Leal, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

EDMONDS, Alexander – “Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

ELIAS, Nibert – O Processo Civilizador, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

FEATHERSTONE, M. et alii – The Body: Social Process and Cultural Theory, London, Sage, 1992.

Cultura de Consumo e Pós-Modernismo, São Paulo, Nobel, 1995.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno, in: Políticas do Corpo, org. Sant’Anna, Denize Bernuzzi, São Paulo, estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel – Vigiar e Punir, 1978.

A Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Grall, 1979.

A História da sexualidade – O Cuidado de Si (vol. 3), Rio de Janeiro, Grall, 1985.

FREYRE, Gilberto – Modos de Homem. Modas de Mulher, Rio da Janeiro, Record, 1986.

FUSSEL, San - Muscle: The Confession of an Unlikely Body-Builders, New York, Poseiddon Press, 1991.

GEERTZ, Clifford – A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony – Modernidade e Identidade Pessoal, Oeiras, editora Celta, 1997.

GILMAN, Sander – Making the Body Beautiful: A Cultural History of Aesthetic Surgery, Princeton University Press, 1999.

GRILLET, A. – Porque amo Barthes, Rio de Janeiro, EFRJ, 1995.

- GOFFMAN**, Erving - Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GOLDENBERG**, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva - “A civilização das formas: O corpo como valor”, in: Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.
- GOLDENBERG**, Mirian - “Apresentação”, “A conversão do pesquisador” e “O corpo cativo: sedução e escravidão feminina”, in: De Perto Ninguém é Normal, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.
- GUÉRONET**, Jane - “Ritual and cooperation in a body procedure”, in: Visual Anthropology, vol.6, org. Paul Hockings, EUA, Harwood Publishers GmbH, 1993.
- HAIKEN**, Elizabeth – Venus Envy: A History of Cosmetic Surgery, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1997.
- HERTZ**, Robert - "A proeminência da mão direita", in Religião e Sociedade, vol. 6, Rio de Janeiro, ISER.
- KELEMAM**, Stanley – Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell, São Paulo, Summus, 2001.
- KÉLH**, Maria Rita – “Com que corpo eu vou?”, Folha de São Paulo, Mais!, São Paulo, 30/06/2002.
- LASCH**, Chistopher - The Culture of Narcissism, New York, W. W. Norton, 1979.
- LAURETIS**, Teresa de – “A tecnologia do gênero”, in: Influências e Impasses: O feminismo como Crítica da Cultura, RJ, Rocco, 1994, org. por Heloísa Buarque de Holanda.
- LAURRELL**, A. C. - “A saúde como processo social”, in: Medicina Social - Aspectos Históricos e Teóricos, São Paulo, Global, 1983.
- LEAL**, Ondina Fachel - Corpo e Significado - Ensaios de Antropologia Social, Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- LÉVI-STRAUSS**, Cláude – El Pensamento Selvaje, Mexico, Fondo de Cultura Económico, 1975
- LÉVI-STRAUSS**, Claude – “Jean-Jacques Rosseau: fundador das ciências do Homem”, in: Antropologia Estrutural Dois, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.
- “Raça e história””, in: Antropologia Estrutural dois, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.

“A eficácia simbólica” e “O Feiticeiro e sua magia”, in: Antropologia Estrutural Um, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.

LIPOVESTSKY, Gilles – “Le boom de lá beauté”, in: La Troisième Femme: Permanence et Revolution du Féminin, Paris, Gallimard, 1997.

LUCERO, Néelson - “O corpo redescoberto”, in: Corpo, Mulher e Sociedade, São Paulo, Papyrus, 1995.

MAFFESOLI, Michel – “Deixar de odiar o presente”, in: Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw – Os Argonautas do Pacífico Ocidental, São Paulo, Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl – O Capital, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

MAUSS, Marcel - "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção do eu.", in: Sociologia e Antropologia, vol. 1, São Paulo, EPU, 1974.

“As técnicas corporais”, in: Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, 1974.

MEDINA, João P. Subirá - O Brasileiro e seu Corpo: Educação e Política do Corpo, Campinas, Papyrus, 1987.

MONTE-MOR, Patrícia & **PEIXOTO**, Clarice - Cadernos de Antropologia e Imagem, n.1, Rio de Janeiro, UERJ.

NOVAES, Joana de Vilhema – “Corpo e prazer – o corpo do consumo e o consumo do corpo”, mimeo., Rio de Janeiro, PUC, 1997.

NOVAES, Sylvia Caiuby – Jogo de Espelhos, São Paulo, Edusp, 1996.

PERROT, Michelle – As Mulheres ou os Silêncios da História, Tradução de Viviane Ribeiro, São Paulo, EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle – Mulheres Públicas, São Paulo, Unesp, 1998.

PEIRCE, Charles Sanders – “O ícone, o indicador e o símbolo”, in: Semiótica e Filosofia, São Paulo, Editora Cultrix, sem data.

POLIVY, Janete HERMAN, C.P.- “Diagnosis and treatment of normal eating”, in: Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55, 635-44, 1987).

- PROST**, J. H. - “Filming body behavior”, in: Principles of Visual Anthropological Filmmaking, org. Paul Hockings, Ed. The Hauge Mouton Éditeur, 1975.
- PROUST**, Antoine - “Fronteiras e espaços do privado”, in: História da Vida Privada, vol 5: da Primeira Guerra a Nosso Dias, org. por Antoine Proust e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- QUEIROZ**, Renato da Silva e OTTA, Emma - “A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal”, in: O Corpo do Brasileiro: Estudos de Beleza e Estética, Renato da Silva Queiroz Org., São Paulo, Senac, 2000.
- RAGO**, Margareth - “Trabalho feminino e sexualidade”, In: História das Mulheres no Brasil, Org. Mary Del Priori, São Paulo, Contexto, 2004.
- RAMECK**, Maruska – Dinâmicas da Voz e do Gênero: Uma questão de poder, tese de doutorado, PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), São Paulo, 2001.
- REZENDE**, A. L. M. - A Saúde - dialética do pensar e do fazer, 2 ed., São Paulo, Cortez, 1989.
- ROCHA**, E. – Magia e Capitalismo: Um Estudo Antropológico da Publicidade, São Paulo, Brasiliense, 1995.
- RODRIGUES**, José - Tabu do Corpo, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- O Corpo na História, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.
- ROMERO**, Elaine - “O corpo no século XVIII: Elementos Para a compreensão das atividades corporais e redimensionamento de uma práxis na passagem para o terceiro milênio”, in: Ensaio: Educação Física e Esporte, Vitória, CEFD da Ufes, vol.I, 1993.
- ROMERO**, Elaine – “A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento”, in: Corpo, Mulher e Sociedade, São Paulo, Papirus, 1995.
- SABINO** , César – As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação, Rio de Janeiro, Lugar Primeiro, sem data.
- “Anabolizantes: drogas de Apolo”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.
- SAFFIOTI**, Heleieth – A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade, Petrópolis, Vozes, 1979.

- “No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil”, in: Quem mandou nascer mulher, org. Madeira, F.R., Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1997.]
- SANT’ANA**, Denize Bernuzzi de - “Apresentação”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- SATOW**, Sueli Hamuri - “Dumbo: estigma e marginalização”, mimeo, UFRJ, 1991.
- SANTOS**, José Luiz dos- O que é Cultura, São Paulo, Círculo do Livro, 1990.
- SCHPUN**, Mônica Raiza – Cultura física e Comportamento em São Paulo nos anos 20, São Paulo, SENAC, 1999.
- SCOTT**, Joan – “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, in: Revista Educação e Realidade, vol 16, n.2, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul./dez. de 1990.
- SEEGER**, Anthoni et al. - "A construção da pessoa nas sociedades indígenas.", in Boletim do Museu Nacional, vol. 32, Rio de Janeiro, Série Antropologia, 1979.
- SEVCENKO**, Nicolau – “Mobilização permanente”, in: Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo: Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20, São Paulo, Companhia das letras, 1992.
- SENNETT**, Richard – Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro, Record, 1997.
- SFEZ**, Lucian - “Saúde perfeita é utopia do final do século”, in: O Estado de São Paulo, n. 788, São Paulo, 7 de outubro de 1995.
- SFEZ**, Lucian - “A grande saúde”, entrevista dada ao caderno “Mais”, in: Folha de São Paulo, São Paulo, 7 de abril de 1996.
- SFEZ**, Lucian - A Saúde Perfeita, tese sobre a imagem do corpo e da natureza nos EUA, França e Japão, Pari, 1996.
- SIEBERT**, Raquel Stella de Sá - “As Relações de Saber-Poder Sobre o Corpo”, in: Corpo, Mulher e Sociedade, São Paulo, Papirus, 1995.
- SIMMEL**, Georg – “A metrópole a vida mental”, in: O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- THÉBAUD**, Françoise – “Introdução”, in: História das Mulheres no Ocidente, dir. de Georges Duby e Michele Perrot, vol.5, Edições Afrontamento, LTDA, Porto, sem data.

- TRAVAILLOT**, Yves- Sociologie des Pratiques d'Étretien du Corps. L'Évolution Portée au Corps Depuis 1960. Paris, PUF, 1998.
- TURNER**, Victor – O Processo Ritual, Petrópolis, Vozes, 1974.
- VAYONE**, Francis & **GOLIOT-LETÉ**, Anne - A Análise Fílmica. São Paulo, Papirus, 1994.
- VEBLEN**, T. – A Teoria da Classe Ociosa, São Paulo, Pioneira, sem data.
- VERNANT**, Jean Pierre - “Dim body, dazzling body”, in: Fragments for a History of the Human Body, Part One, Edited by Michel Féer with Ramona Naddaff and Nadia Taz, 1989, Urzone, New York.
- A Morte nos Olhos - Figuração do Outro na Grécia Antiga, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- VIGARELLO**, George – Lê Propre et lê Sale, Paris, Seuil, 1985.
- “Panóplias corretoras: balizas para uma história” in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- VINCENT**, Gerald – “Uma história do segredo?”, in: História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias, organização Antoine Prost e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- WACQUANT**, Lôic – Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- WEBER**, Max – A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1989.

Reportagens

1. *Revista Veja e Veja São Paulo*

- Veja, “*Brasil, império do Bisturi*”, 10/01/2001.
- Veja, 17/01/2001.
- Veja, 14/02/2001.
- “*A ciência da Boa Forma: Depois de anos de estudo sobre o efeito da ginástica, os especialistas ensinam como melhorar seu corpo em poucos meses*”, Veja, 28/11/2001.
- “*Os exageros da plástica: os avanços da cirurgia estética são incríveis, mas é preciso evitar excessos*”, Veja, 6/03/2002.
- Veja, 11/02/2004.
- “*O poder da forma: como o design, o estilo e a aparência se tornaram fundamentais no mundo atual, definindo o sucesso ou o fracasso de pessoas, empresas e produtos*”, Veja, 11/02/2004.
- “*Beleza a qualquer preço: Algumas mulheres chegam a gastar entre 6.000 e 15.000 reais por mês para manter a boa forma*”, Veja São Paulo, 03 de julho de 2002.

2. *Jornal Folha de São Paulo*

- Folha de São Paulo, 11/07/1999.
- Folha de São Paulo, 12/04/2001.
- Jornal Nacional, 12/10/2002.

3. *Revista da Folha.*

- “*Elas estão loucas*”, “*obrigação de ser linda: horas de academia, silicone e regimes de fome alimentam a obsessão feminina pela perfeição*”, Folha de São Paulo, 3/9/2000.

- “*O pico da vaidade: em busca de um corpo perfeito e da eterna juventude, homens e mulheres recorrem ao GH, hormônio que pode causar doenças como diabetes e hipertensão*”, 28 de janeiro de 2001.
- Revista da Folha, 28/01/2001.
- Revista Tudo.
- “*Vaidade pode matar: O drama de quem se arriscou por um corpo perfeito*”, Tudo, 04/02/2001.

4. Revista Época, Editora Globo.

- Época, 25/5/2001.
- Época, 20/08/1999.
- “*Inteligência Turbinada*”, Época, 03 de novembro de 2003.

5. Jornal O globo

- “*Toda nudez será complicada*”, O globo, 2/7/2000.

6. Revista Galileu

- Revista Galileu, n. 155, junho 2004.

7. Revista Ciência Hoje

- Ciência hoje, vol. 28, setembro de 2000.

8. Revista Boa Forma, publicação mensal, Editora Abril

- Todas as edições de 1999 a 2005 (94 revistas), mas em especial as seguintes:
 - Ano 15, n. 4, edição 154, abril 2000.
 - Ano 17, n. 3, edição 177, março de 2002.
 - Ano 17, n.11, edição 185, novembro de 2002.

9. Revista Corpo, publicação mensal, ed. Símbolo.

- Todas as edições de 1999 a 2005 (94 revistas), mas em especial as seguintes:

- Ano XII n.130, outubro de 1999.
- Ano XVII, n.181, janeiro de 2004.
- Ano XVII, n.186, junho de 2004.

10. Revista Dieta Já

- Ano 6, n. 55, abril de 2001.
- Ano 6, n. 57, junho de 2001.
- Ano 6, n. 60, setembro de 2001.
- Ano 7, n. 74, novembro de 2002.

11. Revista Plástica e Beleza

- Ano 12, n.17, junho de 2002.

12. Revista Cláudia

- “Ficar sem roupa, que delícia”, maio de 2001.